



*

206

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

TÍTULO DA PEÇA: "O BEIJO NO ASFALTO"

AUTOR DA PEÇA: "NELSON RODRIGUES"

DISTRIBUIÇÃO

PROTOCOLOS:

12129/78-SRA

10815/78-SRA

0767/70-SCDP/SR/PR

6251/81-DCDP

1923/69-SCDP

2296/69-SCDP

28976/73-SRA

50948/73-SRA

51930/73-SRA

21726/75-SRA

07326/76-SRA

17361/76-SRA

24028/76-SRA

28395/76-SRA

05657/76-SR/PA

08477/76-SRA

7328/77-SRA

9885/77-SRA

7429/77-SRA

3698/77-SRA

heroína de teatro. Sua denúncia arrola tudo que destrói essa pureza primeira: dinheiro, luxo, poder, intriga, amor. Até o amor. Na obra de Nelson Rodrigues não há lugar para o amor. Nesse místico sem Deus, não há pureza sem castidade. Se não há pureza, há, ao contrário, tudo o que a aniquila — prostituição, incesto, violação, rapto, degenerescência. Pensemos um pouco em **Bôca de Ouro**, a última criação de Nelson Rodrigues — o personagem existe apenas como um poder central, atuante e poderoso, que atua sobre o feminino que o rodeia e de que ele abusa sem nenhuma complacência, como um **deus asteca** que reivindicasse seus direitos de sangue e de sacrifício. Assim, a corda única, monótona e plangente, que o autor vibra, é afinal, o grande grito de escândalo que sacode como um arrepio sua alma infantil e brutalizada — corromperam o incorruptível! Amaram, destruíram, usaram, sujaram, aniquilaram o incorruptível. Eva desceu do seu Paraíso, de onde jamais devera ter descido. O lugar onde reina agora é na cama do bordel, no leito da prostituição. O homem (**bôca de ouro**, o deputado, os sedutores de toda espécie) a trouxe até aí e é por esta grande culpa que o autor acusa Adão, enquanto situa Eva no ergástulo a que foi condenada. Seu furor contra a baixeza não raro se assemelha à impiedade — mas é que este poeta não contemporiza com a mentira. Ele a retalha onde quer que a encontre, e mesmo que hábilmente se oculte sob a capa do certo, do justo e do respeitável. Para isto criou, passo a passo, sua linguagem que atinge seu climax teatral neste **Beijo no Asfalto**, simples, dolorosa, entrecortada e ritmada como a respiração de um cardíaco. A paixão pela verdade, de NR, leva-o mais longe ainda — expliquemos: seu furor pela sua verdade pessoal, e, portanto, válida pelo único modo pelo qual são válidas as verdades, atira-o contra todas as dissonâncias, todas as cópias e possíveis caricaturas. O ideal não se mede, nem se copia, nem se imita — o feminino é feminino. Em toda a obra do nosso dramaturgo há um paradigma para os seus deputados devassos e os seus poderosos sem caráter: os homossexuais. Nesta longa sinfonia acusatória, só há um instante de pausa e de perdão — é no **Beijo no Asfalto** — mas não há ilusão — o homem que beija outro homem na boca não é, no caso, um homossexual. É ainda o velho ideal de Nelson Rodrigues que renasce sob a forma, desta vez, de seu último e mais ingente esforço: a morte. Não é um homem que é beijado por outro, é um homem que beija a face da morte. E é próprio o diz, quando confessa, neste processo de confissão medieval que é o teatro de Nelson Rodrigues, que foi aquele o "mais belo instante de sua vida".

E' em meio a tudo isto que o autor adorna suas tragédias com uma constante invocação ao luto — é que, como todos os místicos, ele se desespera deste mundo. Seu último reduto, aquele onde afinal foi abrigar seu ideal de eterna pureza, é a morte. Só ela, afinal, pode restituir ao conspurcado sua permanente sede de respeito, de pureza e de bondade. Não há dúvida de que, para ele, a morte substitui Deus — até mesmo no seu incompreensível. Mas afinal não é um direito dos artistas, esse de confundir a face exata das coisas, e dar ao incerto que nos ama, os nomes das pobres certezas que amamos?

NELSON RODRIGUES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190, p. 2



BEIJO NO ASFALTO TEATRO



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 3

JOZON+EDITOR

JESIEL FIGUEIREDO

TEATRO ALBERTO MARANHÃO

NATAL/RN



OBRA COMPLETA S

NELSON RODRIGUES



BEIJO NO
ASFALTO
TEATRO

TEATRO DE NELSON RODRIGUES

LÚCIO CARDOSO

As duas últimas peças de Nelson Rodrigues *Bôca de Ouro* e *Beijo no Asfalto*, apresentam, num estágio teatral mais elevada, essa mesma fervente, desorientada e — usemos o termo — sinistra procura da verdade que, a tantos críticos suscetíveis de engano, parece arrastar nosso autor para fora do seu itinerário e arrastá-lo não mais ao caminho justo daquilo que procura, mas naquele em que o atira, afinal, esse demônio furioso que o hobia. Toda essa gente, mitológica população a que o dramaturgo, em sua febre de exato, procura vestir com roupas tão autênticas que às vezes transcendem o real para se situarem no caricato, parece ter uma única preocupação, um único objetivo, uma única e obsedante idéia em mente: queremos a verdade, e logo, e agora, e a qualquer preço. Todos se gritam e se acusam: fale logo, conte, explique, denuncie, narre, acuse, *escrache*, como tantas vezes fala Nelson Rodrigues em sua específica linguagem. Mas que é a verdade? Se Jesus Cristo não soube responder, Nelson soube, e aí reside a fonte augusta e singela do seu satanismo. Só que esta verdade não tem nome, e é mais um sentimento do que outra coisa qualquer — e é um sentimento de susto, de pânico, de escândalo. Não nos enganemos: estamos diante do mais estranho dos acusadores, desses que acumulam minuciosamente todas as peças do processo, que as revira, estuda, multiplica e exhibe sem piedade. Não importa que uma ou outra vez ele se engane nos dados, que quase sempre repita as provas, que até mesmo confunda as teses — tudo vale no seu furor de demonstrar, a acusação existe e nem mesmo se esconde por detrás desse aflito moralista. Aí está: o Sr. Nelson Rodrigues tem o estôfo clássico de um moralista. Não é o tema que o denuncia, mas o seu ímpeto em enunciar-lo. Através de seus personagens é a nós que reclama — denuncie, acuse, *escrache*! Lívido ele nos espia se não nos comovemos com a extensão bíblica de sua denúncia. Meu saudoso amigo Santa Rosa escreveu, não sei mais onde, que os personagens de Nelson Rodrigues eram contemporâneos de Adão e Eva. Vou mais longe: Adão existe em sua obra apenas porque existe Eva. Este pseudo-homem-terrível guarda no fundo um irremovível ideal romântico — o da pureza — mas pureza total — daquilo a que se costumava chamar o eterno feminino. Toda a sua obra, de ponta a ponta, é uma denúncia dos elementos corruptores desse ideal que o reveste como uma sêda íntima. A que remonta a fixidez dessa imagem? Bem, o ideal feminino de Nelson Rodrigues guarda a expressão confrangida e antiga de uma imagem que talvez não nos seja permitida tocar, pelo menos enquanto não nos fornecer ele a chave de alguns desses enigmas que repontam em sua obra, que ressurgem ora aqui, ora ali, com maior ou menor intensidade, mas que fazem parte dessa secreta afinidade que liga os verdadeiros artistas entre si e que são o nervo exposto, a corda ferida e atuante que sacode a estrutura de suas obras como um sinal de que jamais se evadem. Esse ideal, digamos logo, é Eva. Só que a Eva do Sr. Nelson Rodrigues é a primeira antes da queda — o ideal — e a segunda — a que sobrevém ao drama, é a sua permanente



Brasília, 14 de abril de 1971.

Ilmo. Sr.
Chefe do SCDP
Parecer:
O BEIJO NO ASFALTO

Sepe - se
15.04.71
Apresento a Vossa Senhoria, a peça "O
BEIJO NO ASFALTO" de autoria de Nelson Rodrigues, já liberada an-
teriormente por este SCDP com a impropriedade para maiores de 18
anos de acordo com o processo nº046.

Outrossim, que comparado o "script" a
tual com os anteriores, ficou constatada não haver modificações.

Atenciosamente,

**Therézinha de Toledo Neves*
THEREZINHA DE TOLEDO NEVES

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do
Técnico de Censura THEREZINHA NEVES, que a examinou.

Título: UM BEIJO NO ASFALTO

Autor : Nelson Rodrigues

Restr.: 18 (dezoito) anos

Obs.: Peça liberada por diversas vezes com a mesma restrição; ultimamente em
04/06/70.

Em 14 de abril de 1971

Flavio Alves
ANTÔNIO DE P. A. ALVES

TCTC

De acordo.
Br: 1574/71
Wilson



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190, p. 5

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 3645/71

PEÇA ==="" O BEIJO NO ASFALTO """"

ORIGINAL DE NELSON RODRIGUES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 16 de ABRIL de 19 70

Brasília, 16 de ABRIL de 19 70

**PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P.

General
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 folha nº 14, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O BEIJO NO ASFALTO "

Original de NELSON RODRIGUES

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de JESIEL MACIEL DE FIGUEIREDO - NATAL / RN

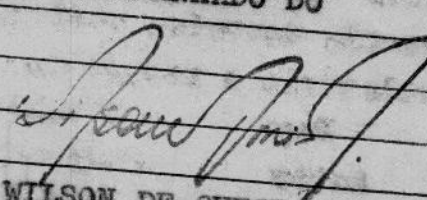
Tendo sido censurada em 14 de ABRIL de 19 71 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.

- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO
SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

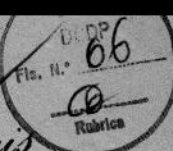
Brasília, 16 de ABRIL de 19 71


WILSON DE QUEIROZ GARCIA
-chefe da seção de censura

~~Confirmação da Turma de Censura~~
~~Extensão da Censura~~



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
 Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
 Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
 Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
 Rio de Janeiro — Brasil



Direitos de Representação

Autorização Nº 209613

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandataria de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

" O BEIJO NO ASFALTO "

original de NELSON RODRIGUES

Música de

Tradução de

No Teatro Alberto Maranhão

Cidade Natal

por dias XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

sob as condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

%

da renda bruta de cada espetáculo, mediante

a garantia mínima de Cr\$ 39,60 por espetáculo, obrigando-se

a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibos oficiais da SBAT.

Frederico
 (pela SBAT)

Isenta de selo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação official dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n. 4.790, de 2-1-1924, applicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmittentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarês, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 35, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



MEM.º N.º 217

Data 20-4-71

Do Chefe da Seção de Censura
Para Sr. Chefe da TCDP-DR/RIO G.DO NORTE
Assunto: Providências (solicita)1

Senhor Chefe,

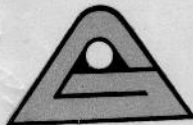
Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acordo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peca	- O BEIJO NO ASPALTO
Autor	- Nelson Rodrigues
Intrs.	- Jesiel Maciel Figueiredo

Atenciosamente,

Wilson de Queiroz Garcia
WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe da S.Censura.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ



FUNDAÇÃO TEATRO GUAÍRA

Of. 9/70

Curitiba, 12 de maio de 1970

SENHOR CHEFE:



Sirvo-me do presente para encaminhar a Vossa Senhoria, para a necessária liberação dêsse Serviço de Censura Pública, 5 (cinco) textos da peça "BEIJO NO ASFALTO", em 3 (três) atos, de Nelson Rodrigues, que será encenada pelos alunos do 3º ano do CURSO PERMANENTE DE TEATRO, dêste órgão, como provas públicas, nos dias 29 e 30 de junho do corrente ano.

Outrossim, solicito de Vossa Senhoria se digne devolver êste material através à Delegacia Federal desta Capital.

Na oportunidade, apresento a Vossa Senhoria os meus protestos de elevada estima e consideração.

ATENCIOSAMENTE

*Imensurável
p. 11/70*

OCTAVIO FERREIRA DO AMARAL NETO
Diretor Superintendente

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR

Coronel ALUISIO M. DE SOUZA

MD. CHEFE DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRÁSILIA - DISTRITO FEDERAL.-

ca



Estado do Paraná



Curitiba, 12 de maio de 1970

Of 9/70

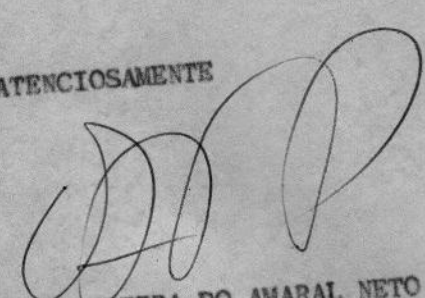
SENHOR CHEFE:

Sirvo-me do presente para encaminhar a Vossa Senhoria, para a necessária liberação desse Serviço de Censura Pública, 5 (cinco) textos da peça "BEIJO NO ASFALTO", em 3 (três) atos, de Nelson Rodrigues, que será encenada pelos alunos do 3º ano do CURSO PERMANENTE DE TEATRO, deste órgão, como provas públicas, nos dias 29 e 30 de junho do corrente ano.

Outrossim, solicito de Vossa Senhoria se digne devolver este material através à Delegacia Federal desta Capital.

Na oportunidade, apresento a Vossa Senhoria os meus protestos de elevada estima e consideração.

ATENCIOSAMENTE



OCTAVIO FERREIRA DO AMARAL NETO
Diretor Superintendente

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR
Coronel ALUISIO M DE SOUZA
MD. CHEFE DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BRASILIA - DISTRITO FEDERAL -
ca

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR
Coronel ALVISIO M DE SOUZA
MD CHEFE DO DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
BRASILIA - DISTRITO FEDERAL -

OCTAVIO FERREIRA DO AMARAL NETO
Diretor Superintendente

ATENCIOSAMENTE

Sirvo-me do presente para encaminhar a Vossa Senhoria, para
a necessária liberação de Serviço de Censura Pública, 5 (cinco) to-
tos da peça "BEIJO NO ASFALTO", em 3 (três) atos, de Nelson Rodrigues, que
será encenada pelos alunos do 1º ano do CURSO PERMANENTE DE TEATRO, des-
te órgão, como provas públicas, nos dias 29 e 30 de junho do corrente
ano.
Outrossim, solicito de Vossa Senhoria se digne devolver es-
te material através da Delegacia Federal desta Capital.
Na oportunidade, apresento a Vossa Senhoria os meus protes-
tos de elevada estima e consideração.

SENHOR CHEFE:

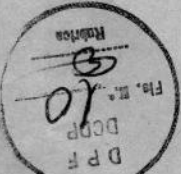
Curitiba, 12 de maio de 1970

07 9/70

Estado do Paraná



BR DFANBSB NS:CPR-TEA.PTE.019010.12





Estado do Paraná

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 13



Curitiba, 12 de maio de 1970

Of 9/70

SENHOR CHEFE:

Sirvo-me do presente para encaminhar a Vossa Senhoria, para a necessária liberação desse Serviço de Censura Pública, 5 (cinco) textos da peça "BEIJO NO ASFALTO", em 3 (três) atos, de Nelson Rodrigues, que será encenada pelos alunos do 1º ano do CURSO PERMANENTE DE TEATRO, deste órgão, como provas públicas, nos dias 29 e 30 de junho do corrente ano.

Outrossim, solicito de Vossa Senhoria se digne devolver este material através à Delegacia Federal desta Capital.

Na oportunidade, apresento a Vossa Senhoria os meus protestos de elevada estima e consideração.

ATENCIOSAMENTE

OCTAVIO FERREIRA DO AMARAL NETO
Diretor Superintendente

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR
Coronel ALUISIO M. DE SOUZA
MD. CHEFE DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BRASILIA - DISTRITO FEDERAL -
ca



Estado do Paraná



Of 9/70

Curitiba, 12 de maio de 1970

SENHOR CHEFE:

Sirvo-me do presente para encaminhar a Vossa Senhoria, para a necessária liberação desse Serviço de Censura Pública, 5 (cinco) textos da peça "BEIJO NO ASFALTO", em 3 (três) atos, de Nelson Rodrigues, que será encenada pelos alunos do 2º ano do CURSO PERMANENTE DE TEATRO, desse órgão, como provas públicas, nos dias 29 e 30 de junho do corrente ano.

Outrossim, solicito de Vossa Senhoria se digne devolver este material através à Delegacia Federal desta Capital.

Na oportunidade, apresento a Vossa Senhoria os meus protestos de elevada estima e consideração.

ATENCIOSAMENTE

OCTAVIO FERREIRA DO AMARAL NETO
Diretor Superintendente

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR
Coronel ALUISIO M. DE SOUZA
MD. CHEFE DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BRASILIA - DISTRITO FEDERAL -
ca



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Balsa, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Curitiba, 13 de Maio de 1.970

Nº.....022/70-Pr.

A U T O R I Z A Ç Ã O

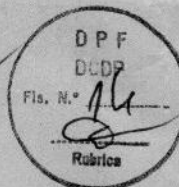
O abaixo assinado, na qualidade de Representante da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), no Estado do Paraná, pelo presente, autoriza a Censura da peça "BEIJO NO ASFALTO" de autoria de NELSON RODRIGUES.

ATENCIOSAMENTE

S. B. A. T.

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

P/ *Alberto Cunha*
ALBERTO CUNHA - REPRESENTANTE



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Curitiba, 13 de Maio de 1.970

Nº.....022/70-Pr.

COPIA

A U T O R I Z A Ç Ã O

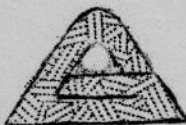
O abaixo assinado, na qualidade de Representante da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), no Estado do Paraná, pelo presente, autoriza a Censura da peça " BEIJO NO ASFALTO " de autoria de NELSON RODRIGUES.

ATENCIOSAMENTE

S. B. A. T.

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

pt/ 
ALBERTO CUNHA - REPRESENTANTE



GOVÊRNO DO ESTADO DO PARANÁ
CURSO PERMANENTE DE TEATRO
FUNDAÇÃO TEATRO GUAÍRA

O BEIJO NO ASFALTO

Tragédia em três atos de

NELSON RODRIGUES

PERSONAGENS:

DELEGADO CUNHA

DETETIVE ARUBA

REPÓRTER, AMADO RIBEIRO, DE ÚLTIMA HORA

APRÍGIO, pai de SELMINHA

SELMINHA, espôsa de ARANDIR

DÁLIA, irmã de SELMINHA

COMISSÁRIO BARROS

ARANDIR

FOTÓGRAFO

DONA MATILDE, vizinha de SELMINHA

WERNECK, colega de ARANDIR, no escritório

SODRÉ, colega de Arandir, no escritório

DONA JUDITE, datilógrafa do escritório

VIÚVA DO ATROPELADO

VIZINHO DA VIÚVA DO ATROPELADO

A
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (S.B.A.T.)
SUCURSAL DO PARANÁ
§ § §
Autoriza a Turma de Censura do D.P.F. à proceder a
Censura desta Óbra, cujo Autor, é filiado a esta Sociedade.
Curitiba, 13 de 05 de 1970
Pela S.B.A.T.

§ § §

jfm/FTG.

BEIJO NO ASFALTO

1º ATO

- 1º quadro - Delegacia - Sala do Delegado Cunha
- 2º quadro - Casa de Selminha, no Grajaú
- 3º quadro - Delegacia - Sala do Comissário Barros
- 4º quadro - Casa de Selminha - mesmo cenário do 2º quadro.

2º ATO

- 1º quadro - Casa de Selminha, no Grajaú - mesmo cenário do 1º ato - quadros 2º e 4º
- 2º quadro - Escritório da firma onde trabalha Arandir
- 3º quadro - Casa de Selminha - mesmo cenário do 1º ato - quadros 2º e 4º - 2º ato - quadro 1º
- 4º quadro - Casa de Selminha - Quarto de Dormir

3º ATO

- 1º quadro - Casa na Bôca-do-Mato
- 2º quadro - Casa de Selminha - mesmo cenário do 1º ato qs 2 e 4 - 2º ato qs 1 e 3
- 3º quadro - Quarto do Repórter Amado Ribeiro, de "Última Hora".
- 4º quadro - Casa de Selminha - mesmo do 1º ato - quadros 2 e 4 - 2º ato qs 1 e 3 - 3º ato q. 2
- 5º quadro - Quarto de Hotel

jfm/FTG.

PRIMEIRO ATO

DISTRITO POLICIAL CORRESPONDENTE À PRAÇA DA BANDEIRA. SALA DO DELEGADO CUNHA. ESTE, EM MANGAS DE CAMISA, OS SUSPENSÓRIOS ARIADOS, COM UM ESCANDALOSO REVOLVER NA CINTURA. ENTRA O DETETIVE ARUBA.

ARUBINHA (SÔFREGO E EXULTANTE) - O Amado Ribeiro está lá embaixo! (CUNHA QUE ESTAVA SENTADO, DÁ UM PULO. FAZ A VOLTA DA MESA).

CUNHA - Lá embaixo?

ARUBINHA - Com o comissário. Disse que.

CUNHA - (AGARRANDO O DETETIVE) - Arubinha, olha. Você vai dizer a êsse muleque!

ARUBINHA - Está com fotógrafo e tudo!

CUNHA - Diz a êle, ouviu? que se êle. Porque êle não me conhece êsse cachorro! (AMADO RIBEIRO APARECE. CHAPÉU NA CABEÇA. TEM TÔDA A APARÊNCIA DE UM CAFAGESTE DIONISÍACO).

AMADO (ABRINDO O GESTO) - O famoso Cunha!

CUNHA (QUASE CHORANDO DE ÓDIO, E, AINDA ASSIM, DESLUMBRADO COM O DESCARO DO OUTRO) - Você?

AMADO - Eu.

CUNHA (FURIOSO) - Retire-se!

AMADO - Cunha, um momento! Escuta!

CUNHA (APOPLÉTICO) - Saia!

AMADO - Tenho uma bomba pra ti! uma bomba!

ARUBA - (QUER PUXAR AMADO PELO BRAÇO) - Vem, Amado!

AMADO (DESPRENDENDO-SE NUM REPELÃO) - Tira a mão!

CUNHA (ARQUEJANTE DE INDIGNAÇÃO) - Escuta aqui. Ou será que você (FALA AOS ARRANCOS) - Então, você me espinafra!

AMADO (COM CÍNICO BOM HUMOR) - Ouve, Cunha!

CUNHA - Me espinafra pelo jornal. E ainda tem a coragem!

AMADO - Com licença!

CUNHA (NUM BERRO) - Não dou licença nenhuma! (MUDA DE TOM) -

Estou besta, besta! com o teu caradurismo! Tem a coragem de pôr os pés no meu gabinete! Eu devia, escuta. Devia, bom! (QUASE CHORANDO) - Por tua causa, o chefe me chamou!

AMADO - Cunha, deixe eu falar!

CUNHA - O chefe me disse o que não se diz a um cachorro! Na mesa dêle, na mesa, estava a tua reportagem. O recorte da tua reportagem!

jfm/FTG.

AMADO - Cunha, tenho uma bomba!

CUNHA - (SEM OUVÍ-LO) - De mais a mais, você sabe, Amado. O Aruba também sabe. Aquilo que você escreveu é mentira!

AMADO - Ó Cunha, sossega! O que é que há?

CUNHA (NUM CRESCENDO) - Mentira, sim, senhor! mentira! Eu não dei um chute na barriga da mulher! Mentira sua! É mentira! Dei um tapa! um tabefe! Assim. O Aruba viu. Não foi um tapa?

ARUBA (GREVEMENTE) - Um tapa!

CUNHA (TRIUNFANTE) - Um tapa. Ela abortou, não sei porque. Azar. Agora o que eu não admito. Não admito, fica sabendo. Que eu seja esculachado, que receba um esculacho por causa de um muleque, de um patife como você! Patife!

AMADO (COM TRIUNFAL DESCARO) - Eu não me ofendo!

CUNHA (DESESPERADO COM O CINISMO) - Pois se ofenda!

AMADO - Acabou?

CUNHA (NUM DERRADEIRO ESPASMO) - Amado Ribeiro, escuta. Eu tenho uma filha. Noiva. Uma filha noiva. Agradeça à minha filha, eu não te dar um tiro na cara.

AMADO (PELA PRIMEIRA VEZ VIOLENTO) - Deixa de ser burro, Cunha! (CUNHA DESMORONA-SE ENCIMA DA CADEIRA. PASSA O LENÇO NO SUOR ABUNDANTE. ARQUEJA).

CUNHA (OFEGANTE, QUASE SEM VOZ) - Suma!

AMADO (SUBITAMENTE DONO DA SITUAÇÃO) - Quem vai sair é o Aruba!

ARUBA (PULANDO) - Você é besta!

CUNHA (RESMUNGANDO) - Não admito...

AMADO (PARA O CUNHA) Manda êle cair fora! (PARA O DETETIVE) - Vai, vai! Desinfeta!

ARUBA (CARA A CARA) - Quem é você, seu!

CUNHA (INCOERENTE, BERRANDO) - Desinfeta!

ARUBA (DESORIENTADO) - Mas doutor!

CUNHA (HISTÉRICO) - Fôra, daqui! (ARUBA SAI)

AMADO (EXULTANTE, PUXANDO A CADEIRA) - Vamos nós.

CUNHA - Não quero conversa.

AMADO - Senta... (CUNHA OBEDECE, SEM CONSCIÊNCIA DA PROPRIA DOCILIDADE).

AMADO (NA SUA EUFORIA PROFISSIONAL) - Cunha, escuta. Vi um caso agora. Ali, na Praça da Bandeira. Um caso que. Cunha, ouve. Esse caso pode ser a tua salvação!

jfm/FTG.

CUNHA (NUM LAMENTO) - Estou mais sujo do que pau de galinheiro!

AMADO (INCISIVO E JOCUNDO) - Porque você é uma besta, Cunha.

- Você é o delegado mais burro do Rio de Janeiro. (CUNHA ERGUE-SE).

CUNHA (ENTRE AMEAÇADOR E SUPLICANTE) - Não pense que. Você não se ofende, mas eu me ofendo.

AMADO (JOCUNDO) - Senta! (CUNHA OBEDECE NOVAMENTE)

CUNHA (COM UM ESGAR DE CHÔRO) - Te dou um tiro!

AMADO - Você não é de nada. Então, dá. Dá! Quêê?

CUNHA - Qual é o caso?

AMADO - Olha. Agorinha, na Praça da Bandeira. Um rapaz foi atropelado. Estava juntinho de mim. Nessa distância. O fato é que caiu. Vinha um loteação raspando. Rente ao meio-fio. Apanha o cara. Em cheio. Joga longe. Há aquele bafafá. Corre prá cá, prá lá. O sujeito estava lá, estendido, morrendo.

CUNHA (QUE PARECE BEBER AS PALAVRAS DO REPÓRTER) - E daí?

AMADO (VALORIZANDO O EFEITO CULMINANTE) - De repente, um outro cara aparece, ajoelha-se no asfalto, ajoelha-se. Apanha a cabeça do atropelado e dá-lhe um beijo na boca.

CUNHA (CONFUSO E INSATISFEITO) - Que mais?

AMADO (RINDO) - Só.

CUNHA (DESORIENTADO) - Quer dizer que. Um sujeito beija outro na boca e. Não houve mais nada. Só isso? (AMADO ERGUE-SE. ANDA DE UM LADO PARA OUTRO. ESTACA, ALARGA O PEITO).

AMADO - Só isso!

CUNHA - Não entendo.

AMADO (ABRINDO OS BRAÇOS PARA O TETO) - Sujeito burro! (PARA O DELEGADO) - Escuta, escuta! Você não quer se limpar? Hein? Não quer se limpar?

CUNHA - Quero!

AMADO - Pois êsse caso.

CUNHA - Mas...

AMADO - Não interrompe! Ou você não percebe? Escuta, rapaz! Êsse caso pode ser a tua reabilitação e olha: - eu vou vender jornal pra burro!

CUNHA - Mas como reabilitação?

AMADO - Manja. Quando eu vi o rapaz dar o beijo. Homem beijando homem. (DESCRITIVO) - No asfalto. Praça da =

jfm/FTG.

- Bandeira. Gente assim. Me deu um troço, uma idéia genial. De repente. Cunha, vamos sacudir esta cidade! Eu e você, nós dois! Cunha.

CUNHA (DESLUMBRADO) - Nós dois? (AMADO DÁ-LHE NAS COSTAS UM TAPPA TRIUNFAL. E COMEÇA A RIR).

AMADO - Nós dois! Olha: - o rapaz do beijo, sim o que beijou, está aí embaixo, prestando declarações! (RIM MAIS FORTE, APONTANDO COM O DEDO PARA BAIXO) - Embaixo! (PRIMEIRO, RI AMADO. EM SEGUIDA, CUNHA O ACOMPANHA. ACABA A CENA COM A FUSÃO DE DUAS GARGALHADAS).

CASA DE SELMINHA NO GRAJAÚ. PRESENTES O PAI DE SELMINHA, "SEU" APRÍGIO, E A PRÓPRIA MOÇA. (ESTA É A IMAGEM FINA, FRÁGIL DE UMA MOÇA, DE UMA INTENSA FEMINILIDADE).

APRÍGIO - Vim só te dar um recado do teu marido.

SELMINHA - Mas entra, papai, entra.

APRÍGIO - Selminha, escuta. Minha filha, o táxi está esperando.

SELMINHA - Despede o chauffeur!

APRÍGIO - Escuta!

SELMINHA (PARA DENTRO) - Dália! Dália! (PARA O PAI) - Eu fico zangada! (PARA DENTRO) - Dália!

APRÍGIO - (ANGUSTIADO) - Outro dia... Prometo. Outro dia.

SELMINHA - Não senhor.

APRÍGIO (QUERENDO VENDER, RÁPIDAMENTE O SEU PEIXE) - Teu marido. Escuta. Eu estive com teu marido na Caixa Econômica. Teu marido mandou avisar. (DÁLIA ENTRA. ADOLESCENTE CUJA GRAÇA LEVE PARECE ESCONDER UMA ALMA PROFUNDA).

DÁLIA - Papai.

APRÍGIO - Coração! (DÁLIA LANÇA-SE NOS BRAÇOS DO PAI)

SELMINHA - Pensei que Arandir viesse com o senhor!

APRÍGIO (SEM OUVÍ-LA E DIRIGINDO-SE À CAÇULA) - Pálida, minha filha?

DÁLIA - Lavei o rosto!

SELMINHA - Dália quase não come. Belisca.

APRÍGIO - Mas tinha um apetite tão bom!

DÁLIA - Estômago, sei lá!

APRÍGIO - Não abuse, minha filha, não abuse. Olha que a saúde! E não te esqueças - o que resolve é a "Flora Medicinal"

DÁLIA - Não tem perigo!

jfm/FTG.

APRÍGIO - Bem, mas. O que é mesmo que eu estava dizendo? Ah, sim! Teu marido.

SELMINHA - Mas o senhor janta com a gente.

DÁLIA - Janta, sim!

APRÍGIO - Selminha, ó minha filha! não faz confusão. Teu marido mandou avisar que vem mais tarde, hoje. Mais tarde. Teve que ir ao distrito.

SELMINHA - Distrito?

APRÍGIO - Calma!

DÁLIA - Por quê?

APRÍGIO - Pelo seguinte. Nada demais. Teu marido assistiu um desastre. Quer dizer, assistimos. Eu também. Um desastre horrível, na Praça da Bandeira. Vimos um loção passar por cima de um sujeito.

SELMINHA - Morreu?

APRÍGIO - O cara?

DÁLIA - Que coisa chata!

APRÍGIO - Na hora. Morreu. Pau pra burro. Mas enfim! É por isso que eu...

DÁLIA - Uns criminosos êsses lotações. Andam que!

APRÍGIO - Teu marido foi servir de testemunha.

SELMINHA - Mas papai, olha. Hoje eu fiz. Escuta. Fiz aquele en sopadinho de abóbora. Deixa eu falar. A criada está de folga e eu fui pra cozinha, papai!

APRÍGIO - Hoje, eu não estou me sentindo bem. Sério. Escuta. Vamos fazer o seguinte.

SELMINHA - O senhor é amigo da onça.

APRÍGIO - Um cafèzinho, aceito. Café. topo.

SELMINHA - Dália, faz um fresquinho.

APRÍGIO - Mas depressa que o táxi está esperando.

SELMINHA - Depressa!

DÁLIA - Não demore. Um instantinho. (E ENTÃO, SÒZINHO COM A FILHA MAIS VELHA, APRÍGIO ANDA DE UM LADO PRA OUTRO E VAI FALANDO. SENTE-SE, EM TUDO O QUE COMEÇA A DIZER, UMA CERTA PERPLEXIDADE E, MESMO, UMA SURDA IRRITAÇÃO).

APRÍGIO - Sabe que teu marido ficou tão. E teve um choque! Interessante. Ele correu na frente de...

SELMINHA - (INTERROMPENDO COM OUTRA IRRITAÇÃO) - Uma coisa, papai. O senhor sabe que, desde o meu namoro, o senhor nunca chamou Arandir pelo nome? Sério! Duvido!

- papai! O senhor dizia "seu namorado". Depois: - "seu noivo". Agora é "seu marido" ou, então, "meu genro".
Escuta, papai!

APRÍGIO (MEIO DESCONCERTADO) - Ora, minha filha ora!

SELMINHA - (ENFÁTICA) - Tenho observado!

APRÍGIO - Você acha então que. Nunca, minha filha! E por quê?

SELMINHA - (TRIUNFANTE) - Quer fazer uma aposta? Uma aposta? Quero ver o senhor dizer "Arandir". Diz: - "Arandir".
Diz, papai!

APRÍGIO - (REALMENTE CONFUSO) - Não tem cabimento e olha: deixa eu contar. Perdi o fio. Ah! Teu marido correu na frente de todo o mundo. Chegou antes dos outros.
(COM UMA TRISTEZA ATÔNITA) - Chegou, ajoelhou-se e fez uma coisa que até agora me impressiona pra burro. (APRÍGIO ESTÁ DE COSTAS PARA A FILHA E DE FRENTE PARA A PLATÉIA).

SELMINHA - Mas o que foi que ele fez? (APRÍGIO ABRIRA UMA PAUSA);

APRÍGIO (CONTIDO NA SUA CÓLERA) - Beijou. Beijou o rapaz que estava agonizante. E morreu logo, o rapaz.

SELMINHA - (MARAVILHADA) - O senhor viu?

APRÍGIO (SEM OUVÍ-LA E COM MAIS VIVACIDADE DO QUE DESEJARIA) - Você não acha? Não acha que. Eu, por exemplo. Eu não faria isso. Não faria. Nem creio que outro qualquer. Ninguém faria isso. Rezar, está bem, está certo. Mas o que me impressiona, realmente me impressiona. É o beijo.

SELMINHA - (COM ANGÚSTIA) - Mas eu até acho bonito! (DÁLIA ENTRA).

DÁLIA - Olha!

SELMINHA - O quê?

DÁLIA - Acabou o café. O pó.

SELMINHA - Mas tinha!

APRÍGIO - Não precisa!

DÁLIA - Eu me esqueci de.

SELMINHA - Pede na vizinha.

APRÍGIO - Escuta.

DÁLIA - Chamei pelo muro, mas não tinha ninguém.

SELMINHA - Dá um pulo.

APRÍGIO - Ouve Selminha. Até é bom. Não estou bem e o café.

SELMINHA - (NA SUA AGONIA DE DONA DE CASA) - Mas tinha pó, pa
jfm/FTG.

- pai. (PARA A IRMÃ, MUDANDO DE TOM) - Vê lá o fogo. O bôlo que eu ia fazer para o senhor. (APRÍGIO ESTÁ DE COSTAS PARA A FILHA E DE FRENTE PARA A PLATÉIA. DÁLIA SAIU).

APRÍGIO (RETOMANDO NO PONTO INTERROMPIDO) - Você acha bonito. SELMINHA (COM VIVACIDADE) - Ah, o senhor não conhece Arandir. APRÍGIO (COM MAIS VIVACIDADE DO QUE DESEJARIA). - E você Conhece? Diga: - conhece seu marido?

SELMINHA - Oh, papai!

APRÍGIO - Conhece?

SELMINHA - Ou o senhor acha que.

APRÍGIO - Responda.

SELMINHA - Evidente.

APRÍGIO - Vem cá. Você tem de casada um ano. Um ano?

SELMINHA - Mas conheço Arandir, desde garotinho!

APRÍGIO (VIVAMENTE) - Quero saber como marido! (MUDA DE TOM) - De casada, tem um ano, nem isso. Menos. Pois é. Minha filha é pouco. Isso não é nada. Para um casal, minha filha. Pouquíssimo, um ano ou menos. Mas vamos lá. Você tem mesmo certeza que conhece seu marido?

SELMINHA - Mas absoluta! Eu conheço tanto o Arandir, tanto que. Nem êle me esconde nada. Papai, olha. Confio mais em Arandir que em mim mesma. No duro! E o senhor fala. Engraçado! Fala como se duvidasse, como se.

APRÍGIO (UM POUCO VACILANTE) - Não é bem assim.

SELMINHA - Papai, eu amo Arandir.

APRÍGIO (INCERTO) - Sei. Acredito. Mas digamos que seu marido. Uma hipótese. Que seu marido não fôsse, sim, exatamente, como você pensa. Você gosta de seu marido a ponto de aceitá-lo mesmo que (MAIS INCISIVO) - Numa palavra: - você é feliz?

SELMINHA - Ou o senhor duvida? Um momento. Quem vai responder. (GRITA PARA DENTRO) - Dália! Eu sou suspeita! Mas Dália.

DÁLIA (APARECE) - Vem cá. Chega aqui.

DÁLIA - Está quase bom.

SELMINHA (ENTRE PARÊNTESIS) - Diminuiu o fogo?

DÁLIA - Diminuí.

SELMINHA - (NOVAMENTE EXCITADA) - Papai, hoje! Responde. Eu sou feliz?

jfm/FTG.



DÁLIA (MEIO ATÔNITA) - Por quê?

SELMINHA (PARA O PAI) - Fala! E olha! Dália veio para cá logo - depois da lua de mel. Vive com a gente. Não sai daqui. Fala Sou feliz?

DÁLIA (COM PÉ ATRÁS) - Parece.

SELMINHA (ATÔNITA) - Parece ou sou?

APRÍGIO (CRUELMENTE DIVERTIDO) - Tenho que ir.

SELMINHA (VIVAMENTE) - Papai, um momento.

APRÍGIO - Olha o táxi.

SELMINHA (DESESPERADA, PARA O VELHO) - Papai, faço questão.

(PARA A IRMÃ) - Escuta. Você respondeu como se...

DÁLIA (COM EVIDENTE IRRITAÇÃO) - Feliz, Felicíssima. Pronto.

SELMINHA (COM ENERGIA, AGARRANDO-A PELO PULSO) - Vem cá. Diz aquilo. Aquilo que você me disse. Naquele dia. Repete.

DÁLIA - Não aborrece!

SELMINHA - Aquilo, diz!

DÁLIA (BATENDO COM O PÉ, NUMA AFETAÇÃO DE INFANTILIDADE) - Você é pau!

SELMINHA (TRIUNFANTE) - Papai, a Dália disse que, se eu morresse. Não foi? Você disse.

DÁLIA - Mentira!

SELMINHA (RADIANTE) - Disse que se eu morresse, ela se casaria com o Arandir!

APRÍGIO - Dália, escuta.

DÁLIA - Foi brincadeira minha! Eu estava brincando! Papai, olha!

APRÍGIO (ENTRE DIVERTIDO E PREOCUPADO) - Você escuta. Você é criança. Nem deve dizer isso. Certas coisas. Sabe como é o mundo.

DÁLIA (COMEÇANDO A CHORAR) - Papai, é mentira de Selminha!

APRÍGIO (TERNO) - E nem chore!

DÁLIA (PARA A IRMÃ) - Você me paga! (PARA O PAI, COM CERTO FERVOR E NÃO COM SOFRIMENTO) - Papai, o que eu disse foi que eu não me casaria nunca porque. (COM MAIS VEEMÊNCIA) - Não quero, nem me interessa.

APRÍGIO - E teu namorado?

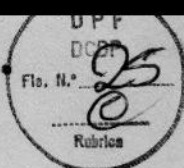
DÁLIA - Brigamos.

SELMINHA (FALANDO QUASE AO MESMO TEMPO) - Essa bobona agora chora por qualquer coisinha!

APRÍGIO (PUXANDO O RELÓGIO) - Ih já é tarde!

SELMINHA (AGARRANDO-O) - Papai, eu sou a mulher mais feliz do

jfm/FTG.



- mundo!

(LUZ SOBRE O DISTRITO POLICIAL). ARANDIR ACABA DE SER INTERROGADO. UMA FIGURA JOVEM, DE UMA SOFRIDA SIMPATIA QUE FAZ PENSAR NUM CORAÇÃO ATORMENTADO E PURO. ARANDIR ERGUE-SE NO MOMENTO EM QUE APARECEM, NA SALA DO COMISSÁRIO O CUNHA E O AMADO RIBEIRO).

ARANDIR - Posso ir?

COMISSÁRIO BARROS - Pode.

ARANDIR (RECUANDO, COM SOFRIDA HUMILDADE) - Então, boa tarde, boa tarde.

CUNHA - Um minutinho.

ARANDIR (INCERTO) - Comigo?

CUNHA - Um momento.

BARROS - Já prestou declarações.

CUNHA (ENTRA DIVERRIDO E AMEAÇADOR) - Sei. Agora vai conversar comigo.

ARUBA (BAIXO E VEEMENTE PARA ARANDIR) - O Delegado.

AMADO - Senta.

ARANDIR (SENTINDO A PRESSÃO DE NOVO AMBIENTE) - Mas é que eu estou com um pouquinho de pressa. (ARANDIR COMEÇA A TER MEDO. ELE PRÓPRIO NÃO SABE DE QUE)

CUNHA (COM O RISO QFEGANTE) - Rapaz, a polícia não tem pressa.

AMADO - Mas senta. (ARANDIR OLHA EM TÔRNO, COMO UM BICHO APAVORADO. SENTA-SE, FINALMENTE).

ARANDIR (SEM TER DE QUÊ) - Obrigado.

BARROS (BAIXO E REVERENTE, PARA O DELEGADO) - Ele é apenas testemunha.

CUNHA - Não te mete. (ARANDIR ERGUE-SE, SÔFREGO).

ARANDIR - Posso telefonar?

CUNHA - Mais tarde. (AMADO COTUCA O FOTÓGRAFO).

AMADO - Bate agora! (FLASH ESTOURA. ARANDIR TOMA UM CHOQUE).

ARANDIR - Retrato?

AMADO - Nervoso, rapaz? (ARANDIR SENTA-SE, UNE OS JOELHOS)

ARANDIR - Absolutamente!

CUNHA (LANÇADO A PERGUNTA COMO UMA CHICOTADA) - Você é casado, rapaz?

ARANDIR - Não ouvi.

CUNHA (NUM BERRO) - Tira a cêra dos ouvidos!

AMADO (INCLINANDO-SE PARA O RAPAZ) - Casado ou solteiro?

ARANDIR - Casado.

CUNHA - Casado. Muito bem. (VIRA-SE PARA AMADO, COM SEGUNDA INTENÇÃO) - O homem é Casado. (PARA O COMISSÁRIO)

jfm/FTG.

- RIO BARROS) - Casado.

BARROS - Eu sabia.

ARANDIR (COM SOFRIDA HUMILDADE) - O senhor deixa dar um telefonema rápido para minha mulher?

CUNHA (RÁPIDO E INCISIVO) - Gosta de sua mulher, rapaz? (ARANDIR POR UM MOMENTO, ACOMPANHA O MOVIMENTO DO FOTÓGRAFO QUE SE PREPARA PARA BATER UMA NOVA FOTOGRAFIA).

ARANDIR - Naturalmente!

CUNHA (COM AGRESSIVIDADE POLICIAL) - E não usa nada no dedo, por quê?

ARANDIR (ATARANTADO) - Um dia, no banheiro, caiu. Caiu a aliança. No ralo do banheiro.

AMADO - O que é que você estava fazendo na Praça da Bandeira?

ARANDIR - Bem, Fui lá e...

CUNHA (NUM BERRO) - Não gagueja, rapaz!

ARANDIR (FALANDO RÁPIDO) - Fui levar uma jóia.

CUNHA - (ALTO) - Jóia!

ARANDIR - Jóia. Aliás, empenhar uma jóia na Caixa Econômica.

(AMADO E CUNHA CRUZAM AS PERGUNTAS PARA CONFUNDIR E LEVAR ARANDIR NO DESESPERO)

AMADO - Casado há quanto tempo?

ARANDIR - Eu?

CUNHA - Gosta de mulher, rapaz?

ARANDIR (DESESPERADO) - Quase um ano!

CUNHA (MAIS FORTE) - Gosta de mulher?

ARANDIR (QUASE CHORANDO) - Casado há um ano. (CUNHA MUDA DE VOZ, SEM TRANSIÇÃO. PÕE A MÃO NO JOELHO DO RAPAZ)

CUNHA (CARICIOSO E IGNÓBIL) - Escuta. O que significa pra ti.

Sim, o que significa para "você" uma mulher!?

ARANDIR (LENTO E OLHANDO EM TÔRNO) - Mas eu estou prêso?

CUNHA (SEM OUVI-LO E SEMPRE MELÍFLUO) - Rapaz, escuta! Uma hipótese. Se aparecesse, aqui, agora, uma mulher, uma "boa". Nua. Completamente nua. Qual seria. É uma curiosidade. Seria a tua reação? (ARANDIR OLHA, ORA O CUNHA, ORA O AMADO, SILÊNCIO)

AMADO - Com medo, rapaz?

CUNHA - Fala!

AMADO - Não fala? (CUNHA SEGURA O BRAÇO DE ARANDIR)

CUNHA (FALANDO MACIO) - Conta pra mim. Conta. Conta o que você fez na Praça da Bandeira.

ARANDIR (AINDA CONTIDO) - O loteação foi o culpado. (CUNHA ERGUE-SE)

jfm/FTG.

CUNHA - Um momento!

ARANDIR - Mas doutor! Já estava aberto o sinal amarelo quando o loteação.

CUNHA - Ó rapaz! O loteação não interessa. Compreendeu? Não interessa. O que interessa é você.

BARROS (COM A SUA OBTUSA E GENEROSA FALTA DE TATO) - Quer ver o depoimento do rapaz?

CUNHA (PARA O COMISSÁRIO) - Não dá palpite! (PARA ARANDIR) O que me põe besta é como você um sujeito casado. Casado. Tem mulher em casa. Bonitinha talvez.

AMADO - Há quanto tempo você conhecia o cara?

ARANDIR - Que cara?

AMADO - O morto.

ARANDIR - Não conhecia.

CUNHA - Que piada é essa?

AMADO (PARA O DELEGADO) - Cunha, um momento. Um instante. Ó rapaz! Olha pra mim! No local, eu lhe perguntei se você era parente da vítima.

ARANDIR - Não sou.

AMADO - Vamos por partes. Não é parente. Amigo?

ARANDIR - Nada.

AMADO - Mas se conheciam de vista?

ARANDIR - Nem de vista.

CUNHA (AOS BERRROS) - Nem de vista?

AMADO - Você nunca. Presta atenção. Nunca, em sua vida, você viu o morto?

ARANDIR - Juro! Quer que eu jure? Dou-lhe a minha palavra!

AMADO - Vem cá.

ARANDIR (DESESPERADO) - Doutor, eu preciso telefonar prá minha casa!

CUNHA (EXAGERANDO) - Por essas e outras é que a polícia baixa o pau. E tem que baixar!

AMADO - Cunha, espera! Se você não era nada do cara.

ARANDIR - Nunca vi.

AMADO - Então explica. Como é que você casado há um ano. Um ano?

ARANDIR - Quase.

AMADO - Praticamente, em lua de mel. Em lua de mel! Você larga a sua mulher. E vem beijar outro homem na boca, rapaz!

ARANDIR (ATÔNITO) - O senhor está pensando que...

jfm/FTG.



AMADO (EXALTADÍSSIMO) - E você olha. Fazer isso em público!
- Tinha gente prá burro, lá. Cinco horas da tarde.
Praça da Bandeira. Assim de povo. E você dá um show!
Uma cidade inteira viu!

CUNHA (AOS BERROS) Você não perdeu. Você jogou fora a aliança!

AMADO (FURIOSO) - Escuta! Se um de nós, aqui, fôsse atropela-
do. Se o loteação passasse por cima de um de nós (A
MADO COMEÇA A RIR COM FEROCIDADE) - Um de nós. O de
legado. Diz pra mim? Você faria o mesmo? Você bei-
jaria um de nós, rapaz? (RISO ABJETO. ARANDIR TEM
UM REPELÃO SELVAGEM).

ARANDIR - Era alguém! alguém! que morreu! que eu vi morrer!

(TREVAS NA DELEGACIA. LUZ NA CASA DE SELMINHA. EM CENA, AS SU-
AS IRMÃS).

SELMINHA - Você entende papai?

DÁLIA - Papai mudou.

SELMINHA - É outra pessoa!

DÁLIA - Com a morte de mamãe, desde que mamãe morreu, mudou
tanto!

SELMINHA - (COM CERTO DESESPERO) - Mudou com o meu casamento.
Foi o meu casamento. Foi, sim. Dália. Com o meu ca-
samento.

DÁLIA - Sei lá.

SELMINHA - Te digo mais. Às vezes, eu penso. Penso que papai
sentiu mais o meu casamento que a morte de mamãe.
Ele não vem aqui, nem telefona. Sou eu que telefo-
no. Ou então. Evita Arandir.

DÁLIA - Não gosta de Arandir.

SELMINHA (FEBRIL) - Como são as coisas! Veja você. Arandir me
disse, hoje: "Vou aproveitar o negócio da Caixa E-
conômica e passo no teu pai. Ele conhece lá um ca-
ra. Vamos na Caixa e eu convido teu pai prá jantar".
Não adiantou. Adiantou? Pois é. Papai não dá pelo-
ta para Arandir. Nem bola!

DÁLIA - Papai me assusta.

SELMINHA - Não gosta de Arandir - por quê?

DÁLIA (TAXATIVA) - Ciúmes.

SELMINHA (VIRANDO-SE ATÔNITA) - De mim?

DÁLIA - De ti. (SELMINHA REPETE, LENTAMENTE, COM ESPANTO E
UMA NASCENTE ANGÚSTIA)

jfm/FTG.



SELMINHA (FALANDO PARA SI MESMA) - Ciúmes de mim?

DÁLIA - Ou você é cega?

SELMINHA - (COM FRÍVOLO ARREBATAMENTO) - Que bobagem, ciúmes de mim! (MUDA DE TOM E NOVAMENTE ANGUSTIADA) - Você acha?

DÁLIA - Acho! Acho! (SELMINHA, DEFRONTE PARA A PLATÉIA, COSTAS PARA A IRMÃ E UMA INFLEXÃO DE SONHO).

SELMINHA (MEIO ALADA) - Ciúmes de mim. (DÁLIA VEM POR TRÁS E FALA POR CIMA DO OMBRO DA IRMÃ, QUE PERMANECE DE COSTAS PARA ELA)

DÁLIA (REPETINDO) - De ti. No teu casamento eu pensei tanto na morte de mamãe. Mas no teu casamento quem morria era papai. Na igreja, de braço contigo, papai ira morrendo. Tive a sensação, te juro! de que...

SELMINHA (NUM APÊLO, QUASE SEM VOZ) - Não fala assim!

DÁLIA (COM MAIS VEEMÊNCIA) - E outra vez. Aquê!e dia!

SELMINHA - Quando?

DÁLIA - No dia em que vim para cá. Vocês tinham chegado da lua de mel. Eu me lembro. Papai me trouxe e até vo cê estava com aquê!e quimono, aquê!e, como é?

SELMINHA - O azul?

DÁLIA - Não. Aquê!e que a vovó te deu. Papai me trouxe. Não queria vir. Insisti. Veio. E chegou aqui, você sentou-se no colo de Arandir. Se você visse a cara de papai! a cara!

SELMINHA - Não me lembro.

DÁLIA - Cara de ódio! Saiu imediatamente e...

SELMINHA - Você está imaginando! Isso é imaginação! (COM SÚBITA TERNURA) - Mas eu ainda tenho você e.

DÁLIA - Selminha, amanhã vou-me embora!

SELMINHA - Você?

DÁLIA - Não fico mais aqui.

SELMINHA - Mas escuta! Por quê?

DÁLIA (SÔFREGA) - Olha Arandir! (ARANDIR APARECE. VEM CANSADO E FEBRIL. SELMINHA LANÇA-SE NO SEUS BRAÇOS).

SELMINHA (NA SUA TERNURA ANSIOSA) - Demorou, meu bem!

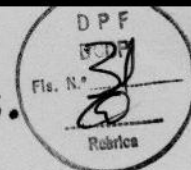
ARANDIR - A Plícia, sabe como é. (SELMINHA PASSA A MÃO PELO ROSTO DO MARIDO)

SELMINHA (AMOROSA) - Pálido! (SELMINHA TIRA O LENÇO DO MARIDO E ENXUGA O ROSTO)

ARANDIR - Morto de sede!

jfm/FTG.

SELMINHA (PARA A IRMÃ) - Água!
ARANDIR - Polícia é uma gente que. Dália, meu anjo. Água, sim?
SELMINHA (PARA A IRMÃ) - Gelada.
ARANDIR (PARA A CUNHADA) - Gelada.
DÁLIA - Está suado.
SELMINHA - Mistura do filtro e gelada. (DÁLIA SAI)
SELMINHA - Tira o paletó.
ARANDIR (TIRANDO O PALETÓ) - Calor.
SELMINHA - Gravata.
ARANDIR (TIRANDO A GRAVATA) - Duas horas lá. (DÁLIA ENTRA COM O COPO).
DÁLIA - Fresquinha. (ARANDIR SEGURA O COPO COM AS DUAS MÃOS)
ARANDIR (ANTES DE BEBER) - Água linda! (ARANDIR BEBE, DE UMA VEZ SÓ. DEVOLVENDO O COPO).
ARANDIR - Você é um anjo!
DÁLIA - Outro?
SELMINHA - (FALANDO AO MESMO TEMPO) - Não chama Dália de anjo, que ela vai embora.
ARANDIR - Daqui?
DÁLIA (DOCE E FIRME) - Amanhã.
ARANDIR (ATÔNITO) - E vai como? De vez?
SELMINHA - Diz que vai morar com vovó e que. Uma chata!
ARANDIR (COM SURDO SOFRIMENTO) - Dália, você tem coragem?
SELMINHA - Um momento. Meu bem, você vai comer alguma coisa.
ARANDIR - Sem fome.
SELMINHA - Uma boquinha você faz?
ARANDIR - Nada. Mais tarde. Depois. Depois eu como. (ARANDIR NA SUA VOLUBILIDADE FEBRIL CONTINUA)
ARANDIR - Mas isso é batata?
DÁLIA - Batata!
ARANDIR - Dália, chega aqui. Por quê? De repente e sem motivo? Parece incrível que eu chegue da Polícia e a primeira notícia que me dão. É que você vai embora? Escuta. Lá no distrito. (ARANDIR ANDA DE UM LADO PARA OUTRO).
SELMINHA - Meu filho, você está cansado.
ARANDIR - Na polícia, ainda agora. Eu me senti, de repente, tão só. Foi uma sensação tremenda. Naquele momento, eu tive assim uma vontade de gritar: - Selminha! Dália! (COM DESESPERO ESTRANGULANDO A VOZ) - Quase grito, quase! (MUDANDO DE TOM) - Cheguei aqui e sei que você vai...



DÁLIA (COM CERTA VIOLÊNCIA) - Você não precisa de mim!

ARANDIR (OLHANDO ORA A MULHER ORA A CUNHADA) - Quem sabe?

DÁLIA (COM FALSA E FRÍVOLA NATURALIDADE) - Precisa de Selminha. (ARANDIR AGARRA A MULHER, COM VIOLÊNCIA).

ARANDIR (ESTRANGULANDO A VOZ) - Responde. Haja o que houver. Você nunca me deixará? Nunca? Não me abandone nunca.

SELMINHA (ANGUSTIADA) - Meu bem. Mas claro. Nunca. Ou você.

DÁLIA - Você viu o rapaz morrer?

ARANDIR (CRISPADO) - Quem?

DÁLIA (SÔFREGA) - Era rapaz?

ARANDIR - Meu anjinho, esse assunto. Não interessa. (COM FALSA EUFORIA) - Falemos de outra coisa. Você vai amanhã? É amanhã!? Ótimo! Magnífico! Eu ajudo a fazer as malas! (MUDA DE TOM) - Só não quero que toquem nesse desastre!

DÁLIA - Eu mesma arrumo as malas.

ARANDIR (INCOERENTE) - Escuta. Vi o rapaz morrer, sim. Da minha idade, mais ou menos. Selminha ele estava encima do meio-fio. Esperando que o sinal abrisse (REPETE) - Em cima do meio-fio. De repente, não sei como foi: - ele perdeu o equilíbrio. Caiu para a frente e... Vinha um loteação a toda velocidade. Bateu no rapaz, atirou numa distância como daqui ali.

DÁLIA - Gritou?

ARANDIR - O rapaz?

SELMINHA (QUERENDO APLACÁ-LO) - Meu bem...

ARANDIR - O atropelado não grita. Ou grita? Esse não gritou.

DÁLIA - Era bonito?

ARANDIR - (SEM RESPONDER) - O loteação passou por cima. Mas morreu logo. Ainda viveu um minuto, talvez. Ou menos. Um minuto.

SELMINHA - E você que não pode ver sangue.

ARANDIR - Eu corri. Cheguei primeiro que os outros. Me abaixei, peguei a cabeça do rapaz. Gente assim. Peguei a cabeça do rapaz e...

SELMINHA - Beijou. (ARANDIR VOLTA-SE, COM UMA CERTA IRA).

ARANDIR (AGRESSIVO) - Você também sabe? (DESESPERADO) - Todo o mundo sabe!

SELMINHA - Papai contou.

ARANDIR - (FREMENTE) - Teu pai. É mesmo! Estava comigo e viu.

jfm/FTG.

- (COM DESESPÊRO) - Teu pai disse que eu... (MUDA DE TOM) - Antes de morrer. O rapaz ainda estava vivo. (INCOERENTE) - O interessante é que na polícia lá só me falaram nisso!

SELMINHA - Meu bem, agora chega. Descansa um pouco.

ARANDIR (SEM OUVÍ-LA) - Dália, a polícia pensa. Ainda está pensando. E não se convence, Dália. Pensa que eu conhecia o rapaz. Tomaram meu nome, endereço. Fui interrogado duas vezes. E vão me chamar outra vez.

DÁLIA - Você conhecia?

ARANDIR - Oh Dália!

DÁLIA - Nem de vista?

ARANDIR (NA SUA CÓLERA, APONTANDO PARA A CUNHADA) - Era assim que a polícia perguntava. Nem de vista, nem de nome? Martelavam. Mas olha! O que foi. O rapaz estava morrendo. Morrendo junto ao meio-fio. Mas ainda teve voz para pedir um beijo. Agonizava pedindo um beijo. Na polícia, o reporter disse que era hora de muito movimento. Tôda a cidade estava ali, espiando. E viu quando eu...

T R E V A S

FIM DO PRIMEIRO ATO

jfm/FTG.

Curitiba, 31 de março de 1970.

SEGUNDO ATO

(CASA DE SELMINHA. A PEQUENA, DE COSTAS, APARECE ENTRETIDA NA MA OCUPAÇÃO CASEIRA. DÁLIA, JÁ DE SAÍDA, SURGE COM UMA MALETA. VAI DEIXAR A CASA).

DÁLIA - Estou pronta.

SELMINHA (COM ESPANTO) - Já vai?

DÁLIA (QUE JÁ POUSOU A MALA NO CHÃO) - Diz o número do táxi?
(SELMINHA ESTÁ COM O QUIMONO POR CIMA DA CAMISOLA).

SELMINHA - Escuta, Dália!

DÁLIA - (PARA SI MESMA) - 28-31... Como é, Selminha? 43?

SELMINHA (RALHANDO) - Deixa de ser espírito de porco!

DÁLIA (COM UMA AFETAÇÃO DE INFANTILIDADE, BATENDO COM O PÉ) -
Meu Deus, como é o número?

SELMINHA (PUXANDO-A PELO BRAÇO) - Vem cá. Arandir me pediu.

Escuta, Dália.

DÁLIA - Ah, bem!

SELMINHA - Antes de sair me pediu e eu prometi.

DÁLIA - Que coisa chata.

SELMINHA - Ouve. Arandir me pediu pra te falar. Dália, escuta.
E mandou dizer. Se êle chegar, logo mais, você não
estiver aqui, ouve: - êle corta relações contigo.

DÁLIA (COMEÇANDO) - Cha...

SELMINHA - Escuta. Dália, escuta. Troca de mal contigo.

DÁLIA - Chama o táxi.

SELMINHA - Você é teimosa!

DÁLIA - Quer chamar o táxi? (MUDA DE TOM) - Selminha eu disse que ia, vovó está me esperando!

SELMINHA (NUMA EXPLOSÃO) - Então que se dane e... (D. MATILDE
ENTRA COM UM JORNAL NA MÃO).

D. MATILDE - Licença?

SELMINHA - Ah, entre D. Matilde. (D. MATILDE ENTRA E FAZ UM
CUMPRIMENTO APRESSADO).

D. MATILDE - Bom dia! Bom dia!

DÁLIA (COM FRÍVOLA DESENVOLTURA) - Estou de saída!

D. MATILDE - (INDICANDO O JORNAL) - Já leu?

SELMINHA - O resultado das misses?

D. MATILDE - Não leu?

SELMINHA - (JÁ COM UMA CURIOSIDADE NOVA E INQUIETA) - Não vi
o jornal!

D. MATILDE - (RADIANTE POR SER PORTADORA DA NOVIDADE) - o re-
jfm/FTG.

- trato do seu marido, D. Selminha!

SELMINHA (AO MESMO TEMPO QUE APANHA O JORNAL) - Onde?

DÁLIA - De Arandir?

D.MATILDE - (APLOPLÉTICA DE SATISFAÇÃO) - Primeira página!

SELMINHA - (SÔFREGA) - É mesmo! (DÁLIA OLHANDO POR CIMA DO OM
BRO DA IRMÃ).

DÁLIA (NO SEU ESPANTO) - "Última Hora"!

D.MATILDE (EUFÓRICA) - O título!

SELMINHA (LENTA E ESTUPEFACTA) - O beijo no asfalto! (MUDA DE
TOM) - O retrato do atropelado! E aqui o Arandir
na delegacia!

D.MATILDE - (MELIFLUA E PERFIDA) - Aí diz uns troços que!

DÁLIA - Deixa eu ler!

SELMINHA - Dália, não amola!

DÁLIA - Então lê alto! (SELMINHA COMEÇA A LER PARA SI.
D.MATILDE CONTINUA NA MESMA EUFORIA).

D.MATILDE - (MEXERICANDO PARA DÁLIA) - Olha, escuta. Tem um
repórter na rua.

DÁLIA - Repórter!

D.MATILDE - Com fotógrafo! entrevistando! Ouviu, D. Selminha?

SELMINHA (QUE CONTINUA LENDO) - Um momento!

D.MATILDE (VOLTANDO-SE PARA DÁLIA) - E o repórter está queren-
do saber se D. Selminha vive bem com "seu" Arandir.
Eu disse - "vive"!

SELMINHA (NUMA EXPLOSÃO) - Nunca! Nunca!

DÁLIA - Mas que é que diz?

SELMINHA (DESATINADA) - Diz que. Olhe que êle diz. Onde é que
está? Aqui, mentira! tudo mentira!

DÁLIA (VIVAMENTE) - Dá aqui!

SELMINHA - Ainda não acabei! (PARA D. MATILDE) - Estou que.
Tinindo, D. Matilde, tinindo! Como é que um jor-
nal! (PARA DÁLIA) - Diz que o Arandir beijou o ra-
paz na bôca!

D.MATILDE - Esse jornal é muito escandaloso!

SELMINHA (FORA DE SI) - Toma! Toma! (ENTREGA O JORNAL A DÁLIA)

- Não quero ler mais nada! Estou até com nôjo!
nôjo!

(DÁLIA COMEÇA A LER O JORNAL).

D.MATILDE - Como sério!

SELMINHA - Se meu marido, D. Matilde! E na bôca! Meu marido
nem conhecia! Era um desconhecido, D. Matilde!

jfm/FTG.

D.MATILDE (PERFIDA) - Desconhecido?
SELMINHA - Desconhecido!
D.MATILDE - (MELÍFLUA) - Tem certeza?
SELMINHA - Mas D. Matilde.
D.MATILDE - Claro que! Evidente! Acredito na senhora, nem se discute. Mas interessante, D. Selminha. Sabe que. Pela fotografia do jornal, a fisionomia do rapaz não me parece estranha. (BRUSCAMENTE E COM VIVACIDADE) - O morto não é um que veio aqui, uma vez?
SELMINHA - Na minha casa?
D.MATILDE - Na sua casa! Aqui!
SELMINHA (FREMENTE) - A senhora está me chamando de mentirosa, D. Matilde?
D.MATILDE - Deus me livre! A senhora não entendeu. Eu não ponho em dúvida. Absolutamente. (REPETE) - Em absoluto! Não ponho. Mas há uma parte no jornal. A senhora leu tudo?
SELMINHA - Tudo!
D.MATILDE - Leu aquele pedaço no final...
SELMINHA - Tudo!
D.MATILDE - Essa parte acho que a senhora não leu.
SELMINHA (FREMENTE) - Quer me fazer um favor?
D.MATILDE - Eu vou ler para a senhora. Eu leio.
SELMINHA - Por obséquio, D. Matilde.
D.MATILDE - Leio. (D. MATILDE APANHA O JORNAL DE DÁLIA).
DÁLIA - Mas eu estou lendo!
D.MATILDE - (MELÍFLUA) - Dá licença.
DÁLIA (DESABRIDA) - Ora, D. Matilde.
D. MATILDE - Um minutinho!
SELMINHA (NA SUA OBCESSÃO) - Era um desconhecido! um desconhecido!
D.MATILDE (IRREDUTÍVEL) - É essa parte. Aqui. Acho que a senhora não leu!
DÁLIA - Arandir vai lá na redação e quebra a cara do repórter!
SELMINHA (FRENÉTICA) - Não leia nada! Não quero! Não quero, D. Matilde. Não quero ouvir nada.
D.MATILDE (IMPLACÁVEL, NÍTIDA, INCISIVA) - O Jornal diz: (ERGUE A VOZ) - "Não foi o primeiro beijo! (TRIUNFANTE) - Nem foi a primeira vez!"
SELMINHA (ATÔNITA) - Não foi o primeiro beijo! nem foi a primeira vez?

(TREVAS SOBRE OS TRÊS. LUZ NA FIRMA, ONDE ARANDIR TRABALHA. O RAPAZ ACABA DE CHEGAR. E CERCADO PELOS COLEGAS)

WERNECK (COM UM HUMOR BESTIAL) - Mas então, seu Arandir! O se

- nhor!

SODRÉ - Você não diz nada pra gente?

ARANDIR - (JÁ INQUIETO) - O que é que há?

WERNECK - Você fica vivo e não avisa, não participa?

ARANDIR - Isola!

PIMENTEL (BATEENDO-LHE NAS COSTAS) - Nem me convidou!

ARANDIR (ATÔNITO E MEIO ACUADO) - Que piada é essa?

WERNECK - Piada, uma ova! Batata!

SODRÉ - Vivo, rapazi! (WERNECK COM AS SUAS MÃOS APANHADA E

APERTA A DE ARANDIR).

WERNECK - Meus parachoques!

ARANDIR - Mas qual é a graça? E isso não é brincadeira! (OLHAM

DO AS CARAS QUE O CERCAM) - Não faz assim que eu

não gosto! Werneck, para, sim? Essas brincadeltras

comigo! (WERNECK ROMPE, COM UMA BOÇALIDADE FERROZ E

JOCUNDA).

WERNECK - Rapazi! A tua viuvez está aqui! em manchete! (WERNECK

SACODE O JORNAL) - Em manchete, rapazi!

ARANDIR (EXASPERADO) - Você para ou não para?

WERNECK (TRIUNFANTE) - Lê! lê! Beijo no asfalto! Esta aqui!

Traz no jornal! o título é - "Beijo no asfalto!"

ARANDIR - Que jornal?

WERNECK - Aqui. (ARANDIR APANHA O JORNAL).

ARANDIR (LENDO, ESTUPEFACTO) - Beijo no asfalto!

PIMENTEL (BAIXO) - Fala baixo!

WERNECK (EXULTANTE) - Viuvez, sim! Perfeitamente, viuvez. (NUM

REPETIÇÃO FURIOSO CONTRA O COMPANHHEIRO) Não chateia

PIMENTEL! (ARANDIR, ESTUPEFACTO, LÊ A MATÉRIA. FA-

LA PARA SI MESMO).

ARANDIR (COM A VOZ ESTRANGULADA) - Mentira! Mentira!

WERNECK (APONTANDO) - Viuvo de atropelado! Ou vivua! Beijou

o sujeito na boca. O sujeito morreu. É a viuvez.

Batata!

ARANDIR (PARA SI MESMO, SEM NADA OUVIR) - Não! Não. (ARANDIR

LÊ COM EXCLAMAÇÕES ABAFADAS).

WERNECK (PARA OS OUTROS, COM UMA CERTEZA FERROZ) - É o morto

vinha aqui! Veio aqui!

Jim/FTG.

ARANDIR (ERGUENDO A CABEÇA) - Quem vinha aqui?

WERNECK - O morto! O atropelado!

ARANDIR (ESTUPEFACTO) - Vinha aqui?

WERNECK (EXALTADO) - Falar contigo.

ARANDIR (COM TÔDA A FÚRIA DO SEU PROTESTO) - Nunca! Eu não conhecia o cara!

WERNECK (RINDO) - Não conhecia, seu vigarista! (MUDA DE TOM)
- Quer ver? (PRECIPITA-SE, AOS BERROS) - D. Judith!

D. Judith! (PARA ARANDIR) - Eu provo!

ARANDIR - Era um desconhecido! desconhecido! Eu, nunca! (D. JUDITH APARECE. TIPO CONVENCIONAL DA DATILÓGRAFA.

INCLUSIVE OS ÓCULOS)

WERNECK - Eu não minto! eu não minto!

ARANDIR (PARA OS OUTROS) - Desconhecido!

WERNECK (SEMPRE ESBRAVEJANTE) - Quando digo uma coisa, é batata! (PARA A DATILÓGRAFA) - Ah, D. Judith!

D. JUDITH (UM POUCO INTIMIDADA) - Me chamou!

WERNECK - Chega aqui, D. Judith. Vem cá!

ARANDIR - D. Judith é verdade que.

WERNECK (PARA ARANDIR) - Um momento! A senhora vai tirar aqui uma dúvida!

ARANDIR (SÔFREGO) - D. Judith...

PIMENTEL - Fala um de cada vez!

WERNECK - D. Judith o que foi que a senhora me disse. Um momento! Quando a senhora viu o jornal, a senhora não disse. Não disse que. Disse que tinha visto o morto aqui. Fala D. Judith, pode falar!

D. JUDITH (CRISPADA DE TIMIDEZ) - O que eu disse foi...

PIMENTEL - Não tenha medo!

D. JUDITH - Realmente, pela fotografia, parece.

WERNECK - Continua, D. Judith! Parece ou?

D. JUDITH (EM BRAZAS) - Parece um moço que esteve aqui, na semana passada. Um moço.

WERNECK - Procurando por que, D. Judith procurando por quem?

D. JUDITH (DE OLHO BAIXOS) - Seu Arandir!

ARANDIR (DESAFINADO) - Procurando por mim? por mim?

D. JUDITH (DEPOIS DE UM OLHAR ENVIEZADO) - O senhor não estava!

ARANDIR - (DESESPERADO, PARA OS OUTROS) - Mas é mentira! mentira! Simplesmente, eu nunca vi esse rapaz! nunca na minha vida! Juro! Escuta, D. Judith!

jfm/FTG.

D. JUDITH - Com licença! (D. JUDITH ABANDONA A CENA, MEIO ESPAVORIDA, NUM PASSINHO RÁPIDO E MUITO MIUDO).

WERNECK - (INSULTANTE) - Viúvo!

ARANDIR - Eu não admito. Sou casado e não admito!

WERNECK - Há testemunha! Viram o rapaz aqui! viram!

ARANDIR (DESATINADO) - Cala a boca!

WERNECK - Quem é você. Você prá me mandar calar a boca?

PIMENTEL - Vamos parar com isso! (QUER SEGURAR WERNECK).

ARANDIR - Ou você pára ou eu...

WERNECK - Tira a mão! (PARA ARANDIR). - O que é que você faz?

ARANDIR - Te parto a cara! (OS OUTROS QUEREM SEPARAR; WERNECK OS EMPURRA).

WERNECK - Então, parte! (PARA PIMENTEL) - Não te mete! (PARA ARANDIR) - Parte a minha cara!

ARANDIR (ESTRANGULANDO A VOZ) Não quero!

WERNECK (NUM BERRO) - Ou tu parte a minha ou eu parto a tua!

(TREVAS, LUZ SÔBRE A CASA DE SELMINHA. APRÍGIO E A FILHA. O VELHO ESTÁ CHEGANDO. SELMINHA JUNTO DO TELEFONE).

SELMINHA (SÔFREGA) - Papai, um minutinho.

APRÍGIO - Eu espero!

SELMINHA - Estou falando com Arandir. Foram chamar.

APRÍGIO - Fala, minha filha.

SELMINHA (DESESPERADA) - **Estão** passando trotes para cá! (MUDA DE TOM) - Alô! Alô! Arandir? Sou eu. O telefone **es** tá ruim! Ah, sim! Você leu? Hem? Leu! Meu filho, **o** lha: - fala mais devagar. Não ouço nada. Vem prá cá? Vem, sim, vem. Papai chegou agora. Toma um táxi. Um beijinho! (SELMINHA ABANDONA O TELEFONE. VEM SÔFREGA, PARA O PAI).

APRÍGIO - Escuta, Selminha.

SELMINHA - Papai, oh, meu Deus! Tenho que deixar o telefone desligado.

APRÍGIO - Trote?

SELMINHA - Trote. Nunca ouvi tanto palavrão na minha vida. **Su** jeito telefonar, papai. E até mulher! (VOZ DE MENINA) - Telefonar para dizer nome feio. Deve ser, apostado. Aposto, papai. Gente da vizinhança! É gente da vizinhança! tenho certeza!

APRÍGIO - Não liga!

SELMINHA - (SÔFREGA) - Comprou o jornal?

jfm/FTG.

APRÍGIO - Comprei. (APRÍGIO TIRA O JORNAL DO BÔLSO)

SELMINHA - Leu?

APRÍGIO - Li.

SELMINHA (COMEÇANDO A CHORAR) - Papai, olha.

APRÍGIO - Chorando, por quê?

SELMINHA - Tenho que chorar! Estou chorando de raiva! Eu e Dália! (MUDANDO DE TOM) - Dália não vai mais, papai! não vai mais!

APRÍGIO - Por quê?

SELMINHA - Fica! Leu êsse pasquim! Leu e resolveu ficar.

APRÍGIO - Onde está ela?

SELMINHA (SEM RESPONDER) - Como é que um jornal papai! O senhor que defendia tanto o Samuel Wainer! E como é que um jornal publica tanta mentira!

(APRÍGIO ANDA DE UM LADO PARA OUTRO. LUTA CONSIGO MESMO. AO OUVIR FALAR EM MENTIRA, VOLTA-SE PARA A FILHA COM VIVACIDADE)

APRÍGIO - Não é mentira!

SELMINHA - Êsse título "Beijo no asfalto"! (REAGINDO FORA DE TEMPO) - O que foi que o senhor disse? (ATÔNITA) Não é mentira?

APRÍGIO - Nem tudo!

SELMINHA (REPETINDO) - Não é mentira?

APRÍGIO - Selminha, escuta, escuta, minha filha! Você está nervosa!

SELMINHA (ATÔNITA) - O senhor quer dizer que isso, isso que o jornal publicou. Esta nojeira! O senhor quer dizer que é verdade?

APRÍGIO - Um momento!

SELMINHA (FORA DE SI) - O senhor admite que.

APRÍGIO - Selminha, olha! O repórter, êsse Amado Ribeiro, escuta, Selminha. (INCISIVO) - O repórter estava lá! Viu tudo!

SELMINHA (ESTUPEFACTA) - Viu o quê?

APRÍGIO - O que se passou.

SELMINHA - Então, o senhor vai me dizer. O senhor vai me dizer o que foi que se passou. Quero saber! quero!

APRÍGIO (PERSUASIVO) - Meu anjo, ontem eu não te contei?

SELMINHA (FURIOSA) - O senhor não me contou nada!

APRÍGIO - (DOCE, MAS FINO) - Conte!

SELMINHA - Papai, pelo amor de Deus, escuta!

jfm/FTG.

APRÍGIO - Selminha...

SELMINHA - Tenho mais confiança em Arandir que em mim mesma. Se tivesse acontecido o que o jornal diz. Um momento, papai. (COM MAIS VIOLÊNCIA) - Arandir me conta. Arandir não me esconde nada. Arandir me conta tudo!

APRÍGIO - Nem tudo.

SELMINHA - Tudo!

APRÍGIO - Ontem, eu perguntei se você conhecia o seu marido.

SELMINHA (EXALTADA) - Mas claro! Ou o senhor se esquece que eu sou a mulher. Que eu. Papai, Arandir, não pode nem me trair. Porque viria me contar tudo, tudinho. Outro dia. A fechadura do banheiro estava quebrada. Arandir empurra a porta e vê Dália nua. Sem querer, naturalmente, e nem ele podia imaginar que. Mas com preendeu? Pelada. completamente! Tinha acabado de tomar banho. Pois Arandir veio, imediatamente, no mesmo minuto. No mesmo minuto, papai. Dizer: olha acaba de acontecer isso, assim assim... Eu nem disse nada a Dália, porque ela ia ficar sem jeito. Mas a sinceridade de Arandir! O senhor sabe que eu adorei! Adorei!

APRÍGIO - Posso falar?

SELMINHA (FRENÉTICA) - E o jornal põe que o meu marido beijou outro homem na boca!

APRÍGIO - É verdade!

SELMINHA (ATÔNITA, QUASE SEM VOZ) - Arandir me diria...

APRÍGIO - (TRIUNFANTE) - Beijo.

SELMINHA (RECUANDO) - O senhor não pode dizer isso! não tem esse direito!

APRÍGIO (OFEGANTE) - Eu sou pai!

SELMINHA (NUM ESGAR DE CHÔRO) - Não. Não.

APRÍGIO - Eu vi e sou pai. Pai. Vi meu genro. O loteação arrastou o sujeito.

SELMINHA (FEROZ) - Foi o rapaz que. Antes de morrer. O rapaz pedia um beijo.

APRÍGIO (EXULTANTE) - O sujeito caiu de braços, rente ao meio-fio. De braços. Teu marido foi lá e virou o rapaz. E deu o beijo. Na boca.

SELMINHA (FORA DE SI) - Meu marido diria. Ele não esconde nada! (APRÍGIO SEGURA A FILHA, PELOS DOIS BRAÇOS).

jfm/FTG.

APRÍGIO (COM SÚBITA ENERGIA) - Vem cá. Responde! Você viu o - retrato do atropelado? (SUPLICANTE E VIOLENTO) - Diz! Você o reconheceu? Preciso saber. Olha! Entre as amizades do teu marido (MAIS FORTE) - Entre as relações masculinas do teu marido, tinha alguém parecido? Alguém parecido com êsse retrato? Olha bem!

SELMINHA (ATÔNITA) - O senhor está insinuando que...

APRÍGIO (DESESPERADO) - O morto nunca veio aqui?

SELMINHA - Mas eles não se conheciam? Meu marido, nunca, nunca!

APRÍGIO (VIOLENTO) - Escuta! Deixa eu falar, menina! Ontem, eu vim aqui, pessoalmente. Podia ter dado o recado, pelo telefone. Mas vim prá te perguntar se. Selminha, eles se conheciam?

SELMINHA (ESPANTADA E OFEGANTE) - Mentira!

APRÍGIO (COM VIOLÊNCIA TOTAL) - Não foi o primeiro beijo! não foi a primeira vez!

SELMINHA (NA SUA CÓLERA) - Dália tinha razão!

APRÍGIO (SEM ENTENDER) - Por quê Dália?

SELMINHA - O senhor tem ciúmes de mim.

APRÍGIO (ATÔNITO) - Eu?

SELMINHA - Odeia Arandir!

APRÍGIO (DESATINADO) - Juro!

SELMINHA - O senhor foi contra meu casamento. Contra!

APRÍGIO - (VIOLENTO E SUPLICANTE) - Eu sou pai. Pai. Preciso saber se eram amigos e que espécie de amizade!

SELMINHA - O senhor não gosta de ninguém!

APRÍGIO - Sou um velho!

SELMINHA - Nem de mim. O senhor não sabe amar. Escuta, papai!

APRÍGIO - Você não me entende.

SELMINHA - Papai, escuta, papai! (NUM ROMPANTE HISTÉRICO) -

Deixa eu falar! (COM CRUEL EUFORIA) - O senhor já amou algum dia? amou alguém?

APRÍGIO - Amei!

SELMINHA (NUM CRESCENDO DE FÚRIA EXULTANTE) - Mamãe morreu há tanto tempo e o senhor continua só. Ninguém pô de viver sem ninguém. Papai, uma pergunta.

APRÍGIO - Adeus.

SELMINHA - Vem cá, papai!

APRÍGIO - Adeus.

SELMINHA - Não, senhor! O senhor já me ofendeu e tem que me

jfm/FTG.

- escutar. É só uma pergunta. Eu preciso saber. Está ouvindo? Preciso saber se meu pai é capaz de gostar (SUPLICANTE) - Neste momento, o senhor gosta de alguém? Ama alguém, papai?

APRÍGIO - Quer mesmo saber?

SELMINHA - Quero!

APRÍGIO (COM O OLHAR PERDIDO) - Querida, neste momento, eu (ESBOÇA UMA CARÍCIA NA CABEÇA DA FILHA)... eu amo alguém.

(TREVA SOBRE A CENA. LUZ NO VELÓRIO DO ATROPELADO. AMADO RIBEIRO, ARUBA E A VIÚVA).

VIÚVA - Quer falar comigo?

AMADO RIBEIRO - A senhora é que é a viúva?

VIÚVA (CHOROSA, AMARROTANDO O LENÇO) - O senhor é da polícia?

AMADO RIBEIRO (SINTÉTICO E INAPELÁVEL) - Somos da polícia. Mas dei chamar a senhora porque é o seguinte.

VIÚVA (ATARANTADA) - Mas o entêrro já vai sair!

AMADO RIBEIRO - Um minutinho!

VIÚVA (EM ÂNSIAS, OLHANDO PARA TRAZ) - Vão fechar o caixão!

AMADO RIBEIRO (PARA A VIÚVA) - Não afoba! O Aruba vai lá!

(PARA O COMPANHEIRO) - Aruba, vai lá! E diz para aguentar a mão.

VIÚVA (SÔFREGA) - Avisa. Seu, como é mesmo?

ARUBA - Aruba.

VIÚVA - Seu Aruba, avisa que eu não demoro. Mas prá não deixar sair o entêrro.

AMADO - Chispa!

VIÚVA - Um momento! Seu Aruba, o senhor fala com um senhor alto, de espinhas. Um que tem espinhas. Alto. Diz que. É meu cunhado. Diz pra não fechar o caixão. Só com a minha presença (SÁI O ARUBA, ASSOANDO LÍGEIRAMENTE) - Pronto.

AMADO RIBEIRO (SUCINTO E INCISIVO) - Minha senhora. Não vamos perder tempo. Tomei informações, a seu respeito. Sei, de fonte limpa. Um momento. Sei de fonte limpa que a senhora tem um amante!

VIÚVA (SOB O IMPACTO BRUTAL) - Eu?

AMADO (IMPLACÁVEL) - Tem um amante! cheio da gaita! Não faça comentários! nenhum!

VIÚVA - O senhor está me ofendendo!

jfm/FTG.

AMADO - Ofendendo, os colarinhos!

VIÚVA (ENTRE A INDIGNAÇÃO E O PÂNICO) - Mas eu sou uma senhora!

AMADO - Cala a boca! cala a boca! (MUDA DE TOM) - Escuta. Você tem um amante e com toda a razão. Com toda a razão. Conheço a sua vida, de fio a pavio. A senhora arranjou, cala a boca. Arranjou um cara quando percebeu, entende? Ao perceber que seu marido mantinha relações anormais com outro homem, a senhora. Não é fato?

VIÚVA (DEPOIS DE OLHAR PARA OS LADOS E JÁ INCERTA) - O senhor está falando alto!

AMADO - Você leu o jornal?

VIÚVA - O jornal? Li.

AMADO (TIRANDO O JORNAL DO BÔLSO) - Muito bem. Presta atenção. (À QUEIMA-ROUPA) - Olha bem esse retrato. É o sujeito que beijou o seu marido. A senhora, naturalmente, já viu esse camarada, claro!

VIÚVA (VACILANTE) - Não.

AMADO (AMEAÇADOR) - Madame. Nunca viu?

VIÚVA - Nunca! (ARUBA APARECE).

ARUBA - Já falei lá.

AMADO (PARA A VIÚVA) - Viu, sim! viu!

VIÚVA (EM PÂNICO) - Juro!

AMADO - Você está mentindo! mentindo!

ARUBA (INTERFERINDO) - Amado, olha. O cadáver.

AMADO - Não ouvi.

ARUBA (BAIXO) - O cadáver.

AMADO - Fala alto!

ARUBA - Devido ao calor, o cadáver. Já tem mau cheiro.

AMADO (FURIOSO) - Que se dane (PARA A VIÚVA) - Olha aqui. Ou a senhora diz a verdade. A polícia não tem esse negócio de mulher, não. Mulher apanha também! (MUDA DE TOM) - Sua burra! põe na tua cabeça o seguinte. Você tem um amante. E por quê, por quê tem um amante? Porque seu marido, escuta, escuta! seu marido mantinha relações anormais. Relações anormais com um cara. Entendeu? (MELÍFLUO) - Seu marido tinha um amigo chamado Arandir; amigo é-se que a senhora está reconhecendo pela fotografia.

VIÚVA - (OLHANDO PARA OS LADOS) - O senhor fala mais baixo! (A VIÚVA OLHA AS FOTOGRAFIAS. APARECE UM VIZINHO QUE ESTÁ FAZENDO VELÓRIO).

VIZINHO - Com licença.

ARUBA - Fala, meu chapa!

VIZINHO (TÍMIDO) - É que.

AMADO - Desembucha.

VIZINHO - Pode fechar o caixão?

AMADO - Mas oh nossa amizade! Aguenta a mão!

VIZINHO (PARA AMADO) - Doutor, o corpo está exalando! (ENFÁTICO) - exalando!

AMADO (FURIOSO) - Vamos fazer o seguinte. Olha aqui, nossa amizade! Mande fechar o caixão! manda fechar! Ordem da Polícia! Fecha e toca o bonde! Por minha conta!

ARUBA (ENXOTANDO O VIZINHO E COM TOTAL POUCO CASO) - Acaba com isso! acaba com isso!

VIÚVA (COM NOSTALGIA E PERPLEXIDADE) - Mas é um morto!

AMADO (COM RISO CURTO E OFEGANTE) - Morto e te traía não com uma mulher, mas com um cara! Na hora de morrer, ainda levou um chupão!

ARUBA (ALVAR) - Legal!

(TREVAS. LUZ NO QUARTO DE ARANDIR E SELMINHA. ARANDIR ACABA DE CHEGAR)

SELMINHA - Até que enfim!

ARANDIR - Ah, querida (ARANDIR APANHA ENTRE AS SUAS AS DE SELMINHA).

SELMINHA - Por onde você andou?

ARANDIR - Mãos frias!

SELMINHA - Febre!

ARANDIR (FEBRIL TAMBÉM) - Demorei, porque. Há uma hora que eu rondo a casa. Passei três vezes pelo portão e não entrei, porque (COM UM ESGAR DE MEDO) - Tinha um cara na esquina.

SELMINHA - Que cara?

ARANDIR (ENCERRADO NO SEU MEDO, SEM OUVI-LA) - Olhando pra cá.

SELMINHA (SÔFREGA) - Você fala como se estivesse fugindo meu bem! (ARANDIR ESTACA. VOLTA-SE VIVAMENTE).

jfm/FTG.

ARANDIR (COM UMA FALSA ALEGRIA, UMA FALSÍSSIMA NATURALIDADE) - Fugindo, eu? (RISO DE ANGÚSTIA) - a trôco de quê?

Eu não fiz nada. Não sou nenhum criminoso. Eu apenas... (SEM TRANSMITIR, JÁ EM TOM DE LAMENTO) - Telefonei para cá. Sempre ocupado!

SELMINHA (QUERENDO SER NATURAL) - O telefone, meu bem. Tive de desligar, claro! Ligavam prá cá e diziam horrores! Ouvi palavrões que eu não conhecia!

ARANDIR - Escuta, Selminha, olha. Se me procurarem. Avisa à Dália e dá ordem à criada. Eu não estou prá ninguém.

SELMINHA (SEM OUVÍ-LO) - Você leu?

ARANDIR (DESESPERADO E SUPLICANTE) - Pelo amor de Deus. Escuta. Esse assunto, não!

SELMINHA - uma pergunta só.

ARANDIR - Não. Selminha, não! Eu não estou em estado, compreende? eu não estou em estado de.

SELMINHA (DOCE, MAS IRREDUTÍVEL) - Arandir, olha prá mim, olha.

ARANDIR (COM SOFRIDA DOCILIDADE) - Fala!

SELMINHA - O que o jornal diz. É só isso que eu quero saber. Só isso, meu bem. O que o jornal diz é verdade?

ARANDIR (DANDO-LHE AS COSTAS) - Saí do emprêgo.

SELMINHA - Te despediram?

ARANDIR - Eu me despedi. (ANDANDO DE UM LADO PARA OUTRO, COM UMA EXCITAÇÃO PROGRESSIVA) - Hoje, cheguei no emprêgo. Logo que cheguei, começaram com piadinhas. (MAIS EXALTADO) - piadinhas (SÚBITAMENTE EM PÂNICO, PONDO-SE À ESCUTA) - Parou um automóvel! na porta! Não parou um automóvel na porta? (CRISPANDO A MÃO NO BRAÇO DA MULHER) - Não está ouvindo?

SELMINHA - Não é aqui!

ARANDIR (QUASE SEM VOZ) - Não é aqui?

SELMINHA (UM POUCO CONTAGIADA PELO MEDO) - No vizinho! (COM SÚBITO DESESPÊRO, AGARRANDO O MARIDO) - Mas que piadinhas?

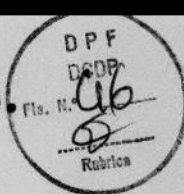
ARANDIR (DE COSTAS PARA A MULHER E COM A VOZ NÍTIDA E VIBRANTE) - Eles me chamaram de viúvo!

SELMINHA - De quê?

ARANDIR (COM DESESPERADO CINISMO) - Viúvo! Do rapaz que morreu! Entende? Você acha que depois disso?

SELMINHA (ATÔNITA) - E você?

jfm/FTG.



ARANDIR - Eu?

SELMINHA (FORA DE SI) - Você reagiu?

ARANDIR - Eu não podia! eu não!

SELMINHA (FURIOSA) - Você devia-lhe ter quebrado a cara!

ARANDIR - Até o chefe. Falou comigo, e olhava para mim. Esta
va espantado. Eu tive a impressão. É um bom sujei-
to. Um homem de bem. Não sei, mas tive a impressão
de que tinha nôjo de mim, como se eu!

SELMINHA (SEGURANDO-O COM ENERGIA) - Arandir!

ARANDIR - Querida!

SELMINHA - Como tua mulher, eu te peço. Você vai lá amanhã e
quebra. Quebra mesmo! A cara do sujeito!

ARANDIR - Eu acho, entende? Acho que, nunca mais, em emprêgo
nenhum. Acho que em todos os emprêgos, os caras vão
me olhar como se. As mesmas piadinhas, em tôda a
parte.

SELMINHA (FRENÉTICA) - Ao menos, responde!

ARANDIR - Senta comigo.

SELMINHA - É verdade que?

ARANDIR - Um beijo.

SELMINHA (COM SURDA IRRITAÇÃO) - Primeiro, responde. Preciso
saber. O jornal botou que você beijou.

ARANDIR - Pensa em nós.

SELMINHA - Com outra mulher. Eu sou tua mulher. Você beijou
na...

ARANDIR (SÔFREGO) - Eu te contei. Prôpriamente, eu não. Escu-
ta. Quando eu me abaixei. O rapaz me pediu um bei-
jo. Um beijo. Quase sem voz. E passou a mão por
trás da minha cabeça, assim. E puxou. E, na agonia,
êle me beijou.

SELMINHA - Na boca?

ARANDIR - Já respondi.

SELMINHA (RECUANDO) - E porque é que você, ontem!

ARANDIR - Selminha.

SELMINHA (CHORANDO) - Não foi assim que você me contou. Dis-
cuti com meu pai. Jurei que você não me escondia
nada!

ARANDIR - Era alguém! Escuta! Alguém que estava morrendo.
Selminha. Querida, olha! (ARANDIR AGARRA A MULHER.
PROCURA BEIJÁ-LA. SELMINHA FOGE COM O ROSTO) - Um
beijo.

jfm/FTG.

SELMINHA (DEBATENDO-SE) - Não! (SELMINHA DESPRENDE-SE COM VIO
- LÊNCIA. INSTINTIVAMENTE, SEM CONSCIÊNCIA DO PRÓPRIO
GESTO, PASSA AS COSTAS DA MÃO NOS LÁBIOS, COMO SE
OS LIMPASSE).

ARANDIR - Você me nega um beijo?

SELMINHA - Na boca, não!

ARANDIR (SEM SE APROXIMAR E ESTENDENDO AS DUAS MÃOS CRISPADAS)
- Coração, olha. No emprêgo e aqui na rua. Eu sei
que aqui na rua. Ninguém acredita em mim. E, ho
je, quando eu saí do emprêgo. Meu bem, escuta.
Fiquei andando pela cidade. Tive a impressão de
que todo mundo me olhava. No lotação, em todo
lugar, eu acho que me reconheciam pelo retrato.
Eu saltava de um lotação e apanhava outro. A mes
ma coisa. Eu então pensei: - "Bem: Mas eu tenho
Selminha!" Escuta, Selminha, escuta! Eu quero
sentir, saber, entende! Saber que você está co-
migo, a meu lado! Você é tudo que eu tenho! (SEL
MINHA ESTÁ CHORANDO COM O ROSTO COBERTO POR UMA
DAS MÃOS).

SELMINHA - (SOLUÇANDO) - Oh, cala a boca!

ARANDIR (COM SÚBITO PÂNICO) - Barulho. Está ouvindo?

SELMINHA - Nada.

ARANDIR (RECUANDO) - Abriram o portão. Alguém entrou.

SELMINHA (COM SURDA IRRITAÇÃO) - Não é ninguém. (DÁLIA APARE-
CE).

ARANDIR - Oh, Dália.

DÁLIA (SURPRESA PARA A IRMÃ) - Chorando por quê?

ARANDIR - Nervosa.

DÁLIA (PARA ARANDIR) - Eu não vou mais, Arandir. (PARA A IR-
MÃ) - Sua bôba! Parece até nem sei! Faz como eu.

Olha! Agora mesmo, eu disse à D. Matilde. Ouviu,
Arandir? Quando eu vinha voltando da igreja, en-
contrei a D. Matilde. D. Matilde, essa de. Disse
a ela o que não se diz a um cachorro. Quase que.
Disse: - Olha! Limpe a boca, limpe a boca. E fi-
que sabendo que meu cunhado é muito mais, mas mu-
to mais homem que seu marido! (TOCA A CAMPAINHA).

ARANDIR (SOB O IMPACTO) - Agora estão batendo!

SELMINHA (TAMBÉM EM SOBRESSALTO) - Dália, vai atender, vai.
Arandir não está.

jfm/FTG.

DÁLIA - Não esta?

ARANDIR - Ninguém, prá ninguém!

SELMINHA - Anda. (DÁLIA ABANDONA A SALA).

ARANDIR (SÔFREGO) - Diz que me ama!

SELMINHA (SATURADA) - Você sabe.

ARANDIR - Mas eu queria que você repetisse. Me ama? Você não é capaz de repetir que me ama? (ENTRA DÁLIA).

DÁLIA - Polícia!...

T R E V A S

FINAL DO SEGUNDO ATO

jfm/FTG.

Curitiba, 2 de abril de 1 970.

TERCEIRO ATO

O DELEGADO CUNHA E AMADO RIBEIRO ESTÃO NA CASA DE UM AMIGO, EM BÔCA DO MATO. ENTRAM O INVESTIGADOR ARUBA E SELMINHA. (ESTA VEM ASSUSTADÍSSIMA). SÓ VÊ-LA O DELEGADO CUNHA, EM MANGAS DE CAMISA, OS SUSPENSÓRIOS ARRIADOS, UM VASTO REVÓLVER NA CINTA, VEM AO SEU ENCONTRO. EXUBERANTE E SORDIDA CORDIALIDADE DE CAFAGESTE).

CUNHA - Tenha a bondade, minha senhora! tenha a bondade!

SELMINHA (QUASE CHORANDO) - O senhor que é o Comissário?

CUNHA (NUMA MESURA SUBSERVIENTE) - Delegado!

ARUBA - O doutor!

SELMINHA (FREMENTE) - Eu fui ameaçada! ameaçada!

CUNHA - Mas minha senhora!

SELMINHA (APONTANDO) - Esse moço me ameaçou!

ARUBA (NUMA GESTICULAÇÃO DE CAFAGESTE) - Ela quis botar banca!

Não queria vir! Resistiu, já sabe!

SELMINHA (ORA PARA UM, ORA PARA OUTRO) - Mentira. (PARA DELEGADO GADO) - Doutor, eu apenas, olha. Apenas perguntei:

- "Prá onde o senhor me leva"?

CUNHA (COM UM DESENGARRO GRANDILOQUENTE) - Aruba! Você maltratou essa senhora, hem, Aruba?

ARUBA - Não!

SELMINHA (CHORANDO DE HUMILHAÇÃO) - Disse que. Disse! Que se eu gritasse, que eu apanhava na bôca! E me torceu o braço. (PARA INVESTIGADOR) - torceu!

AMADO (INTERVINDO PELA PRIMEIRA VEZ) - Minha senhora, isso é um cavalo! uma besta!

ARUBA (IMPULSIVAMENTE) - Besta é você.

AMADO - O cara não dá uma dentro.

CUNHA (AOS BERROS E ESPETANDO O DEDO NA CARA DO AUXILIAR) - Cala a bôca! (MUDA DE TOM, PARA SELMINHA) - Infelizmente, minha senhora, a polícia tem elementos, que, (PARA ARUBA, COM UMA FALSA CÓLERA) - Retire-se! (PARA SELMINHA, COM HUMILDADE) - Peço-lhe, creia que (PARA ARUBA) - Saia!

ARUBA - Mas doutor!

CUNHA - E olha! Vou lhe meter uma suspensão!

ARUBA - (NUMA CONFUSÃO TOTAL) - Cumpri ordens!

CUNHA - Eu não admito, entende? não admito! Cai fora! (ARUBA SAI. CUNHA VOLTA-SE PARA SELMINHA. FALSÍSSIMA HUMILDADE. SELMINHA OLHA EM TÔRNO).

jfm/FTG.

SELMINHA - Eu reclamei porque (MAIS INCISIVA) - Isso aqui não é distrito!

AMADO - Calma, D. Selminha!

SELMINHA (PRÓXIMA DA HISTERIA) - Isso é uma casa!

CUNHA (MELÍFLUO) - Exato, exato. Casa. Não nego. Escuta, minha senhora.

SELMINHA - Mas doutor!

AMADO (APAZIGUADOR) - Um momento!

CUNHA - Prá evitar escândalo. Escuta. Prá evitar escândalo eu preferi que fôsse aqui.

SELMINHA (OLHANDO EM TÔRNO) - Aqui onde?

CUNHA (COM UM PRÍNCÍPIO DE IRRITAÇÃO E JÁ INSINUANDO UMA AMEAÇA) - Aqui, D. Selminha! Na Delegacia, propriamente, não se pode trabalhar. Está assim de repórter, de fotógrafos! Não há mistério, D. Selminha. Estamos em São João de Meriti. Essa casa é de um amigo do Amado Ribeiro. (VOLTANDO-SE PARA O REPÓRTER) - Amado Ribeiro, da "Última Hora"!

AMADO (CÍNICO) - Prazer.

SELMINHA (DISPARANDO, NUMA VOLUBILIDADE FEBRIL) - O senhor é que é Samuel Wainer?

AMADO - Amado Ribeiro.

SELMINHA (DESORIENTADA POR UM DETALHE IMPREVISTO) - Mas o Samuel Wainer não trabalha na "Última Hora"?

AMADO - Exato.

SELMINHA (CONFUSA) - Ah, é. E o Carlos Lacerda na "Tribuna da Imprensa".

CUNHA - (DE SOPETÃO E CHOCADO PELA SURPRESA) - D. Selminha onde está seu marido?

SELMINHA (CRISPANDO-SE) - Meu marido?

CUNHA (MUDANDO DE TOM E COM UMA SATISFAÇÃO GRATUITA, EXAGERADA) - Não responda já! (SEM TRANSIÇÃO) - Amado, escuta. (PARA SELMINHA) - Temos um barzinho, ali. A senhora não toma nada? Por exemplo: - não quer tomar um.

SELMINHA - Nada.

AMADO - Nem água?!

CUNHA - Apanha lá, Amado.

SELMINHA (VIVAMENTE) - Não, Não! (SÔFREGA) - Muito obrigada.

CUNHA (PARA AMADO) - Não precisa, Amado. (PARA SELMINHA, NOVAMENTE MELÍFLUO) - Mais calma?

jfm/FTG.

SELMINHA - Sim.

CUNHA (COM UM RISO SURDO) - Ou tem medo?

SELMINHA (REALMENTE APAVORADA) - Um pouco. (CUNHA FAZ, ALI, UM PEQUENO E DIVERTIDO ESCÂNDALO. ESTAVA SENTADO, ERGUE-SE).

CUNHA (COM UM RISO EXAGERADO E BESTIAL) - Medo de mim? (ABRINDO OS BRAÇOS PARA O REPÓRTER) - Tem medo de mim, Amado! De mim!

AMADO - D. Selminha, com licença!

SELMINHA (DESORIENTADA) - Não é isso! O senhor não me entendeu. Nervosa!

CUNHA (RINDO AINDA, COM CERTA FEROCIDADE) - Diz prá ela, Amado. Conta! (ANDANDO DE UM LADO PARA OUTRO E SEMPRE EXAGERANDO) - Medo de mim, qual!

AMADO (INCISIVO) - D. Selminha, aqui o Cunha. Ouviu D. Selminha? Está ouvindo? O Cunha não é como os outros.

CUNHA (ANDANDO DE UM LADO PARA OUTRO, NUMA AGITAÇÃO JOCUNDA) - Fala, Amado, fala!

AMADO - Posso falar porque. Tenho metido o pau na polícia. Mas o Cunha é um dos raros. Um dos raros, entende? (CÍNICO E ENFÁTICO) - Humano! (CUNHA VEM SENTAR-SE, NOVAMENTE, COM OS DOIS).

CUNHA - Menina, escuta. Prá mim você é uma menina. Mas escuta.

SELMINHA (QUERENDO DESCULPAR-SE) - Em absoluto, eu!

CUNHA - E, de mais a mais, eu sou pai. Antes de tudo, sou pai. O Amado, sabe. Eu tenho uma filha. Única.

AMADO - Noiva.

CUNHA - Noiva. Vai-se casar. E quando eu olho pra você, penso na minha filha. Nunca se sabe o dia de amanhã. Vamos que o meu genro. Essas coisas, sabe como é. Casamento é loteria, mas eu, quero que você, entende? (PARA O REPÓRTER) - Você não acha, Amado? (PARA SELMINHA NOVAMENTE) - Quero que você me veja como um pai. Agora responda: - ainda tem medo de mim?

SELMINHA - Não.

AMADO - Natural.

CUNHA (COM UM RISO SURDO E OFEGANTE) - Podemos conversar?

SELMINHA (COM UMA DOCILIDADE DE MENINA) - Podemos.

AMADO (BAIXO E PERSUASIVO) - Pode confiar no Cunha.

jfm/FTG.

CUNHA (DOCEMENTE) - É uma pergunta. Uma perguntinha só. O se-
- guinte.

SELMINHA (OLHANDO ORA UM ORA OUTRO) - Pois não.

CUNHA (DE SOPETÃO E COM UMA AGRESSIVIDADE INESPERADA) - Onde
está seu marido? (PAUSA. SELMINHA OLHA UM E DEPOIS
OUTRO).

SELMINHA (CRISPADA) - Não sei.

AMADO (PERSUASIVO) - Sabe D. Selminha.

CUNHA (JÁ AMEAÇADOR) Ai o meu cacête! (MUDANDO DE TOM) - Meni-
na, eu lhe falo como um pai! Como um pai! E se você!

SELMINHA - Juro! (CUNHA VIRA-SE PARA AMADO. AGARRA-O PELOS
DOIS BRAÇOS).

CUNHA - Oh porque é que eu tenho uma filha! É minha filha
que me impede de! (LARGA O REPÓRTER E VOLTA-SE PA-
RA SELMINHA) - Menina, pense bem antes de responder!

SELMINHA (NUMA ESPÉCIE DE HISTERIA) - Eu não sei onde está
meu marido!

CUNHA * Você está diante da polícia. E olha! Vai dizer a
verdade. A verdade! (MUDA DE TOM NOVAMENTE CARICIO
SO) - Não se engana a polícia!

SELMINHA - Escuta, doutor! Meu marido saiu de casa...

CUNHA (FURIOSO) - Seu marido fugiu!

SELMINHA - Fugiu como?

CUNHA - Fugiu, entende? Está fugindo! Fugindo da Polícia!

AMADO - Não lhe parece que a fuga é. D. Selminha, escuta.
A fuga é a confissão. Confissão!

SELMINHA - Mas meu marido! afinal de contas!

CUNHA (APERTANDO A CABEÇA ENTRE AS MÃOS) - Não é possível!

SELMINHA (ERGUENDO-SE E COM EXALTAÇÃO) - O senhor está engana-
do.

CUNHA (NUM BERRO) - Fugiu!

AMADO (PARA O DELEGADO) - Cunha, calma! (PARA SELMINHA) - Um
momento! (PARA CUNHA) - Calma!

SELMINHA - Fugir por que, se ele não fez nada? Nem conhecia
o morto!

CUNHA (RÁPIDO E AGRESSIVO) - Tem certeza? Note bem: - certe-
za? (ELEVANDO A VOZ) - Tem!?

SELMINHA (AFIRMATIVA, EMBORA DESCONCERTADA) - Tenho! (CUNHA
TEM UM LANCE TEATRAL).

CUNHA (EXULTANTE) - Amado, manda entrar a moça! (PARA SELMI-
NHA) - Vou lhe provar que. Ri melhor quem ri por
último.

AMADO (FAZ UM GESTO PARA DENTRO) - Pode vir! Vem, vem!

CUNHA (PARA A MOÇA QUE VEM ENTRANDO) - Tenha a bondade. (A
- VIÚVA DO ATROPELADO E MOÇA) - Aqui é a viúva do
rapaz, o atropelado. A viúva. O tal que seu mari-
do beijou. O tal!

AMADO - A senhora vai repetir aqui, (INDICA SELMINHA, SEM
DIZER-LHE O NOME) - A senhora conhece o Arandir?

VIÚVA - Conheço.

AMADO (PARA SELMINHA) - Conhece! (PARA A VIÚVA) - E conhece
de onde?

VIÚVA - De minha casa.

AMADO - Frequentava a sua casa. Muito bem. (PARA SELMINHA)
- Ia lá! (PARA A VIÚVA) - Agora conta aquilo. Aqui
lo que a senhora me contou. Aquilo, sim!

CUNHA (PARA SELMINHA) - Presta atenção.

VIÚVA - De fato. Uma vez, êle foi lá em casa. Foi lá em
casa e os dois. (PÁRA, EM PÂNICO, OLHANDO PRA O
DELEGADO ORA O REPÓRTER, ORA SELMINHA).

AMADO - Os dois. Continue!

VIÚVA (SÔFREGA DE UM JATO) - Os dois tomaram banho juntos.

SELMINHA (ATÔNITA) - Meu marido?

AMADO (JÁ DESPEDINDO A VIÚVA) - Madame, muito obrigado. Pode
ir.

SELMINHA (PRECIPITANDO-SE) - Mas escuta. Vem cá! (CUNHA BAR-
RA A PASSAGEM DE SELMINHA).

CUNHA - Não, senhora. Quem interroga somos nós! A senhora
não se mete!

AMADO (FEROZ EXALTANTE) - D. Selminha, o banho é um detalhe
mas que basta! Prá mim basta! O resto a senhora
pode deduzir.

SELMINHA (LENTA E ESTUPEFACTA) - O senhor quer dizer que meu
marido!...

AMADO (FORTE) - Exatamente!

CUNHA (TAMBÉM FERROZ) - Seu marido, sim! Seu marido! Batata!
(SELMINHA OLHA, ORA UM, ORA OUTRO. ESTÁ LÍVIDA DE
ESPANTO).

AMADO (OFEGANTE) - Ou a senhora prefere que eu fale português
claro?

SELMINHA (QUE SE CRISPA PARA UMA CRISE DE HISTERIA) - Prefi-
ro. Fale, sim! Fale português claro!

AMADO - Bem. É o seguinte.

jfm/FTG.

CUNHA (BESTIAL) - Escracha! Escracha que eu já estou de saco

- cheio!

AMADO - A Polícia sabe que havia. Havia entre seu marido e a vítima uma relação íntima.

SELMINHA (NO SEU ESPANTO) - Relação íntima?

AMADO - Uma intimidade, compreendeu? Um tipo de intimidade que não pode existir entre homens. Um instante, Cunha. A viúva já desconfiava. O negócio do banheiro, entende? E quando leu o beijo no asfalto, viu que era batata. Basta dizer o seguinte: - ela. Sim, a viúva! (TRIUNFANTE) - não foi ao cemitério!

CUNHA (COM UMA SATISFAÇÃO BESTIAL) - Menina, olha. Está na cara que seu marido não é homem. (SELMINHA VIRA-SE COM SÚBITA AGRESSIVIDADE).

SELMINHA - Eu estou grávida!

AMADO - Quem?

SELMINHA (FEROZ) - Eu! É homem! Eu estou grávida! (PARA UM E OUTRO) - E outra coisa. Agora vocês vão me ouvir. Vão me ouvir. O meu marido foi a Caixa Econômica. Um momento! Foi lá por uma jóia no prego!

CUNHA - Escuta.

AMADO (PARA O DELEGADO) - Deixa ela falar!

SELMINHA - E falo, sim! Foi pôr a jóia, sabe pra quê? Por que êle me pediu pra tirar. Tirar o filho. Meu marido acha que a gravidez estraga a lua de mel! prejudica! E como eu. Eu nunca tive barriga. Seria uma pena que a gravidez. Êle então preferia que mais tarde e já não. Foi na Caixa Econômica apanhar o dinheiro do aborto.

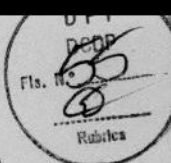
AMADO - Mas e daí?

SELMINHA (DESESPERADA COM A IRONIA OU INCOMPREENSÃO) - Ou o senhor não entende que? Eu conheço muitas que é uma vez por semana, duas e, até, 15 em 15 dias. Mas meu marido todo o dia! todo o dia! todo dia! (NUM BERRO SELVAGEM) - Meu marido é homem! homem! (SELMINHA ESTÁ NUMA HISTERIA MEDONHA. SOLUÇA. CUNHA A SEGURA PELOS DOIS BRAÇOS E A DOMINA, SÔLIDAMENTE).

CUNHA (COM UM RISO SÓRDIDO) - Você nunca ouviu falar em gilete? em barca de cantareira?

SELMINHA (SÚBITAMENTE HIRTA) O quê?

jfm/FTG.



CUNHA (NUM TOTAL ACHINCALHE) - Gilete! barca da cantareira!
- (SELMINHA DESPRENDE-SE COM VIOLÊNCIA. DESFIGURADA
PELA CÓLERA, ESGANIÇA A VOZ).

SELMINHA - Seus indecentes! Indecentes! E você! (MARCANDO O
DELEGADO) - Você que é pai! Sua filha é noiva e
olha! Tomara que o noivo de sua filha seja tão ho-
mem como o meu marido! (CUNHA ATIRA-SE CONTRA SEL-
MINHA).

CUNHA - Ó sua! Lhe quebro os cornos!

AMADO (INTERPONDO-SE) - Espera! Calma! (PARA SELMINHA, FERROZ)
- Tira a roupa! Fica nua, Tira tudo!

(TREVAS. CASA DE SELMINHA. O PAI ENTRA. DÁLIA PRECIPITA-SE).

DÁLIA - Oh, papai!

APRÍGIO (SÔFREGO) - Onde está tua irmã?

DÁLIA (SOLUÇANDO) - Prêsa!

APRÍGIO - Quem?

DÁLIA (NUM COMEÇO DE HISTERIA) - Prêsa!

APRÍGIO (ESTUPEFACTO) - Prenderam? (FURIOSO) - Não chora!
- (MUDA DE TOM) - Fala!

DÁLIA - A polícia esteve aqui!

APRÍGIO (REPETINDO) - Não chora! a polícia?

DÁLIA (REPETINDO) - Estêve aqui e perguntou, primeiro. Primei-
ro perguntou por Arandir. (TOMANDO RESPIRAÇÃO) -
Eu disse que Arandir não estava. Então, levaram a
Selminha!

APRÍGIO (AGARRANDO A FILHA E COM ENERGIA) - Prá onde? (DÁLIA
REAGE COMO UMA MENINA REALMENTE TRAUMATIZADA).

DÁLIA (NUMA EXPLOSÃO) - Sei lá! papai! Sei lá!

APRÍGIO (NOVAMENTE FURIOSO) - Menina chata! Pára de chorar!
(SEM TRANSIÇÃO E DESVIANDO A SUA FÚRIA) - E meu
genro? Onde é que está o meu genro?

DÁLIA - Papai, quando a Polícia chegou! Ouviu, papai?

APRÍGIO (PRAGUEJANDO SEM SENTIDO) - O cúmulo!

DÁLIA - Arandir escondeu-se no meu quarto!

APRÍGIO - Escondeu-se?

DÁLIA - Escuta, aqui. Ficou lá até que. (INCOERENTE E COM
VEEMÊNCIA) - Ou o senhor queria que Arandir fôs-
se prêso?

APRÍGIO (FURIOSO) - Meu genro não pode ser prêso, minha fi-
lha, pode!

jfm/FTG.

DÁLIA (DESORIENTADA) - Papai, não é isso!

APRÍGIO - (AMEAÇANDO NÃO SE SABE A QUE OU A QUE) - Mas olha! olha!

DÁLIA (AGARRANDO O VELHO) - Papai, escuta!

APRÍGIO - (URRANDO) - Onde está o canalha do meu genro?

DÁLIA (RECUANDO COMO DIANTE DE UMA BLASFÊMIA) - O quê?

APRÍGIO (MAIS FORTE) - O canalha de meu genro!

DÁLIA (RESSENTIDA) - Arandir não é canalha.

APRÍGIO (OFEGANTE E SEM COMPLETAR) - Você ainda!

DÁLIA - O senhor não! Não pode chamar!

APRÍGIO (TRIUNFANTE) - Chamo! Posso chamar! Perfeitamente!

Um canalha que. Se esconde e larga a mulher! Dá o fora, a mulher que se dane! E tudo por que? Porque êsse pulha!

DÁLIA (QUASE SEM VOZ) - Não, papai, não!

APRÍGIO - Êsse pulha. Na minha frente. Nem respeitou a minha presença. Na minha frente, sim! Na frente de toda a cidade. Toda a cidade estava lá, vendo, espiando! (EXULTANTE E FERÓZ) - E êle beijou na boca um homem! Por isso, Selminha. Selminha foi presa!

DÁLIA - Papai, o senhor não entende!

APRÍGIO (ESTREBUCHANDO) - Um genro que! (DÁLIA ATRACA-SE COM O PAI).

DÁLIA (DESESPERADA) - Ouve, papai. Arandir explicou!

APRÍGIO (VIOLENTO E CORTANTE) - Mentira!

DÁLIA - Conheço, papai! E Arandir, olha. Se fez isso. Papai, escuta. Fez isso porque. Teve pena! Foi a caridade. Arandir tem um coração, papai!

APRÍGIO (COMO SE DESSE CUSPARADA) - Humilhou a minha filha.

DÁLIA - E o rapaz antes de morrer. Ele não podia recusar. Antes de morrer, o rapaz pediu o beijo. Antes de morrer.

APRÍGIO (AGARRA A FILHA. ESTÁ SINISTRAMENTE DIVERTIDO) - Antes de morrer?

DÁLIA - Pediu.

APRÍGIO (COM SÚBITA ENERGIA) - Agora você vai me ouvir.

DÁLIA - Papai, eu!

APRÍGIO (DESESPERADO) - Cala a boca! (MUDA DE TOM E FALANDO COM SÚBITA FEROCIDADE) - Eu estava junto de meu genro. Quando êle se abaixou, eu estava ao lado.

- Juntinho, ao lado. E vi e ouvi tudo. (BAIXO E VIOLENTO) - Olha! Ninguém pediu beijo! (RADIANTE) - O rapaz já estava morto!

DÁLIA (QUASE SEM VOZ E NUM ESPANTO BRUTAL) - Morto?

APRÍGIO - Morto. Meu genro te contou que. Mentira! O rapaz não disse uma palavra. Estava morto. De olhos abertos e morto.

DÁLIA (AINDA SEM VOZ) - Não acredito.

APRÍGIO (EXULTANTE) - Meu genro mentiu prá ti e prá Selminha.

DÁLIA (CARA A CARA COM O PAI) - Arandir não mente!

APRÍGIO - Beijou porque quis e não era um desconhecido. (AGARRA A FILHA PELOS DOIS BRAÇOS. FALA CARA COM CARA) - Eram amantes! (PAUSA).

DÁLIA (SUSSURRANDO) - Não! Não!

APRÍGIO (TRIUNFAL) - Amantes! (DÁLIA DESPRENDE-SE COM INESPERADA VIOLENCIA)

DÁLIA (COM SÚBITA FEROCIDADE) - Papai, descobri o seu segredo.

APRÍGIO - (REALMENTE EM PÂNICO) - Que segredo!? (RÁPIDO, SEGURANDO A FILHA PELO PULSO)

DÁLIA - Descobri!

APRÍGIO (DESATINADO) - Não tenho segredo nenhum! (COM UM ESFORÇO DE CHORO) - Nem admito. Ouviu? Nem admito!

DÁLIA (CRUEL E LENTA) - Quer que eu diga?

APRÍGIO (NUM BERRO) - Cala essa boca! (MUDA DE TOM. QUASE SEM VOZ) - Ou, então, diz. Pode dizer. Se você sabe, diz. (COM A VOZ ESTRANGULADA) - Qual é o meu segredo?

DÁLIA (LENTA E MÁ) - O senhor não gosta de Selminha como pai.

APRÍGIO (ASSOMBRADO) - Como o quê?

DÁLIA (HIRTADA) - Gosta como. É amor. Amor de homem por mulher (DIANTE DA AFIRMATIVA DE DÁLIA, O VELHO TEM UMA REAÇÃO QUE DE MOMENTO, O ESPECTADOR NÃO VAI COMPREENDER. ESSA REAÇÃO É DE UMA EUFORIA BRUSCA. TOTAL, SEM NENHUMA MOTIVAÇÃO APPARENTE)

APRÍGIO (COMEÇANDO A RIR) - Amor de homem por mulher? E é esse o segredo? (REPETE, RECUANDO O ESPANTO PARA A FILHA) - Meu segredo é esse?

DÁLIA (ESGANIÇANDO A VOZ, NUM FRENÉTICO DESESPERO INFANTIL) - Por isso o senhor odeia Arandir!

APRÍGIO (NA SUA EUFORIA) - Pensei que (ABRINDO O RISO) - Mas quem sabe? Talvez você tenha (MUDA DE TOM, COM U-

- MA SERIEDADE DIVERTIDA) - Ralmente, quando uma filha se casa, o pai é um pouco traído. Não deixa de ser traído. O sujeito cria a filha para que um miserável venha e. (MUDA DE TOM, NOVAMENTE, COM UMA FEROCIDADE JOCUNDA) - Em certo sentido, Selmi nha cometeu um adultério contra mim! (NUMA GARGALHADA SELVAGEM E CANALHA, QUE NINGUÉM ENTENDE) - Boa! boa! (TERMINA A CENA COM AS GARGALHADAS DO PAI E OS SOLUÇOS DA FILHA).

(TREVAS. LUZ NO QUARTO DE AMADO RIBEIRO. O REPÓRTER ESTÁ SEM PALETÓ COM A FRALDA DA CAMISA PARA FORA DAS CALÇAS. EMPUNHA UMA GARRAFA DE CERVEJA. DE VEZ EM QUANDO BEBE PELO GARGALO COM UMA SEDE FELIZ. O REPÓRTER ESTÁ, NA MELHOR DAS HIPÓTESES, SEMI-BÊBEDO).

AMADO - Quem? quem? Falar comigo? Olha! Manda subir. Sobe, sobe!... (APRÍGIO ENTRA).

AMADO (INCERTO) - O senhor é?

APRÍGIO (FORMAL) - O sôgro de.

AMADO - O sôgro, exatamente. Eu estava reconhecendo. Graças a Deus, sou bom fisionomista.

APRÍGIO - (COM UMA GRAVE AMABILIDADE) - Boa-noite (AMADO FAZ UM GESTO CIRCULAR, QUE ABRANGE TODO O QUARTO).

AMADO - Desculpe a esculhambação. O quarto está uma bagunça.

APRÍGIO - Absolutamente.

AMADO - Estou safado da vida. Imagine que, a arrumadeira, uma prêta gorda, (BAIXO E SÓRDIDO) - Emprenhou. Ela faz aborto em si mesma. Com talo de mamôna. (COM FINA MALÍCIA) - Não deixa de ser uma solução. (MUDA DE TOM) - Mas parece que, desta vez, houve perfuração. Perfuração. Está morre, não morre. Vai morrer. (PIGARREANDO E COM CERTO QUÊ DE CULPADO) - Mas olha cá: - eu não tenho nada com o peixe. O filho não é meu! (MUDA DE TOM, UM POUCO PERTURBADO) - Vamos nós. Qual é o drama?

APRÍGIO - Seu Amado, eu desejava, aliás.

AMADO - É sôbre o beijo do asfalto?

APRÍGIO (INCERTO) - Prôpriamente.

AMADO - Meu amigo, com licença. Um momento. O senhor veio me cantar?

APRÍGIO (PERTURBADO) - Mas cavalheiro!

jfm/FTG.

- AMADO - Veio me cantar. Um momento. Claro. Veio me cantar. E eu não quero. Em absoluto. Meu amigo, eu sou batata, entende? E não me vendo!
- APRÍGIO - O senhor não me entendeu.
- AMADO - Sou macaco velho!
- APRÍGIO (SÔFREGO) - Queria apenas, entende? Ter uma conversa. Uma conversa, a propósito de...
- AMADO - Escuta, nossa amizade, escuta! Fala um de cada vez. Essa conversa, é velha pra chuchú! Mas olha: - dinheiro não me compra.
- APRÍGIO (INCISIVO) - Nem eu, ora!
- AMADO - Com licença. O senhor está aqui por causa de seu genro e de sua filha. Batata! Mas escuta! A única coisa que me compra é mulher! (FAZ O ADENDO RÁPIDO E INCISIVO) - E magra!
- APRÍGIO - Seu Amado.
- AMADO (NO SEU DESLUMBRAMENTO ERÓTICO) - As magras! as magras (RETIFICA) - Sem alusão à sua filha. (COM UMA AMABILIDADE OBSCENA DE BÊBEDO) - Magrinha, sua filha. (MUDA DE TOM) - Vou lhe contar uma passagem. Eu tive uma dona, uma cara, nem sei que fim levou. (NOVAMENTE, EXULTANTE) - O corpo de sua filha, direitinho. Sem barriga nenhuma. (COM UM RISO VIL) - Na cama, era bárbara! (RI) - Subia pelas paredes assim como uma lagartixa profissional! Magrinha, ossuda!
- APRÍGIO (COM SURDA IRRITAÇÃO) - O senhor quer me ouvir?
- AMADO - Como é mesmo sua graça?
- APRÍGIO - Aprígio
- AMADO - Aprígio, agora é tarde! Tarde!
- APRÍGIO - Mas eu ainda não disse nada! Eu queria, justamente.
- AMADO - O senhor vai dizer que é mentira. Que é uma mistificação colossal, não sei o que lá. Não adianta. O jornal está rodando. Rodando. Tem uma manchete do tamanho de um bonde. Assim: - "O Beijo no Asfalto foi crime! crime!
- APRÍGIO (APAVORADO) - Crime?
- AMADO - Crime! E eu provo! Quer dizer, sei lá se provo, nem me interessa. Mas a manchete está lá, com todas as letras: - CRIME!
- APRÍGIO - Mas eu não entendo!
- AMADO - (EXULTANTE E FERROZ) - Aprígio, você não me compra.
- jfm/FTG.

- Pode me cantar. Me canta! canta! (RINDO, FELIZ)
Eu não me vendo! (MUDA DE TOM) - Eu botei que.
Presta atenção. O negócio é bem bolado pra chuchú!
Botei que teu genro esbarrou no rapaz, (TRIUNFANTE) - Mas não esbarrou! Aí é que está. Não esbarrou. (LENTO E TAXATIVO) - Teu genro empurrou o rapaz; o amante debaixo do lotação. Assassinato. Ou não é? (MARAVILHADO) - Aprígio, a pederastia faz vender jornal prá burro! Tiramos, hoje, está rondando, trezentos mil exemplares! Crime, batata!

APRÍGIO - Tem certeza?

AMADO - Ou duvida?

APRÍGIO (MAIS INCISIVO) - Tem certeza?

AMADO (SÓRDIDO) - São outros quinhentos! Sei lá! Certeza propriamente. A única coisa que sei é que estou vendendo do jornal como água. Pra chuchú.

APRÍGIO (SATURADO DE TANTA MISÉRIA) Já vou.

AMADO (FAZENDO UMA INSINUAÇÃO EVIDENTE DE MISERÁVEL) - Vem cá. Escuta aqui. Sabe que. Sinceramente. Se eu fôsse você. Um pai. Se tivesse uma filha e minha filha casasse com um cara assim como o. Entende? Palavra de honra! Dava-lhe um tiro na cara!

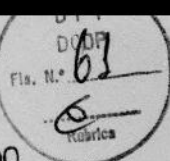
APRÍGIO - Você quer vender mais jornal?

AMADO (COM A SUA SERIEDADE DE BÊBEDO) - Fora de brincadeira. Não é piada. Sério. E olha. A absolvição seria a maior barbada. Nenhum Juiz te condenaria, nenhum! (CARICIOSO) - Escuta Aprígio. O Arandir não é homem prá. Não é homem prá tua filha. Ela é magra e tão sem. Sem barriga. Um certo histerismo na mulher. E D. Selminha (ENFÁTICO) - Esse cara não aguenta o repuxo com tua filha.

APRÍGIO (DESESPERADO DE ÓDIO) - Bêbedo imundo! (APRÍGIO ABANDONA O QUARTO, COMO SE FUGISSE. SEMPRE COM A GARRAFA NA MÃO, AMADO AVANÇA CAMBALEANTE).

AMADO - Vem cá, seu! Vem cá! (VENDO O OUTRO SUMIR) - Filho da (RINDO SURDO) - Seu bêbedo. Bêbedo e pau de arara. (AMADO TEM UM SÚBITO ROMPANTE TRIUNFAL).

AMADO (NUM BERRO) - Mas parei a cidade! Só se fala do "Beijo no Asfalto"! Eles têm que respeitar! têm que respeitar! Eu não dou bola! não dou pelota! (AMADO PARTE O GRITO NUM SOLUÇO. TREVAS. LUZ NA CASA)



- DE SELMINHA. DÁLIA VAI ENTRANDO SENTE-SE EM TUDO
O QUE SELMINHA DIZ O FAZ, O TRAUMA DA POLÍCIA. ELA,
QUE ESTÁ LENDO UM JORNAL, ERGUE-SE AO VER)

SELMINHA - (SEMPRE EM TENSÃO) - Quem era?

DÁLIA (SÔFREGA) - Arandir!

SELMINHA (FRENÉTICA E ESGANIÇANDO) - E só telefona agora?

DÁLIA (QUERENDO ACALMÁ-LA) - Selminha, você está nervosa.

SELMINHA (ANDA DE UM LADO PARA OUTRO NUMA ANGÚSTIA DE INSANA
E NA SUA CÓLERA) - Passa uma noite e um dia sem
telefonar!

DÁLIA (GRITANDO TAMBÉM) - O telefone aqui está desligado!

SELMINHA (MAIS CONTIDA) - Fala!

DÁLIA - Arandir telefonou.

SELMINHA (VARADA DE ARREPIOS) - Arandir.

DÁLIA - Escuta. Está num hotel.

SELMINHA (REPETINDO POR UM MECANISMO DE ANGÚSTIA) - Hotel?

DÁLIA (SÔFREGA) - Mandou dizer que.

SELMINHA (COM BRUSCA IRRITAÇÃO) - Mas que hotel?

DÁLIA - E te espera lá. Disse que.

SELMINHA - Onde?

DÁLIA - O endereço. Eu tomei nota. É no. (SENTE-SE, POUCO
A POUCO E DE UMA MANEIRA CADA VEZ MAIS NÍTIDA QUE
SELMINHA NÃO QUER IR).

SELMINHA (PARA SI MESMA COM VOZ SURDA) - E quer que eu vá lá!

DÁLIA - Arandir pediu. Olha, Selminha, pediu que você fôsse
se imediatamente. Agora. Fôsse agora. O endereço.
Está escondido num hotel. A rua é.

SELMINHA (CORTANDO) - Dália, escuta. É claro que eu. Mas to-
do o mundo! todo o mundo acha, tem certeza. Certe-
za! Que os dois eram amantes!

DÁLIA (COM DESPREZO) - É uma gente que nem sei!

SELMINHA (NA SUA OBCESSÃO) - Amantes!

DÁLIA - Mas, o Arandir mandou dizer que o hotel. O hotel
é pertinho do Largo de São Francisco. Olha Escolheu, de propósito, está ouvindo, Selminha? Sel-
minha, ouve, escolheu um hotel ordinário, porque
dá menos na vista. Agora vai, Selminha, vai.

SELMINHA - Vou.

DÁLIA (SÔFREGA) - Apanha um táxi. (SELMINHA NÃO SE MEXE).

SELMINHA (COM SÚBITA REVOLTA) - E se a polícia me seguir?

DÁLIA (COM IRRITAÇÃO) - Arandir está esperando!

jfm/FTG.



SELMINHA (COM CERTA MALIGNIDADE) - E daí?

DÁLIA - Você é a mulher!

SELMINHA (GRITANDO) - Mas se eu fôr prêsa (DESATANDO A CHO-
RAR). Você quer que eu seja prêsa. (COM DESESPÊ-
RO) - E que façam outra vez aquilo comigo, outra
vez?

DÁLIA (CONCILIATÓRIA) - Selminha!

SELMINHA (TRINCANDO OS DENTES) - Nunca pensei que. Me puse-
ram nua! Fiquei nua prá dois sujeitos!

DÁLIA - Mas não vá contar isso prá o Arandir!

SELMINHA - E o miserável, o cachorro ainda me disse que me
queimava o seio com o cigarro! (SOLUÇANDO) - Nua!
Nua! (DÁLIA AGARRA A IRMÃ PELOS DOIS BRAÇOS COM
SÚBITA ENERGIA).

DÁLIA - Você vai?

SELMINHA (OFEGANTE E CAINDO EM SI) - Vou. Claro que vou. Eu
disse que ia e vou. Mas olha. (MUDA DE TOM) - E
se êle quiser me beijar?

DÁLIA (SEM ENTENDER) - Ora, Selminha!

SELMINHA (COM ANGÚSTIA) - Vai me beijar e eu! (CONTINUA SEM
COERÊNCIA) - Quando a viúva disse, cara a cara co
migo, que tinham tomado banho juntos.

DÁLIA (COM VIOLÊNCIA) - Nem se conheciam!

SELMINHA (SEM OUVI-LA E SÓ ESCUTANDO A PRÓPRIA VOZ INTERIOR)
- Uma coisa que me dá vontade de morrer. Como é
que um homem pode desejar outro homem. (VEEMENTE
E VOLTANDO-SE PARA A IRMÃ) - Dália você entende?
Entende eu? Sei que agora quando um homem olhar
para o meu marido, vou desconfiar de qualquer um
Dália! (COM UMA BRUSCA IRRITAÇÃO) - Aliás, Arandir
tem certas coisas. Certas delicadezas! E outra
que eu nunca disse a ninguém. Não disse por ver-
gonha. (COM MAIS VEEMÊNCIA) - Mas você sabe que
a primeira mulher que Arandir conheceu fui eu.
Acho isso tão! Casou-se tão virgem como eu, Dá-
lia!

DÁLIA - Arandir só tem você!

SELMINHA - (NUMA EXPLOÇÃO) - Se eu fôr, já sei. Êle vai que-
rer beijar. Na certa. Eu não quero um beijo sabendo
do que (HIRTADA DE NÓJO) - O beijo do meu marido
ainda a saliva do outro homem!

(TREVAS. QUARTO DE HOTEL ORDINÁRIO, ONDE ARANDIR ESTÁ HOSPEDADO. JORNAIS PELO CHÃO. SUPÕE-SE QUE DÁLIA ACABA DE CHEGAR. ARANDIR SEGURA A CUNHADA PELOS DOIS BRAÇOS).

ARANDIR (NA SUA ANGÚSTIA) - Selminha não veio?

DÁLIA (SEM SABER COMO DAR A NOTÍCIA) - Arandir, olha

ARANDIR (FORA DE SI) - Não vem?

DÁLIA (MEIO ATÔNITA E DIANTE DO DESESPÊRO IMINENTE) - Eu acho - que.

ARANDIR (VIOLENTÍSSIMO) - Minha mulher não vem? Não quer vir?

Fala! (MUDA DE TOM) - Olha pra mim. (COM VOZ SÚPLICA, ENTRE OS DESESPÊRO E A ESPERANÇA) - Ela não vem? Diz pra mim? Não vem?

DÁLIA (A MEDO) - Espera.

ARANDIR (COM VIOLENCIA) - Dália, eu preciso de minha mulher.

Preciso. O jornal me chama de assassino. Assassino, Dália! (COM UM ESGAR DE CHÔRO) - Você acha que eu sou assassino?

DÁLIA - Arandir eu só acredito em você.

ARANDIR - Mas eu preciso de Selminha! Vai Dália e diz à Selminha. Pede. Traz Selminha. Não tenho ninguém. Estou só.

DÁLIA - E eu?

ARANDIR (BRUTAL) - Ninguém! Olha o que o jornal diz. Está aqui.

(ARANDIR APANHA O JORNAL).

DÁLIA (EXASPERADA) - Joga fora êsse jornal! (ARANDIR ATIRA FORA O JORNAL).

ARANDIR - Diz lá que eu empurrei o rapaz. Como se eu. E não entendo a viúva. (FALANDO PARA SI MESMO) - Será que esbarrei no rapaz? Sem querer, claro. Mas bem isso. Tenho certeza, Dália. Não toquei no rapaz. (MEMORIZANDO PARA SI MESMO) - Uma senhora vinha em sentido contrário. O rapaz estava em cima do meio-fio. Aqui. Eu me desviei da senhora. Mas não cheguei a tocar no rapaz (NUM REPENTE) - Dália, vai chamar Selminha! É minha mulher! Quero Selminha aqui!

DÁLIA - (MUITO DOCE) - Não vem.

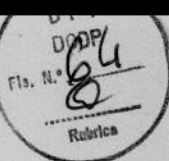
ARANDIR (COM UM MÍNIMO DE VOZ) - Quem?

DÁLIA - Selminha.

ARANDIR - Não vem.

DÁLIA (MAIS INCISIVA) - Arandir, Selminha mandou dizer. Não vem. (ARANDIR AGARRA A CUNHADA PELOS DOIS BRAÇOS).

jfm/FTG.



ARANDIR (ESTUPEFACTO) - Nunca mais?

DÁLIA (COM PENA E MEDO) - Arandir, olha.

ARANDIR (VIOLENTO E GRITANDO) - Responde! (ESTRANGULANDO A
- VOZ) - Nunca mais?

DÁLIA (CHORANDO) - Nunca mais. (ARANDIR DESPRENDE-SE. AFAS-
TA-SE LIGEIRAMENTE DA CUNHADA).

ARANDIR (REPETINDO PARA SI MESMO) - Nunca mais. Quer dizer
que. Me chamam de assassino e (COM SÚBITA IRA) -
Eu sei o que "êles" querem, êsses cretinos! (BA-
TE NO PEITO COM A MÃO ABERTA) - Querem que eu
duvide de mim mesmo! Querem que eu duvide de um
beijo que. (BAIXO E ATÔNITO, PARA A CUNHADA) -
Eu não dormi, Dália, não dormi. Passei a noite
em claro! vi amanhecer (COM FUNDO SENTIMENTO) -
Só pensando no beijo do asfalto! (COM MAIS VIO-
LÊNCIA) - Perguntei a mim mesmo, a mim, mil vê-
zes: - se entrasse aqui, agora, um homem. Um ho-
mem. E. (NUMA ESPÉCIE DE UIVO) - Não! Nunca! Eu
não beijaria na boca um homem que. (ARANDIR PAS-
SA AS COSTAS DA MÃO NA PRÓPRIA BÔCA, COM UM NÔ-
JO FERROZ).

ARANDIR - Eu não beijaria um homem que não estivesse morren-
do! morrendo aos meus pés! Beije porque! Alguém
morria! "Êles" não percebem que alguém morria?

DÁLIA (MUITO DOCE E MUITO TRISTE) - Eu vim para.

ARANDIR (SEM OUVI-LA) - Mas eu acredito em mim! (BRUTAL SEM
TRANSIÇÃO) - Por quê, Selminha não vem?

DÁLIA - Não gosta de você!

ARANDIR (COM UMA CERTEZA CÂNDIDA E FANÁTICA) - Gosta! Ama!
(SÔFREGO E INGÊNUO) - É um amor de infância! De
infância! Eu era menino, menino. E ela garotinha.
Já gostava de mim. E eu dela. Dália, você não
entende, ninguém entende. Selminha só teve um
namorado, que fui eu. Só Dália. E eu nunca nunca.
Deus me cegue se. Nunca tive outra namorada. Só
gostei de Selminha.

DÁLIA - Selminha não quer mais ser tua mulher!

ARANDIR (SEM ENTENDER) - Não quer?

DÁLIA - Arandir, escuta. Selminha me disse. Ouve, meu
bem.

ARANDIR (ESTRANGULADO) - Selminha tem que!

jfm/FTG.

DÁLIA (VIOLENTA) - Selminha disse que você e o rapaz eram a-
- mantes. Amantes!

ARANDIR (NUMA ALUCINAÇÃO) - Dália, faz o seguinte. Olha, o se-
guinte: - Diz a Selminha (VIOLENTO) - Que em toda
minha vida, a única coisa que se salva, é o beijo
no asfalto. Pela primeira vez. Dália, escuta! Pe-
la primeira vez, na vida! Por um momento, eu me
senti bom! (FURIOSO) - Eu me senti quase, nem sei!
Escuta, escuta! Quando eu te vi no banheiro, eu
não fui bom, entende? Desejei você. Naquele momen-
to, você devia ser a irmã nua. E eu desejei. Saí
logo, mas desejei a cunhada. Na Praça da Bandeira,
não. Lá, eu fui bom. É lindo! É lindo, eles não
entendem. Lindo beijar quem está morrendo! (GRITA)
- Eu não me arrependo! Eu não me arrependo!

DÁLIA - Selminha te odeia! (ARANDIR VOLTA PARA A CUNHADA,
CAMBALEANTE. PASSA A MÃO NA BÔCA ENCHARCADA).

ARANDIR (COM VOZ ESTRANGULADA) - Odeia. (MUDA DE TOM) - Por
isso é que recusou. Recusou o meu beijo. Eu quis
beijar e ela negou. Negou a bôca. Não quis o meu
beijo.

DÁLIA - Eu quero!

ARANDIR (ATÔNITO) - Você?

DÁLIA (SOFRIDA) - Selminha não te beija, mas eu.

ARANDIR (CONTIDO) - Você é uma criança. (DÁLIA APERTA ENTRE
- AS MÃOS O ROSTO DE ARANDIR).

ARANDIR - Dália. (DÁLIA BEIJA-O, DE LEVE, NOS LÁBIOS)

DÁLIA - Te beijei.

ARANDIR (MARAVILHADO) - Menina!

DÁLIA (QUASE SEM VOZ) - Agora me beija, você, Beija.

ARANDIR (DESPRENDE-SE COM VIOLÊNCIA) - Eu amo Selminha!

DÁLIA (DESESPERADA) - Eu me ofereço e. Selminha não veio e
eu vim.

ARANDIR - Dália, eu mato tua irmã. Amo tanto que. (MUDA DE
TOM) - Eu ia pedir. Pedir à Selminha para morrer
comigo.

DÁLIA - Morrer?

ARANDIR (DESESPERADO) - Eu e Selminha! Mas ela não veio!

DÁLIA (AGARRA O CUNHADO. QUASE BÔCA COM BÔCA, SÔFREJA) - Eu
morreria.

ARANDIR - Comigo?

DÁLIA (SELVAGEM) - Contigo! Nós dois! Contigo! Eu te amo!
jfm/FTG.

ARANDIR (NUM SÔPRO) - Morrer.

DÁLIA (FEROZ) - Eu não te julgaria nunca. Eu te perdoaria sem
- pre! Acredito em ti. Só eu acredito em ti.

ARANDIR (VIOLENTO) - Oh, graças! graças!

DÁLIA (MACIA, INSIDIOSA, COM UMA LEVE, MUITO LEVE MALIGNIDADE) - Diz pra mim. Eu não te julgo. Não te condeno. Responde: Você o amava?

ARANDIR (ATÔNITO) - O quê?

DÁLIA (NUMA ESPÉCIE DE HISTERIA) - Amava o rapaz? Pode dizer.

Escuta. Você era amante do rapaz? Do atropelado?

ARANDIR (RECUANDO) - Amante?

DÁLIA - Querido! Pode dizer a mim. A mim, pode dizer. Confessar. Escuta, escuta! Meu bem, eu não sou como Selminha. Selminha não compreende, nem aceita. Eu aceito. Tudo! Fala. Eu não mudo. Serei a mesma! Fala! (DÁLIA QUER ABRAÇAR-SE AO CUNHADO. ARANDIR DESPRENDE-SE COM VIOLÊNCIA).

ARANDIR (GRITANDO) - Você é como os outros. Igual aos outros.

Não acredita em mim. Pensa que eu. Saia daqui.

(MAIS FORTE NUM BERRO LOUCO) - Saia! (APRÍGIO ENTRA).

APRÍGIO - Saia, Dália! (DÁLIA ABANDONA O QUARTO, CORRENDO, EM DESESPERO. SÔGRO E GENRO, FACE A FACE) - Vim aqui para.

ARANDIR (PARA O SÔGRO, QUASE CHORANDO) - Está satisfeito?

APRÍGIO - Vim aqui.

ARANDIR (NA SUA CÓLERA) - Está satisfeito? O senhor é um dos responsáveis. Eu acho que é o senhor. O senhor que está por trás...

APRÍGIO - Quem sabe?

ARANDIR - Por trás dêsse repórter. O senhor teve a coragem, a coragem de. Ou pensa que eu não sei? Selminha me contou. Contou tudo! O senhor fêz insinuações! A meu respeito!

APRÍGIO - Você quer me.

ARANDIR (SEM OUVÍ-LO) - O senhor fêz tudo! tudo prá me separar de Selminha!

ARANDIR - Posso falar?

ARANDIR (ERGUENDO A VOZ) - O senhor não queria o nosso casamento!

APRÍGIO (VIOLENTO) - Escuta! Vim aqui saber! Escuta! Você conhecia êsse rapaz?

jfm/FTG.

ARANDIR (DESESPERADO) - Nunca vi.

APRÍGIO - Era um desconhecido?

ARANDIR - Juro! Por tudo que há de mais! Que nunca, nunca!

APRÍGIO - Mentira!

ARANDIR (DESESPERADO) - Vi pela primeira vez!

APRÍGIO - Cínico! (MUDA DE TOM, COM UMA FEROCIDADE) - Escuta! Você conhecia o rapaz. Conhecia! Eram amantes! E você matou. Empurrou o rapaz!

ARANDIR (VIOLENTO) - Deus sabe!

APRÍGIO - Eu não acredito em você. Ninguém acredita. Os jornais, as rádios! Não há uma pessoa, uma única, em toda a cidade. Ninguém!

ARANDIR (COM A VOZ ESTRANGULADA) - Ninguém acredita, mas eu! eu acredito. Acredito em mim!

APRÍGIO - Você, olha!

ARANDIR - Selminha há de acreditar!

APRÍGIO (FORA DE SI) - Cala a boca! (MUDA DE TOM) - Eu te perdoaria tudo! Eu perdoaria o casamento. Escuta! Ainda agora, eu estava na porta ouvindo. Ouvi tudo. Você tentando seduzir a minha filha menor!

ARANDIR - Nunca!

APRÍGIO - Mas eu perdoaria, ainda. Eu perdoaria que você fôsse espiar o banho da cunhada. Você quis ver a cunhada nua.

ARANDIR - Mentira!

APRÍGIO (OFEGANTE) - Eu perdoaria tudo. (MAIS VIOLENTO) - Só não perdoo o beijo no asfalto. Só não perdoo o beijo que você deu na boca de um homem!

ARANDIR (PARA SI MESMO) - Selminha!

APRÍGIO (MUDA DE TOM, SUPLICANTE) - Pela última vez, diz! Eu preciso saber! quero a verdade! A verdade! Vocês eram amantes? (SEM ESPERAR A RESPOSTA, FURIOSO) - Mas não responda. Eu não acredito. Nunca, nunca, ou acreditarei (NUMA ESPÉCIE DE UIVO) - Ninguém acredita!

ARANDIR - Vou buscar minha mulher. (APRÍGIO RECUA, PUXANDO O REVÓLVER).

APRÍGIO (APONTANDO) - Não se mexa! fique onde está!

ARANDIR (ATÔNITO) - O senhor vai.

APRÍGIO - Você era o único homem que não podia casar com a minha filha! o único!

jfm/FTG.

ARANDIR (ATÔNITO E QUASE SEM VOZ) - O senhor me odeia porque,
- Deseja a própria filha. É paixão. Carne. Tem ciúmes de Selminha.

APRÍGIO (NUM BERRO) - De você! (ESTRANGULANDO A VOZ) - Não de minha filha. Ciúmes de você. Tenho! Sempre. Desde o teu namôro, que eu não digo o teu nome. Jurei a mim mesmo que só diria teu nome a teu cadáver. Quero que você morra sabendo. O meu ódio é amor. Porque beijaste um homem na boca? Mas eu direi o teu nome. Direi teu nome a teu cadáver. (APRÍGIO ATIRA, A PRIMEIRA VEZ. ARANDIR CAI DE JOELHOS. NA QUEDA, PUXA UMA FÔLHA DE JORNAL, QUE ESTAVA ABERTA NA CAMA. TORCENDO-SE, ABRE O JORNAL, COMO UMA ESPÉCIE DE ESCUDO OU DE BANDEIRA. APRÍGIO ATIRA NOVAMENTE, VARANDO O PAPEL IMPRESSO. NUM ESPASMO DE DÔR, ARANDIR RASGA A FÔLHA. E TOMBA, ENROLANDO-SE NO JORNAL. ASSIM MORRE.

APRÍGIO - Arandir! (MAIS FORTE) Arandir! (UM ÚLTIMO CANTO) Arandir!

CAI A LUZ, EM RESISTÊNCIA, SOBRE O CADÁVER DE ARANDIR. TREVAS.

- FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO -

jfm/FTG.

Curitiba, 7 de abril de 1970.

SEÇÃO DE PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO TEATRO GUAÍRA.



287
4.6.70

CHEFE DO SCDP
SR. CHEFE DA TCDP - DPF/PR
PROVIDÊNCIAS (SOLICITA)

SR. CHEFE,

SOLICITO SUAS PROVIDÊNCIAS, NO SENTIDO DE QUE SEJAM CUMPRIDAS POR ESSA TCDP, AS SEGUIN-
TES DETERMINAÇÕES DE CARÁTER TÉCNICO DÊSTE SERVI-
ÇO:

1. ASSISTIR AO ENSAIO GERAL DA PEÇA "O BEIJO NO ASFALTO", AUTORIA DE NELSON RODRIGUES,
2. DEVERÁ SER ENVIADO A ÊSTE SCDP, RELATÓRIO MINU-
CIOSO A RESPEITO DO ENSAIO GERAL; PORÉM, OS CERTI-
FICADOS PODERÃO SER ENTREGUES E A PEÇA LIBERADA
PARA A EXIBIÇÃO, CASO A CLASSIFICAÇÃO CONCEDIDA
POR ÊSTE SERVIÇO ESTEJA DE ACÓRDO COM O OBSERVADO
DURANTE A ENCENAÇÃO.

ATENCIOSAMENTE,

PROF. WILSON A. DE AGUIAR
CHEFE DO SCDP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERALSERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

Documentação

a) Título em Português: 0 Beijo no Asfalto ::::::::::

b) Título original: [assinatura]

c) Autor: Nelson Rodrigues ::::::::::

d) Tradutor: [assinatura]

e) Diretor: [assinatura]

f) Produtor: [assinatura]

g) Companhia: [assinatura]

h) Classificação da Censura: 18 (dezoito) anos ::::::::::

Análise

a) Gênero: [assinatura]

b) Argumento: Obs: A presente obra já foi aprovada por este SCDF, diversas vezes, conforme consta de nossos arquivos, pelo que creio poder ser liberada com a classificação arbitrada, à vista do ensaio-geral, SMJ :::::

DF. 01 Jan. 70

Carlos Lúcio Menezes
TÉCNICO DE CENSURA

c) 1 - Mensagem: [assinatura]

2 - Impressão final: [assinatura]

d) Diálogos: [assinatura]

e) Cenas: [assinatura]

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

Brasília, _____ de _____ de 19 _____

Técnico de Censura - Cart. nº _____

AO SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA-

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA C/ O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA = CARLOS LÚCIO MENEZES, QUE A EXAMINOU: =A DOCUMENTAÇÃO ESTA EM ORDEM=

TÍTULO: O BEIJO NO ASFALTO

AUTOR : NELSON RODRIGUES -

REST : 18 ANOS

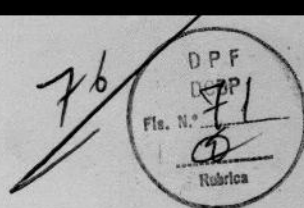
EM, 2/JUNHO/970

TCTC=SC=SCDP



BR DFANSSB NS.CPR.TEAM
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

0290,1p.74



CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2612/70

PEÇA -/!!! O BEIJO NO ASFALTO !!!/-

ORIGINAL DE NELSON RODRIGUES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 03 de JUNHO de 19 75

Brasília, 03 de JUNHO de 19 70

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

Wilson A. de Aguiar
PRON. WILSON A. DE AGUIAR

M.J. - D.P.F.
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 82, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada "/ O BEIJO NO ASFALTO /"

Original de NELSON RODRIGUES -

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de OCTAVIO FERREIRA DO AMARAL NETO - CURITIBA-PR

Tendo sido censurada em 18 de JUNHO de 19 70 e recebida

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO P/ MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS .-

"CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL"

OB S: O PRESENTE CERTIFICADO SO TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCIP.,"

Brasília, 03 de JUNHO de 19 70



CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA -

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

78

Ao

Chefe da Polícia Federal S.C.D.P.

Ed. BNDE 4º andar

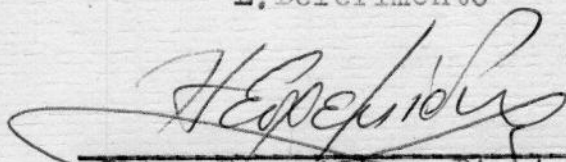
BRASILIA



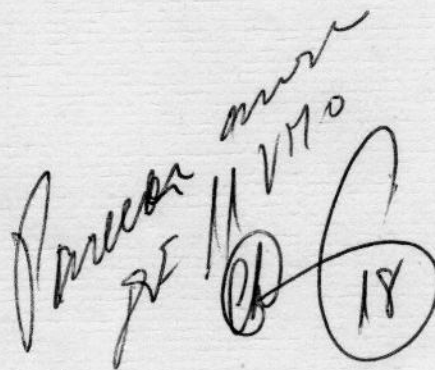
O abaixo assinado, diretor do grupo teatral do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, vem solicitar de Vv. Ss. proceder a censura da peça teatral "O Beijo no Asfalto", da autoria de Nelson Rodrigues, em 3 atos, que será apresentada na cidade de Bom Jesus RS, no II Festival de Estudantes Secundários no mês de junho do corrente ano, para tal encaminha três originais, devidamente liberado pela S.B.A.T.

N. Termos

E. Deferimento


Elias Evremidis - Diretor

Porto Alegre, 22 de abril de 1970


18

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERALSERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

75

Documentação

- a) Título em Português: O beijo no asfalto :::::
- b) Título original: 2
- c) Autor: Nelson Rodrigues :::::
- d) Tradutor: 3
- e) Diretor: 3
- f) Produtor: 3
- g) Companhia: 3
- h) Classificação da Censura: 18 (dezoito) anos :::::

Análise

a) Gênero: 3

b) Argumento: Obs: O presente texto é semelhante aos já aprovados por este CDP (certs, 2222/70, 2130/70, 2369/70, 1724/69, 1210/69 e 2375/70), pelo que proponho a manutenção da mesma classificação, smj. :::::

DF. 11 maio. 1970

Carlos Raulo Menezes
Técnico de Censurac) 1 - Mensagem: 32 - Impressão final: 3d) Diálogos: 3e) Cenas: 3

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

15/5/70
[Signature]
Brasília, _____ de _____ de 19 _____

Técnico de Censura - Cart. nº _____

AO SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA-CARLOS LÚCIO MENEZES, QUE A EXAMINOU:

=A DOCUMENTAÇÃO ESTA EM ORDEM=

TÍTULO: O BEIJO NO ASFALTO

AUTOR: NELSON RODRIGUES

REST. + 18 ANOS.

EM 12/MAIO/970.

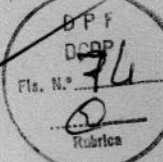
TCTC=SC=SCDP

[Signature]
De acordo.
[Signature]
14.5.70



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0290/p. 79
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

80



CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2525/70

PEÇA -!!!/ O BEIJO NO ASFALTO /!!!-

ORIGINAL DE NELSON RODRIGUES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 13 de MAIO de 1975

Brasília, 13 de MAIO de 1970

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

[Signature]
Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 79, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ O BEIJO NO ASFALTO /:::-

Original de NELSON RODRIGUES

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de COLÉGIO ESTADUAL JÚLIO DE CASTILHO-P. ALEGRE - RS.

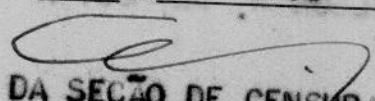
Tendo sido censurada em 11 de MAIO de 19 70 e rec

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.-

-:::/ CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL /:::-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 13 de MAIO de 19 70


CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

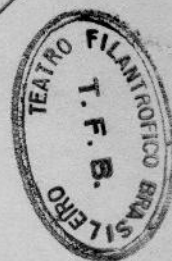
DPF. SAV. 7034-FFS




MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

EXMO S NR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS-BRAZILIA D.F.

81



O Senhores Diretores do TEATRO FILANTROPICO BRAZILEIRO (TEFI BRA)
VEM MUI RESPEITOSAMENTE SOLICITAR DE V/ S/ QUE SE DIGNE A MANDAR CENSURA
A PEÇA DE NELSON RODRIGUES INTITULADA " BEIJO NO ASFALTO " EM 3 ATOS,
ESPETACULO PROGRAMADO PARA OS DIAS 27/28/ 29 de MARÇO DE 1970 no TEATRO
MUNICIPAL DE NITEROI COM HORARIOS DE 20 as 22 e de 22 as 24 NOS JA CITAD
DIAS, NO ENSEJO ENVIAMOS A V/ S/ TRES EXEMPLARES DA PEÇA.

N/ TERMOS

P. DEFERIMENTOS

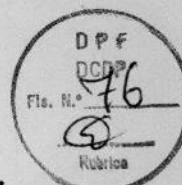
RIO DE JANEIRO, 14 de JANEIRO de 1970

(ASS)

DIRETOR GERAL

DIRETOR ADMINISTRATIVO

ASSISTENTE DE DIRETOR



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092. de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 14 de Janeiro de 1970

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASILIA - D.F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S.,
para fins de CENSURA, ^{TRES} ~~duas~~ cópias da peça:
O BEIJO NO ASFALTO - De Nelson Rodrigues
próxima apresentação da Teatro Filantrópico Brasileiro
no Teatro Municipal- Niteroi
com estreia marcada para o dia 27 de Fevereiro de 1970

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior
consideração,



[Signature]
Berta Bittencourt
Superintendente



BR DFANSSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190 ip. 83
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2222/70



PEÇA -!!!/ BRINJO NO ASFALTO /!!!-

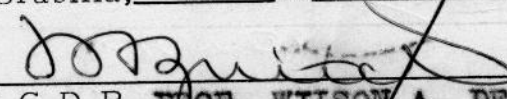
ORIGINAL DE NELSON RODRIGUES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 09 de JULHO de 19 74

Brasília, 03 de FEVEREIRO de 19 70

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**


Chefe do S. C. D. P. **PROF. WILSON A. DE AGUIAR**

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 folha nº 70, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -III/ BEIJO NO ASPALTO /III-

Original de NELSON RODRIGUES

Tradução de _____

Adaptação de _____

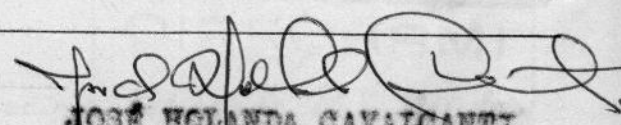
Produção de TEATRO FILANTROPICO BRASILEIRO-RIO DE JANEIRO-GB.-

Tendo sido censurada em 25 de JANEIRO de 19 70 e recebida a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES 18 (DEZOITO) ANOS.-

-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 03 de FEVEREIRO de 19 70


JOSÉ HOLANDA CAVALCANTI

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

DPF

DCDP

Fls. N.º

Rubrica

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: BEIJO NO ASFALTO.

b) Título original: _____

c) Autor: NELSON RODRIGUES.

d) Tradutor: _____

e) Diretor: _____

f) Produtor: _____

g) Companhia: _____

h) Classificação da Censura: 18 ANOS.

II) Análise

a) Gênero: TRAGÉDIA.

b) Argumento: DE UM BEIJO DADO POR UM HOMEM A OUTRO HOMEM MORIBUNDO. O QUE BEIJOU PASSA A SER PERSEGUIDO, DIFAMADO E DESACREDITADO, INCLUSIVE POR SUA MULHER. UM REPORTER E UM DELEGADO APROVEITAM-SE DO CASO PARA FAZEREM SUCESSO EM SUAS CARREIRAS. POR FIM ESTE HOMEM É MORTO PELO SEU PRÓPRIO SÔGRO.

c) 1 - Mensagem: MOSTRAR AO PÚBLICO A FACE NEGRA DO HOMEM.

2 - Impressão final: PÉSSIMA.

d) Diálogos: COMUM E ALGUMAS POUCAS VEZES, VULGAR.

e) Cenas: DUAS DESPERTAM ATENÇÃO: UMA EM QUE A ESPOSA DO ACUSADO É OBRIGADA A DESPIR-SE NA FRENTE DO DELEGADO E DO REPORTER. A OUTRA É A DA MORTE DO ACUSADO, QUANDO É ASSASSINADO À QUEIMA ROPA PELO SEU SÔGRO.

OBS. SOMENTE A LUZ DE UM ENSAIO GERAL É QUE SE PODE TER UMA INTERPRETAÇÃO SEGURA.

f) Personagens: EM SE TRATANDO DE INFLUÊNCIAS, NÃO SÃO PREJUDICIAIS.

g) Valor educativo: NÃO CONTEM.

III) Conclusão TEMA FORTE DESTINADO A UM PÚBLICO ADULTO. EXPLORA A DESGRAÇA HUMANA E CONTEM CENAS FORTES, AS MENCIONADAS ANTERIORMENTE. SOU PELA APLICAÇÃO DA RESTRIÇÃO MÁXIMA, OU SEJA, 18 ANOS.

OBS. CONDICIONADA A ENSAIO GERAL.

Brasília, 25 de JANEIRO de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº
TAMAR FRAGOSO DE OLIVEIRA

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o voto do Técnico de Censura Credenciada TAMAR FRAGOSO DE OLIVEIRA, que a examinou:

TÍTULO :- BEIJO NO SAFALTO

AUTOR :- NELSON RODRIGUES

REST. :- 18 ANOS

EM, 27-01-70

TCTC-SC-SCDP

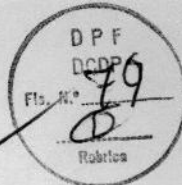
À RTT

DISTRIBUIR A
OUTRO CENSOR.

3.2.70

EM TEMPO: TENDO EM
VISTA A PEÇA TER
SIDO LIBERADA EM
OUTRAS OPORTUNIDADES, CON
FORME FICHA DA RTT,
SUGIRO LIBERAÇÃO.

3.2.70



87

ILMO. SNR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL.

SOCIEDADE CULTURAL TEATRO OFICINA DE SÃO PAULO,
vem requerer se digne V.S. mandar efetuar a Censura do texto -
abaixo qualificado para o que junta os documentos de Lei.

NOME: BEIJO NO ASFALTO.
AUTOR: NELSON RODRIGUES.
LOCAL: TEATRO OFICINA DE SÃO PAULO.
DATA: DEZEMBRO DE 1969.

Nestes Termos.
P. Deferimento.

São Paulo, 3 de Dezembro de 1969.

BR DFANSSB NS.CPR.TEA.PTE 0190, p. 88

Direitos de Representação

Autorização Nº 169780



A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: *Beijo no asfalto*.

Original de *Nelson Rodrigues*

Música de

Tradução de

No Teatro *Oficina* Cidade *São Paulo*

Empresa *Grupo Oficina* pela Cia.

nos dias *Cinco* da *peça*

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

São Paulo, 3 de de 1956.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[Assinatura]
(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, apresentadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutores ou transmissores tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



São Paulo, 3 de Dezembro de 1969.
ILMO. SR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL
BRASILIA - DF

Presado senhor.

Anexo segue, juntamente com um requerimento e a respectiva autorização do autor, tres exemplares da peça "Beijo no Asfalto" de Nelson Rodrigues.

Confiantes no espirito de cooperação, tantas vezes já demonstrado por V.S., para com o movimento teatral desta capital e de ecrto modo do Grupo Oficina, estamos pedindo-lhe mais uma vez que nos dispense essa mesma irresarcível atenção, no sentido de ser a presente peça, liberada dentro de um prazo breve, uma vez que pretendemos leva-la à cena, ainda dentro do ano em curso.

Sabedores das normas legais que norteiam a Censura de texto, é que fazemos este pedido, pois o prazo legal de que dispõem esse Serviço de Censura, levaria até vinte e cinco dias a expedição do Certificado.

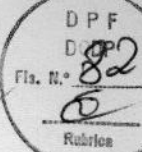
No aguardo de suas presadas providências, nos declaramos profundamente agradecidos, e firmando-nos com a mais alta consideração e apreço,

De V.S.

Amigos Atentos e Obrigados.

GRUPO OFICINA DE SÃO PAULO.

pp.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERALSERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

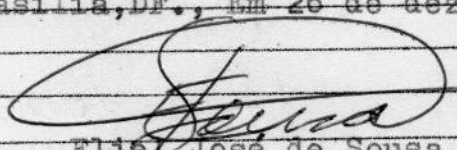
I) Documentação

- a) Título em Português: "BEIJO NO ASFALTO"
- b) Título original: "BEIJO NO ASFALTO"
- c) Autor: "NELSON RODRIGUES"
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: Sociedade Cultural Teatro Oficina de São Paulo
- h) Classificação da Censura: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.

II) Análise

- a) Gênero: _____
- b) Argumento: Esta peça já foi liberada várias vezes por este SCDP, sendo seu limite etário de impropriedade para menores de 18 anos. Após observar o "Script" que ora se me apresenta, pude verificar autêntica identificação com o já censurado por este órgão de censura. Assim sendo, opino pela manutenção da impropriedade anterior, tendo em vista a natureza e linguagem do espetáculo.

- c) 1 - Mensagem: Brasília, DF., Em 26 de dezembro de 1969


Elisei José de Sousa

- 2 - Impressão final: Téc. Censura Cred. nº 067

- d) Diálogos: _____

- e) Cenas: _____

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

Brasília, _____ de _____ de 19 _____

Técnico de Censura - Cart. nº _____

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o voto do Técnico de Censura Credenciado ELIEL JOSÉ DE SOUZA, que a examinou:

TÍTULO :- BEIJO NO ASFALTO

AUTOR :- NELSON RODRIGUES

REST. :- 18 ANOS -OBS.CERT.VALIDO ATÉ 09 DE JULHO DE 1974.-

EM. 02-01-70

TCTC-SC-SCDP.

A consideração do
Senhor Chefe do SCDP.
Em 2/1/1970
?

ATM

Lizete S.

5.10.70



92



CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2130/70

PEÇA -III- BEIJO NO ASFALTO /III-

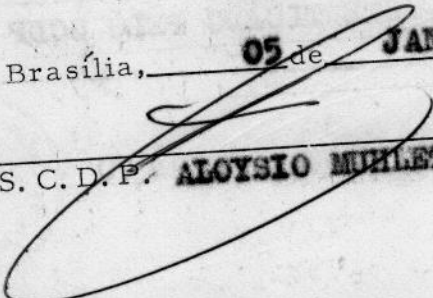
ORIGINAL DE NELSON RODRIGUES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 09 de JULHO de 19 74

Brasília, 05 de JANEIRO de 19 70

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**


Chefe do S. C. D. P. **ALOYSIO MUELTHALER DE SOUZA**

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 folha nº 67, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada ---/ BEIJO NO ASFALTO /---

Original de NELSON RODRIGUES

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de SOC. CULTURAL TEATRO OFICINA DE SÃO PAULO- SP.

Tendo sido censurada em 26 de DEZEMBRO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.-

- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A APLICAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRITP DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 05 de JANEIRO de 19 70



RUBENS GARIGAN PINTO

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



07-TCTC
05 -01-70

Chefe do SCDP
Sr. Delegado Regional do DPF/SP
Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir o ensaio geral de peça "O BEIJO NO AS FALTO" autoria de Nelson Rodrigues;
2. enviar a este SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
3. entregar a documentação anexa (scriptps e certificados) ao interessado com nome e endereço constante do verso dos certificados, somente após autorização desta Chefia, via rádio, tendo em vista o // constante do item dois.

Atenciosamente,

ALOYSIO MUELETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO

Fundado em 4 de abril de 1941

Reconhecido de utilidade pública pela Municipalidade do Recife
e pelo Governo do Estado

Sede e casa de espetáculos: NOSSO TEATRO
Rua Osvaldo Cruz, 412 - Recife - Pernambuco - Brasil

Ao Departamento de Polígia Federal de Pernambuco
Nesta.



95

Exmo. Sr. Diretor:

Com êste ofício, encaminho-lhe, em três cópias, a peça "O beijo no asfalto", de Nelson Rodrigues, rogando-lhe as providências necessárias para que seja a mesma submetida à Censura Federal, para o fim de ser encenada por êste conjunto, pròximamente, no Teatro Santa Isabel, desta capital.

Atenciosamente,

(Dr. Valdemar de Oliveira) - Diretor Geral.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

DPF
Fls. N.º 86
Rúbrica

P A R E C E R

1) Documentação

a) Título em Português:

"O Beijo no Asfalto"

b) Título original:

c) Autor:

Nelson Rodrigues

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura:

"18 anos"

2) Análise

a) Gênero:

Drama

b) Argumento:

De um beijo dado a um homem moribundo por um outro homem (na boca). Um repórter aproveita o acontecido e juntamente com um delegado, arrancam um trapalhão para ficarem famosos. O homem passa a ser desacreditado em suas condições de macho, é encurralado e caluniado à sua própria mulher o despreza. Por fim, o sogro o mata, pois nutria por ele também, um paixão contida em segredo.

c) 1 - Mensagem:

Mostrar o lado negro do homem.

2 - Impressão final:

Péssima.

d) Diálogos:

Expressões comuns e populares. As vezes um tanto vulgares.

e) Cenas:

Quas deputam atenções: a esposa do acusado é obrigada a ficar nus perante ao delegado e ao repórter. A outra, quando do assassinato do acusado, pelo próprio sogro, mas somente a luz de um ensaio geral, é que se poderá ter uma visão pomerosizada das mesmas.

f) Personagens: *Quanto a influências ou persuasões negativas, não contém nada prejudicial.*

g) Valor educativo: *Não contém.*

III) Conclusão *Tema, assunto e conteúdo próprios a um público adulto, devido as cenas de assassinato e de ocasião em que a mulher é obrigada a despir-se, sem como o conteúdo contra indicado a menores de idade. Sou pela manutenção da restrição aplicada p a peça em várias oportunidades anteriormente, em seq. a de 18 anos*

Brasília, 23 de março de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº

TAMAR FRAGOSO DE OLIVEIRA

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o voto do Técnico de Censura Credenciado TAMAR FRAGOSO DE OLIVEIRA, que a examinou:

TÍTULO :- O BEIJO NO ASFALTO

AUTOR :- NELSON RODRIGUES

REST. :- 18 anos

EM, 24-03-70

TEMS-SC-SCDP

Liberação de acesso a peça
3/3/70
 Censura Tamar credenciada
 a inadequidade para
 menores de 18 anos para
 a peça sofrer. Nada a
 opor. Em 3/3/70
[Assinatura]



BR DFANSSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190 1p. 99
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

87
DPF
Fls. N.º 87
Rubrica

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 2369/70



PEÇA -111/ O BEIJO NO ASPHALTO /111-

ORIGINAL DE WILSON RODRIGUES

PROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 31 de MARÇO de 19 75

Brasília, 31 de MARÇO de 19 70

[Handwritten signature]

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P. **PROF. WILSON A. DE AGUIAR**

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 1 fôlha nº 74, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -!!!/O BEIJO NO ASFALTO/!!!-

Original de NELSON RODRIGUES

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de TEATRO DE AMAD. DE PERNAMBUCO- Rua Osvaldo Cruz, 412- Recife-PE.

Tendo sido censurada em 31 de MARÇO de 19 70 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO P/ MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS -1-

-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADA PELO SCDP.

Brasília, 31 de MARÇO de 19 70

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANSSB NS.CPR.TEA.PTE. 01901P.100

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DIRETOR DA DIVISÃO DE DIVERSÕES PÚBLICAS

100

OCTÁVIO MORALES MORENO, abaixo assinado, presidente da FETAMES- Federação de Teatro Amador da Média Sorocabana, com sede em Botucatu, Estado de São Paulo, á rua General Telles, 440 , vem mui respeitosamente solicitar a censura da peça abaixo qualificada, da qual junta 3(treis) vias e a respectiva autorização da SBAT- Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. O grupo a encenar a peça é TAENCA- Teatro Amador da Escola Normal Cardoso de Almeida, da cidade de Botucatu.

Nome da peça: O BEIJO NO ASFALTO

Autor: Nelson Rodrigues

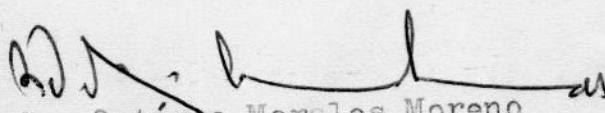
Gênero: Drama

Número de atos: 3

Sem local e data fixos de apresentação.

Nestes termos
P. Deferimento

Botucatu, 18 de agosto de 1969


dr. Octávio Morales Moreno
Presidente.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Processo nº 046-TCTC.

Peça: O BEIJO NO ASFALTO.

103

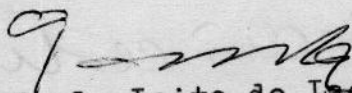
Sr. Chefe do SCDP:

Comparando a peça "O Beijo no Asfalto", de autoria do teatrólogo Nelson Rodrigues, notei omissões no texto apresentado pela Federação de Teatro Amador da Média Sorocabana, face ao já censurado anteriormente por este Serviço - Processo 046-TCTC.

As alterações, contudo, não modificam basicamente a obra, porquanto os diálogos omitidos suprimem tão somente algumas partes obscenas, conforme observa-se nas páginas 25, 29, 32, 35, 36, 37, 38 e 42 do presente, correspondentes às páginas 89, 100, 107, 108, 109, 115, 117, 119, 123 e 131 do texto liberado.

Mesmo considerando tais atenuantes, opinio pela manutenção da impropriedade anterior, tendo em vista a natureza e linguagem do espetáculo.

Brasília, 8 de setembro de 1969


Paulo Leite de Lacerda
Tec. Censura nº 062

Sr. Chefe da Seção de Censura

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura PAULO LEITE DE LACERDA, que cotejou os escritos.

TÍTULO: BEIJO NO ASFALTO
AUTOR:- Nelson Rodrigues
RESTRIÇÃO: 18 anos

OBS. Certificados até 9/julho/74

Em, 9/setembro/69

JOSE SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

A consideração do Senhor
Chefe do SCDP.

Em 9/9/69

[Signature]

Em 10 Set 69

Especiais certificação

[Signature]



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASILDireitos de Representação

Autorização Nº 188226

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: *Beijo no asfalto*

Original de

Nelson Rodrigues

Música de

Tradução de

No Teatro

da

Emprêsa

Pela Cia.

Quinhos
TAENCA

nos dias

16/8/69

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10% (dez por cento) da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de *30% do salário mínimo* por espetáculo, obrigando-se a Em-

prêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Botucatu, 14 de *agosto* de 19*69*Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.*[Assinatura]*
(pela SBAT)
Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



BR DFANSSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190 1p.100
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO

Flo. N.º 104
Rubrica

Certificado Nº 1724/69

PEÇA -. / : : : BEIJO NO ASFALTO : : : / -

ORIGINAL DE NELSON RODRIGUES



APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

VÁLIDO ATÉ 03 de JULHO de 19 7

Brasília, 11 de SETEMBRO de 19 6

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUEHLETHALER DE SOUZA

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº _____, folha nº 55, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - BEIJO NO ASPALTO -

Original de NELSON RODRIGUES

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de FEDERAÇÃO DE TEATRO AMADOR DA MÉDIA SOROCABANA-R.GEN.TELLES
440-BOITUCA-SP.

Tendo sido censurada em 09 de SETEMBRO de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS CONDICIONA-

DO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E AFIXAÇÃO, CONFORME § 2º ART. 1º LEI 5536/68

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPTS
DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 11 de SETEMBRO de 19 69

JOSE SANTIAGO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

105

BR DFANSSB NS.CPR.TEA.PTE.01901P108

Mem.167-TCTC

12-09-69

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Sr. Delegado Regional do DPP/SÃO PAULO

Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa Dr. as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistirrequisitos gerais das peças teatrais "TEMPESTADE EM AGUA BENTA", "O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO", "SO-MOS TODOS DO JARDIM DA INFÂNCIA", "MAREUS, 6.21 (O CASTELO DO ROCH DO NEGRO", e "BEIJO NO ASPALTO";

2. enviar a este SCDP relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos e,

3. entregar a documentação anexa (scripts e certificados) aos interessados - com qualificações e endereços constantes dos versos dos respectivos certificados - somente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do item 2 (dois).

Atenciosamente,

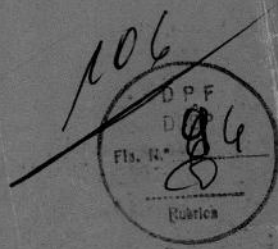
ALOYSIO MÜHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

Recelhi
AMF
12-9-69



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CÓPIA PARA CONTROLE DE SERVIÇO



DRSP

336-TOTO 16 10 69

✓ TENDO VISTA REL ENSAIOS GERAIS PEÇAS ABRASPAS
AS MOÇAS FECHASPAS VG ABRASPAS O FUTURO ESTÁ NOS OVOS ✓
FECHASPAS VG ABRASPAS UM BEIJO NO ASFALTO FECHASPAS ET
ABRASPAS MORTOS SEM SEPULTURA FECHASPAS VG ON SCDF AUTO-
RIZA ENTG DOCUMENTAÇÃO PARTES INTERESSADAS PT SDS ON SCDF.

LM BEIJO NO ASFALTO

Sr. Chefe da Turma de Censura Federal no Rio Grande do Norte



108

JESIEL MACIEL DE FIGUEIREDO, Presidente

Nome

cargo

Responsável pelo(a) TEATRO DE AMADORES UNIDOS, situado à

~~xxx~~ Teatro Alberto Maranhão, bairro Ribeira - NATAL

vem mui respeitosamente solicitar de V. Sa., a aprovação e a liberação
peça O BEIJO NO ASFALTO de autoria de
do(a) Nelson Rodrigues, conforme determina o

Decreto n. 1.023, de 17 de maio de 1962.

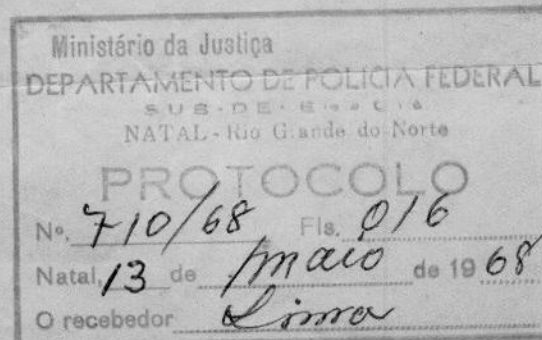
Têrmos em que,

P. deferimento

Natal, 13 de Maio de 1968

Jesiel Maciel de Figueiredo

OBS.: Os originais enviados estão com anotações dos
Roteiros de Direção, em virtude de não se en-
contrar outros originais no comércio local.





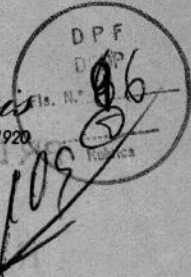
Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil



Direitos de Representação

Autorização Nº 209645

Teatro Quadrados Envidos

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

Original de *O Beijo no Alfalô*
Nelson Rodrigues

Música de

Tradução de

No Teatro *Alberti Maranhão* Cidade *Natal*

por dias

sob as condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10 % da renda bruta de cada espetáculo, mediante

a garantia mínima de Cr\$ *39.60* por espetáculo, obrigando-se

à Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

A via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

Imbilio
(pela SBAT)

Isenção de selo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação official dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n. 4.790, de 2-1-1924, applicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmissores tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas são responsáveis pelos direitos autorais das produções ali realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1933:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de qualquer assunto ou trabalhos, já divulgados ou por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.



BR DFANSSB NS.CPR.TEA.PTE.01901p.113

038-GB

XXXXX DA PEÇA - BEIJO NO ASFALTO

XXXXX AUTOR - NELSON RODRIGUES

PROIBIDO PARA
MENORES ATE
18 ANOS E PA-
RA TELEVISÃO.

30 MAI 0 68
30 MAI 0 67

A. ROMERO LAGO

038/GB

038/GB

BEIJO NO ASFALTO

a XXXX PEÇA

XXXXXXXXXXXXX PRODUTOR = GRUPO CARRETA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX AUTOR = NELSON RODRIGUES

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX 1 31 MAIO XXXX67

a a XXXX PEÇA

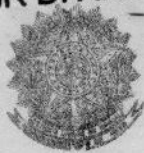
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX ITEM 7, PARÁGRAFO 1º, DA PORTARIA SCDP-
11/67, FOSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO COM A PROIBIÇÃO PARA MENORES
ATE 18 ANOS E PARA TELEVISÃO.

ESTADO DA GUANABARA XXXXXXXX 31

MAIO

67

JOSE LEITE OTTATI
CHEFE DA SCF/DR/GB/DPF



FICHA DE CENSURA

Nº

Título ~~xxxxxxx~~ da Peça: " BEIJO NO ASFALTO "Diretor: Nelson Rodrigues (Autor).

Gênero:			
POLICIAL ☐	WESTERN ☐	COMEDIA ☐	TERROR ☐
FICÇÃO ☐	DRAMA ☐	CIENTÍFICO ☐	DOCUMENTÁRIO ☐
ATUALIDADE ☐	SERIADO ☐	DESENHO ☐	MUSICAL ☐
			TV ☐

Nacionalidade: _____

Metragem: _____

Sistema: _____

Entrecho: PARECER

A. peça de Nelson Rodrigues, já encenada no ano passado, pode, a meu ver, continuar a sua exibição - desta vez na praça de Natal, Rio Grande do Norte, com a mesma classificação que lhe foi dada anteriormente ou seja, a sua liberação para MAIORES DE DEZOITO (18) ANOS e a sua proibição para exibições na Televisão.

No presente trabalho submetido à censura, há a considerar as anotações feitas pelo diretor, Jesiel Maciel de Figueiredo, para a marcação a apreciação técnica: feita. Coube-me censurar o texto ~~xxxxxx~~ escrito, já conhecido da Censura, e contra o mesmo nada tenho a opôr, mantendo, como já disse, a decisão anterior. Chamo a atenção, entretanto, para o fato da marcação, pois sabido que esta pode mudar ~~fundamentalmente~~ fundamentalmente o estilo da apresentação.

Apreciação moral: Assim, deve a d. Chefia alertar para este fato as autoridades da Delegacia Regional do DPF no Rio Grande do Norte, através do seu setor especializado em censura de diversões públicas, ou então, providenciar na ida a aquela praça de um Censor para exigir, conforme a lei determina, o ensaio geral. Restrições: da peça.

 PROIBIDO 18 ANOS - PRECISA ENSAIO
 GERAL.

Brasília, DF., _____

31

de maio

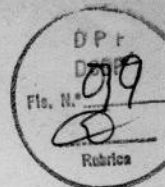
de

Censor

Wilson de Queiroz Garcia.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



112
Chefe da Seção de Censura:

A peça O BEIJO NO ASFALTO, de Nelson Rodrigues, em seus originais enviados a êste SCDP pela SDR/RN, não atende ao que preceitua o art. 44, do Decreto 20.493/46.

Isto pôsto, proponho a sua devolução, para cumprimento da legislação vigente.

A consideração superior.

DF. 06.junho.1968


Carlos Lúcio Menezes - TOTC-SCDP- DF

*De acordo com o
proposto.
Alaprou*



MEMO. Nº 305/68-SCDP.

06 de junho de 1968

: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
: Subdelegado Regional do DPF/RIO GRANDE DO NORTE
: Peça Teatral (devolve)

Senhor Subdelegado Regional,

Em anexo, estamos devolvendo a Vossa Senhoria o texto da peça teatral intitulada " BEIJO NO ASFALTO ", de autoria de Nelson Rodrigues, a qual nos foi encaminhada para efeito de censura.

Tomamos esta medida em virtude de estar o texto da peça em questão contrariando o que preceitua o artigo nº 44, do Decreto nº 20 493/46, devendo o mesmo ser encaminhado a sede do SCDP, Brasília, em 3 (três) vias.

Aproveitamos o ensejo para a apresentarmos a Vossa Senhoria os votos de estima e consideração.

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

114
DPF
DA DR
Fls. N. 101
Rubrica

Mem. n. 22 /68

Brasília-DF. 06.junho.1968

Do: Chefe da TCTC-SCDP-DF

Ao: Sr. Subdelegado Regional do Rio Grande do Norte - (Natal)

Assunto: Peça Teatral O BEIJO NO ASFALTO (Devolve)

De ordem do sr. Chefe do SCDP restituo a essa DR originais da peça O BEIJO NO ASFALTO, de Nelson Rodrigues, por não observar o disposto no art. 44, do Decreto 20.493/46.

Com a devida vênias,

Carlos Lúcio Menezes - Censor Federal
Chefe TCTC-SCDP-DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190,0. 119

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
de 1920.



Filiada à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores
de Paris.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97-3.º andar.
End. Teleg.: SBAT-RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL



Direitos de Representação

Autorização Nº 185507

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: Obeijo nos asfalto

Original de Nelson Rodrigues

Música de

Tradução de

No Teatro Teatro Estudantil Vicente Carvalho Cidade Santos

Empresa T.E.V.C. Pela Cia.

nos dias 2 e 3 de maio

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ — por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Santos, 18 de maio de 1969

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Picando Lima Adiba
(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verificasse constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonica, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições, irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

« FESTA »

Santos, 15 de maio de 1969

Prezado Senhor :

A Federação Santista de Teatro Amador, solicita através do presente ofício, a liberação do texto "O Beijo no Asfalto", de autoria de Nelson Rodrigues.

O referido espetáculo, está sendo montado pelo Teatro - Estudantil Vicente de Carvalho, nosso filiado, que está aguardando a sua liberação, para apresentá-lo ao público santista.

Nesta oportunidade, reiteramos os nossos votos de estima e consideração.

ATENCIONAMENTE
CARLOS PINTO
Presidente

Ilmo. Sr.

Col. Aluisio Mullethaler de Souza

DD: Chefe da Censura Federal

BRASILIA

M. J. D. P. F.
SERV. O DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS:
Protocolo N.º 1923
Em 26.05.1969
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em de 1969 de 19

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERALSERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

PARECER

I) Documentação

- a) Título em Português: BEIJO NO ASFALTO
- b) Título original: _____
- c) Autor: NELSON RODRIGUES
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: Federação Santista de Teatro Amador
- h) Classificação da Censura: 18 (DEZOITO) anos, condicionada ao Ensaio
General.

II) Análise

- a) Gênero: _____
- b) Argumento: A peça já encenada em maio de 1968, pode, ao men ver, co
tinuar com o mesmo limite etário, isto é, proibido para menores de 18
anos, pois o "Script" está de acôrdo com o já censurado pelo Técnico
Censura Wilson de Queiroz Garcia.

05 de Junho de 1969

- c) 1 - Mensagem: _____

Eliseu José de Sousa

2 - Impressão final: _____

- d) Diálogos: _____

- e) Cenas: _____

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

Brasília, _____ de _____ de 19 _____

Técnico de Censura - Cart. nº _____

Sr. Chefe da Seq. Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto
Téc. Censura Credenciado Eliel, que fez a comparação dos scripts.

TÍTULO: BEIJO NO ASFALTO

AUTOR: NELSON RODRIGUES

Rest. 18 (DEZOITO) ANOS

em 06-6-69

JOSE SAMUEL BRAGA - Chefe TCTC

Ao Senhor Chefe do SCDP
 para apreciação e deci-
 são.

Em 6/6/69

Em 7 Jun 69

Espectro artístico

Slavov



BRDFANSSB NS.CPR.TEA.PTE. 0140/p124
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1210/69

PEÇA -/!!! O BEIJO NO ASPALTO !!!/-

ORIGINAL DE NELSON RODRIGUES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

VÁLIDO ATÉ 09 de JUNHO de 19 74

Brasília, 09 de JUNHO de 19 69

Carlo Lencio
Chefe do S. C. D. P. **ALOYSIO MÜHLETHALER DE SOUZA**

ap/

J. - D. P.
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 folha nº 692, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ O BEIJO NO ASFALTO /-

Original de NELSON RODRIGUES

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de FEDERAÇÃO SANTISTA DE TEATRO AMADOR (SANTOS-SP)

Tendo sido censurada em 05 de JUNHO de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS:::::
CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME §
2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 09 de JUNHO de 19 69

JOSE SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



BR DFANSSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190/p.126

: Chefe do SCDP

Sr. Chefe da DR/SP.

Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pelo Chefe da TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. Assistir ensaio geral ou VT, se for o caso, das peças "O BEIJO NO ASFALTO", "CHAPÉU-DE-SEBO", "QUARTO DE EMPREGADA", "QUARTO DE EMPREGADA" e "AS MARAVILHOSAS MARIONETES";

2. Enviar a este SCDP, relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos e,

3. Entregar a documentação (scripts e certificados anexa aos interessados - com nomes constantes do verso dos certificados - somente após autorização desta Chefia, via rádio.

Atenciosamente,

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
CHEFE DO SCDP.

Recebi
MFR

10-6-69



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

COPIA PARA CONTRÔLE DO D.C.T



122

SUBDELEGACIA REGIONAL DPF/SANTOS
SANTOS - SP

121-TCTC 08 08 69

À VISTA RELATÓRIO ENSAIO GERAL PEÇA
TEATRAL "O BEIJO NO ASFALTO" VG ESTA CHEFIA AUTORIZA A
ENTREGA DOCUMENTAÇÃO INTERESSADO PT SDS ALOYSIO MUHL-
THALER DE SOUZA CHEFE DO SCDP.

Aloysio Muhlthaler



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUBDELEGACIA REGIONAL EM SANTOS



123

INFORMAÇÃO

Senhor Delegado:

Conforme as determinações de SCDP/Brasília, / a fim de assistir ao ensaio geral da Peça "BEIJO NO ASFALTO" de Nelson Rodrigues, comparecei a Praça Fernando Pacheco s/n Parque Infantil D. Leonor Mendes de Barros, (Galpão), onde a ensenação da mesma teve início às 15,00, terminando às 14,15.

A mencionada peça, cujo o certificado de nº.. 1210/69 foi ensinada pelo Grupo de Teatro Estudantil Vicente de Carvalho, cujo a direção de Afonso Gentil no dia 3, p.p./.

Dos quatorze personagens, um deixou de comparecer, O PIMENTAL, sendo sua fala substituída por SODRÉ.

Salvo a alteração acima mencionada, nada mais tenho a acrescentar e informar.

Santos, 5 de agosto de 1969.

Altamiro Pacheco
ALTAMIRO PACHECO.

Submeta-se a apreciação do Sr. Chefe do SCDP/Brasília para a entrega da documentação ao interessado.

Santos 5 de ago
Antônio
Alô

Onésio Magalhães
NOEL ROMUALDO DO N. CRISTIANO
Subdelegado Reg.

225/70

13/5/70



CHEFE DO SCDP

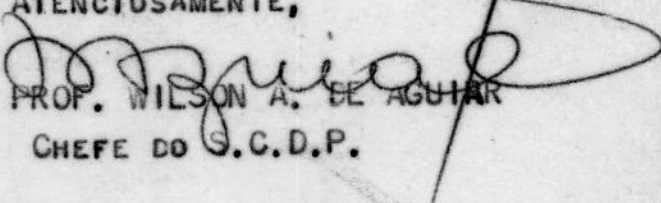
SR. DELEGADO REGIONAL DO DPF/RS
PROVIDÊNCIAS (SOLICITA).

SR. DELEGADO,

SOLICITO VOSSAS PROVIDÊNCIAS NO SENTIDO DE QUE SEJAM CUMPRIDAS PELA TCEP DESSA DR, AS SE - GUINTES DETERMINAÇÕES DE CARÁTER TÉCNICO DÊSTE SER VIÇO:

1. ASSISTIR O ENSAIO GERAL DA PEÇA "O BEIJO NO ASFALTO", DE NELSON RODRIGUES;
2. DEVERÁ SER ENVIADO, A ÊSTE SCDP, RELATÓRIO MINUCIOSO A RESPEITO DO ESPETÁCULO, PODENDO, ENTRE - TANTO, SEREM ENTREGUES OS CERTIFICADOS E A PEÇA LI - BERADA PARA EXIBIÇÃO, CASO A IMPROPRIEDADE CONDEDI - DA POR ÊSTE SERVIÇO ESTEJA DE ACÔRDO COM O OBSERVA - DO DURANTE A ENCENAÇÃO .

ATENCIOSAMENTE,


PROF. WILSON A. DE AGUIAR
CHEFE DO S.C.D.P.

AP/



AO EXMO.SR.

DIRETOR DA DIVISÃO DE DIVERSÕES PÚBLICAS

126

Octávio Morales Moreno, abaixo assinado, presidente da FE-TAMES - Federação de Teatro Amador da Média Sorocabana, sita à - Rua General Telles nº 440, Botucatu, Estado de São Paulo, vem muito respeitosamente solicitar a censura da peça abaixo qualificada da qual junta cópia e a respectiva autorização do autor, observando que a mesma peça já foi censurada anteriormente.

Nome da peça: "Beijo no Asfalto"

Autor: Nelson Rodrigues

Número de atos: 3 (três)

Gênero: Tragédia

Sem local de apresentação

Sem data fixa de apresentação

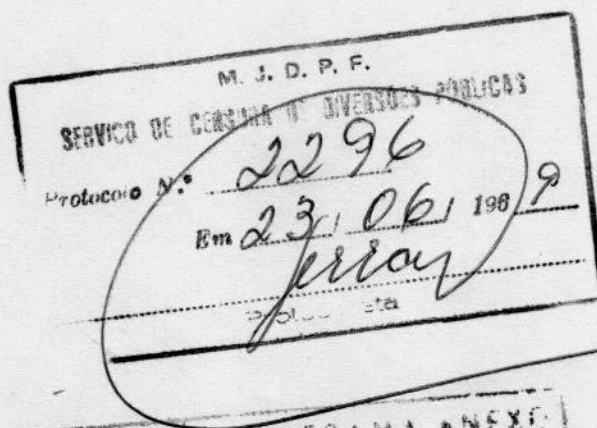
Nestes Termos

P.Deferimento

Botucatu, 26 de Maio de 1969

Octávio Morales Moreno

-Presidente-





: Chefe do SCDP
: Sr. Delegado Regional do DPF/PE
Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir aos ensaios gerais das peças " MILA - GRES E PAIXÃO DE JESUS " e " O BEIJO NO ASFALTO ";
2. enviar a este SCDP minuciosos relatórios a respeito dos espetáculos e,
3. entregar a documentação anexa (scripts e certificados) aos interessados com nomes e endereços - constantes dos versos dos certificados, somente após autorização desta Chefia, via rádio, tendo em vista o constante do item dois.

Atenciosamente,

PROF. WILSON A. DE AGUIAR
Chefe do SCDP.

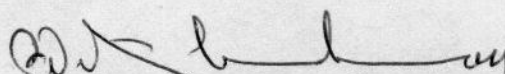
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Agência de Botucatu

127

AUTORIZAÇÃO

Octávio Morales Moreno, abaixo assinado, representante da SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, em Botucatu, autoriza a FETAMES - Federação de Teatro Amador da Matia Sorocabana, a utilizar-se da obra "O BOM JOGO NO ASFALTO", de Nelson Rodrigues, em 3 atos, com pagamento de direitos autorais de acordo com a lei, pelo prazo de 2 (dois) anos.

Botucatu, 26 de maio de 1969



Octávio Morales Moreno - Representante da SBA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERALSERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

129

I) Documentação

- a) Título em Português: "BEIJO NO ASFALTO"
- b) Título original: _____
- c) Autor: Nelson Rodrigues
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: Octávio Morales Moreno
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: Federação de Teatro Amador de Média Sorocabana
- h) Classificação da Censura: 18 (DEZOITO) anos.
Condicionada ao ENSAIO GERAL

II) Análise

- a) Gênero: Tragédia
- b) Argumento: Esta peça já censurada em 1968, pode, a meu ver, continuar com o mesmo limite etário, isto é, proibido para menores de 18 (dezoito) anos, pois o "Script" continua o mesmo, idêntico ao já liberado pelo Técnico de Censura Wilson de Queiroz Garcia.

27 de junho de 1969

c) 1 - Mensagem:

Eziel José de Sousa

Cart.SCDP-067.

2 - Impressão final:

d) Diálogos:

e) Cenas:

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

Brasília, _____ de _____ de 19 _____

Técnico de Censura - Cart. nº _____

Sr. Chefe da Seq. Censura,

Anexo, encaminho parecer do Téc. Censura Eliel, que fez a comparação entre o script referente ao presente pedido e o já censurado por este órgão, ambos concernentes à peça "O BEIJO NO ASFALTO", autoria de Nelson Rodrigues, através do qual sugere seja expedido certificado liberatório para o presente com a mesma classificação anterior (18 ANOS), uma vez que verificou identidade de scripts,

30-junho-1969

JOSE SANTIAGO BRAGA - Chefe TCTC

Obs: Certificado validade até 9/6/74 p/afao

Pro Sr. chefe do

GCTC

Em 30/6/69

EXPEDIR OS

CERTIFICADOS DE

ACORDO COM O

PARECER SUPRA

DO SR. CHEFE DO

TCTC

Em 12/4/69

W. S. M.



BR DFANSSB NS.CPR.TEA.PTE. 0140/p. 235
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

130



CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1210/69

PEÇA * BELJO NO ASFALTO *

ORIGINAL DE NELSON RODRIGUES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 09 de JULHO de 19 74

Brasília, 02 de JULHO de 19 69

Wilson de Queiroz Garcia

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Chefe do S. C. D. P. WILSON DE QUEIROZ GARCIA SUBST.

M.J. - D.P.F.
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 41, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada * BEIJO NO ASFALTO *

Original de NELSON RODRIGUES

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de FEDERAÇÃO SANTISTA DE TEATRO AMADOR - SANTOS SP.-

Tendo sido censurada em 27 de JUNHO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 /DEZOITO/ ANOS.

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME PARÁGRAFO 2 ART. 1 DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 02 de JULHO de 19 69



JOSÉ SAMPATO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



137

Of. nº

/69-SCDP

03 de julho de 1969

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Sr. Delegado Regional do DPF/São Paulo

Providências (solicita)

Senhor Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP, as seguintes determinações de caráter técnico, //
deste Serviço:

1. Assistir ensaios gerais das peças "O MESTRE", de Euzébio Ionesco, "NÓ DE VÁRIAS FERNAS", de Nazareno Tourinho, "ARENA / CONTRA ZUMBI", de Augusto Pinto Boal e Jeanfrancisco, "A GUERRA / MAIS OU MENOS SANTA", de Mario Brasini, "DEU A LOUCA NO MARANHÃO", de Olindo Dias e H. Sabô, "BEIJO NO ASFALTO", de Nelson Rodrigues / "AMERICA HURRAH", de Jean Claude e Van Italie e "SEIS DIAS NA SEMANA", de Reinaldo José Volpato;

2. Enviar a este SCDP, relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos, urgente e.

3. Entregar a documentação anexa, scripts e certificados aos interessados - com nomes e endereços nos versos dos certificados - somente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do referido no item 2.

Atenciosamente,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP Substituto

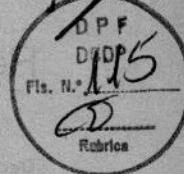
de 4 de agosto
de 1920.



Filiada à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores,
— de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 01901p L38

Direitos de Representação

Autorização Nº 139699

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representa-

ção da peça teatral: O Beijo no Asfalto

Original de Nelson Rodrigues

Música de

Tradução de

No Teatro Cidade

Empresa Pela Cia.

nos dias Para efeito de Censura

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

.....% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Em-

prêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente au-

tenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral paga-

mento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Bernardes, 13 de Março de 1950.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao progra-

ma respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá
ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)
Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de grammas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

DPF
DCDP
Fls. N.º 116
Roberto

134

P A R E C E R

Documentação

- a) Título em Português: "O Beijo no Asfalto."
- b) Título original: _____
- c) Autor: Nelson Rodrigues
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: _____
- h) Classificação da Censura: "18 anos"

Análise

a) Gênero: Drama.

b) Argumento: De um beijo dado a um montecinho por outro homem (na boca). Um repórter aproveita o ocorrido e juntamente com um delegado, armam um tranfólio para ficarem famosos. O homem passa a ser desacreditado em suas condições de macho, é encorralhado e caluniado a sua própria mulher o despreza. No fim o páro e mata, pois nutria por ele também, uma paixão contida em segredo.

c) 1 - Mensagem: Mostrar o lado negro do homem.

2 - Impressão final: Pessimista

d) Diálogos: Expressões comuns e populares. As vezes um tanto vulgar.

e) Cenas: Quas despertam atenções: a exposição do acusado e obediência a ficar nus perante ao delegado e ao repórter.

f) Personagens: *Quanto a influências ou persuasões negativas, não são portadoras de algum mal prejudicial.*

g) Valor educativo: *Não contém.*

III) Conclusão: *Tema, assunto e conteúdo próprios a um público adulto devido as cenas de assassinato e de sexo em que a mulher é obrigada a despir-se, bem como o conteúdo contra-indicado a menores de idade. Sem pela manutenção da restrição aplicada a peça, em várias oportunidades, anteriormente, por este Serviço ou não, e de 18 anos.*

Brasília, 07 de abril de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº

TAMAR FRAFOSO DE OLIVEIRA

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO, ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA COM O VOTO DO TÉCNICO DE CENSURA TAMAR FRAFOSO DE OLIVEIRA, QUE A EXAMINOU:

TÍTULO :- O BEIJO NO ASFALTO

AUTOR :- NELSON RODRIGUES

REST. :- 18 ANOS

EM, 07-04-70

TCTC-SC-SCDP

De acordo

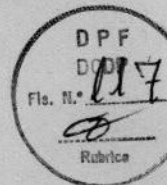
D.F. 9/4/70

Ass. de Cens. de Filme

Lib. 9/4/70



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 142
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2375/70

PEÇA -!!!/ BEIJO NO ASFALTO /!!!-

ORIGINAL DE NELSON RODRIGUES

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 09 de ABRIL de 1975

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 09 de ABRIL de 1970

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P.

Wilson A. de Aguiar
PROF. WILSON A. DE AGUIAR

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 75, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -!!!/ BEIJO NO ASFALTO /!!!-

Original de NELSON RODRIGUES

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de CENSURA REQUERIDA EM BRASÍLIA-DF.-

Tendo sido censurada em 07 de ABRIL de 19 70 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZITO) ANOS.-

-!!!/ CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL /!!!-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDF.

Brasília, 09 de ABRIL de 70

[Assinatura]
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

DPF, SAV. 7034-FFS



[Assinatura]
M. J. L. MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190p.143

136
144
9-4-70

CHEFE DO SCDP

SR. SUBDELEGADO REGIONAL DO DPF/MA
PROVIDÊNCIAS (SOLICITA)

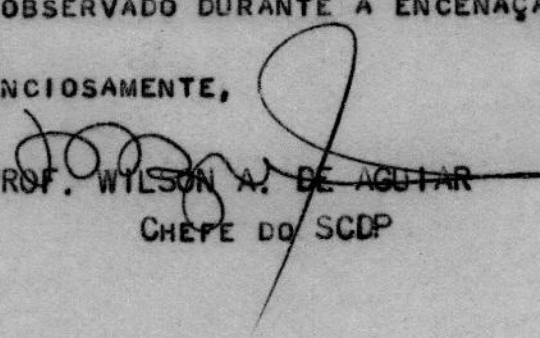


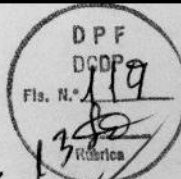
SR. SUBDELEGADO,

SOLICITO VOSSAS PROVIDÊNCIAS, NO SENTIDO DE QUE SEJAM CUMPRIDAS PELA TCDP DESSA DR, AS SEGUINTE DETERMINAÇÕES DE CARÁTER TÉCNICO DÊSTE SERVIÇO:

1. ASSISTIR AO ENSAIO GERAL DA PEÇA "O BEIJO NO ASFALTO" ;
2. DEVERÁ SER ENVIADO, A ÊSTE SCDP, RELATÓRIO MINUCIOSO SÔBRE O ENSAIO GERAL; PORÉM, OS CERTIFICADOS ANEXOS PODERÃO SER ENTREGUES E A PEÇA LIBERADA PARA EXIBIÇÃO, CASO A IMPROPRIEDADE CONCEDIDA POR ÊSTE SERVIÇO ESTEJA DE ACÔRDO COM O OBSERVADO DURANTE A ENCENAÇÃO.

ATENCIOSAMENTE,


PROF. WILSON A. DE AGUIAR
CHEFE DO SCDP



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 17 de maio de 1 973

Ilmo. Sr.
Diretor de Divisão de Censura de Diversões
Públicas do D.P.F.
BRASÍLIA - DF

MJ-DPF-SRA/BSB

-7 JUN 08 58 22 028976

RECEBIDO POR

Senhor Diretor.-

Passamos às mãos de V.Sa. três (3) cópias mimeogra-
fadas da peça "O BEIJO NO ASFALTO" de autoria de nosso associado 7
sr. Nelson Rodrigues a fim de ser censurada de acordo com o regula-
mento dessa conceituada Divisão.

Essa peça deverá ser montada por Ronaldo Brandão /
Promoções, para ser levada nesse primeiro semestre de 1 973 em /
Belo Horizonte, Brasília e Interior de Minas.

Sendo só o que se nos apresenta no momento, subs-
crevemos e agradecemos.

Atenciosamente,

m.h.-

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DE MINAS GERAIS
Grover Ferreira
GROVER FERREIRA — DIRETOR

TÍTULO:

GÊNERO:

1) S. ARQUITVO

Documentação:

Já liberada? :

Cls. Estária anterior:

Praca:

DF. 81.6173

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 13/6/75 a 15/07/75

OBS:

DF

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

VIDE O VERSO

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

ROGERIO NUNES
Diretor da DED

Senhor Chefe do Serviço de Censura:

A presente peça teatral - "BEIJO NO ASFALTO" - de Nelson Rodrigues, de há muito se encontra liberada, sem cortes, com impropriedade para menores de dezoito anos (18).

Para melhor essa Chefia se assenhorar do problema ora ventilado, transcrevemos a seguir os números dos Certificados expedidos, com as respectivas validades, em favor de diversos grupos:

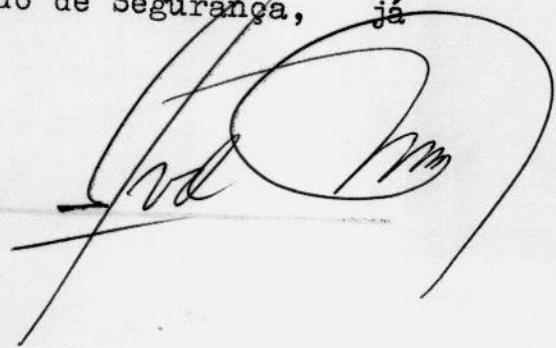
- a - 1.210/69 - 09.6.74;
- b - 1.724/69 - 09.7.74;
- c - 2.130/70 - 09.7.74;
- d - 2.222/70 - 09.7.74;
- e - 2.369/70 - 31.5.75;
- f - 2.375/70 - 09.4.74;
- g - 2.525/70 - 13.5.75;
- h - 2.612/70 - 03.6.75;
- i - 3.645/70 - 16.4.76;

Em 07 do corrente deu entrada neste Departamento, sob o nº 28.976/73-SRA, um pedido de liberação da obra em causa, no interesse de "Ronaldo Brandão Produções", para encenação no Estado de Minas Gerais, inclusive a Capital, e Brasília.

Mandado examinar o pedido (confronto), para os fins do disposto no Art. 10 da Lei 5.536, de 21.11.68, a Técnica de Censura Maria Helena Medeiros, através de seu parecer nº 3.982/73, sugeriu a NÃO LIBERAÇÃO, por entender tratar-se de tema inconveniente para o momento.

A providencia sugerida vem de encontro as anteriormente adotadas, entretanto, esta Chefia entendeu ser prudente tal sugestão, uma vez que o tema tratado na presente peça se relaciona com HOMOSSEXUALISMO, indo, destarte, de encontro aos princípios morais da família brasileira, além de apresentar uma imagem deturpada do policial.

Acontece, porém, que a não liberação, nessa altura, implica no cerceamento de direitos do interessado, o que pode ensejar um embasamento a Mandado de Segurança, já que se configura uma exceção.



Vê-se, então, a Censura Federal diante de um dilema:

Concordar com a liberação de um tema inadequado à conjuntura do momento; ou nega-lo, se expondo as consequências advindas de uma Ação Judicial.

Face ao acima exposto, entendemos que se for adotado o veto sugerido no parecer nº 3.982/73, terá que ser, a obra em causa, avocada para reexame, com o consequente recolhimento de todos os Certificados Liberatórios expedidos pela DCDP.

Pela razões já expostas, deixamos de opinar por qualquer providencia, acautelando-nos de sugerir decisão injusta, ou outra que nos faça mergulhar nas proibições da legislação pertinente, submetendo, assim, o problema à consideração de Vossa Senhoria.

Brasília-DF., 25 de junho de 1.973

[Signature]
F.V. DE AZEVEDO NETTO
CHEFE DA SCTC/SC/DCDP.

*A SE para cumprir
o respeitável despacho, de
fls, do Sr. Diretor da DCDP.*

FVAN/fnn.

[Signature]
F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 3982/73

Título: BEIJO NO ASFALTO (Nelson Rodrigues)Classificação Etária: NÃO LIBERADAEspécie: PEÇA TEATRAL Com cortes: NÃOBoa Qualidade: -X-X-X-X-X-X- Livre P/Exportação: -X-X-X-Dublado: -X-X-X-X- Legendado: -X-X-X-Vedada a Exploração Comercial: -X-X-X-X-X-

Cenas: deverão ser: imorais, pornográficas, de homossexualismo, desvalorização do policial e da família, incentivo ao aborto ilegal.

Época: Atual Gênero: DramaLinguagem: Baixa, simples, pornográfica, de amorTema: HOMOSSEXUALISMOPersonagem: Baixos, depravados, cínicosMensagem: Negativa

Enredo: Pai homossexual persegue genro até matá-lo aproveitando-se de um acidente com a ajuda de policiasi e e repórteres corruptos.

1 - Cortes: NÃO OS HÁ

2 - Conclusão: Feito o confronto, verifiquei a identidade de textos o que encontra apoio no "Artigo nº10 da Lei nº 5536 para ratificação da classificação etária anterior, porém obedecendo ordem verbal da Chefia do Departamento, sugiro "NÃO LIBERAÇÃO" da peça já que se trata de trabalho estritamente sobre "sexo" e "Homossexualismo".

Brasília, 15 de junho de 1973

M^{te} HELLYNE NEZARIOS

DPF-507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190, p. 150



489/73-SCTC/SC/DCDP

26 junho

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - MINAS GERAIS

" BEIJO NO ASFALTO "

" NELSON RODRIGUES "

SUPERINTENDETE:

DIVERSOS TEATROS DE BELO HORIZONTE

FVAN/fnn.

DPF
DCP
Fls. N.º 126
Rubrica

38 01

O BELJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

1.210/73

O BELJO NO ASFALTO

ROMALDO MENDONÇA E PRODUÇÕES - ME

JUNHO

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS
ONANDO AO EXAME DO TITULO DEVE O TITULADO PRESENTAR TITULO DE VOTANTE
DADE QUANDO ACOMPANHADO DE SEU RGISTRO DEVIDAMENTE CARIMBADO PARA DOTE.

29

JUNHO

78

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

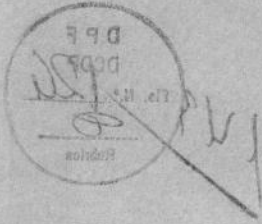
29

JUNHO

73

ROGERIO NUNES

603



01

38

O BELJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

15/06/73

RONALDO BRANDÃO E PRODUÇÕES - MG

PROIBIDA A REPRODUÇÃO

15

JUNHO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDI-
ONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALI-
DADE QUANDO ACOMPANHADO DE SEU SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

ST

OHNU

ES

REQUERENTE: MARIA HELENA SILVA

OHNU

ES

29

JUNHO

73

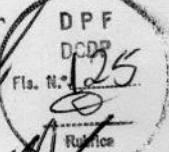
ecp

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

DEUSDETH BURLAMAQUI

12 SET 1973 050948



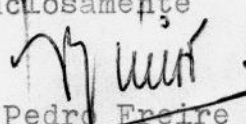
Santa Maria, RGS, em 08 de setembro de 1973.

Ilustríssimo Senhor
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

O "Grupo Presença", entidade amadorista de teatro, com sede e atividades nesta cidade, por este - intermédio, está encaminhando a Vossa Senhoria pedido de "certificado liberatório" para as peças "O beijo no asfalto", de autoria de Nelson Rodrigues, e para a peça de José Vicente de Paula, "Os convalescentes", anexando, para - tanto e de acordo com a lei, três cópias integrais das referidas obras.

A encenação de uma delas, "O beijo no asfalto", está prevista para o dia 20 de outubro próximo, - razão pela qual, solicitamos a especial finesa de, tão logo seja liberada, uma comunicação à Delegacia de Polícia/Federal, nesta cidade.

Atenciosamente


Bel Pedro Freire Jr.
Diretor do Grupo "Presença" de Santa Maria, RGS.-



146
DPF
Fls. N.º 126
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

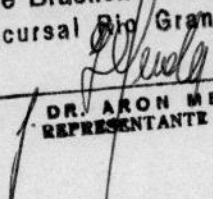
Pôrto Alegre, 24 de agosto de 1973.

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de
Diversões Públicas
BRASILIA

Com a presente, temos a honra de encaminhar a
V.S., para fins de CENSURA, três exemplares da peça "O
BEIJO NO ASFALTO", de autoria de Nelson Rodrigues.

Cordialmente

SBAT
Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Sucursal Rio Grande do Sul


DR. ARON MENDA
REPRESENTANTE GERAL

TÍTULO O BEIJO NO ASFALTO

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 18 anos

Praça SANTA MARIA - RS

Obs.: _____

DF. 13/9/73

[Assinatura]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor

De acordo com

o parecer 8168/73 - De-
zoito anos.

Em 28.9.73

[Assinatura]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura Tolentino

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de 17/09/73 a 19/09/73

DF. 14/09/73

[Assinatura]
Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o
parecer 8168/73 - Dezoito
(18) Anos - sem corte
condicionado, visto
tanto, ao encargo que
fica a se de vista
ficar, observando
a validade dos auto-
res.

[Assinatura]
V. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe de S.C.T.C.D.C.P.

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em, 28.9.1973

[Assinatura]
Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº

8168/13

Título: BEIJO NO ASFALTO - de Nelson RodriguesClassificação Etária: 18 anosEspécie: peça teatral Com cortes: nãoBoa Qualidade: -x-x Livre P/Exportação: -x-xDublado: -x- Legendado: -x-Vedada a Exploração Comercial: nãoCenas: subordinadas ao ensaio geral -Época: atual Gênero: dramaLinguagem: comum - vulgar -Tema: sexo - a face negra do homem -Personagem: ciumentos - depravados - corruptos -Mensagem: negativa -

Enredo: De um beijo dado a um homem moribundo por um ou-
tro homem, êsse é desacreditado moralmente. É des-
presado pela esposa. Finalmente é morto pelo sô-
gro, após revelar que amava sua vítima.

1 - Cortes: não

2 - Conclusão: Peça teatral já liberada inúmeras vezes /
por esta DCDP. Somos pela manutenção da /
classificação etária anteriormente fixada
- 18 anos - tendo em vista a natureza, te
mática e linguagem da mesma.

Brasília, 21 de setembro de 1.973

José Maria A. Tolentino

DPF-507



884/73 - SOTC/SC/DDP

25 setembro

3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - RS.

" HEIJO NO ASFALTO "

" NELSON RODRIGUES "

SUPERINTENDENTE:

SANTA MARIA / RS.

A large, stylized handwritten signature, likely of Nelson Rodrigues, written in dark ink.

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 158



1.210/73

: BEIJO NO ASFALTO

: NELSON RODRIGUES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

28 29 30 SETEMBRO
ROGÉRIO NUNES

BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p.189

O BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

GRUPO PRESENÇA - RS -

PEDRO FREIRE JÚNIOR

21 SETEMBRO

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
O EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QDO
COMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

28 SETEMBRO

DEUSDETH BURLAMAQUI



MJ - DPF - SRA/BSE

17 SET 11 43 2 051930

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
Fls. N.º 131
Rubrica

BRASILIA, XXX.

Em 13 DE SETEMBRO DE 1973.

OF. Nº : 248 / 73 / SCDP / SR / DPF / MG
Do : SUPERINTENDENTE REGIONAL DO D.P.F. EM MINAS GERAIS .
Ao : SENHOR DIRETOR, DA D.C.D.P. / BRASILIA / D.F.
Assunto : RELATÓRIO (ENCAMINHA)

*Quate. 4 as processo
SM 17.9.73*

SENHOR DIRETOR :

ROGÉRIO NUNES

DANDO CUMPRIMENTO AOS TERMOS CONTIDOS
NO OFÍCIO DE Nº: 489 / 73 - SCTC / SC / DCDP DE 26 DE JUNHO DE
1973 , ENCAMINHAMOS A V. SA. , PELO PRESENTE , O RELATÓRIO DA
TÉCNICA DE CENSURA QUE , EM 12 DE SETEMBRO DO CORRENTE ANO , ÀS
21 (VINTE E UMA) HORAS ASSISTIU O ENSAIO - GERAL DA PEÇA TEA -
TRAL INTITULADA : " O BEIJO NO ASFALTO " , ORIGINAL DE NELSON
RODRIGUES E COM IMPROPRIEDADE PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS .

NA OPORTUNIDADE , APRESENTAMOS A V.SA
OS NOSSOS PROTESTOS DE ELEVADA ESTIMA E DISTINTA CONSIDERAÇÃO .

AMANDO AMARAL - CEL. R/1
SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF/MG

ILMO. SR.

DIRETOR DA D.C.D.P. / D.P.F.
BRASILIA - D.F.



SUPERINTENDENCIA REGIONAL DO D.P.F. EM MINAS GERAIS .
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS .

PEÇA : " O BEIJO NO ASFALTO " .
AUTORIA : NELSON RODRIGUES .
PRODUÇÃO : GALERIA DA A.M.I.
DIREÇÃO : RONALDO BRANDÃO .
LOCAL : TEATRO DA IMPRENSA OFICIAL .
DATA : 12.09.73 .
HORÁRIO : 21 HORAS E TRINTA MINUTOS .

SENHOR CHEFE DO S.C.D.P. :

CUMPRINDO DETERMINAÇÃO DE V. SA. COMPARECI ,
ÀS 21 HORAS E TRINTA MINUTOS DA DATA ACIMA MENCIONADA , À SEDE DO TE
ATRO DA IMPRENSA OFICIAL , DESTA CAPITAL , PARA ASSISTIR À APRESENTA
ÇÃO PREVIA DA PEÇA TEATRAL INTITULADA : " O BEIJO NO ASFALTO " , COM
IMPROPRIEDADE PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS E ENCENADA POR ATO
RES BELO - HORIZONTINOS .

O SCRIPT , ANEXADO AO CERTIFICADO DE CENSURA
DE Nº: 1210/73 E SEM CORTES , FOI OBEDECIDO RIGOROSAMENTE , NÃO SE
FAZENDO NECESSÁRIA , EM NENHUMA OPORTUNIDADE , NOSSA INTERVENÇÃO ,
DURANTE O DESENVOLVIMENTO DO ESPETÁCULO , UMA VEZ QUE A ENCENAÇÃO DA PEÇA
SE FEZ DE ACORDO COM O ESPÍRITO DO TEXTO .

A PEÇA QUE CONTA COM 17 (DEZESSETE) FIGU -
RANTES , TEVE A TRILHA SONORA ELABORADA POR LUIZ OTÁVIO BRANDÃO , FI
GURINO A CARGO DE JOAQUIM COSTA E CENÁRIO DE RAUL BELEM MACHADO .

CONVÉM RESSALTAR A PRESENÇA DE NELSON RODRI -
GUES , ANTES DO ENSAIO , A CONVERSAR COM OS ATORES , À ESTRÉIA DA PE
ÇA . (13.09.73)

PENSAMOS SER O QUE DEVERÍAMOS RELATAR , PARA
CONHECIMENTO DE V. SA. E PARA OS EFEITOS DEVIDOS .

BELO HORIZONTE , 13 DE SETEMBRO DE 1973 .

Edina Horta Caldeira
- EDINA HORTA CALDEIRA - TÉCNICA DE CENSURA

À CONSIDERAÇÃO DO SR. SUPERINTENDENTE :

EM 13 DE SETEMBRO DE 1973

Leopoldo Portela
- CHEFE DO SCDP-



MJ-DPF-SRA/SSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

FICHADO
S. A. DCDP

17 APR 16 13 15 21726



OE. Nº 795/75-SCDP/SR/PR

Em 15 de abril de 1975

Do Superintendente Regional do DPF no Estado do Paraná

Ao Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Peça teatral para censura (encaminha)

*De ordem.
Ao Arquivo.
Em 18.04.75
Ass. Ev. Su. A.*

Senhor Diretor,

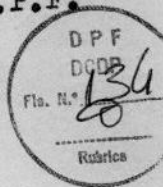
Pelo presente, temos a honra de encaminhar a V. Sª. 03 (três) vias da peça teatral denominada "O BEIJO NO AS-FALTO", de Nelson Rodrigues, para fins de censura.

Ao ensejo, renovamos a V. Sª. os protestos de elevada estima e distinta consideração.

Bel. Divaldo Pacheco de Oliveira
Superintendente Regional do DPF/SR/PR

155
[Handwritten signature]

Ilmo.Sr.Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.



Senhor Diretor

A Companhia Ribalta de Teatro, na pessoa de uma de suas Sócias Proprietárias Fátima Maria Bastos Ortiz, abaixo assinada vem mui respeitosamente a presença de V.S., solicitar o exame e a determinação da Censura da Peça Teatral " O Beijô no Asfalto " de Nelson Rodrigues, que será montada pela citada companhia, cujos textos seguem anexo.

Declara outrossim que por motivos de demora da chegada a Curitiba do Contrato com a Sbat, bem como os problemas ocorridos com o calendário artístico da Fundação Teatro Guaíra, só nos foi possível enviar os textos nesta data. Como temos estreita marcada para o dia 8 de maio, e por se tratar de uma data por demais restrita para nossas apresentações aqui em Curitiba, solicitamos encarecidamente uma especial atenção ao nosso requerimento.

Nestes Termos

Pede Deferimento

Fátima M. B. Ortiz
Fátima Maria Bastos Ortiz

Curitiba, 14 de abril de 1.975.



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.



CURITIBA , 14 de ABRIL de 19 75

Of. Nº 009/75-Pr.

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasília D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, tres copias da peça

"O BEIJO NO ASFALTO"

Original de NELSON RODRIGUES

Tradução de

Próxima apresentação de CIA. RIBALTA DE TEATRO

Teatro GUAIARA E INTERIOR

Cidade CURITIBA-PARANÁ

Estado PARANÁ

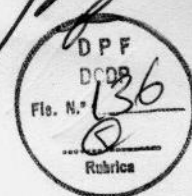
A estréia está prevista para 08 DE MAIO/75

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

158



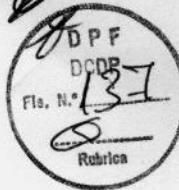
O BEIJO NO ASFALTO

DE

NELSON RODRIGUES

TRAGÉDIA EM TRÊS ATOS = DE:
NELSON RODRIGUES

P E R S O N A G E N S



DELEGADO CUNHA.....
DETETIVE ARUBA.....
REPÓRTER, AMADO RIBEIRO, de ÚLTIMA HORA.....
.....
APRÍGIO, PAI DE SELMINHA.....
SELMINHA, ESPÔSA DE ARADIR.....
DÁLIA, IRMÃ DE SELMINHA.....
COMISSÁRIO BARROS.....
ARANDIR.....
FOTÓGRAFO.....
DONA MATILDE, VISINHA DE SELMINHA.....
.....
WERNECK, COLEGA DE ARANDIR NO ESCRITÓRIO.....
.....
SODRÉ, COLEGA DE ARANDIR NO ESCRITÓRIO.....
.....
DONA JUDITE, DATILOG. DO ESCRITÓRIO.....
.....
VIÚVA DO ATROPELADO.....
VIZINHA DA VIÚVA DO ATROPELADO.....

1º ATO:

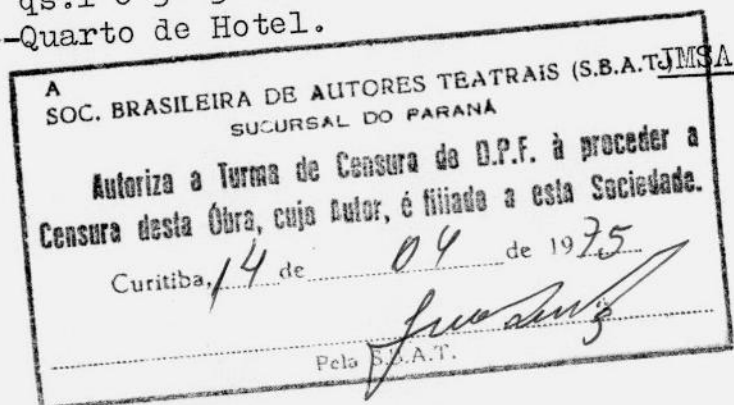
- 1º quadro-----Delegacia - Sala do Delegado Cunha
2º quadro-----Casa de Selminha, no Grajaú
3º quadro-----Delegacia - Sala do Comissário Barros
4º quadro-----Casa de Seminha - mesmo cenário do 2º quadro

2º ATO:

- 1º quadro-----Casa de Selminha, no Grajaú--mesmo cenário do 1º ato
quadros 2º e 4º (segundo e quarto)
2º quadro-----Escritório da firma onde trabalha Arandir
3º quadro-----Casa de Selminha, -mesmo cenário do 1º ato- quadros 2º
4º ---- 2º ato - quadro 1º
4º quadro-----Casa de Selminha- Quarto de dormir.

3º ATO:

- 1º quadro-----Casa na Bôca do Mato
2º quadro-----Casa de Selminha-- mesmo cenário do 1º ato qs. 2 e 4-2º
ato qs. 1 e 3
3º quadro-----Quarto do Repórter Amado Ribeiro, de "Última Hora".
4º quadro-----Casa de Selminha- mesmo do 1º ato-quadros 2 e 4-2º ato
qs. 1 e 3- 3º ato q. 2
5º quadro-----Quarto de Hotel.



Distrito Policial correspondente à Praça da Bandeira. Sala do Delegado Cunha. Este, em mangas de camisa, os suspensórios arriados, com um escandaloso revólver na cintura. Entra o detetive Aruba:

ARUBINHA:--(Sôfrego e exultante)-- O Amado Ribeiro está lá embaixo! Cunha-- que estava sentado, dá um pulo. Faz a volta da mesa)

CUNHA:--:--Lá embaixo?

ARUBINHA:--Com o Comissário. Disse que.

CUNHA:--:--(Agarrando o detetive)--Arubinha, olha. Você vai dizer esse muleque!

ARUBINHA:--Está com fotografia e tudo!

CUNHA:--:--Diz à ele, ouviu? que se ele. Porque ele não me conhece esse cachorro! = Amado Ribeiro aparece. Chapéu na cabeça. Tem toda a aparência de um cafaageste dionisiaco.

AMADO:--:--(Abrindo o gesto)--O famoso Cunha!

CUNHA:--:--(Quase chorando de ódio, e, ainda assim, deslumbrado com o des-
caro do outro) -- Você?

AMADO:--:--Eu.

CUNHA:--:--(Furioso)-- Retire-se!

AMADO:--:--Cunha, um momento! Escuta!

CUNHA:--:--(Apoplético)-- Saia!

AMADO:--:--Tenho uma bomba pra ti! uma bomba!

ARUBA:--:--(Quer puxar Amado pelo braço)--Vem, Amado!

AMADO:--:--(Desprendendo-se num repelão)-- Tira a mão!

CUNHA:--:--(Arquejante de indignação)-- Escuta aqui. Ou será que você (fa-
la aos arrancos) -- Então, você me espinafra!

AMADO:--:--(Com cínico bom humor)--Ouve, Cunha!

CUNHA:--:--Me espinafra pelo jornal. E ainda tem a coragem=

AMADO:--:--Com licença!

CUNHA:--:--(Num berro)--Não dou licença nenhuma!(Muda de tom)--Estou besta, besta!! com o teu caradurismo! Tem a coragem de por os pés no meu gabinete! Eu devia, escuta, devia, bom!(Quase chorando)-- Por tua causa, o chefe me chamou!

AMADO:--:--Cunha, deixe eu falar!

CUNHA:--:--O chefe medisse o que não se diz a um cachorro! Na mesa dêle, na mesa, estava a tua reportagem. O recorte da tua reportagem

AMADO:--:--Cunha, tenho uma bomba!

CUNHA:--:--(Sem ouvi-lo)--De mais a mais, você sabe, Amado. O Aruba também sabe. Aquilo que você escreveu é mentira!

AMADO:--:--Ó Cunha, sossega! O que é que há?

CUNHA:--:--(Num cerescendo)--Mentira, sim, Senhor! Mentira! Eu não dei um chute na barriga da mulher! Mentira sua! É mentira! Dei um tapa! um tabefe! Assim. O Aruba viu. Não foi um tapa?

ARUBA:--:--(Gravemente)-- Um tapa!

CUNHA:--:--(Triunfante)-- Um tapa. Ela abortou, não sei porque. Azar. Agora o que eu não admito, fica sabendo. Que eu seja esculachado que receba um esculacho por causa de um muleque, de um patife como você! Patife!

AMADO:--:--(Com triunfal descaro)-- Eu não me ofendo!

CUNHA:--:--(Desesperado pelo cinismo)--Pois se ofenda!

AMADO:--:--Acabou?

CUNHA:--:--(Num derradeiro espasmo)--Amado Ribeiro, escuta. Eu tenho uma lha. Noiva. Uma filha noiva. Agradeça à minha filha, eu não dar um tiro na cara.

AMADO:--:--(Pela primeira vez violento)--Deixa de ser burro, Cunha!(Cunha desmorona-se encima da cadeira)--Passa o lenço no suor abundante. Arqueja).

CUNHA:--:--(Ofegante, quase sem voz)-- Suma!

AMADO:--:--(Subitamente dono da situação)--Quem vai sair é o Aruba!

ARUBA:--:--(Pulando)-- Você é besta!

CUNHA:--:--(Resmungando)-- Não admito...

AMADO:--:--(Para o Cunha)--Mande ele cair fora.(Para o detetive)--Vai, vai

BR DFANBSB NS.CPR.TEAPTE. 0190, p. 167

DPF
DCDP
138

Desinfeta!

ARUBA:--:--(Cara a cara)-Quem é você, seu !

CUNHA:--:--(Incoerente, berrando)- Desinfeta !

ARUBA:--:--(Desorientado)- Mas doutor!

CUNHA:--:--(Histórico)-Fora, daqui! (Aruba sai)

AMADO:--:--(Exultante)-(Puchando a cadeira)- Vamos nós.

CUNHA:--:--Não quero conversa!

AMADO:--:--Senta...(Cunha Obedece, sem consciência da própria docilidade)

AMADO:--:--(Na sua euforia profissional)- Cunha, escuta. Vi um caso agora. Ali, na Praça da Bandeira. Um caso que. Cunha, ouve. Esse caso-pode ser a tua salvação!

CUNHA:--:--(Nim lamento)-Estou mais sujo do que pau de galinheiro!

AMADO:--:--(Incisivo e jacundo)-Porque você é um besta, Cunha. Você é o delegado mais burro do Rio de Janeiro.(Cunha ergue-se).

CUNHA:--:--(Entre ameaçador e suplicante)-Não pense que. Você não se ofende, mas eu me ofendo.

AMADO:--:--(Jocundo)-Senta! (Cunha obedece novamente)

CUNHA:--:--(Com um esgar de choro)-Te dou um tiro!

AMADO:--:--Você não é de nada. Então, dá! Quêê?

CUNHA:--:--Qual é o caso?

AMADO:--:--Olha. Agorinha, na Praça da Bandeira. Um rapaz foi atropelado. Estava juntinho de mim. Nessa distância. O fato é que caiu. Vi - nha uma lotação raspando. Rente ao meio-fio. Apanha o cara. Em cheio. Joga longe. Há aquele bafafá. Corre pra cá, pra lá. O sujeito estava lá, estendido, morrendo.

CUNHA:--:--(Que parece beber as palavras do repórter)-E daí ?

AMADO:--:--(Valorizando o efeito culminante)-De repente, um outro cara a- parece, ajoelha-se no asfalto, ajoelha-se. Apanha a cabeça do atropelado e dá-lhe um beijo na boca.

CUNHA:--:--(Confuso e insatisfeito)-Que mais ?

AMADO:--:--(Rindo)- Só.

CUNHA:--:--(Desorientado)-Quer dizer que. Um sujeito beija outro na boca e. Não houve mais nada. Só isso?(Armando ergue-se), digo Amado ergue-se. Anda de um lado para outro. Estaca, alarga o peito).

AMADO:--:--Só isso!

CUNHA:--:--Não entendo.

AMADO:--:--(abrindo os braços para o teto)- Sujeito burro!(Para o delegado)-Escuta, escuta! Você não quer se limpar? Hein? Não quer se limpar?

CUNHA:--:--Quero!

AMADO:--:--Pois êsse caso.

CUNHA:--:--Mas...

AMADO:--:--Não interrompe! Ou você não percebe? Escuta, rapaz! Êsse caso-pode ser a tua reabilitação e olha:— eu vou vender jornal pra burro!

CUNHA:--:--Mas como reabilitação?

AMADO:--:--Manja. Quando eu vi o rapaz dar o beijo. Homem beijando homem. (Descritivo)-No asfalto. Praça da Bandeira. Gente assim. Me deu um troço, uma idéia genial. De repente. Cunha, vamos sacudir - esta cidade! Eu e você, nós dois! Cunha.

CUNHA:--:--(Deslumbrado)-Nós dois? Amado dá-lhe nas costas um tapa triunfal. E começa a rir).

AMADO:--:--Nós dois! Olha:— o rapaz do beijo, sim o que beijou, está aí - embaixo prestando declarações!(Ri mais forte, apontando como o dedo para baixo)- Embaixo!(Primeiro ri Amado, em seguida, Cunha o acompanha. Acaba a cena com a fusão de duas gargalhadas)

Casa de Selminha no Grajaú. Presentes o Pai de Selminha, "seu" Aprígio a própria moça. (Esta é a imagem fina, frágil de uma moça, de uma intensa feminilidade)

APRÍGIO:-: -Vim só te dar um recado do teu marido.

SELMINHA:-: -Mas entra, papai, entra.

APRÍGIO:-: -Selminha, escuta. Minha filha, o taxi está esperando.

SELMINHA:-: -Despede o chauffeur!

APRÍGIO:-: -Escuta!

SELMINHA:-: -(Para dentro)- Dália! Dália! (Para o pai)- Eu fico zangada)!

(Para dentro)- Dália!

APRÍGIO:-: -(Angustiado)-Outro dia...Promêto. Outro dia.

SELMINHA:-: -Não senhor.

APRÍGIO:-: -(Querendo vender, rapidamente o seu peixe)- Teu marido. Escuta. Eu estive com o teu marido na Caixa Econômica. RTeu marido mandou avisar. (Dália entra. Adolescente cuja graça leve parece esconder uma alma profunda).

DÁLIA:+: +Papai.

APRÍGIO:-: -Coração !(Dália lança-se nos braços do pai).

SELMINHA:-: -Pensei que Arandir viesse com o senhor!

APRÍGIO:-: -(Sem ouvi-la e dirigindo-se a caçula)- Pálida, minha filha?

DÁLIA:-: -Lavei o rosto=!

SELMINHA:-: -Dália quase não come. Belisca.

APRÍGIO:-: -Mas tinha um apetite tão bom!

DÁLIA:-: -Estômago, sei lá!

APRÍGIO:-: -Não abuse, minha filha, não abuse. Olha que a saúde! E não te esqueça - o que resolve é a "Flora Medicina"

DÁLIA:-: -Não tem perigo!

APRÍGIO:-: -Bem, mas. O que é mesmo que eu estava dizendo? Ah, sim! Teu irmão, digo teu marido.

SELMINHA:-: -Mas o senhor janta com a gente.

DÁLIA:-: -Janta, sim!

APRÍGIO:-: -Selminha, ó minha filha! Não faz confusão. Teu marido mandou avisar que vem mais tarde hoje, Mais tarde. Teve que ir ao Distrito.

SELMINHA:+: +Distrito?

APRÍGIO:-: -Calma!

DÁLIA:-: -Por que ?

APRÍGIO:-: -Pelo seguinte. Nada demais. Teu marido assistiu um desastre. Quer dizer, assistimos. Eu também. Um desastre horrível, na Praça da Bandeira. Vimos uma lotação passar por cima de um sujeito.

SELMINHA:-: -Morreu?

APRÍGIO:-: -O cara?

DÁLIA:-: -Que coisa chata!

APRÍGIO:-: -Na hora. Morreu. Pau pra burro. Mas enfim! É por isso que eu...

DÁLIA:-: -Uns criminosos êsses lotações. Andam que!

APRÍGIO:-: -Teu marido foi servir de testemunha.

SELMINHA:+: -Mas papai, olha. Hoje eu fiz. Escuta. Fiz aquele esopadinho - de abóbora. Deixa eu falar. A criada está de folga e eu fui pra cozinha, papai!

APRÍGIO:-: -Hoje, eu não estou me sentindo bem. Sério. Escuta. Vamos fazer o seguinte.

SELMINHA:-: -O senhor é amigo da onça.

APRÍGIO:-: -Um cafêzinho, aceito. Café, topo.

SELMINHA:-: -Dália, faz um fresquinho.

APRÍGIO:-: -Mas depressa que o taxi está esperando.

SELMINHA:+: -Depressa!

DÁLIA:-: -Não demore. Um instantinho. (E então sozinho com a filha mais velha, Aprígio anda de um lado para outro e vai falando. Sente-se, em tudo o que começa a dizer, uma certa monotonia - mesmo uma surda irritação).

APRÍGIO:-- Sabe que teu marido ficou tão. E teve um choque! Interessante. Ele correu na frente de...

SELMINHA:-- (Interrompendo)-(com outra irritação)- Uma coisa, papai. Senhor sabe que, desde o meu namoro, o senhor nunca chamou Arandir pelo nome? Sério! Duvido! Papai! O senhor dizia "Seu namorado". Depois: "seu noivo" Agora é "seu marido" ou então "meu genro". Escuta papai!

APRÍGIO:-- (Meio desconcentrado)- Ora, minha filha ora!

SELMINHA:-- (Enfática)- Tenho observado!

APRÍGIO:-- Você acha então que. Nunca, minha filha! É por que?

SELMINHA:-- (Triunfante)- Quer fazer uma aposta? Uma aposta? Quero ver o Senhor dizer "Arandir". Diz: "Arandir". Diz papai!

APRÍGIO:-- (Realmente confuso)- Não tem cabimento e olha: deixa eu contar. Perdi o fio. Ah! Teu marido correu na frente de todo o mundo. Chegou antes dos outros. (Com uma tristeza atônita) - Chegou, ajoelhou-se e fez uma coisa que até agora me impressiona pra burro. (Aprígio está de costas para a filha e de frente para a plateia).

SELMINHA:-- Mas o que foi que ele fez? (Aprígio abriu uma pausa):

APRÍGIO:-- (Contido na sua cólera)- Beijou. Beijou o rapaz que estava a gonizante. E morreu logo, o rapaz.

SELMINHA:-- (Maravilhada)- O senhor viu?

APRÍGIO:-- (Sem ouvi-la e com mais vivacidade do que desejaria)- Você não acha? Não acha que. Eu por exemplo. Eu não faria isso - Não faria. Nem creio que outro qualquer. Ninguém faria isso. Rezar, está bem, está certo. Mas o que me impressiona, realmente me impressiona. É o beijo.

SELMINHA:-- (Com angústia)- Mas eu até acho bonito! (Dália entra).

DÁLIA:-- Olha!

SELMINHA:-- O que?

DÁLIA:-- Acabou o café. O pó.

SELMINHA:-- Mas tinha!

APRÍGIO:-- Não precisa!

DÁLIA:-- Eu me esqueci de.

SELMINHA:-- Pede na vizinha.

APRÍGIO:-- Escuta.

DÁLIA:-- Chamei pelo muro, mas não tinha ninguém.

SELMINHA:-- Dá um pulo.

APRÍGIO:-- Ouve Selminha. Até é bom. Não estou bem e o café.

SELMINHA:-- (Na sua agonia de dona de casa)- Mas tinha pó, papai. (Para a irmã mudando de tom) Vê-la o fogo. O bôlo que eu ia fazer pra o senhor. (Aprígio está de costas para a filha e de frente para a plateia. Dália saiu).

APRÍGIO:-- (Retomando no ponto interrompido)- Você acha bonito.

SELMINHA:-- (Com vivacidade)- Ah, o senhor não conhece Arandir.

APRÍGIO:-- (Com mais vivacidade do que desejaria)- E você conhece? Digam: - Conhece seu marido?

SELMINHA:-- Oh, papai!

APRÍGIO:-- Conhece?

SELMINHA:-- Ou o senhor acha que.

APRÍGIO:-- Responda.

SELMINHA:-- Evidente.

APRÍGIO:-- Vem cá. Você tem de casada um ano. Um ano.?

SELMINHA:-- Mas conheço Arandir, desde garotinho!

APRÍGIO:-- (Vivamente)- Quero saber como marido! (Muda de tom)- De casada tem um ano, nem isso. Menos. Pois é. Minha filha é pouco. Pouquíssimo, um ano ou menos. Mas vamos lá. Você tem mesmo certeza que conhece seu marido?



SELMINHA:-:--Mas absoluta! Eu conheço tanto o Arandir, tanto que. Nem ele me esconde nada. Papai, olha, Confio mais em Arandir que em mim mesma. No duro! E o senhor fala! Engraçado! Fala como se duvidasse! como se.

APRÍGIO:-:--(Um pouco vascilante)-Não é bem assim.

SELMINHA:-:--Papai, eu amo Arandir.

APRÍGIO:-:--(Incerto)- Sei. Acredito. Mas digamos que seu marido. Uma hipótese. Que seu marido não fôsse, assim, exatamente, como você pensa. Você gosta de seu marido a ponto de aceitá-lo mesmo - que(mais incisivo)- Numa palavra:- você é feliz?

SELMINHA:-:--Ou o senhor duvida? Um momento. Quem vai responder.(Grita para dentro)-Dália ! Eu sou suspeita! Mas Dália!

DÁLIA:-:--(Aparece)-Vem cá. Chegue aqui.

DÁLIA:-:--Está quase bom.

SELMINHA:-:--(Entre parenteses)-Diminuiu o fogo ?

DÁLIA:-:--Diminui.

SELMINHA:-:--(Novamente exitada)- Papai, hoje! Responde. Eu sou feliz?

DÁLIA:-:--(Meio atônita)-Por que ?

SELMINHA:-:--(Para o pai)-Fala! E olha! Dália veio para cá, logo depois da lua-de-mel. Vive com a gente. Não sai daqui. Fala sou Feliz?

DÁLIA:-:--(Com pé atrás)-Parece.

SELMINHA:-:--(ATÔNITA)-Parece ou sou ?

APRÍGIO:-:--(Cruelmente divertido)-Tenho que ir.

SELMINHA:-:--(Vivamente)-Papai, um momento.

APRÍGIO:-:--Olha o taxi.

SELMINHA:-:--(Desesperada, para o velho)-Papai, faço questão.(Para a irmã) Escuta. Você respondeu como se.

DÁLIA:-:--(Com evidente irritação)-Feliz. Felicíssima. Pronto.

SELMINHA:-:--(Com energia, agarrando-s pelo pulso)- Vem cá. Diz aquilo. A quilo que você me disse. Nauque dia. Repete.

DÁLIA:-:-- Não aborrece!

SELMINHA:-:--Quilo, diz!

DÁLIA:-:--(Batendo com o pé, numa afetação de infantilidade)-Você é pau!

SELMINHA:-:--(Triunfante)-Papai, a Dália disse que, que se eu morresse. - Não foi? Você disse.

DÁLIA:-:--Mentira!

SELMINHA:-:--(Radiante)-Disse que se eu morresse, ela se casaria com o Arandir.

APRÍGIO:-:--Dália, escuta.

DÁLIA:-:--Foi brincadeira minha! Eu estava brincando! Papai, olha!

APRÍGIO:-:--(Entre divertido e preocupado)- Você escuta. Você é criança. Nem deve dizer isso. Certas coisas.Sabe como é o mundo.

DÁLIA:-:--(Começando a chorar)-Papai, é mentira de Selminha.

APRÍGIO:-:--(Terno)-E nem chore!

DÁLIA:-:--(Para a irmã)-Você me paga! (Para o pai, com certo fervor e não com sofrimento)-Papai, o o que eu disse foi que eu não me casaria nunca porque.(Com mais veemência)-Não quero, nem me interessa.

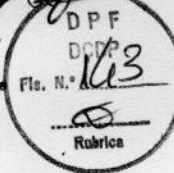
APRÍGIO:-:-- E teu namorado?

DÁLIA:-:-- Brigamos.

SELMINHA:-:-- (falando quase ao mesmo tom)- Essa bobona agora chora por qualquer coizinha!

APRÍGIO:-:-- (Puxando o relógio)-Ih já é tarde!

SELMINHA:-:--(Agarrando-o)-Papai, eu sou a mulher mais feliz do mundo! (Luz sobre o Distrito Policial)- Arandir acaba de ser interrogado. Uma figura jovem, de uma sofrida simpatia que faz pensar num coração atormentado e puro.Arandir ergue-se no momento em que aparecem, na sala do Comissário o Cunha e o Ama do Ribeiro).



ARANDIR:--Posso ir? - COMISSÁRIO BARROS-Pode.
ARANDIR:--(Recuando, com sofrida humildade)-Então, boa tarde, boa tarde.
CUNHA:--Un minutinho. (ARANDIR)- (Incerto)- Conigo?
CUNHA:--Un nonento. -BARROS - Já prestou declarações.
CUNHA:--(Entra divertido e ameaçador)- Sei. Agora vai conversar conigo .
ARUBA:--(Baixo e veemente para Arandir)-O delegado.
AMADO:--Senta.
ARANDIR:--(Sentindo a pressão do novo ambiente)-Mas é que estou com um pou-
quinho de pressa.(Arandir começa a ter medo. Ele próprio não sa-
be de que)
CUNHA:--(Com o riso ofegante)- Rapaz, a polícia não tem presssa.
AMADO:--Mas senta.(Arandir olha em torno, como um bicho apavorado.Senta-
se finalmente).
ARANDIR:--(Sem ter de que)- Obrigado.
COMISSÁRIO--(Baixo e reverente) para o delegado)- Ele é apenas testemunha.
CUNHA:--Nã se note(Arandir ergue-se sôfrego)
ARANDIR:--Posso telefonar?
CUNHA:--Mais tarde.(Anado entuca o fotógrafo)
AMADO:--Bate agora!(Flash estoura. Arandir toma um choque)
ARANDIR:--Retrato?
AMADO:--Nervoso, rapaz?(Arandir senta-se, une os joelhos)-
ARANDIR:--Absolutamente!
CUNHA:--(Lançando a pergunta como uma chicotada)- Você é casado, rapaz?
ARANDIR:--Não ouvi. (CUNHA NUM BERRO-Tira a cera dos ouvidos!
AMADO:--(Inclinando-se para o rapaz)-Casado ou solteiro?(ARANDIR-Casado.
CUNHA:--Casado. Muito ben.(Vira-se para Anado com segunda intenção)- O
homem é casado.(Para o Comissário Barros)- Casado.
COMISSÁRIO-Eu sabia.(ARANDIR-com sofrida humildade- O senhor deixa dar um
telefonema rápido para minha mulher?
CUNHA:--(Rápido e incisivo)-Gosta de sua mulher, rapaz?(Arandir por um -
momento acompanha o novimento do fotógrafo que se prepara para-
bater uma nova fotografia)-(ARANDIR- Naturalmente!
CUNHA:--(Com agressividade policial)-E não usa nada no dedo, porque?
ARANDIR:--(ATARANTADO)-Um dia, no banheiro, caiu. Caiu a aliança. No ralo-
do banheiro.
AMADO:--O que é que você estava fazendo na Praça da Banderia?
ARANDIR:--Ben, fui lá e...(CUNHA NUM BERRO--: Não gagueja, rapaz!
ARANDIR:--(Falando rápido)-Fui levar uma jóia na Caixa Econômica.(Anado e
Cunha cruzam as perguntas para confurndir e levar Arandir no de-
sespero)
AMADO:--Casado há quanto tempo? ARANDIR- Eu?
CUNHA:--Gosta de mulher, rapaz?
ARANDIR:--(Desesperado)- Quase um ano!
CUNHA:--(Mais forte)- Gosta de mulher?
ARANDIR:--(Quase chorando)-Casado há um ano.(Cunha muda de voz, sem transi-
ção. Põe a mão no joelho do rapaz).
CUNHA:--(Caricioso e ignóbil)- Escuta. O que significa para ti.Sin, o -
que significa para você uma mulher?
ARANDIR:--(Lento e olhando em torno)-Mas eu estou prêso?

CUNHA:--:--(Sem ouvi-lo e sempre melifluo)- Rapaz, escuta! Uma hipótese
Se aparecesse, aqui, agora, uma mulher, uma "boa". Nua. Completamente nua. Qual seria. É uma curiosidade. Seria a tua reação
(Arandir olha para o Cunha, olha o Amado, silêncio)

AMADO:--:--Com medo, rapaz?

CUNHA:--:--Fala!

AMADO:--:--Não fala? (Cunha segura o braço de Arandir)-

CUNHA:--:--(Falando macio)-Conta para mim. Conta. Conta o que você fez na Praça da Bandeira.

ARANDIR:--:--(Ainda contido)-O loteação foi o culpado.(Cunha ergue-se)

CUNHA:--:--Um momento!

ARANDIR:--:--Mas doutor! Já estava aberto o sinal amarelo quando o loteação.

CUNHA:--:--Ó rapaz! O loteação não interessa compreendeu? Não interessa. O que interessa é você.

COMISSÁRIO BARROS:--:--(Com a sua obtusa e generosa falta de tato)- Quer ver o depoimento do rapaz?

CUNHA:--:--(Para o comissário)- Não dá palpite!(Para Arandir)- O que me põe besta é que você um sujeito casado. Casado. Tem mulher em casa. Bonitinha talvez.

AMADO:--:--Há quanto tempo você conhecia o cara?

ARANDIR:--:--Que cara?

AMADO:--:--O morto.

ARANDIR:--:--Não conhecia.

CUNHA:--:--Que piada é essa?

AMADO:--:--(Para o delegado)-Cunha, um momento. Um instante. Ó rapaz! Olha para mim! No local, eu perguntei se você era parente da vítima

ARANDIR:--:--Não sou.

AMADO:--:--Vamos por partes. Não é parente. Amigo?

ARANDIR:--:--Nada.

AMADO:--:--Mas se conheciam de vista?

ARANDIR:--:--Nem de vista.

CUNHA:--:--(Aos berros)-Nem de vista?

AMADO:--:--Você nunca. Presta atenção. Nunca, em sua vida, você viu o morto?

ARANDIR:--:--Juro! Quer que eu jure? Dou-lhe a minha palavra!

AMADO:--:--Vem cá.

ARANDIR:--:--(Desesperado)-Doutor, eu preciso telefonar pra minha mulher!

CUNHA:--:--(Exagerando)-Por essas e outras é que a polícia baixa o pau. E tem que baixar!

AMADO:--:--Cunha, espera! Se você não era nada do cara.

ARANDIR:--:--Nunca vi.

AMADO:--:--Então explica. Como é que você casado há um ano. Um ano.

ARANDIR:--:--Quase.

AMADO:--:--Praticamente, uma lua-de-mel. Em lua-de-mel! Você larga a sua mulher. E vem beijar outro homem na boca, rapaz?

ARANDIR:--:--(Atônito)-O senhor está pensando que...

AMADO:--:--(Exaltadíssimo)-E você olha. Fazer isso em público! Tinha gente pra burro, lá. Cinco horas da tarde. Praça da Bandeira. Assim de povo. E você dá um show! Uma cidade inteira viu!

CUNHA:--:--(Aos berros)-Você não perdeu. Você jogou fora a aliança!

AMADO:--:--(Furioso)-Escuta! Se um de nós, aqui, fôsse atropelado. Se o loteação passasse por cima de um de nós. O delegado. Diz pra mim. Você faria o mesmo? Você beijaria um de nós, rapaz?(Riso abjeto. Arandir tem um repelão selvagem).

ARANDIR:--:--Era alguém! alguém! que morreu! que eu vi morrer!

(Trevas na Delegacia. Luz na casa de Selminha. Em cena as irmãs):

SELMINHA:--:--Você entende papai?

DÁLIA:--:--Papai mudou.

DÁLIA:--Com a morte de nanã, desde que nanã morreu, mudou tanto!
SELMINHA--(Com certo desespero)-Mudou com o meu casamento. Foi o meu casa-

mento. Foi, sim. Dália. Com o meu casamento. (DÁLIA-Sei lá.
SELMINHA-Te digo mais. As vezes, eu penso. Penso que papai sentiu mais
meu casamento que a morte de nanã. Ele não vem aqui, nem telefo-
na. Sou eu que que telefono. Ou então. Evita Arandir.

DÁLIA:--Não gosta de Arandir.

SELMINHA--(Febreil)-Como são as coisas! Veja você. Arandir me disse, hoje:
"Vou aproveitar o negócio da Caixa Econômica e passo no teu pai.
Ele conhece lá um cara Vanos na caixa e eu convido teu pai p'ra-
jantar". Não adiantou. Adiantou?. Pois é. Papai não dá pelota pa-
ra Arandir. Nem boia! - (DÁLIA- Papai me assusta.

SELMINHA-Não gosta de Arandir-- por que? (DÁLIA-taxativa-Ciúnes

SELMINHA--(Virando-se atônita)-De mim?

DÁLIA:--De ti. (Selminha repete, lentamente, com espanto e uma nascente-
angústia)

SELMINHA--(Falando para si mesma)-Ciúnes de mim?

DÁLIA:--Ou você é cega?

SELMINHA--(Com frívolo arrebatamento)- que bobagem, ciúnes de mim! (Muda de
tom e novamente angustiada) -- Você acha?

DÁLIA:--Acho! Acho! (Selminha defronte para a platéia, costas para a ir-
mã e uma inflexão de sonho)-Meio alada)- Ciúnes de mim. (Dália -
vem por trás e fala por cima do ombro da irmã que permanecerá de--
costas para ela).

DÁLIA:--De ti. No teu casamento eu pensei tanto na morte de nanã. Mas -
no teu casamento quem chorava era papai. Na igreja, de braços con-
tigo, papai ia chorando. Tive a sensação, te juro! de que....

SELMINHA--(Num apêlo, quase sem voz)-Não fala assim!

DÁLIA:--(Com mais veemência)-E outra vez aquele dia! (SELMINHA- Quando?

DÁLIA:--No dia em que vim para cá. Você tinha chegado da lua-de-mel. Eu-
me lembro. Papai me trouxe e até você estava com aquele quinquinho
aquele, como é?

SELMINHA-O azul?

DÁLIA:--Não. Aquêlo que vovó te deu. Papai me trouxe. Não queria vir. In-
sisti. Veio. E chegou aqui, você sentou-se no colo de Arandir. Se
você visse a cara de papai. a cara! *SELMINHA-Não me lembro.

DÁLIA:--Cara de ódio! Saiu imediatamente e....

SELMINHA-Você está imaginando! Isso é imaginação! (Com súbita ternura)-Mas
eu ainda tenho você e.

DÁLIA:--Selminha, amanhã vou-me embora!- SELMINHA-Você?

DÁLIA:--Não fico mais aqui.

SELMINHA-Mas escuta! Por que?

DÁLIA:--(Sôfrega)-Olha Arandir! (Arandir aparece. Vem cansado e febril.
Selminha lança-se nos seus braços)

SELMINHA--(Na sua ternura ansiosa)-Dororou, meu bem!

ARANDIR:-A Polícia, sabe como é. (Selminha passa a mão pelo rosto do marido
Anorosa)-Pálido! (Tira o lenço do marido e enxuga o rosto)

ARANDIR:-Morto de sede!

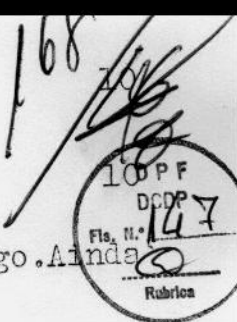
SELMINHA--(Para a irmã) Água!

ARANDIR:-Polícia é uma gente que. Dália meu anjo. Água sim?

SELMINHA--(Para a irmã)- Gelada.

167
 15
 PPF
 DOP
 Fls. N.º 146
 Rubrica

SELMINHA:-:- Está suado.
SELMINHA:-:- Mistura do filtro e gelada. (Dália sai)
SELMINHA:-:- Tira o paletó.
ARANDIR:-:- (Tirando o paletó)- Calor.
SELMINHA:-:- Gravata.
ARANDIR:-:- (Tirando a gravata)-Duas horas lá. (Dália entra com o copo)
DÁLIA:-:-:- Fresquinha. (Arandir segura o copo com as duas mãos)
ARANDIR:-:- (Antes de beber)-Água linda! (Arandir bebe de uma vez só. Devolvendo o copo).
ARANDIR:-:- Você é um anjo!
DÁLIA:-:-:- Outro?
SELMINHA:-:- (Falando ao mesmo tempo)-Não chama Dália de anjo, que ela vai embora.
ARANDIR:-:- Daqui?
DÁLIA:-:-:- (Dóce e firme)-Amanhã.
ARANDIR:-:- (Atônito)- E vai como? De vez?
SELMINHA:-:- Diz que vai morar com vovó e que. Uma chata!
ARANDIR:-:- (Com surdo sofrimento)-Dália, você tem coragem?
SELMINHA:-:- Um momento. Meu bem, você vai comer alguma coisa.
ARANDIR:-:- Sem foem.
SELMINHA:-:- Uma boquinha você faz?
ARANDIR:-:- Nada. Mais tarde. Depois. Depois eu como. (Arandir na sua volubilidade febril continua) - Mas isso é batata?
DÁLIA:-:-:- Batata!
ARANDIR:-:- Dália, chega aqui. Por que? De repente e sem motivo; Parece-incrível que eu chegue da Polícia e a primeira notícia que me dão. É que você vai embora? Escuta. Lá no distrito. (Arandir-anda de um lado para outro).
SELMINHA:-:- Meu filho, você está cansado.
ARANDIR:-:- Na polícia, ainda agora. Eu me senti, de repente tão só. Foi uma sensação tremenda. Naquele momento, eu tive assim uma vontade de gritar:- Selminha! Dália! (Com desespero estrangulando a voz)- Quase grito, quase! (Mudando de tom)-Cheguei aqui e sei que você vai...
DÁLIA:-:-:- (Com certa violência)- Você não precisa de mim!
ARANDIR:-:- (Olhando ora a mulher ora a cunhada)-Quem sabe?
DÁLIA:-:-:- (Com falsa e frívola naturalidade)- Precisa de Selminha. (Arandir agarra a mulher com violência)-
ARANDIR:-:- (Estrangulando a voz)- Responda. Haja o que houver. Você nunca me deixará? Nunca? Não me abandone nunca.
SELMINHA:-:- (Angustuada)-Meu bem. Mas claro. Nunca. Ou você.
DÁLIA:-:-:- Você viu o rapaz morrer?
ARANDIR:-:- (Crispado)- Quem?
DÁLIA:-:-:- Era rapaz?
ARANDIR:-:- Meu anjinho, esse assunto. Não interessa. (Com falsa euforia) Falemos de outra coisa. Você vai amanhã? É amanhã!? Ótimo! Magnífico! Eu ajudo a fazer as mals! (MUDA DE TOM)- Só não quero que toque nesse desastre!
DÁLIA:-:-:- Eu mesma arrumo as mals.
ARANDIR:-:- (Incoerente)-Escuta. Vi o rapaz morrer, sim. Da minha idade, mais ou menos. Selminha, ele estava em cima do meio fio. Esperando que o sinal abrisse. (Repete)-Em cima do meio fio. De repente, não sei como foi:-Ele perdeu o equilíbrio. Caiu para a frente é... Vinha um loteação a toda a velocidade. Bateu no rapaz, atirou numa distância como daqui ali.
DÁLIA:-:-:- Gritou?
ARANDIR:-:- O rapaz?
SELMINHA:-:- (Querendo aplacá-lo)- Meu bem....
ARANDIR:-:- Atropelado não grita. Ou grita? Esse não gritou.



DÁLIA:--Era bonito?

ARANDIR:-(Sen responder)-O lotação passou por cima.Mas norreu logo.Ainda viveu un minuto, talvez. Ou menos. Un minuto.

SELMINHA-E você que não pode ver sangue.

ARANDIR:-Eu corri.Cheguei primeiro que os outros. Me abaixei, peguei a cabeça do rapaz. Gente assin.Peguei a cabeça do rapaz e....

SELMINHA-Beijou...(Arandir volta-se com uma certa ira)e Agressivo: Você-tambén sabe? (Desesperado) Todo o mundo sabe!

SELMINHA-Papai contou.

ARANDIR:-(Frente)- Teu pai.É mesmo! Estava comigo e viu.(Con desespero)
— Teu pai disse que eu(Muda de tom)- Antes de morrer.O rapaz-
rapaz ainda estava vivo(incoerente)O interessante é que na Polí-
cia lá só ne falaran nisso.

SELMINHA-Meu ben, agora chega. Descansa um pouco.

ARANDIR:-(Sen ouvi-la)-Dália, a polícia pensa. Ainda está pensando. Enão se convense, Dália. Pensa que eu conhecia o rapaz. Tonaran neu nome, endereço. Fui interrogado duas vêzes. E vão ne chamar outra vez.

DÁLIA:--Você conhecia?

ARANDIR:-Oh Dália!

DÁLIA:--Nen de vista?

ARANDIR:-(Na sua cólera, apontando para a cunhada)-Era assin que a plícia perguntava. Nen de vista, nen de nome? Martelavan. Mas olha! O que foi. O rapaz estava norrendo. Morrendo junto ao neio-fio. Mas ainda teve voz para pedir un beijo. Agonizava pedindo un beijo. Na polícia, o repórter disse que era hora de muito novimento. Toda a cidade estava ali, espiando. E viu quando eu...
TREVAS.

FIM DO PRIMEIRO ATO.

SEGUNDO ATO:

(Casa de Selminha. A pequena, de costas, aparece entretida numa ocupação caseira.Dália, já de saída, surge com uma maleta. Vai deixar a casa).

DÁLIA:--Estou pronta. (Selminha com espanto- Já vai?

DÁLIA:--(Que já pousou a mala no chão)-Diz o número do taxi?(Selminha es-
ta com o quimono por cima da canisola)

SELMINHA-(Para si mesma)- 28-31... Como é, Selminha? 43?

SELMINHA-(Ralhando)-Deixa de ser espírito de porco!

DÁLIA:--(Com uma afetação de infantilidade, batendo com o pé)-Meu Deus, como é o número?

SELMINHA-(Puxando-a pelo braço)-Ven cá. Arandir ne pediu. Escuta, Dália.

DÁLIA:--Ah, ben!

SELMINHA-Antes de sair ne pediu e eu prometi.

DÁLIA:--Que coisa chata.

SELMINHA-Ouve.Arandir ne pediu p'ra te falar. Dália, escuta. E mandou di-
zer.Se êle chegar, logomais, você não estiver aqui, ouve;-êle -
corta relações comigo.

DÁLIA:--(Começando)- Cha...(SELMINHA-Escuta. Dália, escuta. Troca de mal-
contigo.(DÁLIA- Chane o taxi. (SELMINHA- Você é teinosa!

DÁLIA:--Quer chamar o taxi?(Muda de tom) Selminha eu disse que ia, vovó
está ne esperando!

SELMINHA-(Numa explosão)-Então que se dane e...(D.Matilde entra com un -
jornal na mão)

D.MATILDE-Licença?

SELMINHA:-Ah, entre D.Matilde.(D.Matilde entra e faz um cumprimento apres-
sado).

169/104
 11
 CCP
 Fls. N.º 168
 Rubrica

D.MATILDE-Bon dia! Bon dia!

DÁLIA:-:-(Con frivola desenvoltura)- Estou de saída!

D.MATILDE:-(Indicando o jornal)- Já leu?

SELMINHA:-O resultado das nisses? D.MATILDE: Não leu?

SELMINHA:-(Já com uma curiosidade e inquieta) Não vi o jornal!

D.MATILDE:-(Radiante por ser portadora da novidade)-o retrato de seu marido, D.Selminha!

SELMINHA:-(Ao mesmo tempo que apanha o jornal)- Onde?(DÁLIA-De Arandir?

D.MATILDE:-(Sôfrega)- É mesmo!(Dália olhando por cima do ombro da irmã)

DÁLIA:-:-(No seu espanto)- "Última Hora"!(D.MATILDE FURIOSA-O título!

SELMINHA- (Lenta e estupefacta)-O beijo no asfalto!(Muda de tom) O retrato do atropelado! E aqui o Arandir na Delegacia!

D.MATILDE:-(Meliflua e perfida)- Aí diz uns troços que!(DÁLIA-Deixa eu ler

SELMINHA:-Dália, não anola!

DÁLIA:-:-(Então lê alto(Selminha começa a ler para si)-D.Matilde continua na mesma euforia)

D.MATILDE:-(Mexericando para Dália)-Olha, escuta. Tem um repórter na rua.

DÁLIA:-:-(Repórter! (D.MATILDE-Com fotógrafo! entrevistando! Ouviu, D. Selminha?

SELMINHA- (Que continua lendo)-um momento!(D.MATILDE-(Voltando-se p/Dália) E o repórter está querendo saber se D.Selminha vive bem com o "seu" marido. Eu disse: "vive"!

SELMINHA:-(Numa explosão)-Nunca! Nunca!(DÁLIA-Mas que é que diz?

SELMINHA:-(Desatinada)-Diz que. Olha que ele diz.Onde é que está?Aqui, mentira! tudo mentira!

DÁLIA:-:-(Vivante)-Da aqui!

SELMINHA:-Ainda não acabei!(Para D.Matilde)-Estou que.Tinindo,D.Matilde, tinindo! Como é que um jornal!(Para Dália)-Diz que o Arandir beijou um rapaz na boca!

D.MATILDE:-(Fora de si)-Tona! Tona!(Entrega o jornal à Dália)-Não quero ler mais nada!Estou até com nojo! nojo!(Dália começa a ler o jornal). (D.MATILDE- Como sério!

SELMINHA:-Se meu marido, D.Matilde!E na boca! Meu marido nen conhecia!Era um desconhecido, D.Matilde!

D.MATILDE:-(Perfida)-Desconhecido? (SELMINHA- Desconhecido!

D.MATILDE:-(Meliflua)-Ten certeza? (SELMINHA-Mas D.Matilde.

D.MATILDE-Claro que! evidente!Acredito na senhora, nen se discute. Mas interessante. D.Selminha.Sabe que. Pela fotografia do jornal, fisionomia do rapaz não me parece estranha(Bruscanente e com vivacidade)O morto não é um que veio aqui, uma vez?

SELMINHA:-Na minha casa?(D.MATILDE- Na sua casa! Aqui!

SELMINHA:-(Frente)-A senhora está me chanando de mentirosa,D.Matilde!

D.MATILDE-Deus me livre! a senhora não entendeu. Eu não ponho em dúvida. Absolutamente.(Repete) Em absoluto!não ponho. Mas há uma par no jornal. A senhora leu tudo?

SELMINHA:-Tudo!

D.MATILDE:-Leu aquele pedaço no final...

SELMINHA:-Tudo!

D. MATILDE: - Eu vou ler para a senhora. Eu leio.

SELMINHA: - Por obséquio, D. ~~SE~~ Matilde.

D. MATILDE: - Leio. (D. Matilde apanha o jornal de Dália)

DÁLIA: - Mas eu estou lendo!

D. MATILDE: - (Meliflua) - Dá licença.

DÁLIA: - (Desabrida) - Ora, D. Matilde.

D. MATILDE: - Um minutinho!

SELMINHA: - (Na sua abcessão) - Era um desconhecido! Um desconhecido!

D. MATILDE: - (Irredutível) - É essa parte. Aqui. Acho que a senhora não leu!

DÁLIA: - Arandir vai lá na redação e quebra a cara do repórter!

SELMINHA: - (Frenética) - Não leia nada! Não quero! Não quero, D. Matilde.

Não quero ouvir nada.

D. MATILDE: - (Implacável, nítida, incisiva) - O jornal diz: (Ergue a voz) -

"Não foi o primeiro beijo! (Triunfante) - Nem foi a primeira vez?

SELMINHA: - (Atônita) - Não foi o primeiro beijo! nem foi a primeira vez?

(Trevas sobre os três. Luz na firma, onde Arandir trabalha. O rapaz acaba de chegar. É cercado pelos colegas)

WERNECK: - (Com um humor bestial) - Mas então, seu Arandir! O senhor!

SODRÉ: - O senhor não diz nada prá gente?

ARANDIR: - (Já inquieto) - O que é que há?

WERNECK: - Você fica viúvo e não avisa, não participa?

ARANDIR: - Isola!

PIMENTEL: - (Batendo-lhe nas costas) - Que piada é essa? Nem me convidou!

ARANDIR: - (Atônito e meio acuado) - Que piada é essa?

WERNECK: - Piada, uma óva! Batata!

SODRÉ: - Viúvo, rapaz! (Werneck com as suas mãos, apanha e aperta a d. Arandir).

WERNECK: - Meus parachoques!

ARANDIR: - Mas qual é a graça? E isso é brincadeira! (Olhando as caras que o cercam) - Não faz assim que eu não gosto! Werneck, para sim? Essas brincadeiras comigo! (Werneck rompe com uma boçalidade feroz e jocunda)

WERNECK: - Rapaz! A tua viuvez está aqui! em mancgete! (Werneck sacode o jornal) - Em manchete, rapaz!

ARANDIR: - (Exasperado) - Você pára ou não pára!?

WERNECK: - Lê! lê! Beijo no Asfalto! Está aqui! Trás no jornal o título "Beijo no Asfalto"!

ARANDIR: - Que jornal?

WERNECK: - Aqui. (Arandir apanha jornal)

ARANDIR: - (Lendo, estupefacto) - B eijo no asfalto!

WERNECK: - (Numa euforia bruta) - Teu retrato! Teu e o do cara.

PIMENTEL: - (Baixo) - Fala baixo!

WERNECK: - (Exultante) - Viuvez, sim! Perfeitamente, viuvez. (Num repêl furioso contra o companheiro) - Não chateia Pimentel! (Arandir estupefacto, lê a matéria. Fala para si mesmo).

ARANDIR: - (Com a voz estrangulada) - Mentira! Mentira=!

WERNECK: - (Apontando) - Viúvo de atropelado! Ou viúva! Beijou o sujeito na boca. O sujeito morreu. E a viuvez. Batata!

ARANDIR: - (Para si mesmo, sem nada ouvir) - Não! Não. (Arandir lê com clamação abafada)

WERNECK: - (Para os outros, com uma certeza feroz) - E o morto vinha aqui! Veio aqui!

ARANDIR: - (Erguendo a cabeça) - Quem vinha aqui?

WERNECK: - O morto! O atropelado!

ARANDIR: - (Estupefacto) - Vinha aqui?

WERNECK: - (Exaltado) - Falar comigo.

ARANDIR:--(Com toda a fúria do seu protesto)- Nunca! Eu não conhecia o cara!

WERNECK:--(RINDO)-Não conhecia, seu vigarista!(Muda de tom)-Quer ver ?
(Precipita-se aos berros)-D.Judith! para Arandir)-Eu prove!

ARANDIR:--Era um desconhecido! Desconhecido! Eu nunca!(D.Judith aparece tipo convencional da datilógrafa. Inclusive os óculos)

WERNECK:--Eu não minto! eu não minto!

ARANDIR:--(Para os outros)- Desconhecido!

WERNECK:--(Sempre esbravejante)-Quando digo uma coisa, é batata!(Para a datilógrafa)-Ah, D.Judith!

D.JUDITH:--Um pouco intimidada)- Me chamou!

WERNECK:--Chega aqui, D.Judith. Vem cá!

ARANDIR:--D.Judith é verdade que.

WERNECK:--(Para Arandir)-Um momento! A senhora vai tirar aqui uma dúvida

ARANDIR:--(Sôfrego)-D.Judith...

PIMENTEL:--Fala de uma vez!

WERNECK:--D.Judith o que foi que a senhora me disse. Um momento! Quando a senhora viu o jornal, a senhora não disse. Não disse que. Disse que tinha visto o morto aqui. Fala D.Judith, pode falar!

D.JUDITH:--(Crispada de timidez)-O que eu disse foi...

PIMENTEL:--Não tenha medo!

D.JUDITH:--Realmente, pela fotografia, parece.

WERNECK:--Continua, D.Judith! Parece ou?

D.JUDITH:--(Em braças)-Parece um moço que esteve aqui, na semana passada Um moço.

WERNECK:--(Procurando por quem.D.Judith procurando por quem?

D.JUDITH:--(De olho baixos)-Seu Arandir!

ARANDIR:--(Desafinado)-Procurando por mim? por mim?

D.JUDITH:--(Depois de um olhar inviezado)-O senhor não estava!

ARANDIR:--(Desesperado, para os outros)-Mas é mentira=! Mentira! Simple mente, eu nunca vi esse rapaz! nunca na minha vida! Juro! Escuta, D.Judith!

D.JUDITH:--Com licença!(D.Judith abandonou a cena, meio espavorida, num passinho rápido e muito miúdo)-

WERNECK:--(Insultante)-Viúvo!

ARANDIR:--Eu não admito. Sou casado e não admito!

WERNECK:--Há testemunha! Viram o rapaz aqui! viram=!

ARANDIR:--(Desafinado)-Cala a boca!

WERNECK:--Quem é você. Você pra me mandar calar a boca?

PIMENTEL:--Vamos parar com isso!(Quer segurar Werneck)

ARANDIR:--Ou você para ou eu...

WERNECK:--Tira a mão!(Para Arandir)-O que é que você faz?

ARANDIR:--Te parto a cara!! Os outros querem separar; Werneck os empurra!

WERNECK:--Então, parte!(Para Pimentel)-Não te mete!(Para Arandir)-Parta a minha cara!

ARANDIR:--(Estrangulando a voz)-Não quero!

WERNECK:--(Num berro)-Ou tu parte a minha ou eu parto a tua!
(Trevas. Luz sobre a casa de Selminha. Aprígio e a filha. O lho está chegando. Selminha junto do telefone):

SELMINHA:--(Sôfrega)-Papai, um minutinho.

APRIGIO:--Eu espero.

SELMINHA:--Estou falando com Arandir. Foram chamar.

APRIGIO:--Fala, minha filha.

SELMINHA:--(Desesperada)-Estão passando trotes para cá!(Muda de tom)-Alô! Arandir? Sou eu. O telefone está ruim! Você leu? Hein? Meu filho! Olha:- fala mais de vagar.Não ouço nada.Vem pra Vem, sim, vem. Papai chegou agora. Toma um taxi.Um beijinho (Selminha abandona o telefone, vem sôfrega para o pai)

APRIGIO:-:Escuta, Selminha.

SELMINHA:-:Papai, oh, meu Deus! Tenho que deixar o telefone desligado.

APRIGIO:-:Trote?

SELMINHA:-:Trote. Nunca ouvi tanto palavrão na minha vida. Sujeito telefonar, papai! E até mulher! (Voz de menina)- Telefonar para dizer nome feio. Deve ser, aposto. Aposto, papai. Gente da vizinhança é gente da vizinhança! Tenho certeza!

APRIGIO:-:Não liga!

SELMINHA:-:(Sôfrega)-Comprou o jornal?

APRIGIO:-:Comprei. (Aprigio tira o jornal do bolso)

SELMINHA:-:Leu?

APRIGIO:-:Li.

SELMINHA:-:(Começando a chorar)- Papai, olha.

APRIGIO:-:Chorando por que?

SELMINHA:-:Tenho que chorar! Estou chorando demais! Eu e Dália (Mudando de tom)- Dália não vai mais, papai! não vai mais!

APRIGIO:-:Por que?

SELMINHA:-:Fica! Leu esse pasquim! Leu e resolveu ficar!

APRIGIO:-:Onde está ela?

SELMINHA:-:(Sem responder)-Como é que um jornal papai! O senhor que deferia tanto o Samuel Wainer! E como é que um jornal publica tanta mentira!

(Aprigio anda de um lado para outro. Luta consigo mesmo. Ao ouvir falar em mentira, volta-se para a filha com vivacidade)

APRIGIO:-:Não é mentira!

SELMINHA:-:Êsse título "Beijo no Asfalto"! (Reagindo fora de tempo)-O que foi que o senhor disse? (Atônita)- Não é mentira?

APRIGIO:-:Nem tudo!

SELMINHA:-:(Repetindo)-Não é mentira?

APRIGIO:-:Selminha, escuta, escuta, minha filha! Você está nervosa!

SELMINHA:-:(Atônita)-O senhor quer dizer que isso, isso que o jornal publicou. Esta nojeira! O senhor quer dizer que é verdade?

APRIGIO:-:Um momento!

SELMINHA:-:(Fora de si)-O senhor admite que.

APRIGIO:-:Selminha, olha! O repórter, êsse Amado Ribeiro, escuta, Selminha. (incisivo) - O repórter estava lá! Viu tudo!

SELMINHA:-:(Estupefacta)-Viu o que?

APRIGIO:-:O que se passou.

SELMINHA:-:Então, o senhor vai me dizer. O senhor vai me dizer o que foi que se passou. Quero saber! quero!

APRIGIO:-:(Persuasivo)-Meu anjo, ontem eu não te contei?

SELMINHA:-:(Furiosa)-O senhor não me contou nada!

APRIGIO:-:(Dóce, mas fino)-Contei.

SELMINHA:-:Papai, pelo amor de Deus, escuta!

APRIGIO:-:Selminha...

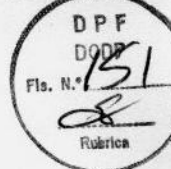
SELMINHA:-:Tenho mais confiança em Arandir que em mim mesma. Se tivesse acontecido o que o jornal diz. Um momento, papai. Arandir não me esconde nada. aArandir me conta tudo!

APRIGIO:-:Nem tudo.

SELMINHA:-:Tudo!

APRIGIO:-:Ontem, eu perguntei se você conhecia o seu marido

SELMINHA:-:(Exaltada)-Mas claro! Ou o senhor se esquece que eu sou sua lher. Que eu. Papai, Arandir, não pode nem me trair. Porque ria me contar tudo, tudinho. Outro dia. A fechadura do banheiro estava quebrada. Arandir empurra a porta e vê Dália nua. S quer, naturalmente, e nem completamente! Tinha acabado de tomar banho. Pois Arandir veio, imediatamente, no mesmo minuto. No mesmo minuto, papai. Dizer: olha acaba de acontecer isso, assim, assim... Eu nem disse nada à Dália, porque ela ia ficar sem jeito. Mas a sinceridade de Arandir! O senhor sabe que adorei!! Adorei!



APRIGIO:-: -Posso falar?

SELMINHA:-: -(Frenética)-E o jornal põe que o meu marido beijou outro nome na boca!

APRIGIO:-: -É verdade!

SELMINHA:-: -(Atônita, quase sem voz)-Arandir me diria...

APRIGIO:-: -(Triunfante)-Beijo.

SELMINHA:-: -(Recuando)-O senhor não pode dizer isso! não tem êsse direito

APRIGIO:-: -(Ofegante)-Eu sou pai!

SELMINHA:-: -(Num esgar de choro)-Não. Não.

APRIGIO:-: -Eu vi e sou o pai. Pai. Vi meu genro. O loteação arrastou o su-
jeito.

SELMINHA:-: -(Feroz)-Foi o rapaz que. Antes de morrer. O rapaz pedia um be-
jo.

APRIGIO:-: -(Exultante)-O sujeito caiu de braços, rente ao meio-fio. De
braços. Teu marido foi lá e virou o rapaz. E deu o beijo. Na
boca.

SELMINHA:-: -(Fora de si)-Meu marido diria. Ele não esconde nada=!!(Aprí-
segura a filha pelos dois braços)

APRIGIO:-: -(Com súbita energia)-Vem cá. Responde! Você viu o retrato do
atropelado?(Suplicante e violento)-Diz! Você o reconheceu?
Preciso saber. Olha! Entre as amizades do teu marido(mais fo-
te)- Entre as relações masculina do teu marido, tinha algué-
parecido? Alguém parecido com êsse retrato? Olha bem!

SELMINHA:-: -(Atônita)-O senhor está insinuando que.

APRIGIO:-: -(Desesperado)-O morto nunca veio aqui?

SELMINHA:-: -Mas eles não se conheciam? Meu marido, nunca, nunca!

APRIGIO:-: -(Violento)-Escuta! Deixa eu falar, menina! Ontem, eu vim aq-
pessoalmente. Podia ter dado o recado, pelo telefone. Mas v-
pra te perguntar se. Selminha, eles se conheciam?

SELMINHA:-: -(Espantada e ofegante)-Mentira!

APRIGIO:-: -(Com violência total)-Não foi o primeiro beijo! não foi a
meira vez!

SELMINHA:-: -(Na sua cólera)-Dália tem razão!

APRIGIO:-: -(Sem entender)-Por que Dália?

SELMINHA:-: -O senhor tem ciúmes de mim.

APRIGIO:-: -(Atônito)- Eu?

SELMINHA:-: -Odeia Arandir!

APRIGIO:-: -(Desatinado)- Juro!

SELMINHA:-: -O senhor foi contra o meu casamento. Contra!

APRIGIO:-: -(Violento e suplicante)- Eu sou pai. Pai. Preciso saber se
raram amigos e que tipo de amizade

SELMINHA:-: -O senhor não gosta de ninguém!

APRIGIO:-: -Sou um velho!

SELMINHA:-: -Nem de mim. O senhor não sabe amar. Escuta, papai!

APRIGIO:-: -Você não me entende.

SELMINHA:-: -Papai, escuta, papai! (Num rompante histórico)-Deixa eu fa-
(Com cruel euforia)- O senhor já amou algum dia? Amou algu-

APRIGIO:-: -Amei!

SELMINHA:-: -(Num crescendo de fúria exultante)-Mamãe morreu há tanto
po e o senhor continua só. Ninguém pode viver sem ninguém
pai, uma pergunta.

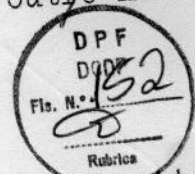
APRIGIO:-: -Adeus.

SELMINHA:-: -Vem cá, papai!

APRIGIO:-: -Adeus.

SELMINHA:-: -Não, senhor! O senhor já me ofendeu e tem que me escutar
só uma pergunta. Está ouvindo? Preciso saber se meu pai
paz de gostar(Suplicante)-Nêste momento, o senhor gosta
guém? Ama alguém, papai?

APRIGIO:-: -Quer mesmo saber?



SELMINHA:--Quero!

APRIGIO:--(Com o olhar perdido)- Querida, Neste momento, eu (esboça uma carícia na cabeça da filha)... eu amo alguém. (Trevas sobre a cena. Luz no velório do atropelado. Amado Ribeiro, Aruba e a Viúva).

VIUVA:--:--Quer falar comigo?

AMADO RIBEIRO-A senhora é que é a viúva?

VIUVA:--:--(Chorosa amarrotando o lenço)-O senhor é da polícia?

AMADO RIBEIRO-(Sintético e inapelável)- Somos da polícia. Mandei chamar a senhora porque é o seguinte.

VIUVA:--:--(Atarantada)-Mas o entêrro já vai sair!

AMADO RIBEIRO-Um minutinho!

VIUVA:--:--(Em ânsias, olhando para trás)- Vão fechar o caixão!

AMADO RIBEIRO-(Para a viúva)-Não afoba! O Aruba vai lá! (Para o companheiro)- Aruba, vai lá! E diz para aguentar a mão.

VIUVA:--:--(Sôfrega)- Avisa. Seu. Como é mesmo?

ARUBA:--:--Aruba.

VIUVA:--:--Seu Aruba, avisa que eu não demoro. Mas pra não deixar sair entêrro.

AMADO:--:--Chispa!

VIUVA:--:--Um momento! Seu Aruba, o senhor fala com um senhor alto, das espinhas. Um que tem espinhas. Alto. Diz que. É meu cunhado. Diz pra não fechar o caixão. Só com a minha presença. (Sai o Aruba, assoando ligeiramente)- Pronto.

AMADO RIBEIRO-(Sucinto e incisivo)- Minha senhora. Não vamos perder tempo. Tomei informações, a seu respeito. Sei, de fonte limpa. Um momento. Sei de fonte limpa que a senhora tem um amante.

VIUVA:--:--(Sob o impacto brutal)- Eu?

AMADO RIBEIRO-(Implacável)- Tem um amante! cheio da gaita! Não faça comentários! Nenhum!

VIUVA:--:--O senhor está me ofendendo!

AMADO RIBEIRO--Ofendendo, os colarinhos!

VIUVA:--:--(Entre a indignação e o pânico)-Mas eu sou uma senhora!

AMADO:--:--Cala a boca! Cala a boca! (Muda de tom)-Escuta. Você tem um amante e com toda a razão. Com toda a razão. Conheço a sua vida, de fio a pavio. A senhora arranjou, cala a boca. Arranjou um cara quando percebeu, entende? Ao perceber que seu marido mantinha relações anormais com outro homem, a senhora. Não é fato?

VIUVA:--:--(Depois de olhar para os lados e já incerta)-O senhor está falando alto!

AMADO:--:--Você leu o jornal?

VIUVA:--:--O jornal? LI.

AMADO:--:--(Tirando o jornal do bolso)-Muito bem. Preste atenção. (Ama-roupa)- Olha bem esse retrato. É o sujeito que beijou seu marido. A senhora, naturalmente, já viu esse camarada claro!

VIUVA:--:--(Vacilante)- Não.

AMADO:--:--(Ameaçador)- Madame. Nunca viu?

VIUVA:--:--Nunca! (Aruba aparece)

ARUBA:--:--Já falei lá.

AMADO:--:--(Para a viúva)- Viu, sim! viu!

VIUVA:--:--(Em pânico)-Juro!

AMADO:--:--Você está mentindo! mentindo!

ARUBA:--:--(Interferindo)-Amado, olha. O cadáver.

AMADO:--:--Não ouvi.

ARUBA:--:--(Baixo)-O cadáver.

AMADO:--:--Fala alto!

ARUBA:--:--Devido ao calor, o cadáver. Já tem mau cheiro.

AMADO :--:(Furioso)- Que se dane (Para a viúva)- Olha aqui. Ou a senhora diz a verdade. A polícia não tem esse negócio de mulher, não. Mulher apanha também! (Muda de tom)- Sua burra! põe na tua cabeça o seguinte. Você tem um amante. E porque, porque tem um amante? Porque seu marido, escuta, escuta! Seu marido mantinha relações anormais. Relações anormais com um cara, entendeu? (Me lífluo)- Seu marido tinha um amigo chamado Arandir; amigo esse que a senhora está reconhecendo pela fotografia.

VIUVA:--:(Olhando para os lado)-O senhor fala mais baixo! (A viúva olha as fotografias). Aparece um vizinho que está fazendo o velório)

VIZINHO:--:Com licença.

ARUBA:--:--Fala, meu chapa!

VIZINHO:--:(Tímido)- É que.

AMADO:--:--Desembucha.

VIZINHO:--:--Pode fechar o caixão?

AMADO:--:--Mas oh nossa amizade! Aguenta a mão!

VIZINHO:--:(Para Amado)-Doutor, o corpo está exalado! (Enfático)-Exalado

AMADO:--:--:(Furioso)-Vamos fazer o seguinte, olha aqui, nossa amizade! Manda fechar o caixão!! manda fechar! Ordem da Polícia! Fecha e toca o bonde! Por minha conta!

ARUBA:--:--:(Enxotando o vizinho e com total pouco caso)-Acaba com isso. Acaba com isso!

VIÚVA:--:--:(Com nostalgia e perplexidade)-Mas é um morto!

AMADO:--:--:(Com riso curto, e ofegante)-Morto e te traia não com uma mulher, mas com um cara! Na hora de morrer, ainda levou um chupão!

ARUBA:--:--:(Alvar)- Legal!

(Trevas. Luz no quarto de Arandir e Selminha. Arandir acaba de chegar):

SELMINHA:--:--Até que enfim!

ARANDIR:--:--Ah, querida (Arandir apanha entre as suas mãos a de Selminha

SELMINHA:--:--Por onde você andou?

ARANDIR:--:--Mãos frias!

SELMINHA:--:--Febre!

ARANDIR:--:--:(Febril também)-Demorei, porque. Há uma hora que eu rondo a casa. Passei três vezes pelo portão e não entrei, porque (com um esgar de medo)- Tinha um cara na esquina.

SELMINHA:--:--Que cara?

ARANDIR:--:--:(Encerrando no seu medo, sem ouvi-la)-Olhando para cá.

SELMINHA:--:--:(Sôfrega)-Você fala como se estivesse fugindo meu bem! (Arandir estaca. Volta-se vivamente).

ARANDIR:--:--:(Com uma falsa alegria, uma falsíssima naturalidade)-Fugindo eu? (Riso de angústia)- a trôco de que? Eu não fiz nada. Não sou nenhum criminoso. Eu apenas... (Sem transmitir, já em tom de lamento)- Telefonei para cá. Sempre ocupado!

SELMINHA:--:--:(Querendo ser natural)-O telefone, meu bem. Tive de desligar claro! Ligavam pra cá e diziam horrores! Ouvi palavrões que eu não conhecia!

ARANDIR:--:--Escuta, Selminha, olha. Se me procurarem. Avisa a Dália e dá ordem à criada. Eu não estou pra ninguém. Pra ninguém.

SELMINHA:--:--:(Sem ouvi-lo)-Você leu?

ARANDIR:--:--:(Desesperado e suplicante)-Pelo amor de Deus. Escuta. Esse assunto, não!

SELMINHA:--:--Uma pergunta só.

ARANDIR:--:--Não. Selminha, não! Eu não estou em estado, compreende? eu não estou em estado de.

SELMINHA:--:--:(Dôce, mas irreduzível)- Arandir, olha pra mim, olha.

ARANDIR:--:--:(Com sofrida docilidade)-Fala!



SELMINHA:-O que o jornal diz. É só isso que eu quero saber. Só isso, meu-
bem. O que o jornal diz é verdade?

ARANDIR:-(Dando-lhe as costas)-Saí do emprêgo.

SELMINHA:-Te despediram?

ARANDIR:-Eu me despedi. (Andando de um lado para outro, com uma excitação progressiva)-Hoje, cheguei no emprêgo. Logo que cheguei, começaram com piadinhas. (Mais exaltado)-piadinhas (Súbitamente em pânico, pondo-se à escuta)- (Para um! Um automóvel na porta?)- (Crispando a mão no braço da mulher) Não está ouvindo?

SELMINHA:-Não é aqui!

ARANDIR:-(Quase sem voz)-Não é aqui?

SELMINHA:-(Um pouco contagiada pelo medo)- No vizinho! (Com súbito desespero, agarrando o marido)-Mas que piadinhas?

ARANDIR:-(De costas para a mulher e com a voz nítida e vibrante)-Eles-me chamaram de viúvo!

SELMINHA:-De que?

ARANDIR:-(Com desesperado cinismo)-Viúvo! Do rapaz que morreu! Entende? Você acha que depois disso?

SELMINHA:-(Atônita)- E você?

ARANDIR:-Eu?

SELMINHA:-(Fora de si)-Você reagiu?

ARANDIR:-Eu não podia! eu não!

SELMINHA:-(Furiosa)-Você devia-lhe ter quebrado a cara!

ARANDIR:-Até o chefe. Falou comigo, e olhava para mim. Estava espantado. Espantado. Eu tive a impressão. É um bom sujeito. Um homem de bem. Não sei, mas tive a impressão de que tinha nojo - de mim, como se eu!

SELMINHA:-(Segurando-o com energia)-Arandir!

ARANDIR:-Querida!

SELMINHA:-Como tua mulher, eu te peço. Você vai lá amanhã e quebra. Quebra mesmo! A cara do sujeito!

ARANDIR:-Eu acho, entende? Acho que, nunca mais, em emprêgo nenhum. Acho que em todos os emprêgos, os caras vão me olhar como se. As mesmas piadinhas, em toda a parte.

SELMINHA:-(Frenética)-Ao menos, responde!

ARANDIR:-Senta comigo.

SELMINHA:-É verdade que?

ARANDIR:-Um beijo.

SELMINHA:-(Com surda irritação)-Primeiro, responde. Preciso saber. O jornal botou que você beijou.

ARANDIR:-Pensa em nós.

SELMINHA:-Com outra mulher. Eu sou tua mulher. Você beijou-na...

ARANDIR:-(Sôfrego)- Eu te contei. Própriamente, eu não. Escuta. Quando eu me abaixei, o rapaz me pediu um beijo. Um beijo. Quase sem voz. E passou a mão por trás da minha cabeça, assim. E puxou. E, na agonia, ele me beijou.

SELMINHA:-Na boca?

ARANDIR:-Já respondi.

SELMINHA:-(Recuando)-E porque é que você, ontem!

ARANDIR:-Selminha.

SELMINHA:-(Chorando)-Não foi assim que você me contou. Discuti com meu pai. Jurei que você não me escondia nada!

ARANDIR:-Era alguém= Escuta! Alguém que estava morrendo. Selminha. Querida, olha! (Arandir agarra a mulher. Procura beijá-la. Selminha foge com o rosto)— Um beijo.

SELMINHA:-(Debatendo-se)-Não! (Selminha desprende-se com violência. Instintivamente, sem consciência do próprio gesto, passa as costas da mão nos lábios, como se os limpasse)

ARANDIR:-Você me nega um beijo?

SELMINHA:-Na boca, não!

ARANDIR:-:-sem se aproximar e estendendo as duas mãos crispadas
Coração, olha. No emprêgo e aqui na rua. Eu sei que aui na -
rua. Ninguém acredita em mim. E, hoje, quando eu saí do em -
prêgo. Meu bem, escuta. Fiquei andando pela cidade. Tive a -
impressão de que todo mundo me olhava. No lotação. Em todo lu -
gar, eu acho que me reconheciam pelo retrato. Eu saltava de um
lotação e pegava outro. A mesma coisa. Eu então pensei:-----
Bem: Mas eu tenho Selminha! Escuta, Selminha, escuta! Eu que
ro sentir, saber, entende! Saber que você está comigo! A meu
lado! Você é tudo o que eu tenho! (Selminha está chorando com
o rosto coberto por uma das mãos).

SELMINHA:--(Soluçando)- Oh, cala a boca!

ARANDIR:--(Com súbito pânico)-Barulho. Está ouvindo?

SELMINHA:-Nada.

ARANDIR:--(Recuando)-Abriram o portão. Alguém entrou.

SELMINHA:--(Com surda irritação)-Não é ninguém. (Dália aparece).

ARANDIR:--(Oh, Dália.

DÁLIA:-:--(Surpreza para a irmã)-Chorando por que?

ARANDIR:-:-Nervosa.

DÁLIA:-:--(Para Arandir)- Eu não vou mais, Arandir. (Para a irmã)-Sua -
bôba! parece até nem sei! Faz como eu. Olha! Agora mesmo, eu
disse à D. Matilde. Ouviu, Arandir? Quando eu vinha voltando -
da Igreja, encontrei a D. Matilde. D. Matilde, essa de. Disse à -
ela o que não se diz à um cachorro. Quase que. Disse:—Olha!
Limpe a boca, limpe a boca. E fique sabendo que meu cinhado -
é muito mais, mas muito mais homem que o seu marido! (Toca a
campaíinha).

ARANDIR:-:--(SOB O IMPACTO)-Agora estão batendo!

SELMINHA:-:--(Também em sobressalto)-Dália, vai atender, vai. Arandir não
está.

DÁLIA:-:-:-Não está?

ARANDIR:-:-Ninguém, pra ninguém!

SELMINHA:-:-Anda. (Dália abandona a sala)

ARANDIR:-:--(Sôfrego)-Diz que me ama!

SELMINHA:-:--(Saturada)-Você sabe.

ARANDIR:-:-Mas eu queria que você repetisse. Me ama? Você não é capaz
de repetir que me ama? (ENTRA DÁLIA).

DÁLIA:-:-:-Polícia!...

TREVAS.

F I M D O S E G U N D O A T O :

TERCEIRO ATO:

O delegado cunha e o Amado Ribeiro estão na casa de um amigo
em Bôca de Mato. Entram o investigador, Aruba e Selminha. (Es -
ta vem assustadíssima) só vê-la o delegado Cunha, em mangas
de camisa, os suspensórios arriados, um vasto revólver na
cintura, vem ao seu encontro. Exuberante e sordida cordiam
mente de cafageste.

CUNHA:-:-:-Tenha a bondade, minha senhora! tenha a bondade!

SELMINHA:--(Quase chorando)-O senhor que é o comissário?

CUNHA:-:-:--(Numa medida subserviente)- Delegado!

ARUBA:-:-:-O doutor!

SELMINHA:--(Fremente)-Eu fui ameaçada=! ameaçada!

CUNHA:-:-:-Mas minha senhora!

SELMINHA:--(Apontando)--Êsse moço me ameaçou!

ARUBA:-:-:--(Numa gesticulação de cafageste)- Ela quis botar banca! Não
queria vir! Resistiu, já sabe!

SELMINHA:-:--(Ora para um, ora para outro)-Mentira. (para Delegado)-Dou
eu apenas, olha. Apenas perguntei:—"Pra onde o senhor me
va"?.

178/20

CUNHA:--:--(Com um descaro grandiloquente)- Aruba! Você maltratou essa -
Senhora, hem, Aruba?

ARUBA:--:--Não!

SELMINHA:--:(Chorando de humilhação)-Disse que. Disse! Que se eu gritasse,
que eu apanhava na boca! E me torceu o braço.(Para investiga-
dor)- torceu!

AMADO:--:--(Intervindo pela primeira vez)- Minha senhora, isso é um cava-
lo! uma bêsta!

ARUBA:--:--(Impulsivamente)-Bêsta é você!

AMADO:--:--O cara não dá uma dentro!

CUNHA:--:--(Aos berros e espetando o dedo na cara do auxiliar)- Cala a
boca!(Muda de tom, para Selminha)-Infelizmente, minha senhora
a polícita tem elementos, que, (Para Aruba, com uma falça cóle-
ra)- Retire-se!(Para Selminha, com humildade)- Peço-lhe, crei
a que (Para Aruba) Saia!

ARUBA:--:--Mas doutor!

CUNHA:--:--E olha! Vou lhe meter uma suspensão!

ARUBA:--:--(Numa confusão total)-Cumprir ordens!

CUNHA:--:--Eu não admito, entende? Não admito! Cai fora! (Aruba sai. Cunha
volta-se para Selminha. Falsíssima humildade. Selminha olha en-
torno).

SELMINHA:--Eu reclamei porque(Mais incisiva)-Isso aqui não é Distrito!

AMADO:--:--Calma, D.Selminha!

SELMINHA:--(Próxima da histeria)- Isso é uma casa!

CUNHA:--:--(Melifluo)-Exato, exato. Não nego. Escuta, minha senhora.

SELMINHA:--Mas doutor!

AMADO:--:--(Apaziguador)-Um momento!

CUNHA:--:--Pra evitar escândalo. Escuta. Pra evitar escândalo eu preferi
que fôsse aqui.

SELMINHA:--(Olhando em torno)-Aqui onde?

CUNHA:--:--(Com um princípio de irritação)-e já insinuando uma ameaça)-:
Aqui D.Selminha, aqui! Na delegacia, propriamente, não se po-
de trabalhar. Está assim de repórter, de fotógrafo! Não há
mistério, D.Selminha. Estamos em São João do Meriti. Essa ca-
sa é de um amigo do Amado Ribeiro.(Voltando-se para o repór-
ter)- Amado Ribeiro, da"Última Hora"!

AMADO:--:--(Cínico)-(Muito)prazer.

SELMINHA:--(Disparando, numa volubilidade febril)- O senhor é que é Samu-
el Wainer?

AMADO:--:--Amado Ribeiro.

SELMINHA:--(Desorientada por um detalhe imprevisto)- Mas o Samuel Wainer
não trabalha na"Última Hora"?

AMADO:--:--Exato.

SELMINHA:--(Confusa)-Ah, é. o Carlos Lacerda na"Tribuna da Imprensa!"

CUNHA:--:--(De sopetão e chocada pela surpresa)-D.Selminha onde está seu
marido?

SELMINHA:--(Crispando-se)- Meu marido?

CUNHA:--:--(Mudando de tom e com uma satisfação gratuita, exagerada)-Não
responda já!(Sem transição)- Amado, escuta.(Para Selminha)
Temos um barzinho, ali. A senhora não toma nada? Por exemplo
— não quer tomar um.

SELMINHA:--Nada.

AMADO:--:--Nem aguinha?

CUNHA:--:--Apanha lá, Amado.

SELMINHA:--(Vivamente) - Não, não! (Sôfrega) — Muito obrigada.

CUNHA:--:--(Para Amado)-Não precisa, Amado.(Para Selminha, novamente me-
fluo)- Mais calma?

SELMINHA:--Sim.

CUNHA:--:--(Com um riso surdo)-Ou tem medo?

DPF
DCDP
Fls. N.º 157
Rubrica

SELMINHA--:(Realmente apavorada)-- Um pouco. (Cunha faz, ali, um pequeno e divertido escândalo). Estava sentado, ergue-se).

CUNHA--:(Com um riso exagerado e bestial)-- Medo de mim? (Abrindo os braços para o repórter)-- Tem medo de mim, Amado! De mim?

AMADO--:(D.Selminha, com licença!)

SELMINHA--:(Desorientada)--Não é isso! O senhor não me entendeu. Nervosa!

CUNHA--:(Rindo ainda, com certa ferocidade) digo ferocidade)-- Diz pra ela, Amado. Conta! (Andando de um lado para outro e sempre exagerando)-- Medo de mim, qual!

AMADO--:(Incisivo)--D.Selminha, aqui o Cunha. Ouviu D.Selminha? Está ouvindo? O Cunha não é como os outros!

CUNHA--:(Cunha andando de um lado para outro, numa agitação jacundal Fala, Amado, fala!

AMADO--:(Posso falar porque. Tenho metido o pau na polícia. Mas o Cunha é um dos raros. Um dos raros, entende? (Cínico e enfático) - Humano! (Cunha vem sentar-se, novamente com os dois).

CUNHA--:(Menina, escuta. Pra mim você é uma menina. Mas escuta.

SELMINHA--:(Querendo desculpar-se)--Em absoluto, eu!

CUNHA--:(E, de mais a mais, eu sou pai. Antes de tudo, sou pai. o Amado, sabe. Eu tenho uma filha única.

AMADO--:(Noiva.

CUNHA--:(Noiva. Vai-se casar. E quando eu olho pra você, penso na minha filha. Nunca se sabe o dia de amanhã. Vamos que o meu genro. Essas coisas, sabe como é. Casamento é loteria, mas eu, quer que você, entende? (Para o repórter)-- Você não acha, Amado? (Para Selminha novamente)-- Quero que você me veja como um pai. Agora responda:- ainda tem medo de mim?

SELMINHA--:(Não.

AMADO--:(Natural.

CUNHA--:(Com um riso surdo e ofegante) - Podemos conversar?

SELMINHA--:(Com uma docilidade de menina)--Podemos.

AMADO--:(Baixo e persuasivo)-- Pode confiar no Cunha.

CUNHA--:(Docemente)-- É uma pergunta. Uma perguntinha só. O seguinte

SELMINHA--:(Olhando ora um ora outro)-- Pois não.

CUNHA--:(De supetão e com uma agressividade inesperada)-- Onde está seu marido? (Pausa. Selminha olha um e depois outro).

SELMINHA--:(Crispada)--Não sei.

AMADO--:(Persuassivo)--Sabe sim D.Selminha.

CUNHA--:(Já ameaçador)--Ai o meu cacête! (Mudando de tom)-- Menina, lhe falo como um pai! Como um pai! E se você!

SELMINHA--:(Juro! (Cunha vira-se para Amado. Agarra-o pelos dois braços).

CUNHA--:(Oh porque é que eu tenha uma filha! E minha filha que me imputa de de! (Larga o repórter)--e volta-se para Selminha)-- Menina, pense bem antes de responder!

SELMINHA--:(Numa espécie de histeria)-- Eu não sei onde está meu marido

CUNHA--:(Você está diante da polícia. E olha! Vai dizer a verdade. verdade. (Muda de tom novamente caricioso)-- Não se engana a polícia!

SELMINHA--:(Escuta, doutor! meu marido saiu de casa...

CUNHA--:(Furioso)-- Seu marido fugiu!

SELMINHA--:(Fugiu como?

CUNHA--:(Fugiu, entende? Está fugindo! Fugindo da polícia!

AMADO--:(Não lhe parece que é fuga é D.Selminha, escuta. A fuga é a confissão. Confissão=!

SELMINHA--:(Mas meu marido! afinal de contas!

CUNHA--:(Apertando a cabeça entre as mãos)--Não é possível!

SELMINHA--:(Erguendo-se e com exaltação)--O senhor está enganado.

CUNHA--:(Num berro)-- Fugiu!

AMADO:--:--(Para o delegado)- Cunha, calma!(Para Selminha)- Um momento!
 (Para Cunha)- Calma!
 SELMINHA:--:--Fugiu porque, se ele não fêz nada? Nem conhecia o porto!
 CUNHA:--:--(Rápido e agressivo)- Tem certeza? Note bem: ~~certeza?~~ (Ele-
 vando a voz)-Tem!?
 SELMINHA:--:--(Afirmativa, embora desconcertada)-Tenho!(Cunha tem um lance
 teatral)
 CUNHA:--:--(Exultante)-Amado, manda entrar a moça!(Para Selminha)-~~Deu-~~
 lhe provar que. Ri melhor quem ri por último.
 AMADO:--:--(Faz um gesto para dentro)-Pode vir! Vem, vem!
 CUNHA:--:--(Para a moça que vem entrando)- Tenha a bondade .(A viúva do
 atropelado e moça)- Aqui é a viúva do rapaz, o atropelado. A
 viúva. O tal que seu marido beijou. O tal!
 AMADO:--:--A senhora vai repetir aqui, (Indica Selminha, sem dizer o no-
 me o nome)-A senhora conhece o Arandir?
 VIUVA:--:--Conheço.
 AMADO:--:--(Para Selminha)-Conhece! (Para a viúva) E conhece de onde?
 VIUVA:--:--De minha casa.
 AMADO:--:--Frequentava a sua casa. Muito bem.(Para Selminha)- Ia lá! -
 (Para a viúva)- Agora conta aquilo. Aquilo que a senhora ne-
 contou. Aquilo, sim!
 CUNHA:--:--(Para Selminha)- Presta atenção.
 VIUVA:--:--De fato. Uma vez, ele foi lá em casa. Foi lá em casa e os -
 dois.(Para em pânico, olhando para o delegado, ora o repór-
 ter, ora Selminha)
 AMADO:--:--Os dois. Continue!
 VIUVA:--:--(Sôfrega de um jato)-Os dois tomaram banho juntos.
 SELMINHA:--:--(Atônita)-Meu marido?
 AMADO:--:--(Já despedindo a viúva)-Madame, muito obrigado. Pode ir.
 SELMINHA:--:--(Precipitando-se)-Mas escuta. Vem cá!(Cunha barra a passagem
 de Selminha).
 CUNHA:--:--Não, senhora. Quem interroga somos nós! A senhora não se met
 AMADO:--:--(Feroz exaltante)-D.Selminha, o banho é um detalhe mais que-
 besta! Pra mim basta! O resto a senhora pode deduzir.
 SELMINHA:--:--(Lenta e estupefacta)- O senhor quer dizer que meu marido...
 AMADO:--:--(Forte)- Exatamente!
 CUNHA:--:--(Também feroz)-Seu marido, sim! Seu marido! batata!(Selminha
 olha, ora um, ora outro, Está lívida de espanto)
 AMADO:--:--(Ofegante)- Ou a senhora prefere que eu fale português claro
 SELMINHA:--:--(Que se crispa para uma crise de histeria)-Prefiro. Fale, s
 Fale português claro!
 AMADO:--:--B em. É o seguinte.
 CUNHA:--:--Bestial- Escracha ! escracha que eu já estou de saco cheio!
 AMADO:--:--A polícia sabe que havia, havia entre seu marido e a vítima
 uma relação íntima.
 SELMINHA:--:--(No seu espanto)-Relação íntima?
 AMADO:--:--Uma intimidade, compreendeu? Um tipo de intimidade que não
 pode existir entre homens. Um instante, Cunha.A viúva já des-
 confiava. O negócio do banheiro, entendeu? E quando leu o -
 beijo no asfalto, viu que era batata.(Basta dizer o seguint
 : —ela. Sim, a viúva!(Triunfante) - não foi ao cemitério!
 CUNHA:--:--(Com uma satisfação bestial) - Menina, olha. Está na cara
 que seu marido não é homem!(Selminha vira-se com súbita agr
 agressividade)
 SELMINHA:--:--Eu estou grávida!
 AMADO:--:--Quem?
 SELMINHA:--:--(Feroz) - Eu!E' homem! Eu estou grávida! (Para um e outro)
 E outra coisa. Agora vocês vão me ouvir. Vão me ouvir. O me
 marido foi à Caixa Econômica. Um momento! Foi lá por uma jó
 ia no prego!
 CUNHA:--:--Ecuta.
 AMADO:--:--

BR DFANBSB NS.CPR.TEAPTE. 0190p. 188



CUNHA:--:-Escuta.

AMADO:--:-(Para o delegado)- Deixa ela falar!

SELMINHA:--:-E falo, sim! Foi pôr a jóia, sabe pra que? Por que êle me pediu pra tirar. Tirar o filho. Meu marido acha que a gravidez estraga a lua-de-mel! prejudica! E como eu. Eu nunca tive barriga. Seria uma pena que a gravidez. Êle então preferia que mais tarde e já não. Foi na Caixa Econômica apanhar o dinheiro do aborto.

AMADO:--:-Mas e daí?

SELMINHA:--:-(Desesperada com a ironia ou incompreensão)- Ou o senhor não entende que? Eu conheço muitas que é uma vez por semana, duas e, até, de, 15 em 15 dias. Mas meu marido todo dia! todo dia! todo dia!! (Num berro selvagem)-Meu marido é homem! homem! - (Selminha está numa histeria medonha). (Soluça. Cunha a segura pelos dois braços e a domina, solidamente).

CUNHA:--:-(Com um riso sórdido)-Você nunca ouviu falar em gilete? em barca de cantareira?

SELMINHA:--:-(Súbitamente hirta)- O que?

CUNHA:--:-(Num total achincalhe)-Gilete! barca da cantareira! (Selminha - desprende-se com violência. Desfigurada pela cólera, esganiça a voz)-

SELMINHA:--:-Seus indecentes! Indecentes! E você! (Marcando o delegado) - Você que é pai! Sua filha é noiva e olha! Tomara que o noivo de sua filha seja tão homem como o meu marido! (Cunha atira-se contra Selminha).

CUNHA:--:-Ó sua! Lhe quebro os córnos!

AMADO:--:-(Interrompendo)(Interpondo-se)- Espera! Calma! (Para Selminha, feroz)- Tira a roupa! Fica nua, Tira tudo! (Trevas. Casa de Selminha. O pai entra. Dália precipita-se)

DÁLIA:--:-Oh, papai!

APRIGIO:--:-(Sôfrego)- Onde está tua irmã?

DÁLIA:--:-(Soluçando)- Prêsa!

APRIGIO:--:-Quem?

DÁLIA:--:-(Num começo de histeria)- Prêsa!

APRIGIO:--:-(Estupefacto)- Prenderam ? (Furioso)- Não chora! (Muda de to

DÁLIA:--:-A polícia esteve aqui!

APRIGIO:--:-(Repetindo)-Não chora! a polícia?

DÁLIA:--:-(Repetindo)- Esteve aqui e perguntou primeiro. Primeiro perguntou por Arandir. (Tomando respiração)- Eu disse que Arandir estava. Então, levaram a Selminha!

DÁLIA:--:-(Numa explosão)-Sei lá! papai! Sei lá!

APRIGIO:--:-(ANovamente furioso)- Menina chata! pára de chorar! (sem tração e desviando a sua fúria)- E meu genro? Onde é que está o meu genro?

DÁLIA:--:-Papai, quando a Polícia chegou! Ouviu, papai?

APRIGIO:--:-(Proquejando sem sentido)-O cúmulo!

DÁLIA:--:-Arandir escondeu-se no meu quarto!

APRIGIO:--:-Escondeu-se?

DÁLIA:--:-Escuta, papai. Ficou lá até que-(Incoerente e com veemência) Ou o senhor queria que o Arandir fôsse prêso?

APRIGIO:--:-(Furioso)-Meu genro não pode ser prêso, minha filha, pode!

DÁLIA:--:-(Desorientada)-Papai, não é isso!

APRIGIO:--:-(Ameaçando não se sabe a quem ou a que)-Mas olha! Olha!

DÁLIA:--:-(Agarrando o velho)- Papai, escuta!

APRIGIO:--:-(Urrando)-Onde está o canalha do meu genro?

DÁLIA:--:-(Recuando como diante de uma blasfêmia)- O que ?

APRIGIO:--:-(Mais forte)-O canalha do meu genro!

DÁLIA:--:--(Ressentida)-Arandir não é canalha.

APRIGIO:--:--(Ofegante e sem completar) -Você ainda!

DÁLIA:--:--O senhor não! Não pode chamar!

APRIGIO:--:--(Triunfante)-Chamo? posso chamar! Perfeitamente! Um canalha que. Se esconde e larga a mulher! Dá o fora, a mulher que dane! E tudo por que? Porque êsse pulha!

DÁLIA:--:--(Quase sem voz)- Não, papai, não!

APRIGIO:--:--Êsse pulha. Na minha frente. Nem respeitou a minha presença Na minha frente, sim! Na frente de toda a cidade. Toda a cidade estava lá. vendo, espiando! (Exultante e feroz)- E êle beijou na boca um homem! Por isso, Selminha. Selminha foi prêsa!

DÁLIA:--:--Papai, o senhor não entende!

APRIGIO:--:--(Estrebuchando)- Um genro que! (Dália atraca-se com o pai).

DÁLIA:--:--(Desesperada)-Ouve, papai. Arandir explicou!

APRIGIO:--:--(Violento e cortante)- Mentira!

DÁLIA:--:--Conheço, papai! E Arandir, olha. Se fez isso. Papai, escuta. Fez isso porque. Teve pena! Foi a caridade. Arandir tem um coração, papai!

APRIGIO:--:--(Como se desse cusparada)- Humilhou a minha filha.

DÁLIA:--:--E o rapaz antes de morrer. Ele não podia recusar. Antes de morrer, o rapaz pediu o beijo. Antes de morrer.

APRIGIO:--:--(Agarra a filha. Está sinistramente dibertido)-Antes de morrer?

DÁLIA:--:--Pediu.

APRIGIO:--:--(Com súbita energia)- Agora você vai me ouvir.

DÁLIA:--:--Papai, eu!

APRIGIO:--:--(Desesperado)-Cala a boca! (Muda de tom) e falando com súbita ferocidade)- Eu estava junto do meu genro. Quando êle se abaixou, eu estava ao lado. Juntinho, ao lado e vi e ouvi tudo. (Baixo e violento)- Olha! Ninguém pediu beijo! (Radiante)- O rapaz já estava morto!

DÁLIA:--:--(Quase sem voz e num espanto brutal)- Morto?

APRIGIO:--:--Morto. Meu genro te contou que! Mentira! O rapaz não disse uma palavra. Estava morto! De olhos aberto e morto.

DÁLIA:--:--(ainda sem voz) - Não acredito.

APRIGIO:--:--(Exultante)-Meu genro mentiu pra ti e pra Selminha.

DÁLIA:--:--(Cara a cara com o pai)- Arandir não mente!

APRIGIO:--:--Beijou porque quis e não era um desconhecido. (Agarra a filha pelos dois braços. Fala cara com cara)- Eram amantes! (pausa)

DÁLIA:--:--(Sussurrando)- Não! Não!

APRIGIO:--:--(Triunfa)- Amantes! (Dália desprende-se com inesperada violência).

DÁLIA:--:--(Com súbita ferocidade)- Papai, descobri o seu segredo.

APRIGIO:--:--(Realmente em pânico)- Que segredo! ? (Rápido, segura a filha pelo pulso)

DÁLIA:--:--Descobri!

APRIGIO:--:--(Desatinado)-Não tenho segredo nenhum! (com um esgar de choro) Nem admito. Ouviu? Nem admito!

DÁLIA:--:--(Cruel e lenta)- Quer que eu diga?

APRIGIO:--:--(Num berro)- Cala essa boca! (Muda de tom. Quase sem voz)- O então diz. Pode dizer. Se você sabe, diz. (Com a voz estralada)- Qual é o meu segredo?

DÁLIA:--:--(Lenta e má)-O senhor não gosta de Selminha como pai.

APRIGIO:--:--(Assombrado)- Como o que?

DÁLIA:--:--(Hirta)- Hosta como. E amor. Amor de homem por mulher (Dália afirmativa de Dália, o velho tem uma reação que de momento o espectador não vai compreender. Essa reação é de uma euforia brusca. Total, sem nenhuma motivação aparente).

APRIGIO:--:--(Começando a rir)- Amor de homem por mulher? E é êsse o segredo? (Repete, recuando o espanto para a filha)- Meu segredo é se?

187
25-
DCDP
162

DÁLIA:-:(Esganiçando a voz, num frenético desespero infantil)-Por isso, senhor odeia Arandir!

APRIGIO:-(Na sua euforia)-Pensei que(Abrindo o riso)-Mas quem sabe? (Real vez-você tenha)(Muda de tom, com uma seriedade divertida)-Realmente, quando uma filha se casa, o pai é um pouco traído. Não--deixa de ser traído. O sujeito cria a filha para que um miserável venha e.(Muda de tom, novamente, com uma ferocidade jocunda) Em certo sentido, Selminha cometeu um adultério contra nin!(Numa gargalhada selvagem e canalha, que ninguém entende)Boa!Boa!(Termina a cena com as gargalhadas do pai e as soluços da filha)

TREVAS:-:Luz no quarto de Amado Ribeiro. O repórter está sem paletó, com a fralda da canisa para fora das calças. Empunha uma garrafa de cerveja. De vez em quando bebe pelo gargalo com uma sôde feliz. O repórter está, na melhor das hipóteses, semi-bêbedo.

AMADO:-:Quem? Quem? Falar comigo? Olha! Manda subir. Sobe, sobe!.....(Aprígio entra)Amado incerto- O senhor é?

APRIGIO:-:O sôgro de.

AMADO:-:O sôgro, exatamente. Eu estava conhecendo. Graças à Deus, sou - bon fisionomista.

APRIGIO:-(Com uma grave amabilidade)-Boa-noite(Amado faz um gesto circular, que abrange todo o quarto)

AMADO:-:Desculpe a esculhanbação. O quarto está uma bagunça.

APRIGIO:-:Absolutamente.

AMADO:-:Estou enfado da vida. Imagine que, aa arrunadeira, uma preta gorda**(baixo e sórdido)**Emprenhou. Ela faz aborto em si mesma. Com talo de nanona.(Com fina malícia) Não deixa de ser uma solução.Muda de tom Mas parece que, desta vez, houve perfuração. Perfuração. Esta norre não norre. Vai norrer.(Pigarrando e com certo - que de culpado) Mas olha cá:- eu não tenho nada com o peixe. O filho não é meu.(Muda de tom, um pouco perturbado) Vamos nós. - Qual é o drama?

APRIGIO:-:Seu Amado, eu desejava, aliás.

AMADO:-:É sobre o beijo do asfalto?

APRIGIO:-(Incerto)- Propriamente.

AMADO:-:Meu amigo, com licença. Um momento. O senhor veio me cantar?

APRIGIO:-(Perturbado)-Mas cavalheiro!

AMADO:-:Veio me cantar. Um momento. Claro. Veio me cantar. E eu não quero. Em absoluto, Meu amigo, eu sou batata, entende? E não me vendo!

APRIGIO:-O senhor não me entendeu.(AMADO-Meu velho, sou macaco velho!

APRIGIO:-(Sôfrego) Queria apenas, entende? Ter uma conversa. Uma conversa, a propósito de...

AMADO:-:Escuta, nossa amizade, escuta! Fala um de cada vez. Essa conversa, é velha pra chuchú! Mas olha:-dinheiro não me compra.

APRIGIO:-(Incisivo) Nem eu, ora!

AMADO:-:Com licença. O senhor está aqui por causa de seu genro e de sua filha..Batata! Mas escuta! A única coisa que me compra é mulher (Faz o adendo rápido e incisivo)-E magra!(APRIGIO-Seu anado:

AMADO:-:-(No seu deslunbramento erótico)-As magras!as magras(retifica)--Sen alusão a sua filha(Com uma amabilidade de obscena de bêbedo) Magrinha, sua filha. (Muda de tom)- Vou-lhe contar uma passagem Eu tive uma dona, uma cara, nem sei que fim levou(Novamente, exultante)-O corpo de sua filha, direitinho. Sem barriga nenhuma. - (Com um riso vil)-Na cama--Era bárbara!(RI)-Subia pelas paredes assin como uma lagartixa profissional! Magrinha!Ossuda!

APRIGIO:-(COM SURDA IRRITAÇÃO)-O senhor quer me ouvir?

APRIGIO:--:(Gon surda irritação)- O senhor quer me ouvir?

AMADO:--:--Cono é mesmo sua graça?

PARIGIO:--:--Aprigio.

AMADO:--:--Aprigio, agora é tarde! Tarde!

APRIGIO:--:--Mas eu ainda não disse nada! Eu queria, justamente.

AMADO:--:--O senhor vai dizer que é mentira. Que é uma nistificação coloss^{al}, colossal, não sei o que lá. Não adianta. O jornal está rodando. Rodando. Ten uma manchete do tananho de um bonde. Assin:-- "O Beijo no Asfalto foi crime! crime".

APRIGIO:--:--(Apavorado)-Crime?

AMADO:--:--Crime! E eu provo! Quer dizer, sei lá se provo, nen me intetes sa. Mas a manchete está lá, com tôdas as letras:--CRIME!

APRIGIO:--:--Mas eu não entendo!

AMADO:--:--(Exultante e feroz)-Aprigio, você não me prova. Pode me cantar Me canta! canta!(rindo, feliz)-Eu não me vendo!(Muda de ton)- Eu botei que. Presta atenção. O negócio é ben bolado pra chuchú! Botei que teu genro esbarrou no rapaz, (Triunfante)- Mas não esbarrou! Aí é que está. Não esbarrou. (lento e taxativo) Teu genro enpurrou o rapaz; o amante debaixo do lotação. Assa sihato. Ou não é?(Maravilhado)- Aprígio, a pederastia faz vender jornal pra burro! Tiranos, hoje, está rodando, trezentos- mil exemplares! Crime, batata!

APRIGIO:--:--Ten certeza?

AMADO:--:--Ou duvida?

APRIGIO:--:--(Mais incisivo)-Ten certeza?

AMADO:--:--(Sórdido)- São outros quinhentos! Sei lá! Certeza, pròpriamente. A única coisa que sei é que estou vendendo jornal como água. Pra chuchú.

APRIGIO:--:--(Saturado de tanta miséria)- Já vou.

AMADO:--:--(Fazendo uma insinuação evidente de miserável)- Ven cá. Escuta aqui. Sabe que. Sinceramente. Se eu fôsse você. Um pai. Se tivesse uma filha e minha filha casasse com um cara assin como o. Entende? Palavra de honra! Dava-lhe um tiro na cara!

APRIGIO:--:--Você quer vender mais jornal?

AMADO:--:--(Con a sua seriedade de bêbedo)- Fora de brincadeira. Não é pia da. Sério. E olha. A absolvição seria a maior barbada. Nenhum Juiz te condenaria, nenhum! (Caricioso)- Escuta Aprigio. O Arandir não é honen pra. Não é honen pra tua filha. Ela é nagra e tão sen. Sen barriga. Um cêrto histerismo na mulher. E D. Selminha (Enfático)- Êsse cara não aguenta o repuxo com tua filha.

APRIGIO:--:--(Desesperado de ódio)- Bêbedo imundo! (Aprigio abandonou o quarto, como se fugisse. Senpre com a garrafa na mão. Amado avançou canbaleante).

AMADO:--:--Ven cá, seu! Ven cá! (Vendo o outro sunir)- Filha (rindo surdo) - Seu bêbedo. Bêbedo e pau-de-arara. (Amado ten um súbito rompante triunfal).

AMADO:--:--(Num berro)- Mas parei a cidade! Só se fala do "Beijo no A" faltêles tœen que respeitar! ten que respeitar! Eu não dou bola! Não dou pelotas! (Amado parte o grito num soluço. TREVAS. Luz na casa de Selminha. Dália vai entrando sente-se em tudo o que Selminha diz o faz, o trauma da polícia. Ela, que está lendo um jornal, ergue-se ao ver)

SELMINHA:--:--(Senpre em tensão)- Quem era?

DALIA:--:--(Sôfrega)- Arandir!

SELMINHA:--:--(Frenética e esgançando)- E só telefona agora?

DALIA:--:--(Querendo acalmá-la)- Selminha, você está nervosa.

SELMINHA:--:--(Anda de um lado para outro numa angústia de insana e na sua cólera)- Passa uma noite e um dia sen telefonar!

DALIA:--:--(Gritando também)- O telefone aqui está desligado!



SELMINHA--:(Mais contida)- Fala!

DÁLIA--:--Arandir telefonou.

SELMINHA--:(Varada de arrepios)-Arandir.

DÁLIA--:--Escuta. Está num hotel.

SELMINHA--:(Repetindo por um mecanismo de angústia)-- Hotel?

DÁLIA--:--(Sôfrega)-Mandou dizer que.

SELMINHA--:(Com brusca irritação)- Mas que hotel?

DÁLIA--:--E te espera lá. Disse que.

SELMINHA--:--Onde?

DÁLIA--:--O endereço. Eu tonei nota. É no. (Sente-se pouco a pouco e de uma maneira cada vez mais nítida que Selminha não quer ir).

SELMINHA--:(Para si mesma)-(com voz surda)- E quer que eu vá lá.

DÁLIA--:--Arandir pediu. Olha, Selminha, pediu que você fosse imediatamente. Agora. Fosse agora. O endereço. Está escondido num hotel. A rua é.

SELMINHA--:(Cortando)-Dália, escuta. É claro que eu. Mas todo o mundo! todo o mundo acha, tem certeza! Certeza! Que os dois eram amantes!

DÁLIA--:--(Com desprezo)- É uma gente que nem sei!

SELMINHA--:(Na sua obsessão)- Amantes!

DÁLIA--:--Mas, o Arandir mandou dizer que o hotel. Que o Hotel é perto - nho do Largo de São Francisco. Olha, escolheu, de propósito, está ouvindo, Selminha? Selminha, ouve, escolheu um hotel ordinário, por que dá menos na vista. Agora vai, Selminha, vai.

SELMINHA--:--Vou.

DÁLIA--:--(Sôfrega)-Apanha um taxi. (Selminha não se mexe).

SELMINHA--:(Com súbita revolta)-E se a polícia me seguir?

DÁLIA--:--(Com irritação)-Arandir está esperando!

SELMINHA--:(Com certa malignidade)- E daí?

DÁLIA--:--Você é a mulher!

SELMINHA--:(Gritando)-Mas se eu for presa (Desatando a chorar). Você quer que eu seja presa? (Com desespero)-E que façam outra vez aquilo comigo, outra vez?

DÁLIA--:--(Conciliatória)-Selminha!

SELMINHA--:(Trincando os dentes)-Nunca pensei que. Me puseram nua! Fiquei nua pra dois sujeitos!

DÁLIA--:--Mas não vá contar isso pra o Arandir!

SELMINHA--:--E o miserável, o cachorro ainda me disse que me queimava o seio com o cigarro! (soluçando)-Nua! Nua! (Dália agarra a irmã pelos dois braços com súbita energia).

DÁLIA--:--Você vai?

SELMINHA--:(Ofegante e caindo em si)-Vou, Claro que vou. (Eu disse que ia e vou. Mas olha. (Muda de tom)-E se ele quizer me beijar?

DÁLIA--:--(Sem entender)-Ora, Selminha!

SELMINHA--:(Com angústia)- Vai me beijar e eu. (Continua sem coerência) Quando a viúva disse, cara a cara comigo, que tinham tomado banho juntos.

DÁLIA--:--(Com violência)- Nem se conheciam!

SELMINHA--:(Sem ouvi-la e só escutando a própria voz interior)-Uma coisa que me dá vontade de morrer. Como é que um homem pode desejar outro homem. (Veemente e voltando-se para a irmã)-Dália, você entende? Entende eu? Sei que agora quando um homem olhar para o meu marido, vou desconfiar de qualquer um Dália! (Com uma brusca irritação)-Aliás, Arandir tem certas coisas. Certas delicadezas! E outra que eu nunca disse à ninguém. Não disse vergonha. (Com mais veemência)-Mas você sabe que a primeira mulher que Arandir conheceu fui eu. Acho isso tão! Casou-se com a virgem como eu, Dália!

DÁLIA--:--Arandir só tem você!

SELMINHA--:(Nuna explosão)-Se eu for, já sei. Ele vai querer beijar. Na-
certa. Eu não quero um beijo sabendo que (Hirta de novo)-O bei-
jo do meu marido ainda a saliva do outro homem! (TREVAS. Quarto
de hotel ordinário, onde Arandir está hospedado. Jornais pelo
chão. Supõe-se que Dália acaba de chegar. Arandir segura a cu-
nhada pelos dois braços).

ARANDIR--:(Na sua angústia)- Selminha não veio?

DÁLIA--:(Sem saber como dar a notícia)-Arandir, olha

ARANDIR--:(Fora de si)- Não ven?

DÁLIA--:(Meio atônita e diante do desespero iminente)-Eu acho que.

ARANDIR--:(Violentíssimo)-Minha mulher não ven? Não quer vir? Fala! (Muda
de tom)-Olha para mim. (Com voz súplica, entre os desespero e a
esperança)- Ela não ven? Diz pra mim? Não ven?

DÁLIA--:(A nêdo)- Espera.

ARANDIR--:(Com violência)-Dália, eu preciso de minha mulher. Preciso. O
jornal me chana de assassino, Dália! (Como um esgar de choro)-
Você acha que eu sou um assassino?

DÁLIA--:(Arandir eu só acredito em você.

ARANDIR--:(Mas eu preciso de Selminha! Vai Dália e diz à Selminha. Pede.
Tráz Selminha. Não tenho ninguém. Estou só.

DÁLIA--:(E eu?

ARANDIR--:(Brutal)-Ninguém! Olha o que o jornal diz. Está aqui. (Arandir
apanha o jornal).

DÁLIA--:(Exasperada)-Joga fora êsse jornal! (Arandir atira fora o jorn)

ARANDIR--:(Diz lá que eu empurrei o rapaz. Como se eu. E não entendo a vi-
va. (Falando para si mesmo)-Será que esbarrei no rapaz? Sen qu-
rer, claro. Mas ben isso,. Tenho certeza, Dália. Não toquei
rapaz. (Memorizando para si mesmo)-Uma senhora vinha em sentid-
contrário. O rapaz estava em cima do meio-fio. Aqui. Eu me desv-
ei da senhora. Mas não cheguei a tocar no rapaz. (Num repente)-
Dália, vai chamar Selminha! É minha mulher! Quero Selminha aq

DÁLIA--:(Muito doce)-Não ven.

ARANDIR--:(Com um mínimo de voz)-Quem?

DÁLIA--:(Selminha.

ARANDIR--:(Não ven.

DÁLIA--:(Mais incisiva)-Arandir, Selminha mandou dizer. Não ven. (Aran-
dir agarra a cunhada pelos dois braços).

ARANDIR--:(ESTUPEFACTO)- Nunca mais?

DÁLIA--:(Com pena e nêdo)-Arandir, olha.

ARANDIR--:(Violento e gritando)-Responde! (Estrangulando a voz)-Nunca m

DÁLIA--:(Chorando)-Nunca mais. (Arandir desprende-se. Afasta-se ligei-
mente da cunhada).

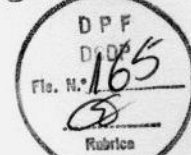
ARANDIR--:(Repetindo para si mesmo)-Nunca mais. Quer dizer que. Me chama-
de assassino e (com subita ira)-Eu sei o que "êles" querem ess-
cretinos! (Bate no peito com a mão aberta)-Querem que eu duvi-
de mim mesmo! Querem que eu duvide de um beijo que. (Baixo e a-
nito para a cunhada)-Eu não dormi, Dália, não dormi. Passei a
noite em claro! Vi amanhecer (Com fundo sentimento)-Só pensar
no Beijo do asfalto! (Com mais violência)-Perguntei a mim me-
a mim mesmo, nil vêzes: - se entrasse aqui, agora, um homem
homem. E. Nuna espécie de uivo)- Não! Nunca! Eu não beijaria
bôca um homem que. (Arandir passa as costas da mão na próprio
bôca, com um nojo feroz). Eu não beijaria um homem que não
estivesse norrendo! norrendo aos meus pés! Beije porque! A
guém norria! "Eles" não percebem que alguém norria?

DÁLIA--:(Muito doce e muito triste)-Eu vin para.

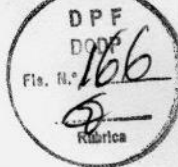
ARANDIR--:(Sem ouvi-la)-Mas eu acredito em mim! (Brutal sem transição)

Por que, Selminha não vem?

DÁLIA--:(Não gosta de você!



181
ARANDIR=(Com uma certeza cãndida e fanática)-Gosta! Ana! (Sôfrego)-e inge-
 nuo)- É um amor de infância! De infância! Eu era menino, menino
 E ela garotinha. Já gostava de mim. E eu dela. Dália você não en-
 tende, ninguém entende. Selminha só teve um namorado, que fui eu
 Só Dália. E eu nunca, nunca. Deus ne cegue se. Nunca tive outra namora-
 dorada. Só gostei de Selminha.



DÁLIA:-Selminha não quer mais ser tua mulher.

ARANDIR:-(Sem entender)- Não quer in

DÁLIA:-Arandir, escuta. Selminha me disse. Ouve, meu bem.

ARANDIR:-(Estrangulado)-Selminha tem que!

DÁLIA:-(Violenta)-Selminha disse que você e o rapaz eram amantes.

Amantes!
ARANDIR:-(Numa alucinação)- Dália, faz o seguinte. Olhe, o seguinte: Diz
 à Selminha (Violento)- que em toda minha vida, a única coisa que
 se salva, é o beijo no asfalto. Pela primeira vez. Dália, escu-
 ta! Pela primeira vez, na vida! por um momento, eu me senti bom!
(Furioso)- Eu me senti quase, nem senti! escuta, escuta! quando
 eu te vi no banheiro, eu não fui bom, entende? desejei você. Na-
 quê! momento, você devia ser a irmã nua. E eu desejei. Saí logo,
 mas desejei a cunhada. Na Praça da Bandeira, não. Lá, eu fui bom
 É lindo! é lindo, eles não entendem. Lindo beijar quem está
 morrendo! (Grita)- Eu não me arrependo! eu não me arrependo!

DÁLIA:-Selminha te odeia! (Arandir volta para a cunhada. Canbaliante. Pas-
 sa a mão na boca encharcada)

ARANDIR:-(Com voz estrangulada)-Odeia. (Muda de tom)- Por isso é que re-
 cusou. Recusou o meu beijo. Eu quis beijar e ela negou. Negou a
 boca. Não quis o meu beijo.

DÁLIA:-Eu quero!

ARANDIR:-(ATÔNITO)-Você?

DÁLIA:-(Sofrida)-Selminha não te beija, mas eu.

ARANDIR:-(Contido)-Você é uma criança. (Dália aperta entre as mãos o ros-
 to de Arandir).

ARANDIR:-Dália. (Dália beija-o de leve nos lábios)

DÁLIA:-Ti beije.

ARANDIR:-(Maravilhado)- Menina!

DÁLIA:-(Quase sem voz)-Agora me beija, você, me beija. Você,

ARANDIR:-(Disperende-se com violência)- Eu amo Selminha!

DÁLIA:-(Desesperada)-Eu me ofereço e. Selminha não veio e eu vin.

ARANDIR:-Dália, eu nato tua irmã. Ano tanto que (Muda de tom)- Eu ia pedir.
 Pedir a Selminha para morrer comigo.

DÁLIA:-Morrer?

ARANDIR:-(Desesperado)- Eu e Selminha! Mas ela não veio!

DÁLIA:-(Agarra o cunhado. Quase boca com boca, sôfrega)-Eu morreria.

ARANDIR:-Comigo?

DÁLIA:-(Selvagem)- Contigo! Nós dois! Contigo! Eu te amo!

ARANDIR:-(Num sôfrego)-Morrer.

DÁLIA:-(Feroz)- Eu não te julgaria nunca. Eu te perdoaria sempre! Acre-
 dito em ti! Só eu acredito em ti.

ARANDIR:-(Violento)-Oh, graças! Graças!

DÁLIA:-(Macia, incidiosa, com uma love, muito leve malignidade)- Diz
 p'ra mim. Eu não te julgo. Responde: Você o anava?

ARANDIR:-(Atônito)- O que?

DÁLIA:-(Numa espécie de histeria)-Anava o rapaz? Pode dizer. Escuta,
 Você era anante do rapaz? do atropelado?

ARANDIR:-(Recuando)- Anante?

DÁLIA:-:Querido! Pode dizer à mim. A mim, pode dizer. Confessar. Escuta, es cuta! Meu bem! Eu não sou como Selzinha. Selzinha não compreende, nem aceita. Eu aceito. Tudo! Fala. Eu não mudo. Serei a mesma! Fala! (Dália quer abraçar-se ao cunhado, Arandir desprende-se com violência).

ARANDIR:-: (Gritando)-Você é como os outros. Igual aos outros. Não acredita em mim. Pensa que eu. Saia daqui. (mais forte num berro de louco) Saia! (Aprigio entra).

APRIGIO:-:Saia, Dália! (Dália abandona o quarto, correndo, em desespero). Sôgro e genro, face à face)- Vin aqui para.

ARANDIR:-: (Para o sogro, quase chorando) - Está satisfeito?

APRIGIO:-:Vin aqui.

ARANDIR:-: (Na sua cólera)-Está satisfeito? O senhor é um dos responsáveis. Eu acho que o senhor. O senhor que está por trás...

APRIGIO:-:Quem sabe?

ARANDIR:-:Por trás dêsse repórter. O senhor teve a coragem, a coragem de Ou pensa que eu não sei? Selzinha me contou. Contou tudo! O senhor fez insinuações! A meu respeito!

APRIGIO:-:Você quer me.

ARANDIR:-: (Sen ouvi-lo)- O senhor fez tudo! Tudo pra me separar de Selzinha!

APRIGIO:-:Posso falar?

ARANDIR:-: (Erguendo a voz)-O senhor não queria o nosso casamento!

APRIGIO:-: (Violento)-Escuta! Vin aqui saber! Escuta! Você conhecia ôsse-
rapaz?

ARANDIR:-: (Desesperado)- Nunca vi.

APRIGIO:-:Era um desconhecido?

ARANDIR:-:Juro! Por tudo que há de mais! Que nunca, nunca!

APRIGIO:-:Mentira!

ARANDIR:-: (Desesperado)- Vi pela primeira vez!

APRIGIO:-: (Cínico (Muda de ton, com uma ferocidade))-Escuta! Você conhecia o rapaz? Conhecia! Eram anantes! E você matou. Empurrou o rapaz

ARANDIR:-: (Violento)-Deus sabe!

APRIGIO:-:Eu não acredito em você. Ninguém acredita. Os jornais, as rádios! Não há uma pessoa, uma única, em toda a cidade. Ninguém!

ARANDIR:-: (Com uma voz estrangulada)-Ninguém acredita, mas eu! eu acredito. Acredito em mim!

APRIGIO:-:Você, olha!

ARANDIR:-:Selzinha há de acreditar!

APRIGIO:-: (Fora de si)-Cala a boca! (Muda de ton)-Eu te perdoaria tudo! Eu perdoaria o casamento. Escuta! Ainda agora, eu estava ouvindo. Ouvi tudo. Você tentando seduzir a minha filha menor!

ARANDIR:-:Nunca!

APRIGIO:-:Mas eu perdoaria, ainda. Eu perdoaria que você fôsse espiar o banho da cunhada. Você quis ver a cunhada nua.

ARANDIR:-:Mentira!

APRIGIO:-: (Ofegante)-Eu perdoaria tudo. (Mais violento)-Só não perdoo o beijo no asfalto. Só não perdoo o beijo que você deu na boca de um honen!

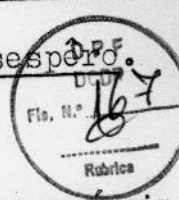
ARANDIR:-: (Para si mesmo)- Selzinha!

APRIGIO:-: (Muda de ton, suplicante)-Pela última vez, diz! Eu preciso saber! quero a verdade! A verdade! Vocês eram anantes? (Sen esperar a resposta, furioso)-Mas não responda. Eu não acredito. Nunca, nunca, ou acreditarei (Nuna espécie de uivo)-Ninguém acredita!

ARANDIR:-:Vou buscar minha mulher. (Aprigio recua, puxando o revólver)

APRIGIO:-: (Apontando)- Não se mexa! fique onde está!

ARANDIR:-: (Atônito)- O senhor vai.



188
31
DOP
DCDP
168

APRÍGIO:-:-Você era o único homem que não poderia casar com a minha filha o único!

ARANDIR:-:-(ATÔNITO E QUASE SEM VOZ)-O senhor me odeia porque. Desde a própria filha. É paixão. Carne. Tem ciúmes de Selrinha.

APRÍGIO:-:-(Num berro)-De você! (Estrangulando a voz)- Não de minha filha Ciúmes de você. Tenho! Sempre. Desde o teu nanôro, que eu não digo o teu nome. Jurei a mim mesmo que só diria o teu nome a teu cadáver. Quero que você morra sabendo. O meu ódio é amor. Porque beijaste um homem na boca? Mas eu direi o teu nome. Direi teu nome à teu cadáver. (Aprígio atira, a primeira vez. A -
randir cai de joelhos. Na queda, puxa uma folha de jornal, co-
mo uma espécie de escudo ou de bandeira. Aprígio atira novamen-
te, varando o papel impresso. Num espasmo de dor, Arandir ras-
ga a folha. E tonba, enrolando-se no jornal. Assin morre.

APRÍGIO:-:-Arandir! (Mais forte)-Arandir! (um último canto)-Arandir!

Cai a luz, em resistência sobre o cadáver de Arandir Trevas.

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO.

JMSA/PROT/FTG/L)/L)/L)/L/
FTG.

A
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (S.B.A.T.)
SULRURAL DO PARANÁ

Autoriza a Turma de Censura do D.P.F. a proceder a
Censura desta Obra, cujo autor, é filiado a esta Sociedade.

Curitiba, 14 de 06 de 1975

Pela S.B.A.T.

TÍTULO O BEIJO NO ASFALTO



1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem
Clas. Anterior 18 anos
Praça Christino - PR
Obs.: _____
DF. 02/04/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Data para Exame de ____/____/____ a ____/____/____
DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do
leitor de 18
propriedade 18
anos, sem corte.

Em 300475
Manoel Francisco Clapey Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 2982-75.

1 — A S.C.T.C. para emitir certificado com impropriedade para menores de 18 anos, sem corte, todavia condicionada ao exame do ensaio geral.

2 — A consideração do Sr. Chefe do S.C. Em 25/04/75.

[Assinatura]

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 02/05/75
Manoel Francisco Clapey Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 199

PARECER Nº

2982/75



TÍTULO: "O BEIJO NO ASFALTO" - Confronto

Autor: Nelson Rodrigues

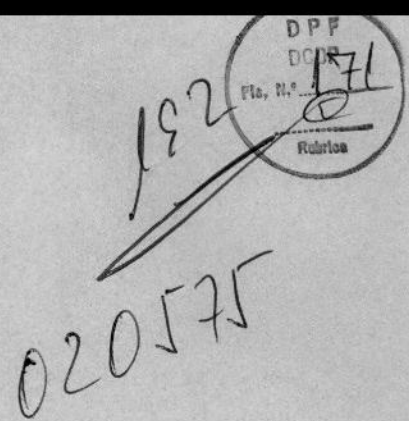
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (dezoito) anos.

Tendo feito o confronto entre dois scripts da peça teatral "O Beijo no Asfalto" de autoria de Nelson Rodrigues, verificamos não haver divergências entre ambos, nem em forma, nem em conteúdo. Por isso, sugerimos se mantenha a impropriedade anterior, 18 (dezoito) anos, subordinada à verificação do ensaio geral.

Brasília-DF, 25 de abril de 1975.


Arésio Teixeira Peixoto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190 p. 200



335/75 SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Paraná

O BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

Superintendente:

Curitiba - PR

MFCG/ecp



OTJATA OM OCIBO O :

NELSON RODRIGUES :

1210

: O BEIJO NO ASFALTO

- CIA. RIBALTA DE TEATRO -
FÁTIMA MARIA BASTOS ORTIZ

22 ABRIL

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS
NELSON RODRIGUES
AO EXAME DO ENSAIO GERAL, O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCP.

30 ABRIL

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

30 ABRIL
Rogério Nunes
ROGÉRIO NUNES

30 ABRIL

30

30

BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
: O BEIJO NO ASFALTO

: NELSON RODRIGUES

: CIA. RIBALTA DE TEATRO -

FÁTIMA MARIA BASTOS ORTIZ

25 ABRIL

75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO

AD EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE !
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

30 ABRIL

75

MANOEL FRANCISCO C. GÓIDO - SUBST.

mhf



MJ-LRP-SRA/BSB

26 MAI 10 35 H 029862

DPF

DCDP

Fls. N.º 173

Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

OF. Nº 1103/75-SCDP/SR/PR

Em 19 de maio de 1975.

Do Superintendente Regional do DPF no Estado do Paraná
Ao Ilm^º. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto Relatórios (remete)

FICHADO
S. A. DCDP

De ordem
ao arquivo
em 26 05 75

Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

Senhor Diretor,

Pelo presente, aprez-nos encaminhar a V. Sa. os relatórios referentes aos ensaios gerais das peças teatrais intituladas "AS MÃOS DE EURÍDICE", de autoria de Pedro Bloch, e "O BEIJO NO ASFALTO", de Nelson Rodrigues, levados a efeito, respectivamente, dias 07 e 08 de maio de 1975, procedidos pelo Técnico de Censura, Francisco Surek, em exercício no SCDP/SR/PR.

Valemo-nos da oportunidade para renovar a V. Sa. as manifestações de elevada estima e distinta consideração.

Divaldo P. de Oliveira.

Bel. Divaldo Pacheco de Oliveira.
Superintendente Regional do DPF/SR/PR.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



R E L A T Ó R I O

Em atenção aos termos do Ofício nº 335/SCTC/SC/DCDP, de 02 de maio de 1975, procedemos, na Capital paranaense, ao / ensaio-geral da peça teatral intitulada "O BEIJO NO ASFALTO".

A autoria é de: Nelson Rodrigues.

Diretor: Antonio Carlos Kraide.

Direção musical de: Luis Karam.

Elenco: Cia. Ribalta de Teatro.

Local da encenação: Teatro Guaíra.

Duração: 90 minutos.

Nº do Certificado: 1210/75.

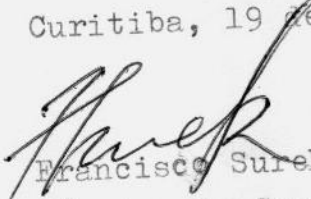
Classificação etária: Proibida para menores de / 18 anos.

Na mencionada peça, Néelson Rodrigues apresenta / o personagem principal sendo assassinado, após ter sido explorado / hostilmente, pela imprensa, polícia e amigos, seu controvertido beijo aplicado no indivíduo atropelado.

A peça é encenada perante vários cenários com / trajes dos artistas igualmente variados e moderados. O empenho do elenco em encarnar os predicados criados pelo autor proporciona ao espetáculo elevado nível artístico e leva o espectador à catarse.

Os diálogos empregados durante o espetáculo correspondem aos do "script" aprovado, salvo o palavrão acrescentado pelo exaltado inquiridor. Fica determinado que, nas apresentações seguintes, tal expressão será evitada o que possibilitará a exibição / de "O BEIJO NO ASFALTO" a maiores de 18 anos.

Curitiba, 19 de maio de 1975.


Francisco Surek.

Técnico de Censura do SCDP/SR/PR.

-9 FEB 14 51 1976 007326

RECEBIDO POR *[Signature]*

Brasília, 6 de Fevereiro de 1976. *158*



Ilmo. Sr.

Diretor do

Serviço de Censura e Diversões Públicas do

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

N E S T A

Prezado Senhor,

Vimos pela presente solicitar a V.Sa. censura
da peça teatral "O BEIJO NO ASFALTO" de Nelson Rodrigues.

Anexamos autorização do SBAT.

Sem mais, esperando contar com a colaboração
de V.Sa., agradecemos

Atenciosamente

[Signature]
José de Souza Neto



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
 Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
 Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
 Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
 Rio de Janeiro — Brasil.

Fls. N.º 170
 Rubrica

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 5/75 N.º 10016

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral:

O BEIJO NO ASFALTO

Original de NELSON RODRIGUES

Música de

Tradução de

No Teatro

Empresa

nos dias

Cidade

Pela Cia.

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de %

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Brasília-DF.,

06

de

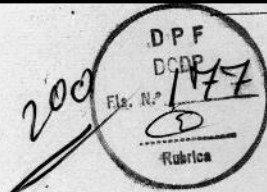
Fevereiro

de 1976.

(pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.—A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

TEATRO

TÍTULO Beijo no AsfaltoNelson Rodrigues

1)

SC-TO

Documentação

Clas. Anterior 18 ANOS -Praça BRASILIA - DF

Obs.:

DF. 10 / 02 / 76Chefe Seção T

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

A S. E. para emitir
certificados, com improprie-
dade para menores de 18 (de-
zoito) anos, sem corte.

Em 18/02/76

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres - SC

5) Diretor da D. C. D. P. ✓

A ser-se, dentro
dos mesmos cri-
térios do processo
anterior.

Em 20/2/76

Coriolano de Louca
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 208

PARECER Nº 808 176

TÍTULO: Beijo no asfalto-(confronto)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

Feito o confronto com o original em
n/poder, verificamos:

- 1) Haver identidade de textos;
- 2) - Certificado de Censura em vigor;
- 3) Apoio, no art. 10 da lei 5536;

Sugerimos, fulcrados no artigo acima
referido, a ratificação da improprie-
dade anteriormente dada, ou seja im-
ptóprio até 18 anos.

Brasília, 12 de fevereiro de 1.976


Joel Perreaz



O BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

1210/76

O BEIJO NO ASFALTO

JOSÉ DE SOUZA NETO

18 FEVEREIRO

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDIÇÃO DO AB EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO GERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCPA.

NELSON RODRIGUES

19 FEVEREIRO

81

19 FEVEREIRO

76

Rogério Nunes
ROGERIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 209

O BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

JOSÉ DE SOUZA NETO
18 FEVEREIRO

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONA
DO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

19 FEVEREIRO 76

PROIBIDO PARA
MENORES DE 18 ANOS
CORIOLANO DE LOTOIA C. FAGUNDES

mhf

SRA/FICHA DO



J - DPF - SRA/BSB

30 APR 09 31 25 017361

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

OF.

Nº. 1125/76-SCDP/SR/SP

Em, 29 de abril de 1976

FICHA DO
S. A. DCDP*De ordem
Ao Arquivo
Em 30.4.76
p/cls. [assinatura]*

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.Sa., uma via do texto das peças teatrais "PORTUGAL, CHORANDO E RINDO" original de Cardoso Silva, "BEIJO NO ASFALTO" original de N. Rodrigues, "E O CIRCO CHEGOU..." original de W. Zarur, "CONTO DE NOITE DE SERÃO" original de Nilza C. Vandenbrande, "UM GRITO PARADO NO AR" original de G. Guarnieri, "UMA GARGALHADA EM QUATRO TEMPOS" original de Zé Branco e Altair Soares, "O PAGADOR DE PROMESSAS" original de Dias Gomes, "O ALHEIO" original de Wilson R. Vicente, "ASSIM SEJA, AMÉM" original de Waldir Leão de Matos, "AS DESGRAÇAS DE UMA CRIANÇA" original de Martins Pena, "IRENE" original de Pedro Block.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

[Assinatura]
MARIA SYLVIA BARRETO NOGUEIRA
/CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.

DR. ROGERIO NUNES

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

BRASILIA/DF

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
30 MAR 1937 15 013361

Em 29 de Abril de 1937

Of.

Nº. 1125/15-2007-SP

10 COPIAS

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/35-SP, estamos remetendo a V. Ex.ª uma via de fax - to das peças testais "FORUGAL, CHORANDO E RINDO" original de Carlos Silva, "BELO NO APALTO" original de R. Rodri- gues, "O CIRCO CHEGOU..." original de W. Sauer, "JUNTO DE NOTRE DE SEAR" original de Nilsa C. Vandenberghe, "UM GAI- TO PARADO NO AR" original de G. Guarnieri, "UMA GARCIANADA" original de R. Branco e Alister, "O ALIBI" original de Wilson B. Vicente, "AUSIN BIL" original de Wilson B. Vicente, "AS DESBACAS DE UMA CHINCA" ori- ginal de Martins Pena, "TREM" original de Pedro Alcock. Outrossim, informo que os demais itens da - referida Portaria serão cumpridos por este SGP, para poste- rior remessa à DDP.

Na oportunidade, renovo a V. Ex.ª protestos de estima e consideração.

MARIA ELYVIA BARATO ROCHA
CHefe do SGP

Assessor da Divisão de

TÍTULO BEIJO NO ASFALTONelson Rodrigues

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 ANOS -Praça SÃO PAULO SP

Obs.: _____

DF. 1 6 1 5 1 7 6NO
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Brasília - DF

de

de 1.97



,12 de maio de 1.976

342/76-SCTC/SC/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Sr. Superintendente Regional do DPT em São Paulo-SR/SP

: Informação (faz)

Ref.Of.nº 1125/76-SCDP-SR/SP

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, informo a V. Sa. que a peça teatral intitulada "BEIJO NO ASFALTO" de Nelson Rodrigues, acha-se registrada nesta Divisão de Censura sob o nº 1210, com o certificado válido até 19 de fevereiro de 1.981, e a classificação etária 18 (dezoito) anos.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.

CF
P/ ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

De ordem.
Do Arquivo, para aguardar por
haverem do SCDP/SR/SP
6-13-82



J-DF-SRA/BSB

26 MAI 10 10 20 021270

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO



OF.

Nº. 1146/76-SCDP/SR/SP

Em, 24 de maio de 1976.

FICHA DO
S.A. DCDP

*Arquivo
Verificar em 26.5.76*

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.Sa., os relatórios de textos e ensaios gerais das peças teatrais "A VIDA E A MORTE DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO" original de Eduardo José Malagutti e João - B. Araujo, "A VIAGEM DE BARQUINHO" original de Sylvia Orthof, "O DIÁRIO DE ANNE FRANK" original de Hachett e Frances Goodrich, "O PALHAÇO DO PLANETA VERDE" original de Hilton Have, "O CORAÇÃO - NÃO ENVELHECE" original de Paulo Magalhães, "A FLOR DA PELE" original de Consuelo de Castro, "UM TERRITÓRIO CHAMADO ACRE OU ACRE ..DITO" original de Celso dos Santos Solha, "O BEIJO NO ASFALTO" - original de Nelson Rodrigues, "ARENA CONTA ZUMBI" original de G. Guarnieri, "OS GRILOS DA FORMIGUINHA" original de Roberto Cordovani de Moraes, "PARTILHA" original de vários autores, "JESUS" - original de Menotti Del Pichia.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.Sa., a remessa dos certificados das peças acima mencionadas.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

Jose Vieira Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.

DR. ROGERIO NUNES

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A / D F

Parecer n.º 112/76

Texto teatral "O beijo no asfalto"

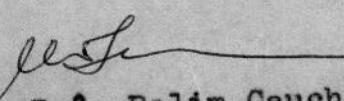
Impróprio para menores de 18 anos

Examinei o texto da peça teatral "O beijo no asfalto" de autoria de Nelson Rodrigues .

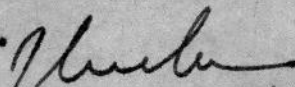
O enredo pode ser assim resumido:--um indivíduo, impulsionado por algo que ele não consegue definir, beija um agonizante . Este fato é aproveitado pelo autor, constituindo-se no núcleo dramático da peça . O gesto é interpretado como uma tendência homossexual, com tal intensidade, que faz com o indivíduo também chegue a duvidar de sua integridade .

Pela complexidade e pelo tratamento dado ao tema, opino pela liberação, sem cortes, com impropriedade para 18 anos.

São Paulo, 27 de abril de 1976


Maria Inês Rolim Cauchioli
Téc. de Censura 294

De acordo com o Parecer.
Verificar se nos arquivos
registra informação sobre
a peça e seu certificado,
observando-se, nesse caso,
a impropriedade expedida
pela DCDP.


CH SCDP/JP



"BEIJO NO ASFALTO"

18 ANOS

Procedi à leitura do texto da peça teatral:
"O BEIJO NO ASFALTO", de autoria de NELSON RODRIGUES.

Um homem da rua perde o equilíbrio, cai e é atropelado por um loteação. Um outro homem da rua se debruça sobre o agonizante para socorrê-lo. O moribundo lhe pede um beijo e ele o dá, beijando no outro a morte que se aproxima. À cena assistem o sogro do homem, alguns populares e um reporter de polícia. O reporter aliado com um delegado de polícia, força a partir do episódio um romance es cabroso de homossexualidade e de crime, acusando o rapaz. Este aos poucos é envolvido pela calúnia, cercado pelo desprêzo dos estranhos e dos mais íntimos a ponto dele próprio duvidar do significado do seu gesto.

Nada havendo que contrarie as normas censórias, opino pela liberação da mesma como imprópria para menores de 18 anos.

São Paulo, 26 de abril de 1976

Arlete Aparecida Corrêa
ARLETE APARECIDA CORRÊA
féc. de Cens. nº 290

De acordo com o Parecer,
Verificar se nos arquivos
registra informação sobre
a peça e seu certificado,
observando-se, nesse caso,
a impropriedade expedida -
pela DCDP.

Luiz L. D. P.
Luiz L. D. P.



"O BEIJO NO ASFALTO"

18 ANOS

Procedi ao ensaio geral da peça teatral: "O BEIJO NO ASFALTO", de autoria de NELSON RODRIGUES, no Teatro do Sesi.

Trata-se do drama em que é envolvido um homem ao beijar na boca outro homem que atropelado por um loteação estava à morte. A partir deste episódio é criado um romance escabroso de homossexualidade e de crime.

Nada havendo que contrarie as normas censórias, opino pela liberação como imprópria para menores de 18 anos.

São Paulo, 30 de abril de 1 976

ARLETE APARECIDA CORRÊA

De acordo com o Parecer. Verificar se nos arquivos registra informação sobre a peça e seu certificado, observando-se, nesse caso, a impropriedade expedida pela DCDP.

CH SLDP/SP.

De ordem à SOTC para
 atender o conteúdo no Of. 1146/76
 SR/SP, anexo.

Em 15.06.76

[Assinatura]

à SC, p/ se emitir o certificado
 p/ imp. prop. p/ menores de
 18 anos e os dados constan-
 tes do requerimento de censura.

Em, 24.06.76

[Assinatura]
 Maria Antônia L. Gama
 Ch. SOTC-SC/DCDP

LIBERE-SE
 na forma do parecer *proceder*
 anterior
 Em, 25/6/1976
[Assinatura]
 Araceli Botelho Pinheiro
 Chefe do Serviço de Censura - DCDP
 SUBSTITUTO



23/06/76

489/76-SCTC/SR/DCDP

- : Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP
- : Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

Encaminhamento (faz)

Ref.Of. nº 1146/76-SCDP-SR/SP

Anexo: 1ª e 2ª vias do certificado.

Senhor Superintendente:

Em cumprimento ao sub-item 1.4 da Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, encaminho a V.Sa. as anexas 1ª e 2ª vias do certificado de censura da peça teatral intitulada "BEIJO NO ASFALTO" de Nelson Rodrigues.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.

atf
P/ CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor Subst. DCDP



BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

1210/76

BEIJO NO ASFALTO

ABRIL 30

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZEMBRO) ANOS O PRESENTE

NELSON RODRIGUES

CERTIFICADO SOMENTE TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVI -

IMPROPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

25 JUNHO

25 JUNHO

Coriolano de L. C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

82
76



: BEIJO NO ASFALTO

: NELSON RODRIGUES

1810/76

BEIJO NO ASFALTO

30

ABRIL

76

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

CHUVE

25

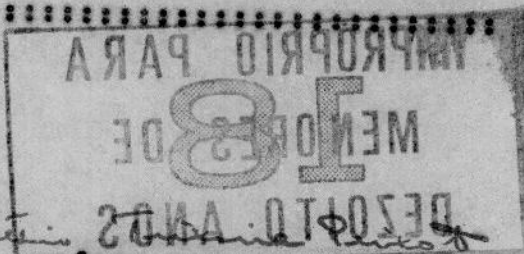
CHUVE

25

25

JUNHO

76



ARÉSIO T. PEIXOTO

mhf

CORREIO DE LOJOLA C. FAGUNDES

MJ-DPF-SRA/BSB

15 JUN 15 45 76 024028

DPF
DCD
Fls. N.º 190
Rabrica

ILMº SR.

RECEBIDO 043

DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

José Augusto Evangelho Hernandez, brasileiro, residente à Av. João Pessoa, 41 Aptº. 629, filho de José Maria Hernandez e de Cassiana Evangelho Hernandez, responsável pela montagem, vem mui respeitosamente solicitar a V. Sa. se digne aprovar e liberar a peça "O Beijo no Asfalto", autoria de Nelson Rodrigues, com tres atos, drama realista.

NESTES TERMOS

PEDE DEFERIMENTO

Porto Alegre, 10 de junho de 1976.

Do SC
para as provisórias
denúncias necessárias
15/6/76
C. Augusto Evangelho Hernandez
Produtor

JOSÉ AUGUSTO EVANGELHO HERNANDEZ
Produtor

Caristano de Souza Cabral
Dir. da Divisão de Censura
SUBSTITUTO



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Porto Alegre, 10 de junho de 1976

Ilmo, Sr.

Chefe de serviço de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA- DF.

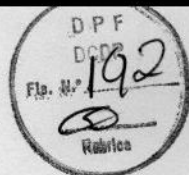
Com a presente temos a honra de encaminhar
a V.S., para fins de CENSURA, tres cópias
da peça O BEIJO NO ASFALTO de
Nelson Rodrigues.

Cordialmente

SBAT
Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Secursal Rio Grande do Sul


ARON MENDA
REPRESENTANTE GERAL

TEATRO

TÍTULO Beijo no asfaltoNelson Rodrigues

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anosPraça RS

Obs.:

DF. 02/07/76
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

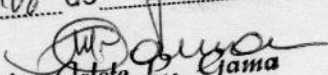
Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,
com a classificação: impróprio para menores
de dezoito anos, sem cortes e
com os dados constantes do requerimento de
cens., condicionada ao exame
do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 08 de Julho de 1976
Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

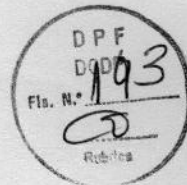
5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Libere-se na
forma do processo
anterior: 12 de abril
ano.

Em 09/12/76
Arésio Teixeira Deixado
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190,p.226

PARECER Nº 3934 176

TÍTULO: "O BEIJO NO ASFALTO" (Peça teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) anos.

Autor: Neson Rodrigues

Procedendo ao confronto da peça em questão com outros textos já censurados, constatamos a sua identidade com os mesmos, pelo que, sugerimos a manutenção da impropriedade máxima estabelecida anteriormente, condicionada ao ENSAIO GERAL.

Brasília (DF), 08 de julho de 1976.

Jeanete Maria *de* Oliveira Farias



582/76-SCTC/SC/DCDP

09/7/76

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Sul

"BEIJO NO ASFALTO"

Nelson Rodrigues

Superintendente:

A handwritten signature, likely of the Superintendent, written in dark ink.

P.Alegre-RS



BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

3645/76

BEIJO NO ASFALTO

JOSE A. E. HERNANDEZ

NELSON RODRIGUES

08 JULHO

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

08 JULHO
[Signature]

81.
76

ROGERIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 229

: BEIJO NO ASFALTO

: NELSON RODRIGUES

JOSÉ A. E. HERNANDEZ
IDEM

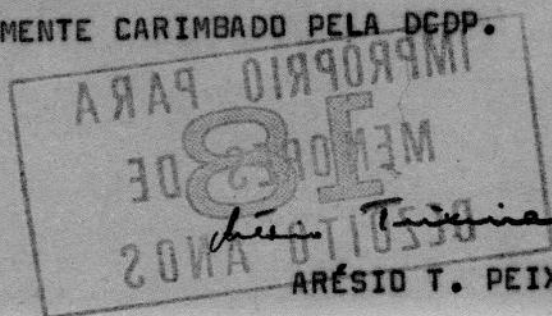
08 JULHO

76

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCCP.

08 JULHO

76



ARÉSIO T. PEIXOTO

7326/76



46

OTJATSA ON OCIBS O :

Recebi em 20/02/76
Nelson Rodrigues
José de Souza Melo

1210/76

: O BEIJO NO ASFALTO

OTEN AZUOS DO 320C

ORIEBREV 81

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDIÇÃO
DO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCPD.

19 FEVEREIRO

81

18 FEVEREIRO

76

ROBERTO NUNES

mtf

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 230



4322/4

44

O BEIJO NO ASFALTO

20/05/76

NELSON RODRIGUES

JOSÉ DE SOUZA NETO

18 FEVEREIRO

O BEIJO NO ASFALTO 76

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONA
DO AD EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

19 FEVEREIRO 76

PROIBIDO PARA
CORIOLAND DE ADIOLA C. FAGUNDES

mhf



MJ-DPF-SRA/BSB

19 JUL 10 47 22 028395

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR:

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SRA/FICHAÇÃO

DPF-SRA

N.º 22

DPF

DOC

Fto. N.º 197

8

Rubrica

OF. Nº 143/76-SCDP/SR/RS

Porto Alegre, 15/07/1976

*Int. 4 ao proc
15/7/76*

ROGERIO NUNES
Diretor de DCDP

Sr. Diretor.

Pelo presente, encaminho a V. Sª o relatório anexo, relativo a peça "BEIJO NO ASFALTO" em atenção ao seu ofício nº 582/76-SCTC/SC/DCDP de 09 de julho de 1976.

Na oportunidade, reafirmo a V. Sª meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

João Bispo da Hora
João Bispo da Hora
Chefe de SCDP/SR/RS

A Sua Senhoria o Senhor
Diretor da DCDP
BRASÍLIA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº045/76/SCC

Senhor Chefe da SCDP/SR/RS

Cumprindo determinação de V.Sa. compareci no dia 12 p.p. no Teatro de Cultura, nesta Capital, a fim de proceder / ao exame do ensaio geral da peça "BEIJO NO ASFALTO" da autoria / de Nelson Rodrigues. Certificado de Censura nº3645/76, com impropriedade para 18 anos, expedido pela DCDP/ Brasília.

A PEÇA : Trata-se de um drama policial, no qual / o autor explora um acidente fatal, onde um homem beija o moribundo no asfalto. Os personagens mais negativos são, o jornalista e / o delegado, principalmente pelos métodos arbitrários empregados.

O cenário modifica-se durante os três atos, com / a vestimenta normal da época, sem restrições.

O enredo envolve personagens com graves defeitos de caráter, o que justifica a impropriedade para 18 anos.

O ensaio transcorreu normalmente, com os atores / devidamente caracterizados, seguindo o texto original. A duração / da peça é de aproximadamente duas horas. Assim sendo, apesar de / tratar-se de um enredo com personagens portadores de anomalias / sexuais, opino pela liberação da peça, conforme o certificado da DCDP/Brasília. Era o que me cumpria relatar a V.Sa. neste ensejo.

Porto Alegre, 14 de julho de 1976.

Humberto Luiz de Souza
Humberto Luiz de Souza
Téc. Censura (260).



Visado.
Em 24.07.76
JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Sem / sr / pp / pd

GRUPO EXPERIÊNCIA-TEATRO

SEDE: Quintino Bocaiuva, 1821

BELEM-PARA

- 6 AGO 0806 05657

SR/DPF/PA - FICHADO



De : DIRETOR DO GRUPO DE TEATRO EXPERIÊNCIA
Ae : I. MO. SR. SUPERINTENDENTE DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL-
DR-PA.

Assunto: SOLICITAÇÃO (faz)

SCD

Prezado senhor :

O GRUPO DE TEATRO "EXPERIÊNCIA", tendo em vista a montagem da peça "O BEIJO NO ASFALTO", de autoria de Nelson Rodrigues, + vêm mui respeitosamente solicitar à V.Sa., que se digne encaminhar o referido texto, afim de se processar o exame legal em Brasília, nos possibilitando a apresentação do espetáculo, no período da 2a. quinzena de mês de setembro de ano em curso.

Em anexo, segue 3 (três) cópias do original.

Nestes termos

P. Deferimento

Belém, 05 de agosto de 1976

GERALDO SALLES

(diretor do Grupo "Experiência")

GRUPO EXPERIÊNCIA-TEATRO

SEDE: Quintino Bocaiuva, 1821

BELEM-PARA

- 6 AGO 08 06 76

05657

SR/DPF/PA - ENVIADO



De : DIRETOR DO GRUPO DE TEATRO EXPERIÊNCIA

Ao : ILMO. SR. SUPERINTENDENTE DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

RECEBIDO POR:
DR. PA.

Assunto: SOLICITAÇÃO (faz)

Prezado senhor :

O GRUPO DE TEATRO EXPERIÊNCIA, tendo em vista a montagem da peça "O BEIJO NO ASFALTO", de autoria de Nelson Rodrigues, vêm muito respeitosamente solicitar à V.Sa., que se digne encaminhar e referir o texto, afim de processar o exame legal em Brasília, nos possibilitando a apresentação do espetáculo, no período da 2ª. quinzena de mês de setembro de ano em curso.

Em anexo, segue 3(três) cópias de original.

Nestes termos

P. Deferimento

Belém, 05 de agosto de 1976

GERALDO SALLES

(diretor do Grupo "Experiência")

GRUPO EXPERIÊNCIA-TEATRO

SEDE: Quintino Bocaiuva, 1821

BELEM-PARA

- 6 AGO 08 06 -

05657

SR/DPF/PA - FICHA DO



De : DIRETOR DO GRUPO DE TEATRO EXPERIÊNCIA
Ae : ILMO. SR. SUPERINTENDENTE DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL-
DR-PA.

Assunto: SOLICITAÇÃO (faz)

Prezado senhor :

O GRUPO DE TEATRO "EXPERIÊNCIA", tendo em vista a montagem da peça "O BEIJO NO ASFALTO", de autoria de Nelson Rodrigues, + vêm mui respeitosamente solicitar à V.Sa., que se digne encaminhar o referido texto, afim de se processar o exame legal em Brasília, nos possibilitando a apresentação do espetáculo, no período da 2a. quinzena de mês de setembro de ano em curso.

Em anexo, segue 3 (três) cópias de original.

Nestes termos

P. Deferimento

Belém, 05 de agosto de 1976

GERALDO SALLES

(diretor do Grupo "Experiência")

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190,0. 237
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.



**AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70 - GB Nº 7419

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral:

BEIJO NO ASFALTO

Original de NELSON RODRIGUES

Música de

Tradução de

No Teatro

Empresa

nos dias

serão estabelecidas oportunamente.

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10% (dez por cento) da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ 1. terço do salário mínimo por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios colistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Belém, 3 de agosto de 1976

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativo e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarês, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

TEATRO

TÍTULO Beijo no asfalto

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior

Praça

Obs.:

DF. 021 001 761

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em ____ de ____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C. para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, 2 cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 10 de setembro de 1976

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 18 anosBrasília-DF, 13 / 09 / 76

Coriolano de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 240

PARECER Nº 5003 / 76

TÍTULO: " BEIJO NO ASFALTO "

AUTOR: NELSON RODRIGUES

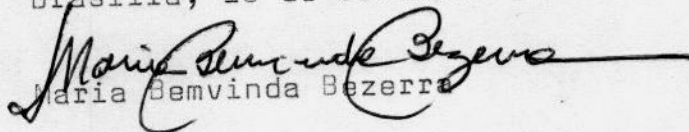
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZOITO ANOS

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

Realizando o confronto do texto em epígrafe, constatei per feita identidade com os originais que se encontram nos arquivos da DCDP do DPF.

Considerando o acima exposto e que o último certificado de liberação concedido à peça tem validade até 1981, com base no art.10 da LEI 5.536/68 sugiro sua liberação para maiores de dezoito anos condicionada ao ensaio geral.

Brasília, 10 de setembro de 1976.


Maria Bemvinda Bezerra



866/76-SCTC/SC/DCDP

10/09

6

Superintendente Regional do DPF no Pará

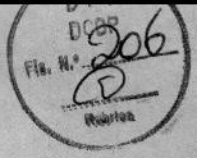
O BEIJO NO ASFALTO

Nelson Rodrigues

Superintendente:

BELÉM-PA

CAF



UTJAFSA UM UCIBB U :

23UCIBB UM UCIBB U :

1210/76

: U BEIO NO ASFALTO

- AP - AICNIRIEMIA - PA -
10 SETEMBRO

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDIÇÃO
DE NO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "CRISTAL" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCBP.
Nelson Rodrigues

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

13 SETEMBRO
13 SETEMBRO
[Signature]

13 SETEMBRO
RUGÉRIO NUNES

BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 01.00.16.243

: O BEIJO NO ASFALTO

: NELSON RODRIGUES

: GRUPO EXPERIÊNCIA - PA -
10 SETEMBRO

13/09/76

76

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZITO) ANOS. CONDICIONA
DO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

[Handwritten signature]

13 SETEMBRO 76

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18 ANOS
CORIOLANO DE LUIZLA C. FAGUNDES

MJ-DPF-SRA/BSB

-7 OUT 1551 038477

RECEBIDO POR:

SRA/FICHADO

DPF
DCDP
Fls. N.º 207
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Of.nº 059/76-SCDP-SR/DPF/DF

Em 07 de outubro de 1976

Do : Superintendente Regional do DPF-DF

Ao : Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DF

Assunto: Encaminhamento

FICHADO
S.A DCDPDe ordem
ao arquivo
em 08/10/76
Mogales

Sr. Diretor

Com o presente encamino a V. Sa. cópias dos pareceres dos ensaios gerais, realizados no SCDP-SR/DF, conforme discriminação abaixo:

<u>TÍTULO</u>	<u>AUTOR</u>	<u>DATA</u>
1- O BEIJO NO ASFALTO.....	Nelson Rodrigues.....	28.05.76
2- A NOVA RICA.....	Irene Carvalho.....	11.06.76
3- QUERO A LUA.....	Tatiana Belinky.....	11.06.76
4- PRIMEIRO ENCONTRO DE POETAS DA JOVEM ERA.....	-	15.06.76
5- O IRMÃO DAS ALMAS.....	Martins Pena.....	24.06.76
6- BENTE ALTAS:LICENÇA PRÁ DOIS...	Alcione Araujo.....	29.06.76
7- E QUANDO PAPAI SOUBER-ZOOM....	Marcos Rey.....	30.06.76
8- MARIA MARIA.....	Fernando Brandt e outros.....	08.07.76
9- CANÇÃO DE FOGO.....	Jairo Lima.....	04.08.76
10- NO QUARTO COM CHICO.....	Chico Anísio.....	09.08.76
11- CIRCO DE MARIONETES DO PALHA- ÇO MALMEQUER.....	Claúdio Ferreira.....	09.08.76
12- O CAVALheiro NEGRO CONTRA GU- MERCINDO TAVARES.....	Manoel Karam.....	11.08.76
13- A BRUXINHA DOROTÉIA.....	Nilton Negri.....	13.08.76
14- GRITAMOS A TODOS SEM EXCEÇÃO...	-	16.08.76

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190, p. 245



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

- fl. 2



TÍTULO

18- A MAIS SÓLIDA MANSAO.....	Eugene O'Neil.....	26.08.76
19- LOCOMOS E MILITIL.....	Rainer Hachfeld e outro.....	31.08.76
20- O CASO DA BANANA APAIXONADA.....	-	02.09.76
21- A FLOR DA BANANEIRA.....	-	03.09.76
22- O FOGUETE DE BALAO.....	-	03.09.76
23- A VIAGEM DO ESPELHINHO.....	-	03.09.76
24- PALHAÇADAS.....	-	03.09.76
25- DANÇA.....	-	22.09.76
26- JOAO SEM NOME.....	-	24.09.76
27- NAO SABIA A AGUA.....	Woody Allen.....	29.09.76
28- ARENA CONTA ZUMBI.....	Gianfrancesco Guarini.....	30.09.76

Na oportunidade, reitro a V. Sa. pro-

testos de estima e consideração.

Bel. LINCOLN GOMES DE ALMEIDA
Superintendente Regional
SR/DPF/DF

Ilmo. Sr.

Dr. Rogério Nunes

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Nesta.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/SR/DF



PARECER Nº

003/76/SR

TÍTULO: "O BEIJO NO ASFALTO", de Nelson Rodrigues

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO ANOS), sem cortes.

ENSAIO GERAL

Procedido o ensaio geral da peça acima identificada, às 16 (dezesseis) horas do dia 27 de maio corrente, no teatro Galpão, sito à Av. W-2, quadra 508, desta capital.

Foram atendidas todas as exigências expressas no Decreto nº 20.493/46, artigo 50, "in totum", sendo observado o que preceitua o artigo 104 do mesmo diploma legal, e também as especificações contidas no Decreto 1.023/62, como também na Lei nº 5.536/68, artigo 11.

CONCLUSÃO: Não obstante tenham sido apresentadas cenas em que os policiais demonstram agressivamente abuso de autoridade, guiados por sensacionalismo do jornalista turbulento e propagador de conhecido periódico, considerando o certificado nº 1210/76, sugerimos seja autorizada a encenação de "O Beijo no Asfalto" no local indicado no requerimento, estando identificado também o elenco, com a impropriedade máxima, a fim de evitar compreensões inexatas.

Brasília, 28 de maio de 1976.

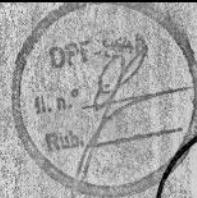
Bel. Tabajara Fabiano de Santana Ramos

Bel. L. Fernando

Técnicos de Censura



MJ - DPF - SRA/BSB



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 002781

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF NO ESPÍRITO SANTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 247

Ofício nº 25 /77-SCDP/SR/DPF/ES

Vitória, 20/01/77

Do: Sr. Superintendente Regional do DPF/ES

Ao: Sr. Diretor da DCDP/DPF

Assunto: Peças teatrais(encaminha)

*Ne ordm
ao S.C.
em 25.01.77
Machin*

FICHA DO
D. A. DCDP

Senhor Diretor:

Com o presente estamos encaminhando a V.Sa., os textos das peças teatrais intituladas "João" e "Beijo no Asfalto" de autoria de Eduardo Rosetti e Nelson Rodrigues, respectivamente, para os quais a Fundação Cultural do Espírito Santo requer o necessário exame censório.

Na oportunidade renovamos a V.Sa., os protestos de elevada estima e consideração.

João Batista Xavier
JOÃO BATISTA XAVIER
SUP/REG/DPF/ES
Em exercício

Ad. PCTC
Lucas
25/01/77



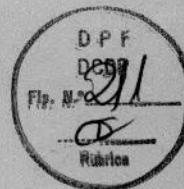
Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.



**AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 5/75 Nº 14482

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: BEIJO NO ASFALTO

Original de Nelson Rodrigues

Música de -

Tradução de -

No Teatro Carlos Gomes

Cidade Vitória - ES

Empresa Fundação Cultural de Esp. Santa

nos dias 1ª CENSURA

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de - % -

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr\$ - por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

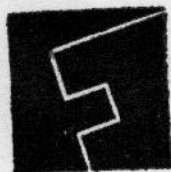
Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Vitória, 28 de Setembro de 19 76

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.—A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[Assinatura]
(pela SBAT)



FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas de
Brasília - D.F.

AFONSO BRAGA DE ABREU E SILVA, casado, Funcionário desta FUNDAÇÃO, Chefe do Setor de Promoções, portador da Cédula de Identidade nº 123.483, expedida pelo Departamento de Polícia Técnica - Secretaria de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo, em data de 22 de dezembro de 1964 e CPF. nº 159.636.597, vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª, conforme determinação em Lei, aprovação, do script da peça BELJO NO ASFALTO ...DE NELSON RODRIGUES, previsto para o dia 12 de março, às 21 horas, no TEATRO CARLOS GOMES.

Nestes Termos

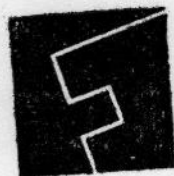
P. Deferimento

Vitória, 29 de dezembro de 1976

Fundação Cultural do Espírito Santo

Afonso Braga de Abreu e Silva
Afonso Braga de Abreu e Silva
Seção de Promoções

P.C.U:



FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas de
Brasília - D.F.

AFONSO BRAGA DE ABREU E SILVA, casado, Funcionário desta FUNDAÇÃO, Chefe do Setor de Promoções, portador da Cédula de Identidade nº 123.483, expedida pelo Departamento de Polícia Técnica - Secretaria de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo, em data de 22 de dezembro de 1964 e CPF. nº 159.636.597, vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª, conforme determinação em Lei, aprovação, do script da peça BEIJO NO ASPHALTO DE NELSON RODRIGUES, previsto para o dia 12 de março, às 21 horas, no TEATRO CARLOS GOMES.

Nestes Termos

P. Deferimento

Vitória, 29 de dezembro de 1976

Fundação Cultural do Espírito Santo

Afonso Braga de Abreu e Silva
Afonso Braga de Abreu e Silva
Seção de Promoções

P.C.U.:



TÍTULO Baifo no asfalto

Helson Rodrigues
1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anos
Praça Alfândega - ES
Obs.: _____

DF. 02, 02, 77

[Signature]
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____
DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Brasília - DF

de

de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0290, p. 252

PARECER Nº 408 / 77

TÍTULO: "BEIJO NO ASFALTO"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: vide abaixo

ESPÉCIE - PEÇA TEATRAL (CONFRONTO)

Deixei de examinar o texto para confronto em
virtude do mesmo se encontrar incompleto .

Brasília, 9 de fevereiro de 1977

Maria Célia da Costa Reichert
Maria Célia da Costa Reichert



M. J. — MINISTÉRIO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS

Ofício nº 228/77-SCTC/SC/DCDP

09/02/77

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
: Sr. Superintendente Regional do DPF no Espírito Santo
Encaminhamento - faz -

Senhor Superintendente:

Com o presente encaminhamos a V.Sa. as anexas 2ª e 3ª vias do "script" da peça teatral intitulada " BEIJO NO ASFALTO" de Nelson Rodrigues, em virtude da mesma se encontrar incompleta.

2.

Outrossim, solicitamos providências / no sentido de enviar a esta Divisão de Censura, novos "scripts" / para que se proceda o exame censório.

Na oportunidade, reiteramos a V.Sa. / protestos de estima e consideração.

ROGERIO NUNES
Diretor DCDP



FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO



OF. Nº 173/77

Vitória, 01 de março de 1977

Prezado Senhor,

Tendo em vista a devolução das cópias da peça "Beijo no Asfalto", de Nelson Rodrigues, não tendo sido censurada por problemas técnicos, passamos às mãos de V.Sª. um novo conjunto de cópias da referida Peça, solicitando a sua especial gentileza de, na medida do possível, agilizar a liberação da mesma dentro do prazo aproximado de 10 dias.

Aproveitamos para informar que, em função do ocorrido, tomamos a medida de transferir a apresentação da citada Peça, que marcará a abertura oficial da temporada do Teatro Carlos Gomes de 1977, do dia 02 para o dia 15 de março, razão pela qual aguardamos ansiosamente resposta de V.Sª. e, dessa forma, procedermos a devida promoção da reabertura do Carlos Gomes, momento aguardado com expectativa pela comunidade Capixaba.

Certos de sua valiosa ajuda, apresentamos nesta oportunidade nossas

Cordiais saudações,


MARIA BEATRIZ FIGUEIREDO ABAURRE
DIRETOR EXECUTIVA

ENCAMINHE-SE
A BRASILIA 77
01/03/77
Vitória (ES).
Chefe de Seção PF/ES

Ilmo. Sr.

Dr. SEBASTIÃO MINAS BRASIL

MD Chefe da Seção de Censura de Diversões Públicas da Divisão de Polícia

SRA/FICHADO

MJ-DPF-SRA/BSB

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF/ES 007328

SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



Ofício 117/77-SCDP/SR/DPF/ES

Data: 01 de Março de 1977

Do: Superintendente Regional do DPF/ES

Ao: Senhor Diretor da DCDP/DPF

Assunto: Peça teatral (encaminha)

*De ordem
ao Arquivo
em 4.3.77
mm*

FICHADO
S.A. DCDP

Senhor Diretor,

Em atendimento ao contido no Ofício 228/77-SCTC-SC/DCDP, de 09/02/77, anexo estamos encaminhando os novos textos da peça teatral intitulada "BEIJO NO ASFALTO", de autoria de Nelson Rodrigues.

Outrossim, informamos que é desejo da Fundação Cultural do Espírito Santo promover a estréia da referida peça no dia 15 de março corrente no Teatro Carlos Gomes desta Capital.

Na oportunidade renovamos a V.S. os protestos de consideração e apreço

Nilton dos Santos Britto
NILTON DOS SANTOS BRITTO
Superintendente.

TEATRO

TÍTULO O BEIJO NO ASFALTO

1) S. ARQUIVO

Documentação _____

Clas. Anterior 18 anosPraça VITÓRIA - ESObs.: Processo na SCTC desde02.02.77. FAVOR JUNTÁ-LOS.DF. 07/03/77

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 14 de março de 1977

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIORClassificação 18 anosBrasília-DF, 16 de 3 de 77

Arlete
Arlete Teixeira Deixado
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.01901p.257

PARECER Nº 882 177

TÍTULO: "BEIJO NO ASFALTO" de Nelson Rodrigues

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS (DEZOITO)

Confrontando o presente texto com o apreciado em exame censório anterior, constatei, entre ambos, perfeita identidade de conteúdo e linguagem. Assim, sou de parecer que seja mantida a mesma classificação anterior: 18 ANOS (DEZOITO)

Brasília, 14 de março de 1977

Moacir das Dores
Moacir das Dores

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 258



OTJAFSA ON OCIBB :

23UGIROR NOSJON :

1.210/77_ 23 - OTJAFSA ON OCIBB :
FUNDACÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO
NILTON DOS SANTOS BRITO

OTJAFSA ON OCIBB :

MARÇO 14

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO

AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE QUANDO
DO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCP.

: NELSON RODRIGUES

29 JUNHO

78

11 MARÇO

77

LIVRE

ARÉGIO T. PEI OTJAFSA

Rodrigo
RODRIGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 258

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190 228



: BEIJO NO ASFALTO

: NELSON RODRIGUES

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO - ES - 77/015.1
NILTON DOS SANTOS BRITTO

14 MARÇO

77 BEIJO NO ASFALTO

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO

AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUAN
DO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

87

CHUVA

ES

77

MARÇO

11

11

MARÇO

77

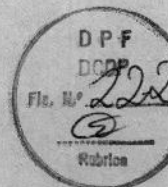
Arésio T. Peixoto

ARÉSIO T. PEIXOTO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190 259

LIVRE



368/77-SCTC/SC/DCDP

15/311+

Superintendente Regional do DPF no Espírito Santo

"BELJO NO ASFALTO"

Nelson Rodrigues

Superintendente:

Vitória-ES

uf

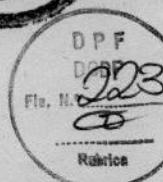
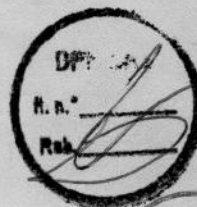
SRA/FICHA DO

M. J. - D. P. F. / E. S.

MJ-DPF-SRA/BSB

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESPÍRITO SANTO

25 MAR 10 31 E 009885



RECEBIDO POR:

Ofício nº 76 SCDP/SR/DPF/ES

Data: 21 de Março de 1.977

Do: Superintendente Regional DPF/ES

Ao: Sr. Diretor da DCDP/DPF

Assunto: Relatório de Ensaio Geral (encaminha)

*De ordem
ao Arquivo
de 25.03.77
M. J. M.*

Senhor Diretor,

Com o presente passo as mãos de V.S. o relatório de Ensaio Geral da peça teatral intitulada BEIJO NO ASFALTO, de autoria de Nelson Rodrigues, realizado pela SCDP desta Regional no dia 15 - de março corrente no Teatro Carlos Gomes nesta cidade.

Na oportunidade renovo a V.S. os protestos de consideração e apreço. *+*

Nilton dos Santos Britto
DEL NILTON DOS SANTOS BRITTO

Superintendente



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESPÍRITO SANTO
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO DE ENSAIO GERAL

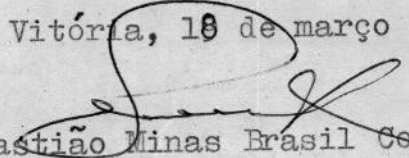
ENSAIO GERAL - Peça teatral
TÍTULO - Beijo no Asfalto
AUTOR - Nelson Rodrigues
GRUPO TEATRAL - Fundação Cultural/ES
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA - 18 anos
LOCAL - Teatro Carlos Gomes
DURAÇÃO DA PEÇA - 1,50 horas.

Às 16, 00 horas do dia 15 de março corrente comparecemos ao Teatro Carlos Gomes nesta cidade de Vitória/ES onde procedemos o ENSAIO GERAL da peça teatral intitulada: BEIJO NO ASFALTO, de autoria de Nelson Rodrigues.

Durante o desenrolar do espetáculo verificamos fidelidade ao texto, com as marcações, cenários, efeitos musicais e especiais, guarda-roupas, perfeitamente adaptados e nos limites tolerados pela legislação consócia vigente.

Face ao exposto, o espetáculo poderá ser liberado para público maior de 18 anos de conformidade com a decisão inicial da DCDP.

Vitória, 18 de março de 1.977


Sebastião Minas Brasil Coelho

Chefe da SCDP/SR/DPF/ES

*De ordem
ao Arquivo
em 06/09/77
M. A. S.*



FICHA DO
S. A. DCDP



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM PERNAMBUCO

MJ-DFP-SRA/BSB
-5 SET 1400 E 027429

RECEBIDO POR: *[Assinatura]*

OFÍCIO Nº 1665/77-SCDP/SR/PE.

RECIFE, 02 DE SETEMBRO DE 1977.

SRA/FICHA DO

Senhor Diretor,

Encaminhamos a V.Sa, 03 (TRÊS) vias do script da Peça Teatral " BEIJOS NO ASFALTO " de autoria de NELSON RODRIGUES, para que sejam devidamente censurados por essa DCDP.

Anexo, segue cópia do requerimento da Peça Teatral acima mencionada.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa, os / nossos protestos de alta estima e real apreço.

[Assinatura]
Bel. EDYR CARVALHO

Superintendente Regional em Pernambuco

Ilmo. Sr.
Dr. Rogério Nunes
OD. Diretor da DCDP/BSB

BRASÍLIA = DF

ILMO. SR. CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS



Eu, LÚCIO COELHO LOMBARDI, brasileiro, casado,
C.P.F. nº 009.773.494/20, Carteira de Identidade nº /
354.578/PE, anexa ao presente o texto "BEIJO NO ASFALTO", em
três vias, para liberação junto ao órgão competente. O tex-
to se destina a apresentação pública, pelo conjunto do GRU-
PO DO TEATRO BANDEPE, formado por funcionários do BANCO DO
ESTADO DE PERNAMBUCO S.A.

Nestes Termos

Pede Deferimento.

Recife, 01 de setembro de 1977.-

LÚCIO COELHO LOMBARDI.

TÍTULO 10 BEIJO NO ASFALTO

1) ~~SCTC~~ ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça RECIFE - PE

Obs.: _____

DF. 13, 09, 1977

Guilherme
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 19 de set. de 1977

Maria Antônia R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: dezoito anos, sem cortes

Brasília-DF, 20 de set. de 1977

Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190, p. 266

PARECER Nº 3993 / 77

TÍTULO: "O BEIJO NO ASFALTO" - Peça teatral de NELSON RODRIGUES

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS

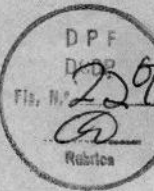
CONFRONTO

Procedendo ao confronto do texto em epígrafe, constatei que o mesmo se identifica com os originais encontrados em nossos arquivos.

Em virtude do certificado está em vigor até 1981, opino pela liberação com impropriedade para maiores de 18 anos, condicionada ao ENSAIO GERAL.

Brasília, 19 de agosto de 1977


MARIA AURINEIDE PINHEIRO



1431/77

19/09

7

Superintendente Regional do DPF em Pernambuco

"BEIJO NO ASFALTO"

Nelson Rodrigues

Superintendente:

RECIFE-PE

ROGÉRIO NUNES

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA ____/____/____
AS ____ HRS.
Assinatura Legível

CONTROLE

Nº

16247

DPF
DCDP
Fls. Nº 230
Rubrica



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

INDICAÇÕES
DE SERVIÇO

PREÂMBULO: RECIFE 922 14 29 1710
RECEPÇÃO: PPC/566 EN/AG 291702

END.

DC/DP/BSA

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SEOP - CMG

RECEBIDO EM 29/5/78 AS 18

ENCAMINHADO A: DCDP

EM ____/____/____ AS ____

RUBRICA: _____

TEXTURA
E
ASSINATURA
E
TEXTURA

14/78-SC/DP/SR/PE 290578 //

SOL VSA ENV CERT PECA TEATRAL "BEIJO NO ASFALTO" VG REF OF NR 0713/78-SC-

DPF-SR-PE PT

SR/PE

enc. ao Arquivo em 27/4/78
quit

Solicita-se via Certificado
8 A DCDP

Viúva
19 305 78
Ao Arquivo
Em 20.5.78
Trinidade



O BEIJO NO ASFALTO

NILK NELSON RODRIGUES

1.210/77

O BEIJO NO ASFALTO

GRUPO DE TEATRO BANDEIRA - PE

LUCIO CORLHO LOMBARDI

19 SETEMBRO

IMPROPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOTTO) ANOS (CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERRA VALIDA-DE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DPF)

NELSON RODRIGUES

IMPROPRIO PARA

MEMORIA DE

DEZOTTO ANOS

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

29 JUNHO

20

SETEMBRO

ROGERIO NUNES

50

0190

0190,9,0010.ETEA.PTE.0190,9,0010



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 270

O BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

GRUPO DE TEATRO BANDEPE - PE
LUCIO COELHO LOMBARDI

19 SETEMBRO

77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDA-
DE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

20
SETEMBRO 77
ROBERTO NUNES

DEZOITO ANOS
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 270

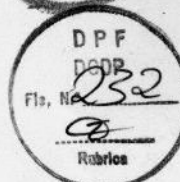
OFB:

FICHA DO
S.A. DCDP



MJ-DPF-SRA/BSB

16 NOV 10 06 033698



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



Of. nº 1186 /77 -SCDP/SR/DPF-RJ

Em 10/11/1977

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/DPF-RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF

Assunto : Encaminhamento (faz)

Ref.: Prot. nº 11.712/1977 -SR/DPF-RJ -SCDP

*De Arquivo
ao Arquivo
em 17.11.77*

Peça: "BEIJO NO ASFALTO".....

Autor: Nelson Rodrigues.....

Tradução:
.....

Adaptação:
.....

Requerente: Carlos Alberto Peixoto - rep. Santa
Edwige Produções Artísticas - Ltda.....

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1 da
Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria
um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha con-
sideração e distinguido apreço.

Wilson de Queiroz Garcia

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/DPF/RJ

LSL/.

TÍTULO CO BEIJO NO ASFALTO ✓

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos ✓

Praça Rio de Janeiro - RJ ✓

Obs.: _____

DF. 22 / XI / 77

Guilherme
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,
com a classificação: impróprio para menores
de dezoito anos, sem cortes e
com os dados constantes do requerimento de
cens., condicionada ao exame
do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 30 de nov. de 1977

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: dezoito (18) anos,
sem cortes

Brasília-DF, 01 de dez / 1977

Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 273

PARECER Nº 5170 / 77

TÍTULO: " O BEIJO NO ASFALTO "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS

AUTOR: NELSON RODRIGUES

O texto examinado corresponde ao que se encontra em nosso Arquivo, podendo receber a mesma faixa etária, que é para maiores de 18 anos.

Brasília, 29 de novembro de 1977.

Laura Bastos
Laura Bastos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 019010.274

DPF
DCOP
Fls. N.º 239
Rubrica

O BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

1210/77

SANTA EDMIGES PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA - RJ

O BEIJO NO ASFALTO

NOVEMBRO

30

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDI-
-TIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESERTE GERTIFICADO SOMENTE TERA VA
LIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCP.

NELSON RODRIGUES

29

JUNHO

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

1º
DEZEMBRO
ROGÉRIO NUNES

1º

078

BR DEANB28 NS.CPR.TEAPTE. 07.00.91.44

O BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

SANTA EDWIGE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA - RJ

30

NOVEMBRO

77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDI-
CIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VA-
LIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDF.

ONHUL

es

DEZEMBRO

DEZEMBRO

77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

1º

OFB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0290, p. 276



2025/77

BSB, 30/11/77

no Rio de Janeiro

1186/77-SCDP/SR/RJ

"BEIJO NO ASFALTO" de Nelson Rodrigues.



MJ-DEP-SPA/BSB

12 DEZ 1055 = 036073

DPF
DCDP
Fls. N.º 237

DPF-SPA
M. n.º 1

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº 7168/77-SCDP/SR/SP

Em 08 de dezembro de 1.977

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75, estamos remetendo a V.S. uma via do texto das peças teatrais "ELDORADO TROPICAL" original do Grupo Mamulengo de Teatro; "NÓS E UM ZÉ" original de Sérgio Luiz Bambace; "MACÁRIO" original de Alvares de Azevedo; "BEIJO NO ASFALTO" original de Nelson Rodrigues; "PRÓLOGO PARA O DILETANTE" original do Grupo de Teatro Mambembe S/C.Ltda. e "PRÓLOGO PARA O GRUPO MAMBEMBE" original de Carlos Alberto Soffredine.

Outrossim, informamos que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa a DCDP.

Na Oportunidade, renovamos a V.S. protestos de estima e consideração.

JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. DIRETOR DA DCDP
BRASÍLIA/DF

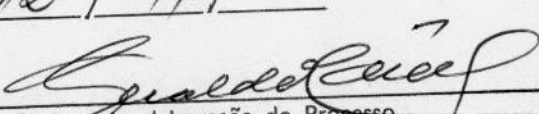
TEATRO

TÍTULO 10 BEIJO NO ASFALTO

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anosPraça São Paulo - SP

Obs.: _____

DF. 16, 12, 77

 Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

 Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de 18 anos, com cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: corle a fls. 46

Brasília-DF, _____ de _____ de 19

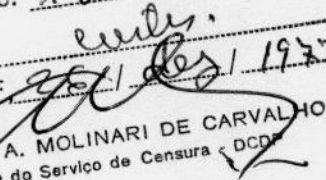
Maria Arlete R. Gama
 Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília - DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
 COM O PROCESSO ANTERIOR
 Classificação: 18 anos
 com encls.
 Brasília-DF 25/03/1977

 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
 Chefe do Serviço de Censura - DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190, p.279

PARECER Nº 5390 / 77

TÍTULO: "BEIJO NO ASFALTO" - Peça de Nelson Rodrigues

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZOITO ANOS com UM CORTE

No confronto realizado, constatei, tratar-se do mesmo assunto liberado pela primeira vez, porém, com pequenas modificações que não alteram, em si, a chancela primeira, ou seja DEZOITO ANOS de idade. sugiro, contudo, um corte, às páginas quarenta e seis (46) onde foi modificado .."que se foda..", onde, anteriormente ... "que se dane..". Justifico tal corte, pois, modifica para pior o texto, já em si assunto pesado e tratado sem rodeios.

Brasília, 21 de dezembro de 1.977.

Seliana Stolte Rouver
Selia Natalha Stolte Rouver

Aruba
Já falei lá.

Amado
(para a viúva) - Viu, sim! viu!

Viúva
Juro!

Amado
Você está mentindo! Mentindo!

Aruba
Amado, elha. O cadáver.

Amado
Não ouvi.

Aruba
O cadáver.

Amado
Fala alto!

Aruba
Devido ao calor, o cadáver. Já tem mau cheiro.

conte
Amado
Que se feda. (para a viúva) - Olha aqui. Ou a senhora diz a verdade. A polícia não tem esse negócio de mulher, não. Mulher apanha também! Sua burra! Põe na tua cabeça o seguinte. Você tem um amante. É pro que, por que tem um amante? Porque seu marido, escuta, escuta! seu marido mantinha relações anormais. Relações anormais com um cara. Entendeu? Seu marido tinha um amigo chamado Arandir; amigo que a senhora está reconhecendo pela fotografia.

Viúva
O senhor fala mais baixo!

Vizinha
Com licença.

Aruba
Fala, distinta.

Vizinha
É que.

Amado
Desembucha.

Vizinha
Pede fechar o caixão?

Amado
Mas eh nessa amizade! Aguenta a mão!

Vizinha
Deutor, o corpo está exalando! Exalando!

Amado
Vamos fazer o seguinte. Olha aqui, nessa amizade! Manda fechar o caixão! manda fechar! Ordem da polícia! Fecha e toca o bonde! Por minha conta!

Aruba
Acaba com isso! acaba com isso!

Viúva
Mas é um morto! Eu preciso acompanhar o enterro.

Amado
Não! Nesse vace não vai. Escuta, ele te traia, não com uma mulher, com um cara! Na hora de morrer, ainda levou uma chupada na boca.

Aruba
Legal!

(trevas. Luz na quarta de Arandir e Selminha).

Selminha
Até que enfim!

Arandir
Oh, querida

Selminha
Por onde você andou?

Arandir
Mãos frias!

Selminha
Febre!



78

OHNOF

DEZOTTO ANDS
MENORSES DE

IMPRORPIO PARK

БЕТВ ДСДБ

11

O BEIJO NO ASFALTO

DES EMBOS

1210/77

NETSOM ECDNIGAES

О ВЕЛІО МО ВЗЕВРІО

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 019010, 281

178
D.P.P.
Dep
N. No. 3
Rishra

O BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

COM CORTES

22

DEZEMBRO

77

AS FLS. 046. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO
SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIBE DEVIDAMENTE CARIMBADO
PELA DCDP.

26

DEZEMBRO

77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em, 23.dezembro.1977

Of. nº 2183/77-SCTC/SC/DCDP

Do Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

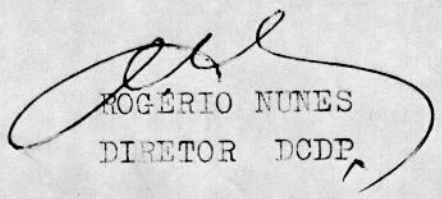
Ao Superintendente Regional do DPF em São Paulo

Assunto: Encaminhamento -faz-

Senhor Superintendente,

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, encaminho a V. Sa. as anexas 1ª e 2ª vias dos certificados de censura das peças teatrais: "AS CRIADAS" de Jean Genet, "BEIJO NO ASFALTO" de Nelson Rodrigues, "NÓS E UM ZÉ" de Sergio Bambacé, "QUARTO DE EMPREGADA" de Roberto Freire.

Com elevado apreço,


ROGÉRIO NUNES
DIRETOR DCDP

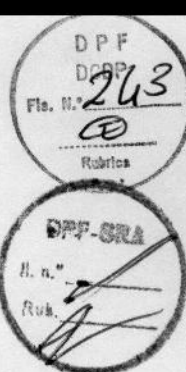
FICHA DO
S.A. DCDP



MJ-DPF SRA/BSB

DEZ 10 18 036317

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



OFÍCIO Nº 1340/77-SCDP/SR/RJ

Em 12.12.77

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Aditamento (faz)

*S. C. i. p. m. f.
Verif. 6/16/12/77*

Senhor Diretor:

Em aditamento ao Ofício 1186/77-SCDP/SR/RJ, para fins do disposto do sub-item 1.4 da Portaria 42/75 - DCDP, de 26.11.75, encaminho a V.Sª. os pareceres da peça teatral intitulada " BEIJO NO ASFALTO " de Nelson Rodrigues, liberada com impropriedade para menores de 18 anos, na dependência do ensaio geral.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

Wilson de Queiroz Garcia
WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/RJ



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 2776

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

TÍTULO: "BEIJO NO ASFALTO"

AUTOR: NELSON RODRIGUES

CLASSIFICAÇÃO: IMPRÓPRIA P/MENORES DE 18 ANOS

A já conhecida estória em que um beijo dado por um rapaz num atropelado prestes a morrer é explorado por jornalistas e policiais sem escrúpulos, causando-lhe uma série de transtornos que terminam com a sua morte, provocada pelo sogro, que confessa ter por ele secreta paixão.

Analisando comparativamente constatei a total semelhança do texto anexo com o apresentado anteriormente.

Assim sendo, sugiro a liberação, mantendo a impropriedade para menores de 18 anos.

Rio, 16 de novembro de 1977

ELIANE MARIA COUO DE FARIA

Mat. 2.416.890



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PARECER Nº 2781



TITULO: "BEIJO NO ASFALTO" (peça teatral)

AUTOR: NELSON ROGRIGUES

CLASSIFICAÇÃO: 18 anos

A peça em questão conta a estória de rapaz que, ao dar um beijo num moribundo, tem por isso sua vida complicada, acabando com sua morte, provocada pelo sogro que, secretamente o amava.

Na análise comparativa do texto constatase a absoluta igualdade com o anteriormente examinado por esse serviço de censura; assim sendo, sugiro sua liberação para maiores de 18 anos

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1977

Mirtes Spitale de Queiroz
MIRTES SPITALE DE QUEIROZ
TECNICA DE CENSURA
MAT. 2.416.893.

MJ - DPF - DCEP - BSB

20 ABR 09 04 2 002080

RECEBIDO POR _____

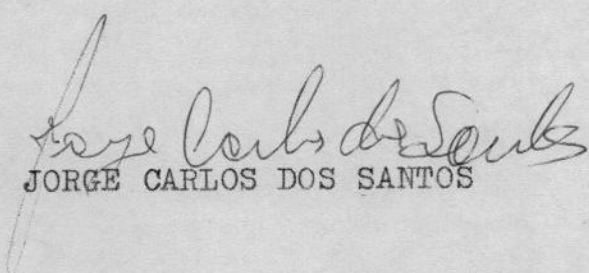


Ilmo. Sr. Diretor da DCEP,

JORGE CARLOS DOS SANTOS, portador da Carteira de Identidade No. 95160-SIC/GO, representante do Grupo Teatral JOÃO BÊNIO E SEUS ARTISTAS, de Goiânia-GO, vem, mui respeitosamente, requerer de v.sa. o exame censório da peça teatral "UM BEIJO NO ASFALTO", de Nelson Rodrigues.

Nestes Termos
Pede Deferimento.

Brasília-DF, 20 de abril de 1978.


JORGE CARLOS DOS SANTOS

TEATRO

TÍTULO O BEIJO NO ASFALTO

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos
Praça Brasília - DF
Obs.: viaram somente 2 vias do
texto.
DF. 201 de 1 781

[Assinatura]
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____
DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,
com a classificação: impróprio para menores
de 18 (dezoito) anos, sem cortes e
com os dados constantes do requerimento de
Pensura, condicionada ao exame
do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 25 de abril de 19 78

[Assinatura]
Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 18 (dezoito)

anos

Brasília-DF, 25 de abril de 19 78

[Assinatura]
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 289

PARECER Nº 1426178

TÍTULO: "O BEIJO NO ASFALTO" de Nelson Rodrigues

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZOITO ANOS

Tendo efetuado o confronto da peça teatral acima, constatei, ser a mesma, idêntica às anteriores já examinadas por esta DCDP. Sugiro, pois, a LIBERAÇÃO para a mesma chancela anterior : DEZOITO ANOS, condicionada, entretanto, ao Exame do ENSAIO GERAL.

Brasília, 25 de abril de 1.978.

Seliaut Rouver

Selia Natalha Stolte Rouver



1210/78

BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDIÇÃO DO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TEM VALIDADE

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

ROGERIO NUNES

78



BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
Rele Desideri 1-23/17 do Setyquato
 25/4 178

: BEIJO NO ASFALTO

: NELSON RODRIGUES

JOÃO BÊNIO E SEUS ARTISTAS - GO
 JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

25 ABRIL

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
 AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
 QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

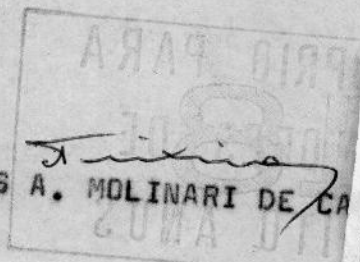
25

ABRIL

78

mhf

71 CARLOS A. MOLINARI DE CA



FICHADO
S.A. DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB



25 ABR 14 07 2010 010815

*De ordem
ao Arquivo
em 27/4/78
M/M***SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM PERNAMBUCO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.Nº 0713/78-SCDP/SR/PE

Recife, 20 de abril de 1978

LIBRE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR

Senhor Diretor

O Grupo de Teatro BANDEPE, desta Capital, está solicitando, conforme requerimento em anexo, a 2ª via do Certificado de Censura da Peça Teatral "O BEIJO NO ASFALTO", de autoria de Nelson Rodrigues, tendo em vista que o Certificado que se encontrava em seu poder foi extraviado.

Aproveitamos a oportunidade para renovar a V.Sa. protestos de elevada estima e real apreço.

[Assinatura]
Bel. DERMEVAL BARRETO DE MATOS
Técnico de Censura
Chefe do SCDP/SR/PE.

Ilmo. Sr.

Dr. ROGÉRIO NUNES

DD. Diretor da DCDP/BSA

B R A S Í L I A - D F.

010612 2548 307 88425

Classificação:

Brasília-DF

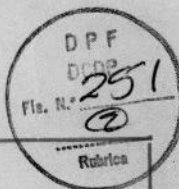
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

• 12 • 2051



ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANDEPE

FUNDADA EM 17 DE FEVEREIRO DE 1962



Ilm^{as}. Sr. M.D. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas em Pernambuco

O Grupo de Teatro BANDEPE, inscrito neste órgão sob o nº 107/77, com sede à Estrada de Belém 1090, nesta capital, considerando que: Está previsto para maio vindouro a reapresentação da peça " O Beijo no Asfalto " de Nélson Rodrigues, provavelmente na Casa da Cultura desta cidade, e, tendo se es-
traviado o Certificado de Censura da referida peça, vem mui respeitosamente so-
licitar de V.S^{as}. a especial gentileza de conceder uma 2^a via do certificado
acima,

Nestes Termos

Pede Deferimento

Recife, 18 de abril de 1978

Virginia Maria Ferraz de Oliveira
Virginia Maria Ferraz de Oliveira
Coordenadora

Vicente Monteiro
Vicente Monteiro
Assistente de Coordenação



1105/78-

BSB. 26-07-78

em Pernambuco

0713/78-SCDP/SR/PE

"BEIJO NO ASFALTO", de NELSON RODRIGUES.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 296



BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

1210/78

BEIJO NO ASFALTO

GRUPO DE TEATRO BANDA DE - PE

VIRGINIA MARIA FERREIRA DE OLIVEIRA

ABRIL

25

NELSON RODRIGUES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. O PRESENTE

CERTIFICADO SOMENTE TERRA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE

ABRIL

80

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

26 JULHO

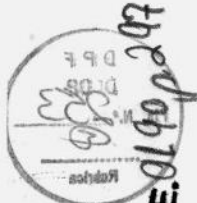
ROGERIO NUNES

78

25

old

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 296



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190207

BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

87/0121

GRUPO DE TEATRO BANDEPE - PE

BEIJO NO ASFALTO

VIRGINIA MARIA FERRAZ DE OLIVEIRA

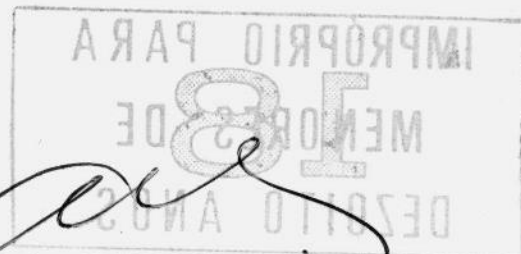
25 ABRIL

78

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. O PRESENTE

CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMEN
TE CARIMBADO PELA DGDP.

Handwritten signature and date stamp: 25 JULHO 78



CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

25

ofb



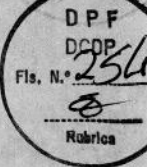
MJ-DFP-BSB

18 JUL 10 53 22 019450

SERVICO PUBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SR/DPF/ES- SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



OFÍCIO Nº 539/80-SCDP/SR/DPF/ES

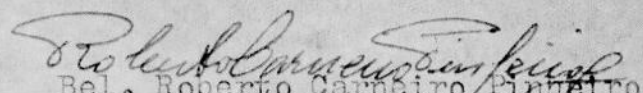
EM 17/07/78

Assunto: Encaminhamento (faz)

Senhor Diretor:

Com o presente passo às mãos de V.Sa. os textos das peças teatrais intituladas "A MENINA DOS OLHOS VERDES" e "O BEIJO NO ASFALTO", de autoria de HUMBERTO DEL MAESTRO e NELSON RODRIGUES, cujos requerentes solicitam dessa competente Divisão o necessário exame censório.

Na oportunidade renovo a V.Sa. os protestos de consideração e apreço.


Bel. Roberto Carneiro Pinheiro
Sup. Reg. do DPF/ES-Substituto

Ilmo. Sr.

Dr. Rogério Nunes

DD. Diretor da DCOP/DPF

Brasília/DF



Federação Capixaba de Teatro Amador.

- FECATA -

Registrado sob. n.º 620 no Cartório de Registro Civil 1.ª Zona.



Vitória, 14 de julho de 1978.

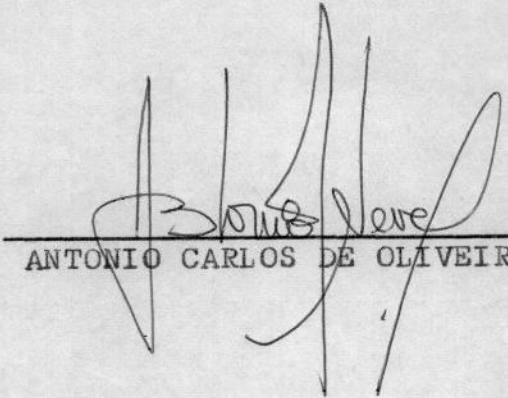
Ilmo. Sr.

Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. em Brasil

O GRUPO DE TEATRO AMADOR GERAÇÃO, através de seu Diretor-Coordenador Antonio Carlos de Oliveira Neves, residente à Rua Gama / Rosa, 71 apto. 402 nesta capital, C.P.F. Nº 363728707-20 e portador da / Carteira de Identidade Instit. Felix Pacheco Nº 3624101, vem encaminhar a V.S. o texto teatral " O BEIJO NO ASFALTO " de autoria de Nelson Rodrigues, para a devida censura .

Nestes termos,

Pede deferimento.


ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA NEVES

TEATRO

TÍTULO 0 BEIJO NO ASFALTO

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anosPraça VITÓRIA - ES

Obs.: _____

DF. 25 / 07 / 78
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. C. T. C., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de ano, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 31 de Julho de 1978
Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: 18 anos

Brasília-DF, 02 de Set de 78
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



PARECER Nº 2622, 78

TÍTULO: "O BEIJO NO ASFALTO", peça de Nelsan Rodrigues.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZOITO ANOS, sem corte.

Considerando que os textos se identificam e a existência do certificado nº 3645 DCDP de 08 de julho de 1976, com validade até o mesmo dia de 1981, opino pela manutenção da classificação indicada, ou seja, com impropriedade para menores de DEZOITO ANOS, condicionada ao ensaio geral.

Brasília, 28 de julho de 1978.

L. Fernando
L. Fernando

Técnico de Censura



1112/78-SCTC/SC/DCDP

28 de julho 78

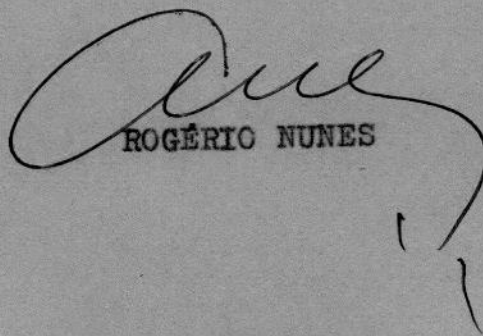
Superintendente Regional do DPF no Espírito Santo

" O BEIJO NO ASFALTO "

Nelson Rodrigues

Superintendente:

em Vitória-ES.


ROGÉRIO NUNES



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

1210/78

: BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

PROCURADOR PARA
MULHERES DE
DEZOITO ANOS

10 AGOSTO
ROGERIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 303

BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

GRUPO DE TEATRO AMADOR GERAÇÃO - ES
ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA NEVES

31 JULHO

78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCDP.

19

AGOSTO 1978

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

Ilm.º. Sr.

Dr. ROGÉRIO NUNES

MD. Diretor da Divisão de Censura
e Diversões Públicas.

RAQUEL DO NASCIMENTO NOVAES, portadora da cédula de identidade nº 343.119, vem mui respeitosamente requerer que Vossa Senhoria se digne conceder a Censura Prévia das cenas das seguintes peças:

PEÇA

- 1ª "AUTO DA COMPADECIDA" ✓
- 2ª "VALSA Nº 6" ✓
- 3ª "BEIJO NO ASFALTO" ✓
- 4ª "CORDÃO UMBILICAL" ✓
- 5ª "VESTIR OS NUS" ✓
- 6ª "VALSA Nº 6" ✓
- 7ª "O SANTO INQUÉRITO" ✓
- 8ª "BEIJO NO ASFALTO" ✓
- 9ª "HÁ VAGAS PARA MOÇAS DE FINO TRATO" ✓
- 10ª "DAMA DE COPAS E O REI DE CUBA"
- 11ª "ÁLBUM DE FAMÍLIA" ✓
- 12ª "ABRE A JANELA E DEIXA ENTRAR O AR PURO E O SOL DA MANHÃ" ✓

AUTOR

ARIANO SUASSUNA
NÉLSON RODRIGUES
NÉLSON RODRIGUES
MÁRIO PRATA
PIRANDELLO
NÉLSON RODRIGUES
DIAS GOMES
NÉLSON RODRIGUES
ALCIONE ARAÚJO
TIMOCHENCO WEHBI
NÉLSON RODRIGUES

ANTONIO BIVAR

Para que as mesmas possam ser encenadas na prova Prática do Curso de Artes Dramáticas JAYME BARCELOS no Distrito Federal.

Nestes termos,
Pede Deferimento.

Brasília, 01 de novembro de 1978

Raquel do Nascimento Novaes.

Coordenadora do Curso

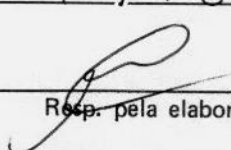
TEATRO

TÍTULO O Beijo no AsfaltoNelson Rodrigues

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18Praça Brasília - DF

Obs.: _____

DF. 7 / 11 / 78
Resp. pela elaboração do Processo

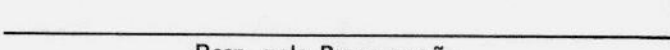
2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____


Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

046



SRA/ELCHADO
MJ-DPF-SRA/BSB

-8 MAI 14 13 012129

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM GOIÁS
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
Fls. N.º 262
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190,p.307

OF. Nº 25/78-SCDP/SR/DPF/GO

Goiânia, 04/05/78

*Devolvendo
ao Arquivo
em 10/5/78*

Senhor Diretor,

Apraz dirigir-me a V.Sª., para encaminhar o parecer Nº 00026/78 do Ensaio Geral da Peça Teatral "O BEIJO NO ASFALTO", de autoria de NELSON RODRIGUES, que foi assistido pelos Técnicos de Censura que o subscrevem.

Ao ensejo, reafirmo a Vossa Senhoria, protestos de estima e consideração.

Belisário de Melo

BEL. RISOVAR DE MELO
CHEFE DA SCDP/SR/DPF/GO

ILMO. Dr.

ROGÉRIO NUNES

MD DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/DPF
BRASÍLIA/DF



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190,p.308

PARECER Nº 00026 / 78

TÍTULO: "O BEIJO NO ASFALTO"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: IMPRÓPRIO P/ MENORES DE 18 ANOS.

Goiânia, 03 de maio de 1978.

Senhor Diretor,

No dia 27 de abril de 1978, no Cine Teatro Goiânia, assistimos ao ensaio geral da peça:

- 01 - PEÇA: "O BEIJO NO ASFALTO"
- 02 - AUTOR: NELSON RODRIGUES
- 03 - CERTIFICADO: 1.210/78
- 04 - IMPROPRIEDADE: PARA MENORES DE 18 ANOS.
- 05 - CORTES: SEM.
- 06 - LOCAL DA APRESENTAÇÃO: CINE TEATRO GOIÂNIA

R E S U M O:

Arandir beija um acidentado que agoniza. Um repórter sensacionalista, com ajuda de um delegado, manipula o fato e as pessoas, enfocando Arandir como amante do acidentado. Selminha, aos poucos, começa a desconfiar do marido. Este, ridicularizado no emprego e em casa, foge para uma pensão. A cunhada corre atrás e tenta seduzi-lo. O sogro Aprígio, também lhe confessa seu amor doentio e, louco de ciúmes, pelo beijo dado, no asfalto, mata o genro.

P A R E C E R:

A peça se compõe de tres atos e quatorze quadros e quer demonstrar aspectos da violência, em

segue ...



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 309

PARECER Nº 00026 / 78

TÍTULO: "O BEIJO NO ASFALTO"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: IMPRÓPRIO P/ MENORES DE 18 ANOS.

CONTINUAÇÃO DO PARECER.

um subúrbio carioca, onde se irmanam no mal, polícia, repórter e uma pacata família, tendo por catalizador um beijo, um ato de piedade.

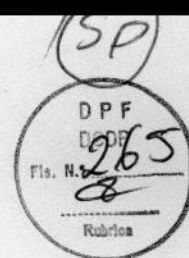
Adequada a proibição para menores de 18 anos.

Jose Elverth Ferreira
JOSE ELVERTH FERREIRA
Técnico de Censura

Silas de A. L. Gouvêa
SILAS DE A. L. GOUVÊA
Técnico de Censura

Risoval de Melo
RISOVAL DE MELO
Téc. de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 310



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O BEIJO NO ASFALTO"

"NELSON RODRIGUES"

LEITURA DE TEXTO: " O BEIJO NO ASFALTO "

18 ANOS

OBRA: " O BEIJO NO ASFALTO "
 AUTOR: NELSON RODRIGUES
 Nº DE PERSONAGENS: 13
 DRAMA

EXCELA-SE CERTIFICADO DE	
ACORDO COM PARECER DOS CENSO	
REB	
Em 06.1.05/81	
DPF, SR / SP	
Chefe do SCDP	

Drama policial em tres atos, com treze personagens e treze quadros, cujo autor é Nelson Rodrigues.

" Arandir ", o protagonista, homem simples presencia um atropelamento, por uma lotação de um estranho, numa praça repleta de pessoas; num gesto impulsivo e obedecendo à vontade da vítima, beija o moribundo na boca. " Amado Ribeiro ", um repórter policial, testemunha o ocorrido e surpreende-se com o gesto de " Arandir ". O repórter, vai à Delegacia próxima e comunica o fato de maneira sensacionalista ao "Delegado Cunha ", homem inescrupuloso. Ambos, levam uma falsa hipótese: a vítima e o principal implicado mantinham relações homossexuais. Tanto " Cunha ", quanto " Amado ", necessitam do " negócio ": o primeiro, estava desmoralizado perante seus superiores hierárquicos, o segundo, queria vender jornais.

" Selminha ", mulher do protagonista é inquirida, se viciada e acaba repudiando o marido, que tanto ama, desiludida acredita fielmente na versão noticiada. " Dália ", sua irmã, crê na virilidade e inocência do gesto de " Arandir ", declarando-lhe amor.

" Arandir ", tenta em vão explicar que não conhecia a vítima e, provar sua masculinidade: estava no local, na hora do acidente casualmente, para penhorar uma jóia, com o intuito de pagar o aborto da mulher, pois não desejava prejudicar o físico esbelto da esposa.

" Aprígio ", pai de " Selminha ", encontra-se no hotel, onde o genro refugiara-se e presencia a fidelidade do amor de sua filha mais nova ao acusado, num gesto impensado, mata-o, confessando-lhe amor.

O tema é criativo, interessante, abordando sutilmente os ardis com os quais se defrontam alguns seres humanos, em relação ao problema universal da justiça. É dirigido a um público adulto, capaz de captar as capciosidades da trama.

Face ao colocado, opino pela LIBERAÇÃO integral da obra, mantendo a mesma faixa etária anteriormente dada, ou seja, 18 ANOS, sujeita à apreciação do ENSAIO GERAL.

São Paulo, 26 de março de 1.981. Maria Urania Leite Correia Lima

- TC. -

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

82/81

Texto Teatral " BEIJO NO ASFALTO "

18 ANOS

Leitura de Texto

Original de Nelson Rodrigues,
em ato único.

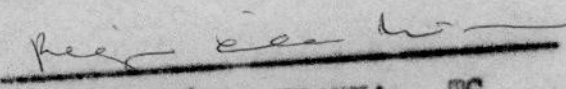
Amado Ribeiro, repórter policial,
presencia o atropelamento de um /
homem, aliado a um fato inusado: /

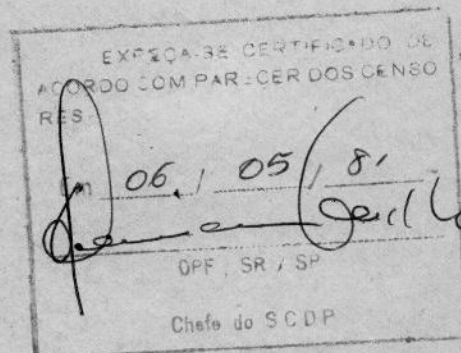
um passante beija a boca do recém-falecido. Vendo nisso uma estória
ótima para seu jornal, passa a explorar o acontecimento, por meio
de chantagens, mancomunado a um oportunista delegado de polícia, /
aproveitando a relação homossexual entre os dois que, realmente, nem
se conheciam.

As denúncias se proliferam, através do noticioso; Arandir passa a
ser acusado de assassino e sua família se desmorona: sua mulher é
seviçada e o próprio Arandir termina morto pelo sogro, que lhe /
confessa amor.

Tragédia urbana, trama realística, permeada de violência.
Por não infringir o disposto na legislação censória, opino por /
sua liberação, com impropriedade para menores de dezoito anos.

São Paulo, 19 de março de 1981


REGINA CÉLIA VIANNA- TC



TÍTULO "O BEIJO NO ASFALTO"

"NELSON RODRIGUES"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 ANOS

Praça SÃO PAULO / SP

Obs.:

DF. / 14 / 05 / 81

[Assinatura]
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requeri-
mento de censura e com a classificação: impró-
prio para menores de 18 (dezoito) anos,
sem restrição condicionada ao exame do ensa-

Obs.: Não consta Ensaio Geral.
Brasília - 18 de 05 de 1981

[Assinatura]
Helle Prudente Carnalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília - DF

de

de 1.97

[Assinatura]
Peca liberada anteriormente
de a mesma impropriedade
[Assinatura]

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: *[Assinatura]*

Brasília-DF 20 / 5 / 81

[Assinatura]
Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O BEIJO NO ASFALTO"

"NELSON RODRIGUES"



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ - DPF - DCDP - BSB

02 JUN 12 23 8 006251

RECEBIDO POR



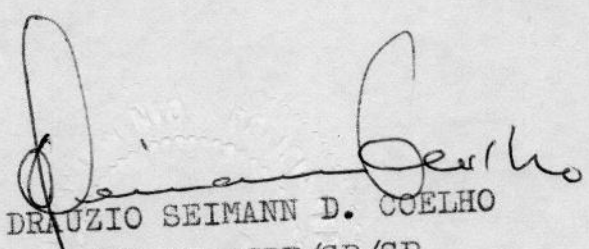
EM 29 de MAIO de 1981

OFÍCIO Nº 1699/81
DO CHEFE DO SCDP/SR/SP
ENDEREÇO
AO DIRETOR DA DCDP/DPF
ASSUNTO ENCAMINHAMENTO FAZ

SENHOR DIRETOR

Com o presente, encaminhamos a V.Sa., em devo-
lução, o certificado da peça teatral "O BEIJO NO ASFALTO" de NEL-
SON RODRIGUES que nos foi remetido sem a devida assinatura do Che-
fe do Serviço de Censura.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa. protestos
de estima e consideração.


DRAUZIO SEIMANN D. COELHO
CHEFE DO SCDP/SR/SP

AO
ILMO.SR.
DR. JOSÉ VIEIRA MADEIRA
DD. DIRETOR DA DCDP/DPF
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190p.316



1.210

"O BELJO NO ASFALTO"

NELSON RODRIGUES

19 MAIO

19 MAIO

18 IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

João V. L. L.
JOSE VIEIRA MADEIRA

86

81

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190p.316

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190,1p.317

O BEIJO NO ASFALTO

NELSON RODRIGUES

SR/SP

18

MAIO

81

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONA
DA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO
ACOMPANHADA DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

19 MAIO 81

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

18

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0690, p-318

1.249/81-DCDP

19/05

81

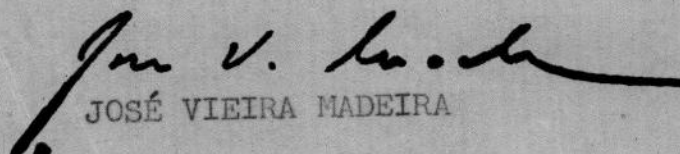
Superintendente Regional do DPF em São Paulo

"MURO DE ARRIMO", "O BEIJO NO ASFALTO", "TODA NUDEZ SERÁ
CASTIGADA" e "OS SETE GATINHOS"

AUTORES: CARLOS QUEIROZ TELLES
NELSON RODRIGUES

Superintendente:

SÃO PAULO/SP


JOSÉ VIEIRA MADEIRA

OBS.: A peça "MURO DE ARRIMO", foi mantida a
impropriedade anterior, conforme des
pacho do Sr. Diretor.

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CÓDIGO - 00202



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ

SCDP / BSB

Ofício nº 568/84-SCDP/SR/RJ

Em, 13 de agosto de 1984.

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Endereço: Rua Edgar Gordilho s/nº - Praça Mauá

À Srª Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

Ref.Prot.: 007334/84-SCDP/SR/RJ

Senhora Diretora:

Para fins de expedição do certificado definitivo, encaminho a V.Sª texto, pareceres e cópia do Certificado provisório nº5.163/84... da peça teatral
..."O BEIJO NO ASFALTO"..... de
...NELSON RODRIGUES.....
o exame foi requerido por ..ALEXANDRE FERREIRA DE MELO.....

Atenciosamente

Helena da Costa Medeiros
MARIA HELENA DA COSTA MEDEIROS
CHEFE DO SCDP/SR/RJ

mjb

LG.



ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SCDP / SP / RJ

18 JUN 1925 007334

Alexandre Ferreira de Melo
Requerente

BRASILEIRA, ATOR
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 05905029-4 I.F.P.
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à RUA ALMIRANTE COCHRANE
178/402. vem,

mui respeitosamente, requerer a V.Sª que se digne mandar examinar, de con-
formidade com as normas censórias vigentes, a (s) texto
Espécie

abaixo relacionada (s) de autoria de: NELSON RODRIGUES.

Título (s): O BEIJO NO ASFALTO

Nestes Termos,

Pede deferimento.

R. J. 18 de JUNHO DE 1984

Local e Data

Alexandre Ferreira de Melo
Requerente

Anexos:

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filial da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT, RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Rio , 13 de Junho de 19 84

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, três cópias da peça

O BEIJO NO ASFALTO

Original de NELSON RODRIGUES

Tradução de

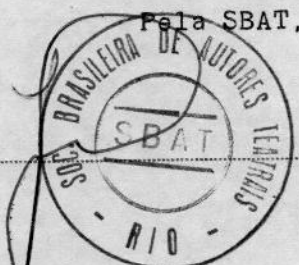
Próxima apresentação de EMPRESA JAZ-C- CORAÇÃO PROD. ART. LTDA.

Teatro GLAUCIO GILL Cidade RIO DE JANEIRO

Estado RJ.

A estréia está prevista para a Quinzena de Agosto de 1984

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.





BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0190, p. 322

O BEIJO NO ASFALTO

3 atos

Nelson Rodrigues

PERSONAGENS: Delegado Cunha
Detetive Aruba
Reporter Amado Ribeiro
Aprigio (pai de Selminha)
Selminha (esposa de Arandir)
Dalia (irmã de Selminha)
Comissário Barros
Fotógrafo
D. Matilde (vizinha de Selminha)
Werneck (colega de Arandir no escritório)
Sodré (idem)
D. Judite (datilógrafa do escritório)
Viúva do atropelado
Vizinho da viúva do atropelado

ÍNDICE

	<u>Pág.</u>
1º ato	1
2º ato	22
3º ato	41



Distrito Policial correspondente à Praça da Bandeira. Sala do Delegado Cunha. Este, em mangas de camisa, os suspensórios arriados, com um revólver na cintura. Entra o detetive Aruba.

ARUBINHA - (Sôfrego e exultante) O Amado Ribeiro está lá embaixo! (Cunha que estava sentado, dá um pulo. Faz a volta da mesa).

CUNHA - Lá embaixo?

ARUBINHA - Com o comissário. Disse que.

CUNHA - (agarrando o detetive) - Arubinha, olha. Você vai dizer a esse muleque!

ARUBINHA - Está com fotôgrafo e tudo!

CUNHA - Diz a ele, ouviu? que se ele. Porque ele não me conhece esse cachorro! (Amado Ribeiro aparece. Tem toda a aparência de um cafageste dionisiaco).

AMADO - (abrindo o gesto) O famoso Cunha!

CUNHA - (quase chorando de ódio, e, ainda assim deslumbrado com o descaro do outro) Você?

AMADO - Eu.

CUNHA - Retire-se!

AMADO - Cunha, um momento! Escuta!

CUNHA - (apoplético) Saia!

AMADO - Tenho uma bomba para ti! uma bomba!

ARUBINHA - Vem, Amado!

AMADO - Tira a mão!

CUNHA - (arquejante de indignação) Escuta aqui. Ou será que você (fala aos arrancos) Então, você me espinafra!

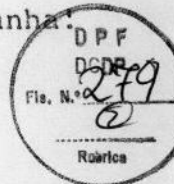




- AMADO - (com cínico bom humor) Ouve, Cunha!
- CUNHA - Me espinafra pelo jornal. E ainda tem a coragem!
- AMADO - Com licença!
- CUNHA - (num berro) Não dou licença nenhuma! (muda de tom) Es tou besta, besta! com o teu caradurismo! Tem a cora gem de por os pés no meu gabinete! Eu devia, escuta. Devia, bom! (quase chorando) Por tua causa, o chefe me chamou.
- AMADO - Cunha, deixe eu falar!
- CUNHA - O Chefe me disse o que não se diz a um cachorro! Na mesa dele, na mesa, estava a tua reportagem. O reco r te da tua reportagem!
- AMADO - Cunha, tenho uma bomba!
- CUNHA - (SEM ouvi-lo) De mais a mais, você sabe, Amado. O Aru ba também sabe. Aquilo que você escreveu é mentira!
- AMADO - Ô Cunha, sossega! O que é que há?
- CUNHA - Mentira, sim, senhor! Eu não dei chute na barriga da mulher. Mentira sua! É mentira! Dei um tapa! um ta befe! Assim. O Aruba viu. Não foi um tapa?
- ARUBINHA - Um tapa!
- CUNHA - Um tapa. Ela abortou, não sei porque. Azar. Agora o que eu não admito. Não admito, fica sabendo. Que eu seja esculachado, que receba um esculacho por causa de um muleque, de um patife como você! Patife!
- AMADO - (com triunfal descaro) Eu não me ofendo!
- CUNHA - (desesperado com o cinismo) Pois se ofenda!
- AMADO - Acabou?
- CUNHA - (num derradeiro espasmo) Amado Ribeiro, escuta. Eu tenho uma filha. Noiva. Uma filha noiva. Agradeça à minha filha, eu não te dar um tiro na cara.



- AMADO - (pela primeira vez violento) Deixa de ser burro Cunha!
- CUNHA - (OFEGANTE QUASE SEM VOZ) Suma!
- AMADO - (subtamente dono da situação) Quem vai sair é o Aruba!
- ARUBINHA - (pulando) Você é besta!
- CUNHA - (resmungando) Não admito...
- AMADO - (Para Cunha) Manda ele cair fora! (Para o detetive) Vai, vai! desinfeta!
- ARUBINHA - Quem é você, seu!
- CUNHA - (incoerente, berrando) Desinfeta!
- ARUBA - (desorientado) Mas doutor!
- CUNHA - (HISTÉRICO) Fora daqui! (Aruba sai)
- AMADO - (exultante, puxando uma cadeira) Vamos nós.
- CUNHA - Não quero conversa.
- AMADO - Senta... (Cunha obedece, sem consciência da própria do-
cilidade)
Cunha escuta. Vi um caso agora. Ali, na Praça da Ban-
deira. Um caso que. Cunha, ouve. Esse caso pode ser
a tua salvação.
- CUNHA - (num lamento) Estou mais sujo do que pau de galinheiro!
- AMADO - (Incisivo e jocundo) Porque você é uma bêsta, Cunha. Vo-
cê é o delegado mais burro do Rio de Janeiro. (Cunha er-
gue-se)
- CUNHA - (entre ameaçador e suplicante) Não pense que. Você não
me ofende mas eu me ofendo.
- AMADO - (Jocundo) Senta! (Cunha obedece)
- CUNHA - (Com um esgar de choro) Te dou um tiro!





AMADO - Você não é de nada. Então dá. Quedê?

CUNHA - Qual é o caso?

AMADO - Olha. Agorinha, na Praça da Bandeira. Um rapaz foi atropelado. Estava juntinho de mim. Nessa distância. O fato é que caiu. Vinha um lotação raspando. Rente ao meio fio. Apanha o cara. Em cheio. Joga longe. Há aquele bafafá. Corre prá cá, prá lá. O sujeito estava lá, estendido, morrendo.

CUNHA - (que parece beber as palavras do repórter) E daí?

AMADO - (Valorizando o efeito culminante) De repente, um ou tro cara aparece, ajoelha-se no asfalto, ajoelha-se. Apanha a cabeça do atropelado e dá-lhe um beijo na boca.

CUNHA - (confuso e insatisfeito) Que mais?

AMADO - (rindo) Só.

CUNHA - (desorientado) Quer dizer que. Um sujeito beija ou tro na boca e. Não houve mais nada. Só isso? (Amado ergue-se. Anda de um lado para outro, estaca, alarga o peito).

AMADO - Só isso!

CUNHA - Não entendo.

AMADO - (abrindo os braços para o teto) Sujeito burro! (Para o delegado) Escuta, escuta! Você não quer se limpar? Heim? Não quer se limpar?

CUNHA - Quero!

AMADO - Pois esse caso.

CUNHA - Mas...

AMADO - Não interrompe! Ou você não percebe? Escuta, rapaz! Esse caso pode ser a tua salvação e olha: - eu vou vender jornal pra burro!

CUNHA - Mas como reabilitação?



AMADO - Manja. Quando eu vi o rapaz dar o beijo. Homem jando homem. (descritivo) No asfalto. Praça da Ban deira. Gente assim. Me deu um troço, uma idéia ge nial! De repente. Cunha, vamos sacudir esta cidade! Eu e vocês, nós dois! Cunha.

CUNHA - (deslumbrado) Nós dois? (Amado dá-lhe nas costas um tapa triunfal e começa a rir)

AMADO - Nós dois! Olha - o rapaz do beijo, sim o que beijou, está aí em baixo, prestando declarações! (ri mais forte apontando com o dedo para baixo) Embaixo! (Primeiro ri Amado. Em seguida Cunha o acompanha. Acaba a cena com a fusão de duas gargalhadas).

Casa de Selminha no Grajaú. Presentes o pai de Selminha, "seu" Aprí gio, e a própria moça. (Esta é a imagem fina, frágil de uma moça, de intensa feminilidade).

APRÍGIO - Vim só te dar um recado do teu marido.

SELMINHA - Mas entra, papai, entra.

APRÍGIO - Selminha, escuta. Minha filha, o táxi está esperando.

SELMINHA - _espede o chauffeur.

APRÍGIO - Escuta!

SELMINHA - (para dentro) Dalia! Dalia! (para o pai) Eu fico zan gada! (pra dentro) Dalia!

APRÍGIO - (angustiado) Outro dia... Prometo. Outro dia.

SELMINHA - Não senhor.

APRÍGIO - (querendo vender, rapidamente o peixe) Teu marido. Es cuta. Eu estive com o teu marido na Caixa Econômica. Teu marido mandou avisar. (Dalia entra. Adolescente cuja graça leve parece esconder uma alma profunda).

DALIA - Papai.

APRÍGIO - Coração! (Dalia lança-se nos braços do pai)



SELMINHA - Pensei que Arandir viesse com o senhor!

APRÍGIO - (sem ouvi-la e dirigindo-se à caçula) Pálida, filha?

DALIA - Lavei o rosto!

SELMINHA - Dalia quase não come. Belisca.

APRÍGIO - Mas tinha um apetite tão bom!

DALIA - Estomago, sei lá.

APRÍGIO - Não abuse minha filha, não abuse. Olha que a saúde! E não te esqueças - o que resolve é a Flora Medicinal.

DALIA - Não tem perigo!

APRÍGIO - Bem, mas. O que é mesmo que eu estava dizendo? Ah! sim. Teu marido.

SELMINHA - Mas o senhor janta com a gente.

DALIA - Janta sim.

APRÍGIO - Selminha, ô minha filha! Não faz confusão. Teu marido mandou avisar que vem mais tarde, hoje. Mais tarde. Teve que ir ao distrito.

SELMINHA - DISTRITO?

APRÍGIO - Calma!

DALIA - Porque?

APRÍGIO - Pelo seguinte. Nada demais. Teu marido assistiu um desastre. Quer dizer, assistimos. Eu também. Um desastre horrível, na Praça da Bandeira. Vimos um loteão passar por cima de um sujeito.

SELMINHA - Morreu?

APRÍGIO - O cara?

DALIA - Que coisa chata!



APRÍGIO - Na hora. Morreu. Pau pra burro! Mas enfim! É por isso que eu...

DALIA - Uns criminosos esses lotações. Andam que!

APRÍGIO - Teu marido foi servir de testemunha.

SELMINHA - Mas papai. Hoje eu fiz. Escuta. Fiz aquele ensopadinho de abóbora. Deixa eu falar. A criada está de folga e eu fui pra cozinha, papai!

APRÍGIO - Hoje, eu não estou me sentindo bem. Sêrio. Escuta. Vamos fazer o seguinte.

SELMINHA - O senhor é amigo da onça.

APRÍGIO - Um cafezinho, aceito, Café, topo.

SELMINHA - Dalia, faz um fresquinho.

APRÍGIO - Mas depressa que o táxi está esperando.

SELMINHA - Depressa!

DALIA - Não demora. Um instantinho. (Sozinho com a filha mais velha. Aprígio anda de um lado para o outro e vai falando. Sente-se em tudo o que começa a dizer uma certa perplexidade e mesmo uma surda irritação).

APRÍGIO - Sabe que teu marido ficou tão. E teve um choque! Interessante. Ele correu na frente de...

SELMINHA - (interrompendo com outra irritação). Uma coisa papai! O senhor sabe que, desde o meu namoro, o senhor nunca chamou Arandir pelo nome? Sêrio! Duvido! papai! O senhor dizia "seu namorado" Depois: "seu noivo" Agora é "seu marido" ou, então, "meu Genro" Escuta papai!

APRÍGIO - (meio desconcertado) Ora, minha filha ora!

SELMINHA - (enfática) Tenho observado!

APRÍGIO - Você acha então que. Nunca, minha filha. E porquê?



- SELMINHA - (triunfante) Quer fazer uma aposta? Uma aposta? Quero ver o senhor dizer Arandir. Diz - Arandir. Diz, papai!
- APRÍGIO - (realmente confuso) Não tem cabimento e olha: deixa eu contar. Perdi o fio. Ah! Teu marido correu na frente de todo o mundo. Chegou antes de outros. (Com uma tristeza atônita) Chegou, ajoelhou-se e fez uma coisa que até agora me impressiona pra burro. (Aprígio está de costas pra filha e frente pra plateia)
- SELMINHA - Mas o que foi que ele fez?
- APRÍGIO - (contido na sua cólera) Beijou. Beijou o rapaz que estava agonizante. E morreu logo, o rapaz.
- SELMINHA - (maravilhada) O senhor viu?
- APRÍGIO - (sem ouvi-la e com mais vivacidade do que desejaria) Você não acha que. Eu, por exemplo. Eu não faria isso. Não faria. Nem creio que outro qualquer. Ninguém faria isso. Rezar, está bem, está certo. Mas o que me impressiona, realmente me impressiona. É o beijo.
- SELMINHA - (com angustia) Mas eu até acho bonito! (Dalia entra)
- DALIA - Olha!
- SELMINHA - O quê?
- DALIA - Acabou o café. O pó.
- SELMINHA - Mas tinha!
- APRÍGIO - Não precisa!
- DALIA - Eu me esqueci de.
- SELMINHA - Pede na vizinha.
- APRÍGIO - Escuta.
- DALIA - Chamei pelo muro, mas não tinha ninguém.
- SELMINHA - Dá um pulo.
- APRÍGIO - Ouve Selminha. Até é bom. Não estou bem e o café.



- SELMINHA - (na sua genia de dona de casa) Mas tinha pó, papai. (para a irmã, mudando de tom) Vê lá o fogo. O bolo que eu ia fazer pro senhor. (Aprígio está de costas pra filha e de frente pra plateia. Dalia saiu).
- APRÍGIO - (retomando no ponto interrompido) Você acha bonito.
- SELMINHA - Ah, o senhor não conhece o Arandir.
- APRÍGIO - (com mais vivacidade do que desejaria) E você conhece? Diga: Conhece seu marido?
- SELMINHA - Ora papai!
- APRÍGIO - Conhece?
- SELMINHA - Ou o senhor acha que.
- APRÍGIO - Responda.
- SELMINHA - Evidente.
- APRÍGIO - Vem cá. Você tem de casada um ano. Um ano?
- SELMINHA - Mas conheço Arandir, desde garotinho!
- APRÍGIO - (vivamente) Quero saber como marido! (muda de tom) De casada tem um ano, nem isso. Menos. Pois é. Minha filha é pouco. Isso não é nada. Para um casal, minha filha. Pouquíssimo, um ano ou menos. Mas vamos lá. Você tem mesmo certeza que conhece seu marido?
- SELMINHA - Mas absoluta! Eu conheço tanto o Arandir, tanto que. Nem ele me esconde nada. Papai, olha. Confio mais em Arandir que em mim mesma. No duro! E o senhor fala. Engraçado! Fala como se duvidasse, como se.
- APRÍGIO - (um pouco vacilante) Não é bem assim.
- SELMINHA - Papai, eu amo Arandir.
- APRÍGIO - (incerto) Sei. Acredito. Mas digamos que seu marido. Uma hipótese. Que seu marido não fossé, sim, exatamente, como você pensa. Você gosta de seu marido a ponto de aceitá-lo mesmo que (mais incisivo) Numa palavra: Você é feliz?



SELMINHA - Ou o senhor duvida? Um momento. Quem vai responder.
(grita para dentro) Dalia! Eu sou suspeita! Mas Da
lia.

(Dalia aparece) - Vem cá. Chega aqui.

DALIA - Está quase bom.

SELMINHA - Diminuiu o fogo?

DALIA - Diminuí.

SELMINHA - (novamente excitada) Papai, hoje! Responde. Eu sou fe
liz?

DALIA - (meio atônita) Por quê?

SELMINHA - (para o pai) Fala! E olha! Dalia veio pra cá logo de
pois da lua de mel. Vive com a gente. Não sai daqui.
Fala. Sou feliz?

DALIA - (Com o pé atrás) Parece.

SELMINHA - (atônita) Parece ou sou?

APRÍGIO - (cruelmente divertido) Tenho que ir.

SELMINHA - (vivamente) Papai, um momento.

APRÍGIO - Olha o táxi.

SELMINHA - (Desesperada, para o velho) Papai, faço questão. (para
a irmã) Escuta. Você respondeu como se...

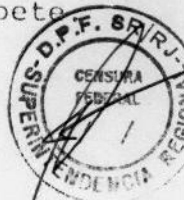
DALIA - (com evidente irritação) Feliz. Felicíssima. Pronto.

SELMINHA - (com energia, agarrando-a pelo pulso) Vem cá. Diz aqui
lo. Aquilo que você me disse. Naquele dia. Repete.

DALIA - Não aborrece.

SELMINHA - Aquilo. Diz!

DALIA - (Batendo com o pé. numa afetação de infantilidade)
Você é pau!



SELMINHA - (triumfante) Papai, Dalia disse que, se eu morresse.
Não foi? Você disse.

DALIA - Mentira!

SELMINHA - (radiante) Disse que se eu morresse, ela se casaria com Arandir!

APRÍGIO - Dalia, escuta.

DALIA - Foi brincadeira minha! Eu estava brincando' Papai,
olha!

APRÍGIO - (entre divertido e preocupado) Você escuta. Você é criança. Nem deve dizer isso. Certas coisas. Sabe como é o mundo.

DALIA - (começando a chorar) Papai, é mentira de Selminha!

APRÍGIO - (terno) E nem chore!

DALIA - (para a irmã) Você me paga! (para o pai com certo fervor e não com sofrimento) Papai, o que eu disse foi que eu não me casaria nunca porque. (com mais veemência) Não quero, nem me interessa.

APRÍGIO - E teu namorado?

DALIA - Brigamos.

SELMINHA - (falando quasi ao mesmo tempo) Essa bobona agora cho-
ra por qualquer coisinha!

APRÍGIO - (puxando o relógio) Ih já é tarde!

SELMINHA - (agarrando-o) Papai eu sou a mulher mais feliz do mundo!

LUZ sobre o distrito policial. Arandir acaba de ser interrogado. Uma figura jovem, de uma sofrida simpatia que faz pensar num cora
ção atormentado e puro. Arandir ergue-se no momento em que apare
cem, na sala do comissário o Cunha e o Amado Ribeiro.

ARANDIR - Posso ir?

BARROS - Podc.

- ARANDIR - (recuando com sofrida humildade). Então, boa tarde, boa tarde.
- CUNHA - Um minutinho.
- ARANDIR - (incerto) Comigo?
- BARROS - Já prestou declarações.
- CUNHA - (entra divertido e ameaçador) ei. Agora vai conversar comigo.
- ARUBA - (baixo e veemente pra Arandir) O Delegado.
- AMADO - Senta.
- ARANDIR - (sentindo a pressão do novo ambiente) Mas é que eu estou com um pouquinho de pressa. (Arandir começa a ter medo)
- CUNHA - (com riso ofegante) Rapaz, a polícia não tem pressa.
- AMADO - Mas senta. (Arandir olha em torno como bicho apavorado. Senta-se)
- ARANDIR - Obrigado.
- BARROS - (baixo e reverente) Ele é apenas testemunha.
- CUNHA - Não te mete.
- ARANDIR - Posso telefonar?
- CUNHA - Mais tarde. (Amado cotuca o fotógrafo).
- AMADO - Bate agora! (Flash estoura. Arandir toma um choque)
- ARANDIR - Retrato?
- AMADO - Nervoso rapaz?
- ARANDIR - Absolutamente!
- CUNHA - (lançando a pergunta como uma chicotada) Você é casado rapaz?





ARANDIR - Não ouvi.

CUNHA - (num berro) Tira a cêra dos ouvidos!

AMADO - Casado ou solteiro?

ARANDIR - Casado.

CUNHA - Casado. Muito bem. (para Amado, com segundas intenções) O homem é casado. (para Barros) Casado.

ARANDIR - (com sofrida humildade) O Senhor deixa dar um telefonema rápido para minha mulher?

CUNHA - (rápido e incisivo) Gosta de sua mulher, rapaz? (Arandir por um momento, acompanha o movimento do fotógrafo que se prepara para bater uma nova fotografia).

ARANDIR - Naturalmente!

CUNHA - (com agressividade) E não usa nada no dedo porque?

ARANDIR - Um dia, no banheiro, caiu. Caiu a aliança. No ralo do banheiro.

AMADO - O que é que você estava fazendo na Praça da Bandeira?

ARANDIR - Bem fui lá e...

CUNHA - (num berro) Não gagueja, rapaz!

ARANDIR - (falando rápido) Fui levar uma jóia.

CUNHA - Jóia!

ARANDIR - Jóia. Aliás, empenhar uma jóia na Caixa Econômica. (Amado e Cunha cruzam as perguntas para confundir e levar Arandir no desespero)

AMADO - Casado há quanto tempo?

ARANDIR - Eu?

CUNHA - Gosta de mulher, rapaz?

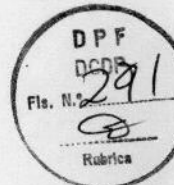
ARANDIR - (desesperado) Quase um ano!





- CUNHA - (mais forte) Gosta de mulher?
- ARANDIR - (quase chorando) Casado há um ano. (Cunha muda de voz sem transição. Põe a mão no joelho do rapaz).
- CUNHA - (caricioso e ignôbil) Escuta. O que significa para ti. Sim, o que significa para "você" uma mulher?
- ARANDIR - (lento e olhando em torno) Mas eu estou preso?
- CUNHA - (sem ouvi-lo e sempre melifluo) Rapaz, escuta! Uma hipótese. Se aparecesse, aqui, agora, uma mulher, uma "boa". Nua. Completamente nua. Qual seria. É uma curiosidade. Seria a tua reação? (Arandir olha ora o Cunha, ora o Amado, silencio).
- AMADO - Com medo, rapaz?
- CUNHA - Fala! (Cunha segura o braço de Arandir)
- AMADO - Não fala?
- CUNHA - (falando macio) Conta pra mim. Conta o que você fez na Praça da Bandeira.
- ARANDIR - (ainda contido) O lotação foi o culpado. (Cunha er gue-se)
- CUNHA - Um momento.
- ARANDIR - Mas doutor! Já estava aberto o sinal amarelo quando o lotação.
- CUNHA - O rapaz! O lotação não interessa. Compreendeu? não interessa. O que interessa é você.
- BARROS - (com a sua obtusa e generosa falta de trato) Quer ver o depoimento do rapaz?
- CUNHA - (para o comissário) não dá palpite! (para Arandir) O que me põe besta é como você um sujeito casado. Casado. Tem mulher em casa. Bonitinha talvez.
- AMADO - Há quanto tempo você conhecia o cara?
- ARANDIR - Que cara?





- AMADO - O morto
- ARANDIR - Não conhecia.
- CUNHA - Que piada é essa?
- AMADO - (para o delegado) Cunha, um momento. Um instante. O rapaz! Olha pra mim! No local, eu lhe perguntei se você era parente da vítima.
- ARANDIR - Não sou.
- AMADO - Vamos por partes. Não é parente. Amigo?
- ARANDIR - Nada.
- AMADO - Não se conheciam de vista?
- ARANDIR - Nem de vista.
- CUNHA - (aos berros) Nem de vista?
- AMADO - Você nunca. Presta atenção. Nunca, em sua vida, você viu o morto?
- ARANDIR - Juro! Quer que eu jure? Dou-lhe minha palavra!
- AMADO - Vem cá.
- ARANDIR - (desesperado) Doutor, eu preciso telefonar pra minha mulher!
- CUNHA - (exagerando) Por essas e outras é que a polícia baixa o pau. E tem que baixar!
- AMADO - Cunha, espera! Se você não era nada do cara.
- ARANDIR - Nunca vi.
- AMADO - Então explica. Como é que você casado há um ano. Um ano?
- ARANDIR - Quase.
- AMADO - Praticamente em lua de mel. Em lua de mel! Você lar ga a sua mulher. E vem beijar outro homem na boca, rapaz!





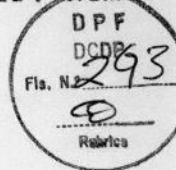
- ARANDIR - (atonito) O senhor está pensando que...
- AMADO - (exaltadíssimo) E você olha. Fazer isso em público! Tinha gente prá burro lá Cinco horas da tarde. Praça da Bandeira. Assim de povo. E você dá um show! Uma cidade inteira viu!
- CUNHA - (aos berros) Você não perdeu. Você jogou fora a aliança!
- AMADO - (furioso) Escuta! Se um de nós, aqui, fosse atropelado. Se o lotação passasse por cima de um de nós (Amado começa a rir com ferocidade) Um de nós. O delegado. Diz pra mim! Você faria o mesmo? Você beijaria um de nós rapaz? (riso objeto. Arandir tem um repelão selvagem)
- ARANDIR - Era alguém! Alguém! que morreu! que eu vi morrer!

Trevas na Delegacia. Luz na casa de Selminha. Em cena as duas irmãs.

- SELMINHA - Você entende papai?
- DALIA - Papai mudou.
- SELMINHA - É outra pessoa.
- DALIA - Desde a morte de mamãe, desde que mamãe morreu, mudou tanto!
- SELMINHA - (com certo desespero) Mudou com o meu casamento. Foi o meu casamento. Foi sim. Dalia. Com o meu casamento.
- DALIA - Sei lá.
- SELMINHA - Te digo mais. Às vezes, eu penso. Penso que papai sentiu mais o meu casamento que a morte de mamãe. Ele não vem aqui, nem telefona. Sou eu que telefono. Ou então. Evita Arandir.
- DALIA - Não gosta de Arandir.
- SELMINHA - (febril) Como são as coisas! Veja você. Arandir me disse hoje: "Vou aproveitar o negócio da Caixa Econômica



e passo no teu pai. Ele conhece lá um cara. Vamos na Caixa e eu convido teu pai prá jantar". Não adiantou. Adiantou? Pois é. Papai não dá pelota pra Arandir. Nem bola!



- DALIA - Papai me assusta.
- SELMINHA - Não gosta de Arandir - por quê?
- DALIA - (taxativa) Ciúmes.
- SELMINHA - (virando-se atônita) De mim?
- DALIA - De ti. (Selminha repete lentamente com espanto e uma nascente angústia)
- SELMINHA - (falando para si mesma) Ciúmes de mim?
- DALIA - Ou você é cega?
- SELMINHA - (com frívolo arrebatamento) Que bobagem, ciúmes de mim! (muda de tom e novamente angustiada) Você acha?
- DALIA - Acho! Acho! (Selminha de frente pra plateia e costas pra irmã)
- SELMINHA - (meio alada) Ciúmes de mim. (Dalia vem atrás e fala por cima do ombro da irmã.)
- DALIA - (repetindo) De ti. No teu casamento eu pensei tanto na morte de mamãe. Mas no teu casamento que morria era papai. Na Igreja, de braço contigo, papai ia morrendo. Tive a sensação, te juro! de que...
- SELMINHA - (quase sem voz, num apelo) Não fala assim.
- DALIA - (COM VEMÊNCIA) E outra vez. Aquele dia!
- SELMINHA - Quando?
- DALIA - No dia em que vim para cá. Vocês tinham chegado da lua de mel eu me lembro. Papai trouxe e até você estava com aquele quimono, aquele, como é?
- SELMINHA - O azul?



- DALIA - Não. Aquele que a vovô te deu. Papai me trouxe. Não queria vir. Insisti. Veio. E chegou aqui, você sentou-se no colo de Arandir. Se você visse a cara de pai! a cara!
- SELMINHA - Não me lembro.
- DALIA - Cara de ódio! Saiu imediatamente e...
- SELMINHA - Você está imaginando! Isso é imaginação. (com súbita ternura) Mas eu ainda tenho você e.
- DALIA - Selminha, amanhã eu vou embora.
- SELMINHA - Você?
- DALIA - Não fico mais aqui.
- SELMINHA - Mas escuta! Por que?
- DALIA - (sofrega) Olha Arandir! (Arandir aparece. Vem cansado e febril. Selminha lança-se nos seus braços).
- SELMINHA - (na sua ternura ansiosa) Demorou, meu bem!
- ARANDIR - A Polícia sabe como é. (Selminha passa a mão pelo rosto do marido)
- SELMINHA - (amorosa) Pálido!
- ARANDIR - Morto de sede!
- SELMINHA - (para a irmã) Água.
- ARANDIR - Polícia é uma gente que. Dalia, meu anjo. Água, sim?
- SELMINHA - Gelada.
- DALIA - Está suado.
- SELMINHA - Mistura do filtro e gelada. (Dalia sai)
- SELMINHA - Tira o paletó.
- ARANDIR - (tirando o paletó) Calor.





- SELMINHA - Gravata.
- ARANDIR - Duas horas lá. (Dalia entra com o copo)
- DALIA - Fresquinha.
- ARANDIR - Água linda! (bebe de uma vez só) Você é um anjo!
- DALIA - Outro?
- SELMINHA - Não chama Dalia de anjo, que ela vai embora.
- ARANDIR - Daqui?
- DALIA - (doce e firme) Amanhã
- ARANDIR - (atônito) E vai como de vez?
- SELMINHA - Diz que vai morar com vovô e que. Uma chata!
- ARANDIR - (com surdo sofrimento) Dalia, você tem coragem?
- SELMINHA - Um momento. Meu bem, você vai comer alguma coisa.
- ARANDIR - Sem fome.
- SELMINHA - Uma boquinha você faz?
- ARANDIR - Nada. Mais tarde. Depois. Depois eu como. (Arandir na sua volubilidade de febril continua). Mas isso é batata?
- DALIA - Batata.
- ARANDIR - Dalia, chega aqui. Por que? De repente e sem motivo? Parece incrível que eu chegue da Polícia e a primeira notícia que me dão. É que você vai embora? Escuta. Lá no distrito (ARandir anda de um lado para outro)
- SELMINHA - Meu filho, você está cansado.
- ARANDIR - Na polícia, ainda agora. Eu me senti tão só. Foi uma sensação tremenda. Naquele momento, eu tive assim uma vontade de gritar Selminha! Dalia! (com desespero estrangulando a voz) Quase grito, quase! (mudando de tom) Cheguei aqui e sei que você vai...





- DALIA - (com certa violência) Você não precisa de mim!
- ARANDIR - (olhando a mulher e a cunhada) Quem sabe?
- DALIA - (com falsa e frívola naturalidade) Precisa de Selminha. (Arandir agarra a mulher com violência).
- ARANDIR - (estrangulando a voz) Responde. Haja o que houver. Você nunca me deixará? Nunca? Não me abandone nunca.
- SELMINHA - (angustiada) Meu bem. Mas claro. Nunca. Ou você.
- DALIA - Você viu o rapaz morrer?
- ARANDIR - Quem?
- DALIA - O rapaz?
- ARANDIR - Meu anjinho, esse assunto. Não interessa. (com falsa euforia) Falemos de outra coisa. Você vai amanhã? É amanhã?! Ótimo! Magnífico! Eu ajudo a fazer as malas! (muda de tom) Só não quero é que toquem nesse desastre!
- DALIA - Eu mesmo arrumo as malas...
- ARANDIR - (incoerente) Escuta. Vi o rapaz morrer, sim. Da minha idade, mais ou menos. Selminha, ele estava em cima do meio-fio. Esperando que o sinal abrisse - Em cima do meio-fio. De repente não sei como foi:- ele perdeu o equilíbrio. Caiu para a frente e... Vinha um lotação a toda velocidade. Bateu no rapaz, atirou numa distância como daqui ali.
- DALIA - Gritou.
- ARANDIR - O rapaz?
- SELMINHA - (querendo aplacá-lo) Meu bem...
- ARANDIR - O atropelado não grita. Ou grita? Esse não gritou.
- DALIA - Era bonito?
- ARANDIR - (sem responder) o lotação passou por cima. Mas morreu logo. Ainda viveu um minuto talvez. Ou menos. Um minuto.





SELMINHA - E você que não pode ver sangue.

ARANDIR - Eu corri. Cheguei primeiro que os outros. Me abalxei, peguei a cabeça do rapaz. Gente assim. Peguei a cabeça do rapaz e...

SELMINHA - Beijou. (Arandir volta-se, com uma certa ira)

ARANDIR - (agressivo) Você também sabe? (desesperado) Todo mundo sabe!

SELMINHA - Papei contou.

ARANDIR - (fremente) Teu pai. É mesmo! Estava comigo e viu. (Com desespero) Teu pai disse que eu... (muda de tom) Antes de morrer. O rapaz ainda estava vivo. (incoerente) O interessante é que na polícia lá só me falaram nisso!

SELMINHA - Meu bem chega. Descanse um pouco.

ARANDIR - (sem ouvi-la) Dalia, a polícia pensa. Ainda está pensando. E não se convence, Dalia. Pensa que eu conhecia o rapaz. Tomaram meu nome, endereço. Fui interrogado duas vezes. E vão me chamar outra vez.

DALIA - Você conhecia?

ARANDIR - Oh Dalia!

DALIA - Nem de vista?

ARANDIR - (na sua cólera apontando para Dalia) Era assim que a polícia perguntava. Nem -e vista, nem de nome? Martelavam. Mas olha! O que foi. O rapaz estava morrendo. Morrendo junto ao meio-fio. Mas ainda teve voz para pedir um beijo. Agonizava pedindo um beijo. Na polícia o repórter disse que era hora de muito movimento. Toda a cidade estava ali, espiando. E viu quando eu...

FIM DO PRIMEIRO ATO



2º ATO

Casa de Selminha. A pequena de costas aparece entretida numa ocupa
ção caseira. Dalia, já de saída, surge com uma maleta. Vai deixar
a casa.

DALIA - Estou pronta.

SELMINHA - (com espanto) Já vai?

DALIA - (que já pousou a mala no chão) Diz o número do taxi?
(Selminha está com quimono por cima da camisola)

SELMINHA - Escuta, Dalia!

DALIA - (para si mesma) 28 31... Como é Selminha? 43?

SELMINHA - (ralhando) Deixa de ser espírito de porco!

DALIA - (com uma afetação de infantilidade, batendo com o
pé) Meu Deus, como é o número?

SELMINHA - (puxando-a pelo braço) Vem cá. Arandir me pediu. Es
cuta, Dalia.

DALIA - Ah, bem.

SELMINHA - Antes de sair me pediu e eu prometi.

DALIA - Que coisa chata.

SELMINHA - Ouve. Arandir me pediu pra te falar. Dalia, escuta.
E mandou dizer. Se ele chegar, logo mais, e você não
estiver aqui, ouve: ele corta relações comigo.

DALIA - (começando) Cha...

SELMINHA - Escuta. Dalia, escuta. Troca de mau contigo.

DALIA - Chama o taxi.

SELMINHA - Você é teimosa!

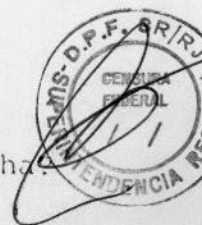
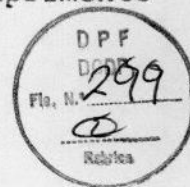
DALIA - Quer chamar o taxi? (muda de tom) Selminha eu disse
que ia, vovó está me esperando!

SELMINHA - (numa explosão) Então que se dane ele...
(D. Matilde entra com um jornal da mão)

MATILDE - Licença?



- SELMINHA - Ah, entre D. Matilde. (ela entra e faz cumprimento apressado)
- MATILDE - Bom dia! Bom dia!
- DALIA - (com frívola desenvoltura) Estou de saída.
- MATILDE - (indicando o jornal) Já leu?
- SELMINHA - O resultado das misses?
- MATILDE - Não leu?
- SELMINHA - (já com curiosidade nova e inquieta) Não vi o jornal'.
- MATILDE - (radiante por ser portadora da novidade) O retrato do seu marido D. Selminha!
- SELMINHA - (ao mesmo tempo que apanha o jornal) Onde?
- DALIA - De Arandir?
- MATILDE - (apoplética de satisfação) Primeira página!
- SELMINHA - (sôfrega) É mesmo! (Dalia olhando por cima do ombro da irmã)
- DALIA - (espanto) Última Hora!
- MATILDE - (eufórica) O título!
- SELMINHA - (lenta e estupefada) O Beijo do asfalto! (muda de tom) O retrato do atropelado! E aqui o Arandir na Delegacia!
- MATILDE - (moliflua e perversa) Aí diz uns troços que!
- DALIA - Deixa eu ler!
- SELMINHA - Dalia, não amola!
- DALIA - Então lê alto! (Selminha começa a ler pra si. D. Matilde continua na mesma euforia)
- MATILDE - (mexericando para Dalia) Olha, escuta. Tem um repórter na rua.
- DALIA - Repórter?
- MATILDE - Com fotógrafo! Entrevistando! Ouviu D. Selminha?
- SELMINHA - (Que continua lendo) Um momento!



- MATILDE - (voltando-se para Dalia) E o repórter está querendo saber se D. Selminha vive bem com seu Arandir. Eu disse - "vive"!
- SELMINHA - (numa explosão) Nunca! Nunca!
- DALIA - Mas que é que diz?
- SELMINHA - (desatinada) Diz que. Olha o que ele diz. Onde é que está?
Aqui, mentira! Tudo mentira!
- DALIA - (vivamente) Dá aqui!
- SELMINHA - Ainda não acabei. (pra D. Matilde) Estou que. Tinindo, D. Matilde, tinindo! Como é que um jornal (para Dalia) diz que o Arandir beijou o rapaz na boca!
- MATILDE - Esse jornal é muito escandaloso.
- SELMINHA - (fora de si) Toma! Toma! (entrega o jornal a Dalia) Não quero ler mais nada. Estou até com nojo. Nôjo! (Dalia começa ler o jornal).
- MATILDE - Como sério!
- SELMINHA - Se meu marido, D. Matilde! Na boca! Meu marido nem conhecia! Era um desconhecido!
- MATILDE - Desconhecido?
- SELMINHA - Desconhecido!
- MATILDE - (meliflua) Tem certeza?
- SELMINHA - Mas D. Matilde.
- MATILDE - Claro que. Evidente! Acredito na senhora, nem se des_ute. Mas interessante. D. Matilde. Sabe que, pela fo_{to}grafia do jornal, a fisionomia do rapaz não me pare_{ce} estranha. (bruscamente com vivacidade) O morto não é um que veio aqui uma vez?
- SELMINHA - Na minha casa?
- MATILDE - Na sua casa. Aqui!
- SELMINHA - (fremendo) A senhora está me chamando de mentirosa Da. Matilde?
- MATILDE - Deus me livre! A senhora não entendeu. Eu não ponho em dúvida. Absolutamente. (repete) Em absoluto. Não po



nho! Mas há uma parte no jornal. A senhora leu tudo?

SELMINHA - Tudo!

MATILDE - Lei aquele pedaço no final...

SELMINHA - Tudo!

MATILDE - Essa parte acho que a senhora não leu.

SELMINHA - Quer me fazer um favor?

MATILDE - Eu vou ler pra senhora. Eu leio.

SELMINHA - Por obséquio D. Matilde.

MATILDE - Leio. (Matilde apanha o jornal de Dalia)

DALIA - Mas eu estou lendo!

MATILDE - Dá licença!

DALIA - Ora, ora.

MATILDE - Um minutinho!

SELMINHA - Era um desconhecido! Um desconhecido!

MATILDE - Essa parte . Aqui. Acho que a senhora não leu!

DALIA - Arandir vai lá na redação e quebra a cara do repórter.

SELMINHA - Não leia nada! Não quero! Não quero, Da. Matilde, não quero ouvir nada.

MATILDE - O jornal diz: (ergue a voz) "Não foi o primeiro beijo" (triumfante) nem foi a primeira vez!"

SELMINHA - (atônita) Não foi o primeiro beijo! nem foi a primeira vez?

(trevas sobre as três. Luz na firma onde Arandir trabalha. O rapaz acaba de chegar, é cercado pelos colegas).

WERNECK - (com um humor bestial) Mas então seu Arandir! o senhor!

SODRÉ - Não diz nada pra gente!

ARANDIR - (já inquieto) O que é que há?

WERNECK - Você fica viúvo e não avisa. Não participa?





- ARANDIR - Isola!
- PIMENTEL - Nem me convidou!
- ARANDIR - (atônito e meio acuado) Que piada é essa?
- WERNECK - Piada, uma ova! Batata!
- SODRÉ - Viúvo! rapaz! (Werneck com as suas mãos apanha e aperta as de Arandir)
- WERNECK - Meus parachoques!
- ARANDIR - Mas qual é a graça? E isso não é brincadeira! (olhando as caras que o cercam) Mas não faz assim que eu não gosto! Werneck, para sim? Essas brincadeiras comigo! (Werneck rompe, com uma boçalidade feroz e jocunda)
- WERNECK - Rapaz! A tua viuvez está aqui! em manchete! (Werneck sacode o jornal) em manchete, rapaz!
- ARANDIR - (exasperado) Você para ou não para!?
- WERNECK - (triunfante) Lê! Lê Beijo no asfalto! Está aqui! Traz no jornal! O título é - "Beijo no asfalto"!
- ARANDIR - Que jornal?
- WERNECK - Aqui. (Arandir apanha o jornal).
- ARANDIR - (lendo estupefado) Beijo no asfalto!
- WERNECK - (euforia brutal) Teu retrato! Teu e o do cara.
- PIMENTEL - (baixo) Fala baixo!
- WERNECK - (exultante) Viuvez. sim! Perfeitamente, viuvez. (num repelão furioso contra o companheiro) Não chateia, Pimentel! (Arandir estupefado lê a matéria. Fala para si mesmo).
- ARANDIR - (com a voz estrangulada) Mentira! Mentira!
- WERNECK - (apontando) Viuvo de atropelado! Ou viuva! Beijou o sujeito na boca. O sujeito morreu. É a viuvez. Batata.
- ARANDIR - (para si mesmo, sem nada ouvir) Não! Não! (Arandir lê com exclamações abafadas)



- WERNECK - (para os outros, com uma certeza feroz) E o morto vi
nha aqui! veio aqui!
- ARANDIR - (erguendo a cabeça) Quem vinha aqui?
- WERNECK - O morto! O atropelado!
- ARANDIR - (estupefato) Vinha aqui?
- WERNECK - (exaltado) Falar contigo.
- ARANDIR - (Com toda a furia do seu protesto) Nunca! Eu não co
nhecia o cara!
- WERNECK - (rindo) Não conhecia, seu vigarista! (muda de tom) Quer
ver? (precipita-se aos berros) D. Judite! D. Judite!
(p/Arandir) Eu provo!
- ARANDIR - Era um desconhecido! Eu, nunca! (D. Judite aparece.
Tipo convencional da datilógrafa. Inclusive óculos).
- WERNECK - Eu não minto! eu não minto!
- ARANDIR - (para os outros) Desconhecido!
- WERNECK - (sempre esbravejante) Quando digo uma coisa, é batata!
(para datilógrafa) Ah, D. Judite!
- JUDITE - (pouco intimidada) Me chamou!
- WERNECK - Chega aqui D. Judite. Vem cá!
- ARANDIR - D. Judite é verdade que.
- WERNECK - (para Arandir) Um momento! A senhora vai tirar aqui
uma dúvida
- ARANDIR - (sôfrego) D. Judite...
- PIMENTEL - Fala um de cada vez!
- WERNECK - D. Judite o que foi que a senhora me disse. Um momen
to! Quando a senhora viu o jornal, a senhora não dis
se. Não disse que. Disse que tinha visto o morto
aqui. Fala D. Judite. Pode falar!
- JUDITE - (crispada de timidez) O que eu disse foi...
- PIMENTEL - Não tenha medo!
- JUDITE - Realmente, pela fotografia, parece.
- WERNECK - Continua, D. Judite! Parece ou?



JUDITE - (em brasas) Parece um moço que esteve aqui, na semana passada. Um moço.

WERNECK - Procurando por quem? D. Judite, procurando por quem?

JUDITE - (de olhos baixos) Seu Arandir!

ARANDIR - (desafinado) Procurando por mim? Por mim?

JUDITE - (depois de olhar enviesado) O senhor não estava!

ARANDIR - (desesperado para os outros) Mas é mentira! Mentira! Simplesmente eu nunca vi esse rapaz! Nunca na minha vida! Juro! Escuta, D. Judite!

JUDITE - Com licença. (Judite abandona a cena meio espavorida, num passinho rápido e muito miúdo)

WERNECK - (insultante) Viúvo!

ARANDIR - Eu não admito. Sou casado e não admito!

WERNECK - Hã testemunha! Viram o rapaz aqui. Viram!

ARANDIR - (desatinado) Cala a boca!

WERNECK - Quem é você. Você pra me mandar calar a boca?

PIMENTEL - Vamos parar com isso! (quer segurar Werneck)

ARANDIR - Ou você para ou eu...

WERNECK - Tira a mão! (para Arandir) O que é que você faz?

ARANDIR - Te parto a cara! (os outros querem separar; Werneck os empurra)

WERNECK - Então, parte! (para Pimentel) Não te mete. (para Arandir) Parte a minha cara!

ARANDIR - (estrangulando a voz) Não quero!

WERNECK - (num berro) Ou tu parte a minha cara ou eu parto a tua!

DPF
CCDP
30
Fls. N.
Rubrica

(trevas. Luz sobre a casa de Selminha. Aprígio e a filha. O velho está chegando. Selminha junto do telefone).

SELMINHA - (sôfrega) Papai. um minutinho.

APRÍGIO - Eu espero!

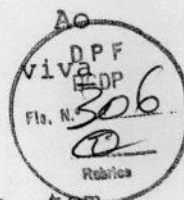


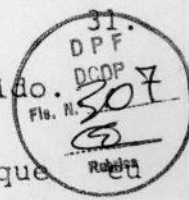


- SELMINHA - Estou falando com o Arandir. Foram chamar.
- APRÍGIO - Fala, minha filha.
- SELMINHA - (desesperada) Estão passando trotes para cá (muda de tom) - Alô! Alô! Arandir? Sou eu. O telefone está ruim! Ah, sim! Você leu? Heim? Leu! Meu filho, olha: - fala mais devagar. Não ouço nada. Vem pra cá? Vem, sim, vem. Papai chegou agora. Toma um taxi. Um beijinho! (Selminha abandona o telefone vem sôfrega, para o pai).
- APRÍGIO - Escuta, Selminha.
- SELMINHA - Papai, oh, meu Deus! tenho que deixar o telefone desligado.
- APRÍGIO - Trote?
- SELMINHA - Trote. Nunca ouvi tanto palavrão na minha vida. Sujeito telefonar, papai, e até mulher! (voz de menina) telefonar pra dizer nome feio. deve ser, aposto, aposto, papai gente da vizinhança! é gente da vizinhança! tenho certeza!
- APRÍGIO - Não liga!
- SELMINHA - (sôfrega) Comprou o jornal?
- APRÍGIO - Comprei. (Aprígio tira o jornal do bolso)
- SELMINHA - Leu?
- APRÍGIO - Li.
- SELMINHA - (começando a chorar) Papai, olha.
- APRÍGIO - Chorando, por que?
- SELMINHA - Tenho que chorar! Estou chorando de raiva! Eu e Dalia! (mudando de tom) Dalia não vai mais, papai! Não vai mais!
- APRÍGIO - Por que?
- SELMINHA - Fica. Leu esse pasquim! Leu e resolveu ficar.
- APRÍGIO - Onde está ela?
- SELMINHA - (sem responder) Como é que um jornal, papai! O senhor que defendia tanto o Samuel Wainer! E como é que um jornal publica tanta mentira.

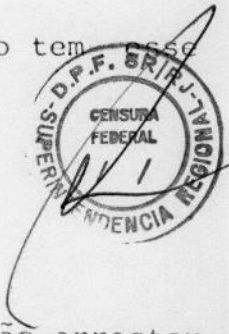


- APRÍGIO - (Anda de um lado para outro) luta consigo mesmo. ouvir falar em mentira volta-se para a filha com cidade). Não é mentira!
- SELMINHA - Esse título "beijo no asfalto!" (reagindo fora de tempo) O que foi que o senhor disse? (atônita) Não é mentira?
- APRÍGIO - Nem tudo!
- SELMINHA - (repetindo) Não é mentira?
- APRÍGIO - Selminha, escuta, escuta minha filha! Você está nervosa.
- SELMINHA - (atônita) O senhor quer dizer que isso, isso que o jornal publicou, esta nojeira! O senhor quer dizer que é verdade?
- APRÍGIO - Um momento!
- SELMINHA - (fora de si) O Senhor admite que.
- APRÍGIO - Selminha, olha! o repórter, esse Amado Ribeiro, escuta, Selminha. (Incisivo) O repórter estava lá! Viu tudo!
- SELMINHA - (estupefata) Viu o que?
- APRÍGIO - O que se passou.
- SELMINHA - Então, o senhor vai me dizer. O senhor vai me dizer o que foi que se passou, quero saber! quero!
- APRÍGIO - (persuasivo) Meu anjo! ontem eu não te contei?
- SELMINHA - (furiosa) O senhor não me contou nada!
- APRÍGIO - (doce mas fino) contei!
- SELMINHA - Papai, pelo amor de Deus, escuta!
- APRÍGIO - Selminha...
- SELMINHA - Tenho mais confiança em Arandir que em mim mesmo. Se tivesse acontecido o que o jornal diz. Um momento, papai. (com mais violência) Arandir me contaria. Arandir não me esconde nada. Arandir me conta tudo.
- APRÍGIO - Nem tudo.
- SELMINHA - Tudo!





- APRÍGIO - Ontem, eu perguntei se você conhecia o seu marido.
- SELMINHA - (exaltada) Mas claro! Ou o senhor se esquece que sou a mulher, que eu, papai, Arandir, não pode nem me trair, porque viria me contar tudo, tudinho. Outro dia. A fechadura do banheiro estava que brada. Arandir em purra a porta e vê Dalia nua. Sem querer, naturalmente, e nem ela podia imaginar que. MAS compreendeu? pelada, completamente! Minha acabado de tomar banho. Pois Arandir veio, imediatamente, no mesmo minuto, no mesmo minuto papai, dizer: olha, acaba de acontecer isso, assim assim... eu nem disse nada a Dalia, porque ela ia ficar sem jeito. Mas a sinceridade de Arandir. O senhor sabe que eu adorei! adorei!
- APRÍGIO - Posso falar?
- SELMINHA - (frenética) E o jornal põe que o meu marido beijou outro homem na boca!
- APRÍGIO - É verdade!
- SELMINHA - (atônita, quase sem voz) Arandir me diria...
- APRÍGIO - (triunfante) Beijo.
- SELMINHA - (recuando) O senhor não pode dizer isso! Não tem direito!
- APRÍGIO - (ofegante) Eu sou pai!
- SELMINHA - (chorando) Não. Não.
- APRÍGIO - Eu vi e sou pai. Pai. Vi meu genro. O loteação arrastou o sujeito.
- SELMINHA - (feroz) Foi o rapaz que. Antes de morrer. O rapaz pediu um beijo.
- APRÍGIO - (exultante) O sujeito caiu de braços, rente ao meio-fio. De braços. Teu marido foi lá e virou o rapaz. E deu o beijo. Na boca.
- SELMINHA - (fora de si) Meu marido diria. Ele não esconde nada! (Aprigio segura a filha pelos dois braços)
- APRÍGIO - (com súbita energia) Vem cá. Responde! Você viu o retrato do atropelado? (suplicante e violento) Diz! você o reconheceu? Preciso saber. Olha! Entre as amigas do teu marido (mais forte) - entre as relações masculinas do teu marido, tinha alguém parecido? Alguém parecido com esse retrato? Olha bem!





- SELMINHA - (atônita) O senhor está insinuando que...
- APRÍGIO - (desesperado) O morto nunca veio aqui?
- SELMINHA - Mas eles não se conheciam. Meu marido, nunca, nunca!
- APRÍGIO - (violento) Escuta! Deixa eu falar, menina! Ontem, eu vim aqui, pessoalmente. Podia ter dado recado, pelo telefone. Mas vim pra te perguntar se. Selminha, eles se conheciam?
- SELMINHA - (espantada e ofegante) Mentira!
- APRÍGIO - (com violência total) Não foi o primeiro beijo! não foi a primeira vez.
- SELMINHA - (na sua cólera) Dalia tem razão.
- APRÍGIO - (sem entender) Porque Dalia?
- SELMINHA - O senhor tem ciúmes de mim.
- APRÍGIO - (atônito) Eu?
- SELMINHA - Odeia Arandir!
- APRÍGIO - (desatinado) Juro!
- SELMINHA - O senhor foi contra o meu casamento. Contra!
- APRÍGIO - (Violento e suplicante) Eu sou pai. Preciso saber se eram amigos e que espécie de amizade!
- SELMINHA - O senhor não gosta de ninguém!
- APRÍGIO - Sou um velho!
- SELMINHA - Nem de mim. O senhor não sabe amar. Escuta, papai.
- APRÍGIO - Você não me entende.
- SELMINHA - Papai, escuta papai! (num rompante histérico) Deixa eu falar! (com cruel euforia) O senhor já amou algum dia? amou alguém?
- APRÍGIO - Amei!
- SELMINHA - (num crescendo de furia exultante) Mamãe morreu há tanto tempo e o senhor continua só. Ninguém pode viver sem ninguém. Papai, uma pergunta.
- APRÍGIO - Adeus.



SELMINHA - Vem cá, papai.

APRÍGIO - Adeus.

SELMINHA - Não senhor! O senhor já me ofendeu e tem que me escu
tar. É só uma pergunta. Eu preciso saber. Está ouvin
do? Preciso saber se meu pai é capaz de gostas (supli
cante) - Neste momento, o senhor gosta de alguém? Ama
alguém, papai?

APRÍGIO - Quer mesmo saber?

SELMINHA - Quero!

APRÍGIO - (com olhar perdido) Querida, neste momento eu (esboça
uma carícia na cabeça da filha)... eu amo alguém.

(treva sobre a cena. Luz no velório do atropelado. Amaro Ribeiro,
Aruba e a viúva).

VIÚVA - Quer falar comigo?

AMADO - A senhora é que é a viúva?

VIÚVA - (chorosa, amarrotando o lenço) O senhor é da polícia?

AMADO - (sintético e inapelável) Somos da polícia. Mande cha
mar a senhora porque é o seguinte.

VIÚVA - (atarantada) Mas o enterro já vai sair!

AMADO - Um minutinho!

VIÚVA - (em ânsias olhando para trás) Vão fechar o caixão!

AMADO - (para a viúva) Não afoba! O Aruba vai lá! (para o com
panheiro) Aruba, vai lá. E diz para aguentar a mão.

VIÚVA - (sôfrega) Avisa. Seu, como é mesmo?

ARUBA - Aruba.

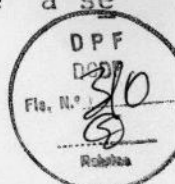
VIÚVA - Seu Aruba avisa que eu não demoro. Mas pra não deixar
sair o enterro.

AMADO - Chispa!

VIÚVA - Um momento! seu Aruba, o senhor fala com um senhor al
to, de espinhas. Um que tem espinhas. Alto. Diz que.
É meu cunhado. Diz pra não fechar o caixão. Só com a
minha presença (sai o Aruba assoando ligeiramente) -
Pronto.



- AMADO - (sucinto e incisivo) Minha senhora. Não vamos perder tempo. Tomei informações, a seu respeito. Sei, de fonte limpa. Um momento. Sei de fonte limpa que a senhora tem um amante!
- VIÚVA - (sobre impacto brutal) Eu?
- AMADO - (implacável) Tem um amante! cheio da gaita! Não faça comentários! nenhum!
- VIÚVA - O senhor está me ofendendo.
- AMADO - (entre a indignação e o pânico) Mas eu sou uma senhora'.
- AMADO - Cala a boca! Cala a boca! (muda de tom) Escuta. Você tem um amante com toda razão. Com toda razão. Conheço a sua vida, de fio a pavio. A senhora arranhou, cala a boca. Arranhou um cara quando percebeu entende? Ao perceber que seu marido mantinha relações anormais com outro homem, a senhora. Não é fato?
- VIÚVA - (depois de olhar para os lados e já incerta) O senhor está falando alto!
- AMADO - Você leu o jornal?
- VIÚVA - O jornal? Li.
- AMADO - (Tirando o jornal do bolso) Muito bem. Presta atenção. (a queima roupa) Olha bem esse retrato. É o sujeito que beijou o seu marido. A senhora, naturalmente, já viu esse camarada, claro!
- VIÚVA - (vacilante) Não.
- AMADO - (ameaçador) Madame. Nunca viu?
- VIÚVA - Nunca! (Aruba aparece).
- ARUBA - Já falei lá.
- AMADO - (para a viúva) Viu, sim! Viu!
- VIÚVA - (em pânico) Juro!
- AMADO - Você está mentindo' mentindo!
- ARUBA - Amado, olha. O cadáver.





- AMADO - Não ouvi.
- ARUBA - (baixo) O cadáver.
- AMADO - Fala alto!
- ARUBA - Devido ao calor, o cadáver. Já tem mau cheiro.
- AMADO - (furioso) Que se dane. (para a viúva) - Olha aqui. Ou a senhora diz a verdade. A polícia não tem esse negócio de mulher não. Mulher apanha também. (muda de tom) Sua hurra! Põe na tua cabeça o seguinte. Você tem um amante. E porque, porque tem um amante? Porque seu marido, escuta, escuta! Seu marido mantinha relações anormais. Relações anormais com um cara. Entendeu? (melifluo) Seu amigo tinha um amigo chamado Arandir; amigo esse que a senhora está reconhecendo pela fotografia.
- VIÚVA - (olhando para os lados) O senhor fala mais baixo! (a viúva olha as fotografias) Aparece um vizinho que está fazendo velório).
- VIZINHO - Com licença.
- ARUBA - Fala meu chapa.
- VIZINHO - (timido) É que.
- AMADO - Desembucha.
- VIZINHO - Pode fechar o caixão?
- AMADO - Mas é nossa amizade! Aguenta mão.
- VIZINHO - (Para Amado) Doutor, o corpo está exalando! (enfático) Exalando!
- AMADO - (furioso) Vamos fazer o seguinte. Olha aqui, nossa amizade. Manda fechar o caixão. Manda fechar! Ordem da Polícia! Fecha e toca o bonde! Por minha conta!
- ARUBA - (enchotando o vizinho e com pouco caso) Acaba com isso! Acaba com isso!
- VIÚVA - (com nostalgia e perplexidade) Mas é um morto!
- AMADO - (com riso curto) Morto e te traia não com uma mulher, com um cara! Na hora de morrer ainda levou um chupão!





ARUBA - Legal!

(Trevas. Luz no quarto de Arandir e Selminha. Arandir acaba de chegar).

SELMINHA - Até que enfim!

ARANDIR - Ah, querida' (apanha entre as suas mãos as de Selminha)

SELMINHA - Por onde andou?

ARANDIR - Mãos frias!

SELMINHA - Febre!

ARANDIR - (febril também) Demorei, porque. Há uma hora que eu rondo a casa. Passei três vezes pelo portão e não entrei, porque (com asgar de medo) Tinha um cara na esquina.

SELMINHA - Que cara?

ARANDIR - (encerrando no seu medo, sem ouvi-la) Olhando pra cá.

SELMINHA - (sôfrega) Você fala como se estivesse fugindo meu bem! (Arandir estaca. Volta-se vivamente)

ARANDIR - (com uma falsa alegria e falssissima naturalidade) Fugindo, eu? (riso de angústia) a troco de que? Eu não fiz nada. Não sou nenhum criminoso. Eu apenas... (sem transmitir, já em tom de lamento) Telefonei para cá. Sempre ocupado!

SELMINHA - (querendo ser natural) O telefonê, meu bem. Tive de desligar, claro! Ligavam para cá e diziam horrores! Ouvi palavrões que eu não conhecia!

ARANDIR - Escuta Selminha, olha. Se me procurarem. Avisa a Dalia e dá ordem à criada. Eu não estou prã ninguém, ninguém.

SELMINHA - Você leu?

ARANDIR - (desesperado e suplicante) Pelo amor de Deus. Escuta. Esse assunto, não!

SELMINHA - Uma pergunta só.

ARANDIR - Não. Selminha, não! Eu não estou em estado, compreendo? eu não estou em estado de.



- SELMINHA - (doce, mas irredutível) Arandir, olha prá mim, olha.
- ARANDIR - (com sofrida docilidade) Fala!
- SELMINHA - O que o jornal diz. É só isso que eu quero saber. Só isso, meu bem. O que o jornal diz é verdade?
- ARANDIR - (dando-lhe as costas) Saí do emprego.
- SELMINHA - Te despediram?
- ARANDIR - Eu me despedi. (andando de um lado para outro, com uma excitação progressiva) Hoje, cheguei no emprego. Logo que cheguei começaram com piadinhas. (mais exaltado) - piadinhas (pânico) Parou um automóvel! na porta! Não parou um automóvel na porta? (crispando a mão no braço da mulher) Não está ouvindo?
- SELMINHA - Não é aqui!
- ARANDIR - (quase sem voz) Não é aqui?
- SELMINHA - (um pouco contagiada pelo medo) No vizinho! (com súbito desespero, agarrando o marido) - Mas que piadinhas?
- ARANDIR - (De costas para a mulher e com a voz nítida e vibrante) Eles me chamaram de viúvo!
- SELMINHA - De que?
- ARANDIR - (desesperado cinismo) Viúvo! Do rapaz que morreu! Entende? Você acha que depois disso?
- SELMINHA - (atônita) E você?
- ARANDIR - Eu?
- SELMINHA - (fora de si) Você reagiu?
- ARANDIR - Eu não podia! eu não!
- SELMINHA - (furiosa) Você devia-lhe ter quebrado a cara!
- ARANDIR - Até o chefe. Falou comigo, e olhavam para mim. Estava espantado. Espantado. Eu tive a impressão. É um bom sujeito. Um homem de bem. Não sei, mas tive a impressão de que tinha nôjo de mim, como se eu!
- SELMINHA - (segurando-o com energia) Arandir!
- ARANDIR - Querida!



- SELMINHA - Como tua mulher, eu te peço! Você vai lá amanhã e
bra. Quebra mesmo! A cara do sujeito!
- ARANDIR - Eu acho, entende? Acho que, nunca mais, em emprego
nhum. Acho que todos os empregos, os caras vão
olhar como se. As mesmas piadinhas, em toda a parte.
- SELMINHA - (frenética) Ao menos responde!
- ARANDIR - Senta comigo.
- SELMINHA - É verdade que?
- ARANDIR - Um beijo.
- SELMINHA - (com surda irritação) Primeiro, responde. Preciso sa
ber. O jornal botou que você veio.
- ARANDIR - Pensa em nós.
- SELMINHA - Com outra mulher. Eu sou tua mulher. Você veio na.
- ARANDIR - (sôfrego) Eu te contei. Propriamente, eu não. Escuta.
Quando eu me abaixei. O rapaz me pediu um beijo. Um
beijo. Quase sem voz. E passou a mão por trás de
minha cabeça assim. E puxou. E, na agonia, ele me
beijou.
- SELMINHA - Na boca?
- ARANDIR - Já respondi.
- SELMINHA - (recuando) E porque é que você, ontem!
- ARANDIR - Selminha.
- SELMINHA - (chorando) Não foi assim que você me contou. Discuti
com meu pai. Jurei que você não me escondia nada!
- ARANDIR - Era alguém! Escuta! Alguém que estava morrendo. Selmi
nha. Querida, olha! (Arandir agarra a mulher. Procu
ra beijá-la. Selminha foge com o rosto) Um beijo.
- SELMINHA - (debatendo-se) Não! (Selminha desprende-se com violên
cia. Instintivamente, sem consciência do próprio ges
to, para as costas da mão nos lábios, como se os lim
passe).
- ARANDIR - Você me nega um beijo?
- SELMINHA - Na boca, não!



- ARANDIR - (sem se aproximar e estendendo as duas mãos crispadas) Coração olha. No emprego e aqui na rua. Eu sei que aqui na rua. Ninguém acredita em mim. E, hoje, quando eu sai do emprego. Meu bem, escuta. Fiquei andando pela cidade. Tive a impressão de que todo mundo me olhava. No lotação, em todo lugar, eu acho que me reconheciam pelo retrato. Eu saltava do lotação e apanhava outro. A mesma coisa. Eu então pensei: - "Bem: Mas eu tenho Selminha!" Escuta, Selminha, escuta! Eu quero sentir, saber, entende! Saber que você está comigo, a meu lado! Você é tudo que eu tenho! (Selminha está chorando com o rosto coberto por uma das mãos).
- SELMINHA - (soluçando) Oh, cala a boca!
- ARANDIR - (com súbito pânico) - Barulho, está ouvindo?
- SELMINHA - Nada.
- ARANDIR - (recuando) Abriram o portão. Alguém entrou.
- SELMINHA - (com surda irritação) Não é ninguém. (Dalia aparece)
- ARANDIR - Oh, Dalia.
- DALIA - (surpresa para a irmã) Chorando por quê?
- ARANDIR - Nervosa.
- DALIA - Eu não vou mais, Arandir. (para a irmã) Sua Boba! Parece até nem sei! Faz como eu. Olha! Agora mesmo, eu disse a D. Matilde. Ouviu, Arandir? Quando eu vinha voltando da igreja, encontrei D. Matilde. D: Matilde, essa de. Disse a ela o que não se diz a um cachorro. Quase que. Disse: - Olha! Limpe a boca. Limpe a boca. E fique sabendo que meu cunhado é muito mais, mas muito mais homem que seu marido! (Toca a campainha)
- ARANDIR - (sob impacto) Agora estão batendo!
- SELMINHA - (também sobressaltada) Dalia, vai atender. Arandir não está.
- DALIA - Não está?
- ARANDIR - Ninguém, pra ninguém.
- SELMINHA - Anda. (Dalia sai)
- ARANDIR - (sôfrego) Diz que me ama!





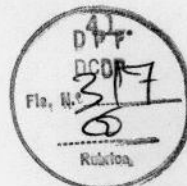
SELMINHA - (saturada) Você sabe.

ARANDIR - Mas eu queria que você repetisse. Me ama?
Você é capaz de repetir que me ama?
(entra Dalia)

DALIA - Polícia!...

FIM DO SEGUNDO ATO





O Delegado Cunha e Amado Ribeiro estão na casa de um amigo, na Bôca do Mato. Entram o Investigador Aruba e Selminha. (Esta vem assustadíssima) Só vê-la o Delegado Cunha, em mangas de camisa, os suspensórios arriados, vasto revólver na cinta, vem ao seu encontro. Exuberante e sôrdida cordialidade de cafageste.

- CUNHA - Tenha a bondade, minha senhora! Tenha a bondade!
- SELMINHA - (quasi chorando) O senhor é o Comissário?
- CUNHA - (numa mesura subserviente) Delegado!
- ARUBA - O Doutor!
- SELMINHA - (fremente) Eu fui ameaçada! ameaçada!
- CUNHA - Mas minha senhora!
- SELMINHA - (apontando) Esse moço me ameaçou!
- ARUBA - (numa gesticulação de cafageste) Ela quiz botar banca! não queria vir! Resistiu, já sabe!
- SELMINHA - (ora para um ora para outro) Mentira. (para o delegado) Doutor, eu apenas, olha. Apenas perguntei - "pra onde o senhor me leva"?
- CUNHA - (Com um descaro grandeloquante) Aruba! Você maltratou essa senhora, hein Aruba?
- ARUBA - Não!
- SELMINHA - (chorando de humilhação) Disse que. Disse! Que se eu gritasse, que eu apanhava na boca! E me torceu o braço. (para o investigador) - Torceu!
- AMADO - Minha senhora, isso é um cavalo! Uma besta!
- ARUBA - (impulsivamente) Besta é você!
- AMADO - O cara não dá uma dentro!
- CUNHA - (aos berros e espetando o dedo na cara do auxiliar) Cala a boca! (muda de tom) (para Selminha) - Infelizmente minha senhora, a polícia tem elementós, que, (para Aruba com falsa cólera) Retire-se! (para Selminha com humildade) Peço-lhe, creia que (para Aruba) - Saia!





- ARUBA - Mas doutor!
- CUNHA - E olha! Vou lhe meter uma suspensão!
- ARUBA - (Numa confusão total) Cumpri ordens!
- CUNHA - Eu não admito, entende? Não admito! Cai fora! (Aruba sai. Cunha volta-se para Selminha. Falsa humildade. Selminha olha em torno).
- SELMINHA - Eu reclamei porque (mais incisiva) isso aqui não é dis-
trito.
- AMADO - Calma D. Selminha!
- SELMINHA - (próxima da histeria) Isso é uma casa.
- CUNHA - (melifluo) Exato, exato! Casa. Não nego. Escuta, minha
senhora.
- SELMINHA - Mas doutor!
- AMADO - (apasiguador) Um momento!
- CUNHA - Pra evitar escândalo. Escuta. Pra evitar escândalo eu
preferi que fosse aqui.
- SELMINHA - (Olhando em torno) - Aqui onde?
- CUNHA - (com princípio de irritação e já insinuando uma amea-
ça) Aqui D. Selminha, aqui! Na Delegacia, propriamente,
não se pode trabalhar. Está assim de repórter, de fotó-
grafos! Não há mistério, D. Selminha. Estamos em
S. João de Meriti. Essa casa é de um amigo do Amado
Ribeiro. (voltando-se para o repórter) Amado Ribeiro,
da Última Hora!
- AMADO - (cínico) Prazer.
- SELMINHA - (desparando, numa volubilidade febril) O senhor é que
é o Samuel Wainer?
- AMADO - Amado Ribeiro.
- SELMINHA - (desorientada) Mas o Samuel Wainer não trabalha na Ú-
tima Hora?
- AMADO - Exato.
- SELMINHA - (confusa) Ah, é. E o Carlos Lacerda na Tribuna
Imprensa.



- CUNHA - (de sopetão e chocado pela surpresa) D. Selminha onde está seu marido?
- SELMINHA - Meu marido?
- CUNHA - (muda de tom e com satisfação gratuita, exagerada) Não responda já! (sem transição) Amado, escuta. (para Selminha) Temos um barzinho ali. A senhora não toma na da? Por exemplo: Não quer tomar um.
- SELMINHA - Nada.
- AMADO - Nem aguinha?
- CUNHA - Apanha lá, Amado.
- SELMINHA - (vivamente) - Não, não! (sôfrega) - Muito obrigada.
- CUNHA - (para Amado) Não precisa, Amado. (para Selminha nova mente melifluo) Mais calma?
- SELMINHA - Sim.
- CUNHA - (com um riso surdo) Ou tem medo?
- SELMINHA - (realmente apavorada) Um pouco. (Cunha faz, ali, um pequeno divertido escândalo. Estava sentado ergue-se)
- CUNHA - (com um sorriso exagerado e bestial) Medo de mim? (abrindo os braços para o repórter) Tem medo de mim, Amado! De mim!
- AMADO - D. Selminha, com licença!
- SELMINHA - (desorientada) Não é isso! O senhor não me entendeu. Nervosa!
- CUNHA - (rindo ainda com certa ferocidade) Diz pra ela, Amado. Conta (andando de um lado para o outro e sempre exagerando) Medo de mim, qual!
- AMADO - (incisivo) D. Selminha, aqui o Cunha. Ouviu D. Selminha? Está ouvindo? O Cunha não é como os outros!
- CUNHA - (Andando de um lado para outro, numa agitação jocunda) Fala, Amado. Fala!
- AMADO - Posso falar porque. Tenho metido o pau na Polícia. Mas o Cunha é um dos raros. Um dos raros, entende? (cínico e enfático) Humano! (Cunha vem sentar-se novamente, com os 2)



- CUNHA - Menina, escuta. Pra mim você é uma menina. Mas escuta.
- SELMINHA - (querendo desculpar-se) Em absoluto, eu!
- CUNHA - E, de mais a mais eu sou pai. Antes de tudo, sou O Amado, sabe. Eu tenho uma filha. Única.
- AMADO - Noiva.
- CUNHA - Noiva. Vai casar-se. E quando eu olho pra você, penso na minha filha. Nunca se sabe o dia de amanhã. Vamos que o meu genro. Essas coisas, sabe você, entende? (para o repórter) Você não acha, Amado? (para Selminha) Quero que você me veja como um pai. Agora responde: Ainda tem medo de mim?
- SELMINHA - Não.
- AMADO - Natural.
- CUNHA - (com um riso surdo e ofegante) Podemos conversar?
- SELMINHA - (com docilidade de menina) Podemos.
- AMADO - (baixo e persuasivo) Podemos confiar no Cunha.
- CUNHA - (docemente) É uma pergunta. Uma perguntinha só. O seguinte.
- SELMINHA - (olhando ora um, ora outro) Pois não.
- CUNHA - (de sopetão e com uma agressividade inesperada) Onde está seu marido? (pausa Selminha olha um e depois outro).
- SELMINHA - (crispada) Não sei.
- AMADO - (persuasivo) Sabe. D. Selminha.
- CUNHA - (já ameaçador) Ai o meu cacete! (mudando de tom) Menina, eu lhe falo como um pai! Como um pai! E se você!
- SELMINHA - Juro! (Cunha vira-se para Amado, agarra-o pelos dois braços)
- CUNHA - Oh por que é que eu tenho uma filha! É minha filha que me impede de! (larga o repórter e volta-se para Selminha)
- SELMINHA - (Numa espécie de histeria) Eu não sei onde está meu marido!



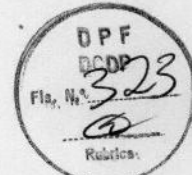
- CUNHA - Você está diante da Polícia. E olha. Vai dizer a verdade. A verdade! (muda de tom caricioso novamente) Não se engana a Polícia!
- SELMINHA - Escuta, Doutor! Meu marido saiu de casa...
- CUNHA - (furioso) Seu marido fugiu!
- SELMINHA - Fugiu como?
- CUNHA - Fugiu, entende? Está fugindo! Está fugindo da polícia!
- AMADO - Não lhe parece que a fuga é. D. Selminha escuta. A fuga é a confissão. Confissão!
- SELMINHA - Mas meu marido! Afinal de contas!
- CUNHA - (apertando a cabeça entre as mãos) Não é possível!
- SELMINHA - (erguendo-se e com exaltação) O senhor está enganado.
- CUNHA - (num berro) Fugiu!
- AMADO - (para o delegado) Cunha, calma! (para Selminha) Um momento! (para Cunha) Calma!
- SELMINHA - Figir porque, se ele não fez nada? Nem conhecia o morto!
- CUNHA - (rápido e agressivo) Tem certeza? Note bem: certeza? (elevando a voz) Tem!?
- SELMINHA - (afirmativa, embora desconcertada) Tenho! (Cunha tem um lance teatral).
- CUNHA - (exaltante) Amado, manda entrar a moça! (para Selminha) Eu vou lhe provar que. Ri melhor quem ri por último.
- AMADO - (faz um gesto para dentro) Pode vir! Ven, vem!
- CUNHA - (para a moça que vem entrando) Tenha a bondade. (a viúva do atropelado) Aqui é a viúva do rapaz, o atropelado. A viúva. O tal que seu marido beijou. O tal!
- AMADO - A senhora vai repetir aqui, (indica Selminha, sozinhos) dizer-lhe o nome) A senhora conhece o Arandir?
- VIÚVA - Conheço.
- AMADO - (para Selminha) Conhece! (para a viúva) E conhece de onde?



- AMADO - Frequentava sua casa. Muito bem. (para Selminha) Ia lá! (p/viúva) Agora conta aquilo. Aquilo que a senho
ra me contou. Aquilo, sim.
- CUNHA - (Para Selminha) Preste atenção.
- VIÚVA - De fato. Uma vez, ele foi lá em casa. Foi lá em casa e os dois. (para, em pânico, olhando para o delegado, ora o repórter, ora Selminha).
- AMADO - Os dois. Continui!
- VIÚVA - (sôfrega de um jato) Os dois tomaram banho juntos.
- SELMINHA - (atônita) Meu marido?
- AMADO - (já despedindo a viúva) Madame, muito obrigado. Pode ir.
- SELMINHA - (precipitando-se) Mas escuta. Vem cá! (Cunha barra a passagem de Selminha).
- CUNHA - Não senhora. Quem interroga somos nós! A senhora não se mete!
- AMADO - (feroz exaltante) D. Selminha, o banho é um detalhe, mas que basta! Para mim basta! O resto a senhora pode deduzir.
- SELMINHA - (lenta e estupefata) O senhor quer dizer que meu marido!....
- AMADO - (forte) Exatamente!
- CUNHA - (feroz) Seu marido, sim! Seu marido! Batata! (Selminha, olha ora um, ora outro). (está lívida de espanto).
- AMADO - (ofegante) Ou a senhora prefere que eu fale português claro?
- SELMINHA - (que se crispa com uma crise de histeria) Prefiro. Fale. Sim! Fale português claro!
- AMADO - Bem. É o seguinte.
- CUNHA - (bestial) Escracha! Escracha que eu já estou de saco cheio!



- AMADO - A Polícia sabe que havia. Havia entre seu marido e a vítima uma relação íntima.
- SELMINHA - (no seu espanto) Relação íntima?
- AMADO - Uma intimidade, compreendeu? Um tipo de intimidade que não pode existir entre homens. Um instante, Cunha. A viúva já desconfiava. O negócio do banheiro, entende? Quando leu o Beijo no Asfalto, viu que era batata. Basta dizer o seguinte: Ela. Sim, a viúva! (triumfante) Não foi no cemitério!
- CUNHA - (com uma satisfação bestial) Menina, olha. Está na cara que seu marido não é homem. (Selminha vira-se com súbita agressividade).
- SELMINHA - Eu estou grávida!
- AMADO - Quem?
- SELMINHA - (feroz) Eu! É homem! Eu estou grávida! (para um e outro) E outra coisa. Agora vocês vão me ouvir. Vão me ouvir. Meu marido foi à Caixa Econômica. Um momento! Foi lá por uma jóia.
- CUNHA - Escuta.
- AMADO - (para o delegado) Deixa ela falar!
- SELMINHA - E falo, sim! Foi por a jóia, sabe pra que? Porque ele me pediu pra tirar. Tirar o filho. Meu marido acha que a gravidez estraga a lua de mel! Prejudica! E como eu. Eu nunca tive barriga. Seria uma pena que a gravidez. Ela então preferia que mais tarde. E já não. Foi na Caixa Econômica apanhar o dinheiro do aborto.
- AMADO - Mas e daí?
- SELMINHA - (desesperada com a ironia ou incompreensão) Ou o senhor não entende que? Eu conheço muitas que é uma vez por semana, duas, e até quinze em quinze dias. Mas meu marido todo dia! Todo o dia! Todo o dia! (nem burro selvagem) Meu marido é homem! Homem! (Selminha está numa histeria medonha. Soluça. Cunha a segura pelos dois braços e a domina).
- CUNHA - (com um riso sordido) Você nunca ouviu falar em gilete? em Barca de Cantareira?



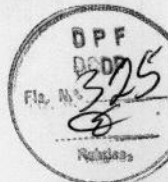


- SELMINHA - (subitamente grita) O que?
- CUNHA - (achincalhando) Gilete! Barca da cantareira! nha desprende-se com violência. Desfigurada pela côlea, esganiça a voz).
- SELMINHA - Seus indecentes! Indecentes! E você! (marcando dele gado) Você que é pai! Sua filha é noiva e olha! Tomara que o noivo de sua filha seja tão homem como o meu marido! (CUnha atira-se contra Selminha).
- CUNHA - Ô sua! Lhe quebro os cornos!
- AMADO - (interpondo-se) Espera! Calma! (para Selminha, feroz) Tira a roupa! Fica nua! Tira tudo!

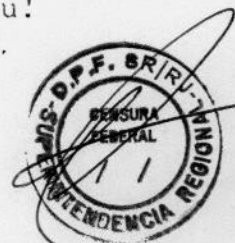
Trevas. Casa de Selminha. O pai entra. Dalia precipita-se.

- DALIA - Oh, papai!
- APRIGIO - (sofrego) Onde está sua irmã?
- DALIA - (soluçando) Presa!
- APRIGIO - Quem?
- DALIA - (num começo de história) Presa!
- APRIGIO - (estupefato) Prenderam? (furioso) Não chore! (muda de tom) fala!
- DALIA - A polícia esteve aqui!
- APRIGIO - (Repetindo) Não chora! A polícia?
- DALIA - (repetindo) Esteve aqui e perguntou, primeiro. Primeiro perguntou por Arandir. (tomando respiração). Eu disse que Arandir não estava. Então, levaram a Selminha!
- APRIGIO - (agarrando a filha e com energia) Pra onde? (Dalia reage como uma menina realmente traumatizada).
- DALIA - (numa explosão) Sei lá! Papai! Sei lá!
- APRIGIO - (novamente furioso) Menina chata! Para de chorar! (sem transição e desviando sua furia) E meu genro? Onde é que está o meu genro?
- DALIA - Papai, quando a polícia chegou! Ouviu, papai?

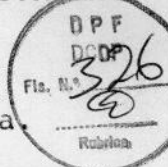




- APRIGIO - (praguejando sem sentido) O cúmulo!
- DALIA - Arandir escondeu-se no meu quarto!
- APRIGIO - Escondeu-se?
- DALIA - Escuta, aqui. Ficou lá até que. (incoerente e com veemência) Ou o senhor queria que Arandir fosse preso?
- APRIGIO - (furioso) Meu genro não pode ser preso, minha filha, po de.
- DALIA - (desorientada) Papai, não é isso!
- APRIGIO - (ameaçando não se sabe a que ou a quem) Mas olha! Olha!
- DALIA - (agarrando o velho) Papai, escuta!
- APRIGIO - (hurrando) Onde está o canalha do meu genro?
- DALIA - (recuando como diante de uma blasfêmia) O que?
- APRIGIO - (mais forte) O canalha do meu genro?
- DALIA - (ressentida) Arandir não é canalha.
- APRIGIO - (ofegante e sem completar) Você ainda!
- DALIA - O senho não! Não pode chamar!
- APRIGIO - (triunfante) Chamo! Posso chamar! Perfeitamente! Um canalha que se esconde e larga a mulher. Dá o fora, a mulher que se dane. E tudo porque? Porque este pulha!
- DALIA - (quase sem voz) Não, papai, não!
- APRIGIO - Esse pulha. Na minha frente. Nem respeitou a minha presença. Na minha frente, sim!! Na frente de toda cidade. Toda cidade estava lá, vendo, espiando! (exultante e feroz) E ele beijou na boca um homem! Por isso, Selminha. Selminha foi presa.
- DALIA - Papai, o senhor não entende!
- APRIGIO - (estrebuchando) Um genro que! (Dalia atraca-se com o pai)
- DALIA - (desesperada) Ouve, papai. Arandir explicou!
- APRIGIO - (violento e cortante) Mentira!



- DALIA - Conheço, papai! E Arandir, olha. Se fez isso. Papai es-
cuta. Fez isso porque. Teve pena! Foi a caridade. Aran-
dir tem um coração, papai!
- APRIGIO - (como se desse cusparada) Humilhou a minha filha.
- DALIA - E o rapaz antes de morrer. Ele não podia recusar. Antes
de morrer, o rapaz pediu o beijo. Antes de morrer.
- APRIGIO - (agarra a filha. Está sinistramente divertido) Antes
de morrer?
- DALIA - Pediu.
- APRIGIO - (com súbita energia) Agora você vai me ouvir.
- DALIA - Papai, eu!
- APRIGIO - (desesperado) Cala a boca! (muda de tom e falando com
súbita ferocidade) Eu estava junto de meu genro. Quando
ele se abaixou, eu estava ao lado. Juntinho, ao lado.
Eu vi e ouvi tudo. (baixo e violento) Olha! Ninguém pe-
diu beijo!
(radiante) O rapaz já estava morto!
- DALIA - (quase sem voz e num espanto brutal) Morto?
- APRIGIO - Morto. Meu genro te contou que. Mentira! O rapaz não
disse uma palavra. Estava morto. De olhos abertos e mor-
to.
- DALIA - (ainda sem voz) Não acredito.
- APRIGIO - (exultante) Meu genro mentiu pra ti e pra Selminha.
- DALIA - (cara a cara com o pai) Arandir não mente!
- APRIGIO - Beijou porque quiz e não era um desconhecido. (agarra
a filha pelos dois braços) (fala cara com cara) Eram
amantes! (pausa)
- DALIA - (sussurando) Não! Não!
- APRIGIO - (triunfal) Amantes! (Dalia desprende-se com inesperada
violência).
- DALIA - (com súbita ferocidade) Papai, descobri o seu segredo.
- APRIGIO - (realmente em pânico) Que segredo!? (rápido segura a fi-
lha pelo pulso)



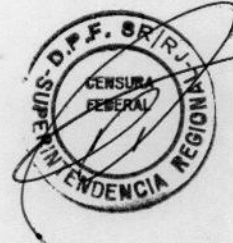
- DALIA - Descobri!
- APRIGIO - (desatinado) Não tenho segredo nenhum! (chorando) Nem admito. Ouviu? Nem admito!
- DALIA - (cruel e lenta) Quer que eu diga?
- APRIGIO - (num berro) Cala essa boca! (muda de tom) (quasi sem voz) Ou, então, diz. Pode dizer. Se você sabe, diz. (com a voz estrangulada) Qual é o meu segredo?
- DALIA - (Lenta e mã) O senhor não gosta de Selminha como pai.
- APRIGIO - (assombrado) Como o que?
- DALIA - (hirta) Gosta como. É amor. Amor de homem por mulher. (diante da afirmativa de Dalia, o velho tem uma reação que de momento o espectador não vai compreender. Essa reação é de uma euforia brusca. Total, sem motivação aparente)
- APRIGIO - (começando a rir) Amor de homem por mulher? É esse meu segredo? (repete, recuando o espanto para a filha) Meu segredo é esse?
- DALIA - (esganiçando a voz, num frenético desespero infantil) Por isso o senhor odeia Arandir.
- APRIGIO - (Na sua euforia) Pensei que (abrindo o riso) - Mas quem sabe? Talvez você tenha (muda de tom com uma seriedade divertida) Realmente, quando uma filha se casa o pai é um pouco traído. Não deixa de ser traído. O seu jeito cria a filha pra que o miserável venha e. (muda de tom) novamente, com uma ferocidade jocunda) Em certo sentido, Selminha cometeu um adultério contra mim! (numa gargalhada selvagem e canalha, que ninguém entende) Boa! Boa! (termina a cena com as gargalhadas do pai e os soluços da filha.)

Trevas. Luz no quarto de Amaro Ribeiro. O reporter está sem paletó com a fralda da camisa para fora das calças. Empunha uma garrafa de cerveja. De vez em quando bebe pelo gargalo com uma sede feliz. O reporter está, na melhor das hipóteses, semi-bêbado.

- AMADO - Quem? Quem? Falar comigo? Olha! Manda subir. Sobe, sobe!... (Aprigio entra)



- AMADO - (incerto) O senhor é?
- APRIGIO - (formal) O sogro de.
- AMADO - O sogro exatamente. Eu estava reconhecendo. Graças a Deus, sou bom fisionomista.
- APRIGIO - (com grave amabilidade) Boa noite. (Amado faz um gesto circular que abrange todo o quarto).
- AMADO - Desculpe a esculhambação. O quarto está uma bagunça.
- APRIGIO - Absolutamente.
- AMADO - Estou safado da vida. Imagine que, a arrumadeira, uma preta gorda (baixo e sôrdido) - emprenhou. Ela fez abort^o em si mesma, com um talo de mamona. (com fina malícia) não deixa de ser uma solução. (muda de tom) Mas parece que, desta vez ouve uma perfuração. perfuração. está morre não morre. vai morrer. (pigarreando e com certo que de culpado) Mas olha câ: - eu não tenho nada com o peixe. Filho não é meu! (muda de tom, um pouco perturbado) Vamos nós. Qual é o drama?
- APRIGIO - Seu Amado, eu desejava, aliás.
- AMADO - É sobre o Beijo do Asfalto.
- APRIGIO - (incerto) Propriamente.
- AMADO - Meu amigo, com licença. Um momento. O senhor veio me cantar?
- APRIGIO - (perturbado) Mas cavalheiro?
- AMADO - Veio me cantar. Um momento. Claro. Veio me cantar. E eu não quero. Em absoluto. Meu amigo, eu sou batata, en tende? E não me vendo!
- APRIGIO - O senhor não me entendeu.
- AMADO - Sou macaco velho!
- APRIGIO - (sofredo) Queria apenas, entende? Ter uma conversa. Uma conversa, a propósito de...
- AMADO - Escuta, nossa amizade, escuta! Fale um de cada vez. Essa conversa é velha pra xuxú! Mas olha: - dinheiro não me compra.





APRIGIO - (incisivo) Nem eu, ora!

AMADO - Com licença. O senhor está aqui por causa de seu genro e de sua filha. Batata! Mas escuta! A única coisa que me compra é mulher (faz adendo rápido e incisivo) - e magra!

APRIGIO - Seu Amado.

AMADO - (no seu deslumbramento erótico) As magras! as magras! (retifica) Sem alusão a sua filha. (com uma amabilidade obscena de bêbado) - magrinha, sua filha. (muda de tom) vou lhe contar uma passagem. Eu tive uma dona, uma cara, nem sei que fim levou. (novamente exultante) o corpo de sua filha direitinho. sem barriga nenhuma. (com um sorriso vil) na cama era bárbara! (ria) Subia pelas paredes assim como uma lagartixa profissional! magrinha, ossuda!

APRIGIO - (com surda irritação) O senhor quer me ouvir?

AMADO - Como é mesmo a sua graça?

APRIGIO - Aprigio.

AMADO - Aprigio, agora é tarde! Tarde!

APRIGIO - Mas eu ainda não disse nada! Eu queria, justamente.

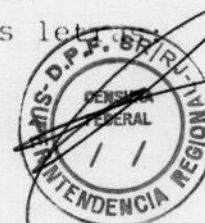
AMADO - O senhor vai dizer que é mentira, que é uma mistificação colossal, não sei o que lá. Não adianta. o Jornal está rodando. rodando. Tem uma manchete do tamanho de um bonde. Assim: "O beijo no asfalto foi crime! Crime!"

APRIGIO - (apavorado) Crime?

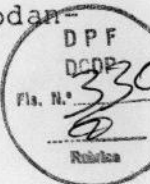
AMADO - Crime! E eu provo! Quer dizer, sei lá se provo, nem me interessa mas a manchete está lá, com todas as letras. CRIME.

APRIGIO - Mas eu não entendo!

AMADO - (exultante e feroz) Aprigio, você não me compra. Pode me cantar. Me canta! Canta! (rindo, feliz) Eu não me vendo! (muda de tom) Eu botei que. Presta atenção. O negócio é bem bolado pra xuxú!! Botei que teu genro esbarrou no rapaz, (triumfante) mas não esbarrou! Aí é que está. Não esbarrou. (lento e taxativo) Teu genro empurrou o rapaz; O amante debaixo do loteação. Assassinato. Ou não é? (maravilhado) Aprigio, a pederastia



faz vender jornal pra burro! Tiramos hoje, está rodando, 300 mil exemplares! Crime, batata!



APRIGIO - Tem certeza?

AMADO - Ou duvida?

APRIGIO - (mais incisivo) Tem certeza?

AMADO - (sórdido) São outros quinhentos! Sei lá! Certeza, propriamente. A única coisa que sei é que estou vendendo jornal como água. Prá xuxú.

APRIGIO - (saturado de tanta miséria) Já vou.

AMADO - (fazendo uma insinuação evidente de miserável) Vem cá. Escuta aqui. Sabe que. Sinceramente. Se eu fosse você. Um pai. Se tivesse uma filha e minha filha casasse com um cara assim como o. entende? palavra de honra! Dava-lhe um tiro na cara!

APRIGIO - Você quer vender mais jornal?

AMADO - (Na sua seriedade de bêbado) Fora de brincadeira. Não é piada. E olha. A absolvição seria a maior barbada. Nenhum juiz te condenaria, nenhum! (caricioso) Escuta Aprigio. Arandir não é homem prá. Não é homem pra tua filha. Ela é tão magra e tão sem. sem barriga. Um certo histerismo de mulher. E D. Selminha (enfático) - es se cara não aguenta o repuxo com tua filha.

APRIGIO - (desesperado de ódio) Bêbado imundo! (Aprigio abandona o quarto, como se fugisse. Sempre com a garrafa na mão, Amado avança cambaleante.)

AMADO - Vem cá, seu! Vem cá! (vendo o outro sumir) Filho da. (rindo surdo) Seu bêbado e pau de arara. (Amado tem um súbito rompante triunfal)
(num berro) Mas parei a cidade! só se fala do Beijo no Asfalto! Eles têm que respeitar! Tem que respeitar! Eu não dou bola! Não dou pelota! Amado parte o grito num soluço.

Trevas. Luz na casa de Selminha. Dalia vai entrando, sente-se em tudo o que Selminha diz ou faz, o trauma da polícia. Ela, que está lendo o jornal, ergue-se ao vêr).

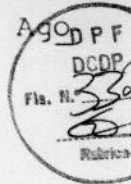




- SELMINHA - (sempre em tensão) Quem era?
- DALIA - (sôfrega) Arandir!
- SELMINHA - (frenética e esganiçando) E só telefona agora?
- DALIA - (querendo acalmá-la) Selminha, você está nervosa.
- SELMINHA - (anda de um lado para outro numa angústia de insana e na sua cólera) Passa uma noite e um dia sem telefonar!
- DALIA - (gritando também) - O telefone aqui está desligado!
- SELMINHA - (mais contida) Fala!
- DALIA - Arandir telefonou.
- SELMINHA - (varada de arrepios) Arandir.
- DALIA - Escuta. Está num hotel.
- SELMINHA - (repetindo por um mecanismo de angústia) Hotel?
- DALIA - (sôfrega) Mandou dizer que.
- SELMINHA - (com brusca irritação) Mas que hotel?
- DALIA - E te espera lá. Disse que.
- SELMINHA - Onde?
- DALIA - O endereço. Eu tomei nota. É no. (Sente-se pouco a pouco e de uma maneira cada vez mais nítida que Selminha não quer ir).
- SELMINHA - (para si mesma com voz surda) - E quer que eu vá lá?
- DALIA - Arandir pediu. Olha, Selminha, pediu que você fosse imediatamente. Agora. Posse agora. O endereço. Está escondido num hotel. A rua é-
- SELMINHA - (cortando) - Dália, escuta. É claro que eu. Mas todo o mundo! Todo o mundo acha, tem certeza. Certeza! Os dois eram amantes!
- DALIA - (com desprezo) - É uma gente que nem sei!
- SELMINHA - (Na sua obsessão) - Amantes!



- DALIA - Mas, o Arandir mandou dizer que o hotel. O hotel é pertinho do Largo de São Francisco. Olha. Escolheu, de propósito, está ouvindo, Selminha? Selminha, ouve., escolheu um hotel ordinário, porque dá menos na vista. Agora vai, Selminha, vai.
- SELMINHA - Vou.
- DALIA - (sôfrega) - Apanha um táxi. - (Selminha não se mexe).
- SELMINHA - (com súbita revolta) - E se a polícia me seguir?
- DALIA - (com irritação) - Arandir está esperando!
- SELMINHA - (com certa malignidade) - E daí?
- DALIA - Você é a mulher!
- SELMINHA - (gritando) - Mas se eu for presa (desatando a chorar). Você quer que eu seja presa. (com desespero) E que façam outra vez aquilo comigo, outra vez?
- DALIA - (conciliatória) - Selminha!
- SELMINHA - (trincando os dentes) - Nunca pensei que. Me puseram nua! Fiquei nua pra dois sujeitos!
- DALIA - Mas não vá contar isso pra o Arandir!
- SELMINHA - E o miserável, o cachorro ainda me disse que me queimava o seio com o cigarro! (soluçando) - Nua! Nua! (Dalia agarra a irmã pelos dois braços, com súbita energia)
- DALIA - Você vai?
- SELMINHA - (ofegante e caindo em si) - Vou. Claro que vou. Eu disse que ia e vou. Mas olha. (muda de tom) - E se ele quiser me beijar?
- DALIA - (sem entender) Ora, Selminha!
- SELMINHA - (com angústia) - Vai me beijar e eu! (continua sem coerência) quando. a viúva me disse, cara a cara comigo, que tomaram banho juntos.
- DALIA - (com violência) - Nem se conheciam!



SELMINHA - (sem ouvi-la e só escutando a própria voz interior)
Uma coisa que me dá vontade de morrer. Como é que um homem pode desejar outro homem. (veementemente voltando-se para a irmã) - Dália, você entende? Entende eu? Sei que agora, quando um homem olhar para o meu marido, vou desconfiar de qualquer um Dália. (com brusca irritação) - Aliás, Arandir tem certas coisas. Certas deliquadezas! E outra que eu nunca disse a ninguém. Não disse por vergonha. (com mais veemência) - Mas você sabe que a primeira mulher que Arandir conheceu fui eu. Acho isso tão. Casou-se tão virgem como eu, Dália!

DALIA - Arandir só tem você!

SELMINHA - (numa explosão) - Se eu for, já sei. Ele vai querer me beijar. Na certa. E eu não quero um beijo sabendo que (hirta de nôjo) - No beijo do meu marido ainda há saliva do outro homem!

Trevas. Quarto de hotel ordinário, onde Arandir está hospedado. Jornais pelo chão. Supõe-se que Dália acaba de chegar. Arandir segura a cunhada pelos dois braços.

ARANDIR - (na sua angústia) - Selminha não veio?

DALIA - (sem saber como dar a notícia) - Arandir, olha.

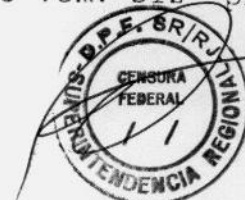
ARANDIR - (fora de si) - Não vem?

DALIA - (meio atônita e diante do desespero eminente) - Eu acho que.

ARANDIR - (violentíssimo) Minha mulher não vem? Não quer vir? Fala! (muda de tom) - Olha pra mim. (com voz súplica, entre o desespero e a esperança) - Ela não vem? Diz pra mim? Não vem?

DALIA - (com medo) Espera.

ARANDIR - (com violência) - Dália, eu preciso de minha mulher. Preciso. O jornal me chama de assassino. assassino. Dália! (chorando) - Você acha que sou assassino?





- DALIA - Arandir, eu só acredito em você.
- ARANDIR - Mas eu preciso de Selminha. Vai Dália e diz a Selminha. Pede. Traz Selminha. Eu não tenho ninguém. Estou só.
- DALIA - E eu?
- ARANDIR - (brutal) -Ninguém! Olha o que o jornal diz. Está aqui (Arandir apanha o jornal).
- DALIA - (exasperada) -Joga fora esse jornal! (Arandir atira fora o jornal).
- ARANDIR - Diz lá que eu empurrei o rapaz. Como se eu. E não entendendo a viúva. (falando para si mesmo) - Será que esbarrei no rapaz? Sem querer, claro. Mas bem isso. Tenho certeza, Dalia. Não toquei no rapaz. (memorizando para si mesmo) - Uma senhora vinha em sentido contrário. O rapaz estava em cima do meio fio. Aqui. Eu me desviei da senhora. Mas não cheguei a tocar no rapaz (num repente) -Dália, vai chamar a Selminha! É minha mulher! Quero Selminha aqui!
- DALIA - (muito doce) - Não vem.
- ARANDIR - (com um mínimo de voz) - Quem?
- DALIA - Selminha.
- ARANDIR - Não vem.
- DÁLIA - (mais incisiva) -Arandir, Selminha mandou dizer.Não vem. (Arandir agarra a cunhada pelos dois braços).
- ARANDIR - (estupefato) - Nunca mais?
- DALIA - (com pena e medo) - Arandir, olha.
- ARANDIR - (violento e gritando) - Responde! (estrangulando a voz) Nunca mais?
- DALIA - (chorando) - Nunca mais. (Arandir desprende-se. Afasta-se ligeiramente da cunhada).
- ARANDIR - (repetindo para si mesmo) -Nunca mais. Quer dizer que. Me chamam de assassino e (com súbita ira) - Eu sei o que eles querem. esses cretinos! (Bate no peito com a



mão aberta) - Querem que eu duvide de mim mesmo! Querem que eu duvide de um beijo que. (baixo e atônito, para a cunhada) - Eu não dormi, Dália, não dormi. Passei a noite em claro! vi amanhecer! (com fundo sentimento) Só pensando no beijo do asfalto! (com mais violência) - Perguntei a mim mesmo, a mim, mil vezes: -se entrasse aqui, agora, um homem. Um homem. E. (numa espécie de uivo) -Não! Nunca! Eu não beijaria na boca um homem que. (Arandir passa as costas da mão na própria boca, com nojo feroz). Eu não beijaria um homem que não tivesse morrendo'. morrendo aos meus pés! Beijeí porque! Alguém morria! "Eles" não percebem que alguém morria?

DALIA - (muito doce e muito triste) Eu vim para.

ARANDIR - (sem ouvi-la) - Mas eu acredito em mim! (brutal, sem transição) - Porque Selminha não vem?

DALIA - Selminha não quer mais ser tua mulher!

ARANDIR - (seu entender) - Não quer?

DALIA - Arandir, escuta. Selminha me disse. Ouve, meu bem.

ARANDIR - (estrangulado) - Selminha tem que!

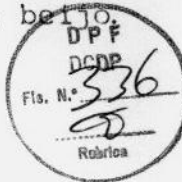
DALIA - (violenta) - Selminha disse que você e o rapaz eram amantes. Amantes!

ARANDIR - (numa alucinação) - Dália, faz o seguinte. Olha, o seguinte: - diz a Selminha (violento) - que em toda a minha vida, a única coisa que se salva é o beijo no asfalto. Pela primeira vez. Dália, escuta! Pela primeira vez, na vida! Por um momento, eu me senti bom! (furioso) - Eu me senti quase, nem sei! Escuta, escuta! Quando eu te vi no banheiro, eu não fui bom, entende? Desejei você. Naquele momento você devia ser a irmã nua. E eu desejei ali, logo, mas desejei a cunhada. Na praça da Bandeira, não. Lá, eu fui bom. É lindo. É lindo, Eles não entendem. Lindo beijar quem está morrendo! (grita) Eu não me arrependo! Eu não me arrependo!

DALIA - Selminha te odeia! (Arandir volta para a cunhada, cambaleante, passa a mão na boca encharcada).



- ARANDIR - (com voz estrangulada) -Odeia. (muda de tom - Por isso é que ela recusou. Recusou o meu beijo. Eu quiz beijar e ela negou. Negou a boca. Não quiz o meu beijo.
- DALIA - Eu quero!
- ARANDIR - (atômito) -Você?
- DALIA - (sofrida) Selminha não te beija, mas eu.
- ARANDIR - (contido) Você é uma criança. (Dália aperta entre as mãos o rosto de Arandir).
- ARANDIR - Dália. (Dália beija-o de leve, nos lábios)
- DALIA - Te beijei.
- ARANDIR - (maravilhado) Menina!
- DALIA - (quase sem voz) Agora me beija, você, beija.
- ARANDIR - (desprende-se com violência) Eu amo Selminha!
- DALIA - (desesperada) Eu me ofereço e Selminha não veio, eu vim.
- ARANDIR - Dália, eu mato tua irmã. Eu amo tanto que. (muda de tom) Eu ia pedir a Selminha para morrer comigo.
- DALIA - Morrer?
- ARANDIR - (desesperado) Eu e Selminha! Mas ela não veio!
- DALIA - (agarra o cunhado, quase boca com boca, sôfrega) - Eu morreria.
- ARANDIR - Comigo?
- DALIA - (selvagem) - Contigo' Nós dois! Contigo! Eu te amo!
- ARANDIR - (num sôpro) Morrer.
- DALIA - (feroz) Eu não te julgaria nunca. eu te perdoaria sempre! Acredito em ti. Só acredito em ti.
- ARANDIR - (violento) - Oh, graças! graças!
- DALIA - (macia, insidiosa, com uma leve, muito leve malignidade) - Diz para mim. Eu não te julgo. Não te condeno. Responde. Você o amava?





- ARANDIR - (atônito) O que?
- DALIA - (numa espécie de histeria) Amava o rapaz! Pode dizer. Escuta. Você era amante do rapaz? do atropelado?
- ARANDIR - (recuando) Amante?
- DALIA - Querido! Pode dizer a mim. A mim, pode dizer; confessar. Escuta, escuta! meu bem, eu não sou como Selminha. Selminha não compreende, nem aceita. Eu aceito. Tudo! Fala. Eu não mudo. Serei a mesma! Fala! (Dalia quer abraçar-se ao cunhado. (Arandir desprende-se com violência)
- ARANDIR - (gritando) Você é como os outros. Igual aos outros. Não acredita em mim. Pensa que eu. Saia daqui. (mais forte, num berro de louco) - Saia. (Aprigio entra).
- APRIGIO - Saia, Dália! (Dália abandona o quarto, correndo, em desespero) (o sogro e genro, face a face) - Vim aqui para.
- ARANDIR - (para o sogro, quase chorando) - Está satisfeito?
- APRIGIO - Vim aqui.
- ARANDIR - (na sua cólera) Está satisfeito? O senhor é um dos responsáveis. Eu acho que é o senhor. O senhor que está por traz...
- APRIGIO - Quem sabe?
- ARANDIR - Por traz desse repórter. O senhor teve a coragem, a coragem de. Ou pensa que eu não sei? Selminha me contou. Contou tudo! O senhor fez insinuações! Insinuações! A meu respeito!
- APRIGIO - Você quer me.
- ARANDIR - (sem ouvi-lo) O senhor fez tudo! Tudo para me separar de Selminha!
- APRIGIO - Posso falar?
- ARANDIR - (erguendo a voz) O senhor não queria o nosso casamento!
- APRIGIO - (violento) Escuta! Vim aqui saber! Você conhecia esse rapaz?
- ARANDIR - (desesperado) Nunca vi.
- APRIGIO - Era um desconhecido?





- ARANDIR - Juro! Por tudo o que a de mais! Que nunca, nunca!
- APRIGIO - Mentira!
- ARANDIR - (desesperado) Vi pela primeira vez!
- APRIGIO - (Cínico! (muda de tom, com uma ferocidade) - Escuta! Você conhecia o rapaz. Conhecia! Eram amantes! Você matou. Empurrou o rapaz!
- ARANDIR - (violento) Deus sabe.
- APRIGIO - Eu não acredito em você. Ninguém acredita. Os jornais, as rádios! Não há uma pessoa, uma única, em toda a cidade, ninguém!
- ARANDIR - (com a voz estrangulada) Ninguém acredita, nos ou! Eu acredito. Acredito em mim!
- APRIGIO - Você, olha!
- ARANDIR - Selminha há de acreditar!
- APRIGIO - (fora de si) Cala a boca! (muda de tom) - Eu te perdoaria tudo! Eu perdoaria o casamento. Escuta! Ainda agora, eu estava na porta ouvindo. Ouvi tudo. Você tentanto seduzir a minha filha menor!
- ARANDIR - Nunca!
- APRIGIO - Mas eu perdoaria, ainda. Eu perdoaria que você fosse espiar o banho da cunhada. Você quis ver a cunhada nua.
- ARANDIR - Mentira!
- APRIGIO - (ofegante) Eu perdoaria tudo (mais violento) - Só não perdoo o beijo no asfalto. Só não perdoo o beijo que você deu na boca de um homem.
- ARANDIR - (para si mesmo) - Selminha!
- APRIGIO - (muda de tom, suplicante) - Pela última vez, diz! Eu preciso saber! Quero a verdade! A verdade! Vocês eram amantes? (sem esperar a resposta, furioso) - Mas não responde. Eu não acredito. Nunca. nunca, o acreditarei (numa espécie de uivo) - Ninguém acredita!
- ARANDIR - Vou buscar minha mulher. (Aprigio recua, puxando o revolver).

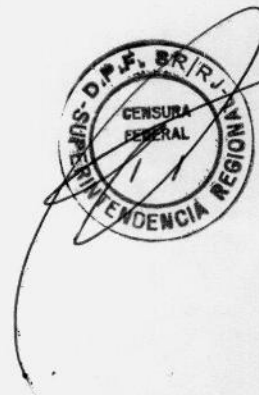




- APRIGIO - (apontando) - Não se mexa! Fique onde está!
- ARANDIR - (atônito) - O senhor vai.
- APRIGIO - Você era o único homem que não podia casar com a minha filha! O único!
- ARANDIR - (atônito) (quase sem voz) - O senhor me odeia porque. De seja a própria filha. É paixão. Carne. Tem ciúmes de Selminha.
- APRIGIO - (num berro) DE VOCÊ! (estrangulando a voz) - Não de minha filha. Ciúmes de você. Tenho! Sempre. Desde o teu namoro, que eu não digo o teu nome. Jurei a mim mesmo que só diria o teu nome a teu cadáver. Quero que você morra sabendo. O meu ódio é amor. Porque beijaste um homem na boca? Mas eu direi o teu nome. Direi o teu nome a teu cadáver (Aprigio atira a primeira vez. Arandir cai de joelhos. Na queda puxa uma folha de jornal, que estava aberto na cama. Torcendo-se, abre o jornal, com uma espécie de escudo ou de bandeira. Aprigio atira, novamente, varando o papel impresso. Num espasmo de dor, Arandir rasga a folha. E tomba enrolando-se no jornal. Assim morre).
- APRIGIO - Arandir! (mais forte) Arandir! (um último canto) Arandir!!

Cai a luz em resistência, sobre o cadáver de Arandir. Trevas.

FINAL DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS SR/DPF/RJ

PARECER Nº

843/84

DATA

29/6/84

TÍTULO: O BEIJO NO ASFALTO

AUTOR: NELSON RODRIGUES

GÊNERO: TEXTO TEATRAL

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE: TEMÁTICA COMPLEXA

Aprígio e Arandir, respectivamente pai e marido de Selminha, enquanto aguardavam para atravessar a Praça da Bandeira, presenciam um atropelamento. Um homem é arrastado por um lotação, e já ago-nizante pede a Arandir um beijo na boca. Este, penalizado com o sofrimento de um ser humano que de uma hora para outra se vê às portas da morte, atende ao pedido.

Um repórter que estava perto e que assistira aquele gesto inopinado, se aproveita do fato para criar manchetes escandalosas, contando, para tanto, com a ajuda do Delegado Cunha e depois com a da esposa do falecido que, pressionada pelos dois, mente para incriminar Arandir.

Súbitamente a vida familiar do casal (Selminha e Arandir) é devassada, surgem cogitações de que ele conhecia o morto, ou até mesmo que tivesse mantido com este um relacionamento homossexual. O rapaz é perseguido, não tem mais sossego, precisando se esconder num hottel barato para escapar dos repórteres e curiosos. O cerco vai se aper-tando, Aprígio consegue fazer com que a filha comece a duvidar da masculinidade do marido e a se recusar a beijá-lo na boca, se bem que a moça não atinasse com a má vontade que o pai sempre manteve em relação ao genro, nunca pronunciando o nome do rapaz. No final Aprígio vai procurar Arandir no hotel , confessa-lhe seu amor, e o mata enquanto pronunciava

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS SR/DPF/RJ

PARECER Nº

873/84

DATA

TÍTULO: BEIJO NO ASFALTO - continuação

AUTOR:

GÊNERO:

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA:

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE:

seu nome repetidas vezes .

O texto, impregnado de paixões e problemas psicológicos, reflete o universo típico do autor, mostrando toda a força interior dos personagens, que extrapola dos diálogos e alcança uma intensidade sempre crescente. Notamos uma gama de nuances e sutilezas que envolvem o comportamento humano, algumas se tornando quase uma fixação, como é o caso do beijo na boca, presente em várias de suas obras . A peça mostra como uma rede de maledicências , quando bem estruturada, consegue atacar e derubar a idoneidade de um ser humano. O lado mais cruel e desumano se sobrepõe a uma ação inocente e singela, um ato espontâneo é desvirtuado e perseguido até as últimas consequências .

Linguagem coloquial, quase não havendo o emprego de palavras chulas.

Considerando a complexidade e a força da história , julgamo-la aconselhável somente para um público adulto, razão pela qual opinamos pela liberação para maiores de 18 anos .

Sonia Maria Gato Mendes

LG.

Ser. Sonia Maria Gato Mendes.
Censura SCDP/SR/R.
Mat 2415.900

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - SR/DPF/RJ

PARECER Nº

884/84

DATA: 11 / 07 / 84

TÍTULO: O BEIJO NO ASFALTO

AUTOR: NELSON RODRIGUES

GÊNERO: LEITURA DE TEXTO DE PEÇA DE TEATRO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE:

Um homem morreu atropelado na Praça da Bandeira e é assistido por Aprigio e seu jovem genro Arandir.

Agonizante, ele pede um beijo na boca ao rapaz e este, num gesto de misericórdia e humanidade, atende ao pedido.

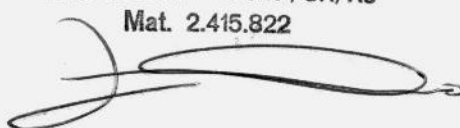
O fato é documentado por um repórter que faz um drama enorme, em todas as manchetes, sobre o caso.

O acontecimento toma um enorme vulto e Arandir termina, com tantas desventuras, indo morar numa humilde pensão. Aí, / Aprigio vai visitá-lo, confessando-lhe seu grande amor e o mata com um tiro.

Trata-se de uma das obras de Nelson Rodrigues, já tão conhecida publicamente, apresentando linguagem comum, quase totalmente limpa, cuja complexidade do tema nos leva a opinar pela sua liberação com impropriedade para menores de 18 anos.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1984

Bel. Teresa Guimarães Paternostro
Téc. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.822





SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DATA: 29.06.84

PARECER Nº

875/84

ASSUNTO : Leitura de texto

TÍTULO : "O BEIJO NO ASFALTO"

AUTOR : Nelson Rodrigues

CLASSIFICAÇÃO : 16 ANOS

Um homem é induzido como culpado de um crime que não cometeu e de ter tido relacionamento anterior íntimo com a vítima, motivo pelo qual, o beijou no asfalto.

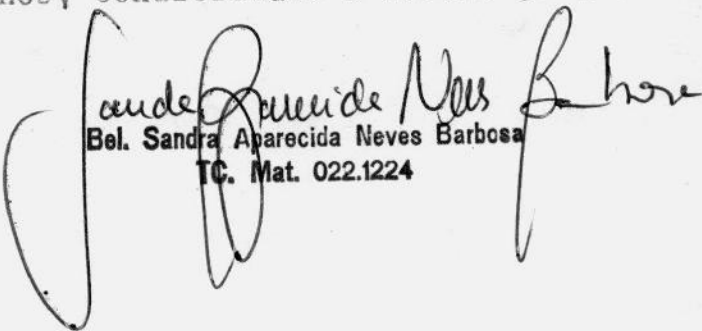
A estória começa com a trama entre o reporter e o Delegado, na intenção de tornar um fato ocorrido por humanidade à uma situação agonizante, em manchete para vender jornal.

Ao final, depois de desacreditado por todos da família, por pensarem que o fato era verdadeiro, este homem é assassinado pelo sogro, uma vez encorajado pelo ocorrido, dando reforço a um sentimento antigo de distanciamento da filha, seu grande amor, por motivo do casamento.

A mensagem é positiva, na medida que evidencia, o quanto um fato tem modificações com base interpretativas direcionadas aos sentidos por opção desejada.

A linguagem utilizada é coloquial com expressões simples e de entendimento acessível a um público alvo jovem.

Pelo exposto, opino pela liberação e om impropriedade para menores de dezesseis anos, condicionado à ensaio geral.


Bel. Sandra Aparecida Neves Barbosa
TC. Mat. 022.1224



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 920/84

DATA : 08 / 8 / 84

ASSUNTO : ENSAIO GERAL

TÍTULO : BEIJO NO ASFALTO

AUTOR : NELSON RODRIGUES

CLASSIFICAÇÃO : LIBERADO PARA MAIORES DE 16 ANOS

JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: Violência Sugerida

O ensaio geral transcorreu seguindo o texto anteriormente aprovado por este SCDP .

Em que pese a contundência do tema _ o beijo na boca dado por um homem num agonizante _ o espetáculo se desenvolveu sem apresentar palavrões ou marcações grosseiras. A força está no enredo , que foi atenuado pela presença de quatro dançarinos de " break", que usavam a coreografia para ligação das cenas .

A direção colocou, de início, todos os personagens no palco, ambientados em diversos locais, e à medida em que a cena terminava, eles ficavam imóveis, passando a focalizar os demais artistas .

Cenário : uma cortina negra ao fundo . Nas laterais , persianas . À esquerda, mesa e cadeira, dando a idéia de sala de delegacia. Ao centro, o escritório, do delegado e à direita a sala da casa de Selminha . Depois alguns móveis são substituídos por uma cama de solteiro , antiga, representando o quarto de hotel onde Arandir se escondeu.

Vestuário : tudo em cinza, branco, preto e vermelho _ roupas da década de 1950 .

Iluminação : normal, com focos dirigidos , conforme a solicitação, escurecendo para término das cenas e saída dos personagens do palco.

Considerando o exposto, acrescido do fato de se tra-

"BEIJO NO ASAFLTO " - continuação

tar de obra de um dos grandes expoentes da dramaturgia brasileira,
opinamos pela liberação para maiores de 16 anos , o que possibilita
colocar o adolescente ,estudioso de literatura ,em contato com os au
tores nacionais .

Sandra Aparecida Neves Barbosa
Bel. Sandra Aparecida Neves Barbosa
TC. Mat. 022.1224

Sonia Maria Gale Mente
Bel. Sonia Maria Gale Mente
Téc. Censura SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.822

Teresa Guimarães Patemostro
Bel. Teresa Guimarães Patemostro
Téc. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.822



CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 163/84

PEÇA " O BEIJO NO ASFALTO "

PROVISÓRIO

ORIGINAL DE NELSON RODRIGUES

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE: VIOLENCIA SUGERIDA

VÁLIDO ATÉ 14 de OUTUBRO de 19 84

CLASSIFICAÇÃO

**PROIBIDO
PARA
MENORES
DE 16 ANOS**

RJ 14 de AGOSTO de 19 84

Maria Helena da Costa Medeiros - Bel
Chefe SCDP/SR/RJ
matricula 2.415.809

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada **" O BEIJO NO ASFALTO "**

Original de **NELSON RODRIGUES**

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por **ALEXANDRE FERREIRA DE MELO**

Tendo sido censurada em **08** de **AGOSTO** de **1984** e recebido

a seguinte classificação: **16/ANOS ESTE CERTIFICADO SO TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCCP/SR/RJ.**

RJ, **14** de **AGOSTO** de **1984**

Maria Luiza Lopes Resende

Maria Luiza Lopes Resende
Chefe do Serviço de Censura
Chefe da SCC/SCDP/SR/RJ

TEATRO



TÍTULO " O BEIJO NO ASFALTO"

AUTOR DA PEÇA: " NELSON RODRIGUES "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 ANOS

Praça SCDP/SR/RJ

Obs.:

DF. 24 / AGOSTO / DE / 1984

 Resp. pela elaboração do Processo
 ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

De acordo com a
 proposta de manter
 18 anos, eis
 que a SR/RJ tem
 classificado quando
 do Ensaio Geral
 16 anos.

A consideração
 superior
 28.08.84

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Suor Chief do S.C.
 Esta peça sempre recebeu impropriedade máxima anteriormente.
 Desta feita os censores do SCDP/SR/RJ divergem no exame do texto e em conjunto opinam por 16 anos, no ensaio geral.
 Tomando por base o parecer 873/84, lembrando os anteriores, classificados e tendo presente a complexidade da obra, sou de opinião de se voltar a impropriedade máxima. Além disto, o último parágrafo do parecer 920/84, não me parece justificar-se mesmo porque não foi pedida - redução de impropriedade.

A sua consideração.

BSB, 28/08/84

Brasília-DF de 28 de 1984

Fls. 111 (Fim)
 11: Violência sugerida e temática complexa.

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

De Acordo.

Em: 29 de 8 de 1984

 Dolange M. G. Fernandes
 Diretora da DCDP



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 393

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº 1.210	EMIÇÃO 30 DE AGOSTO 1984	VALIDADE 30 DE AGOSTO 1989
--------------------------------	------------------------------------	--------------------------------------

TÍTULO "O BEIJO NO ASFALTO"

AUTOR (ES) NELSON RODRIGUES

CLASSIFICAÇÃO 18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE VIOLÊNCIA SUGERIDA E TEMÁTICA COMPLEXA
--

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: **"O BEIJO NO ASFALTO"**
ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

CERTIFICADO Nº **1.210**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: **ALEXANDRE FERREIRA DE MELO**

RIO DE JANEIRO/RJ

DECISÃO: **IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONA
DA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ
VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE
CARIMBADO PELA DCDP.**

Nei de Oliveira
NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

Brasília, 30 DE AGOSTO DE 19 84

GRC



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 396

Brasília, DF.

Em 31 de agosto de 1984.

OF. Nº 1.590/84-SE/DCDP

Do : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/ RJ

Assunto : Certificados - encaminha -

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício(s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do (s) certificados de Censura da (s) peça (s) teatral (is):
" A MORTE E O DEMÔNIO ", de autoria de Frank Wedekind;
" TEATRO-IRRESISTÍVEL AVENTURA ", de F. Garcia e outros; e
" O BEIJO NO ASFALTO ", de Nelson Rodrigues.

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP



13 MAI 11 03 003079



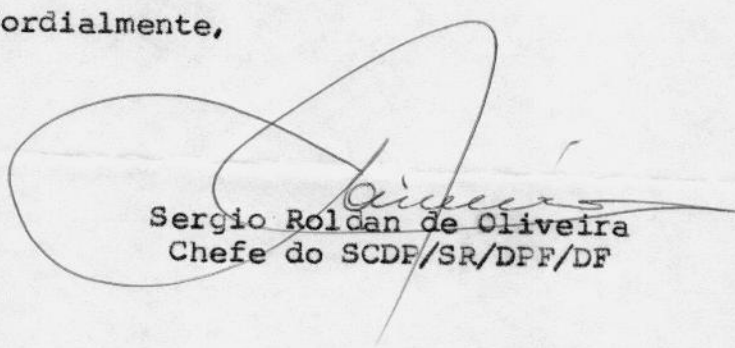
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DPF/SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 1.062/87-SCDP/SR/DPF/DF Brasília-DF, 12/maio/1.987.
Do: Chefe do Serviço de Censura/SR/DPF/DF
Ao: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento.

Senhor Diretor:

Encaminho a V. Sa, para que seja submetido ao exame comparativo de texto, a peça teatral intitulada "O BEIJO NO ASFALTO", de autoria de Nelson Rodrigues, tendo em vista que a referida peça teatral já foi examinada anteriormente, estando o texto original arquivado nessa Divisão.

Cordialmente,


Sergio Roldan de Oliveira
Chefe do SCDP/SR/DPF/DF

Ilustríssimo Senhor

Dr. RAYMUNDO EUSTÁQUIO DE MESQUITA

Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas - em exercício.

N E S T A

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



ANTONIO FÁBIO DE SOUZA OLIVEIRA

Requerente

BRASILEIRO

Nacionalidade

ESTUDANTE

Profissão

Carteira de Identidade

1.647.790

SSP - BA

Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à

SQS 402 bloco G ap 202 (225 58 78)

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a (s)

PEÇA TEATRAL

Espécie

abaixo relacionada (s),

de autoria de:

NELSON RODRIGUES

"O BEIJO NO ASFALTO"

Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Brasília, 11/Maio/87

Local e Data

Antonio Fábio de Souza Oliveira

Requerente

Anexos:



"O B E I J O N O A S F A L T O"

de Nelson Rodrigues

PRIMEIRO ATO

Distrito policial correspondente à Praça da Bandeira. Sala do Delegado Cunha.

ARUBA - O Amado Ribeiro está lá embaixo!

CUNHA - Lá embaixo?

ARUBA - Com o comissário. Disse que.

CUNHA - Arubinha, olha. Você vai dizer a esse muleque!

ARUBA - Está com fotografia e tudo!

CUNHA - Diz a ele, ouviu? que se ele. Porque ele não me conhece esse cachorro!

AMADO - O famoso cunha!

CUNHA - Você?

AMADO - Fu.

CUNHA - Retire se!

AMADO - Cunha, um momento! Esduta!

CUNHA - Saia!

AMADO - Tenho uma bomba prá ti! Uma bomba!

ARUBA - Vem, Amado!

AMADO - Tira a mão!

CUNHA - Escuta aqui. Ou será que. Então você me espinafra!

AMADO - Ouve, Cunha!

CUNHA - Me espinafra pelo jornal. E ainda tem a coragem!

AMADO - Com licença!

CUNHA - Não dou licença nenhuma! Estou besta, besta! Com o teu caradurismo! Tem a coragem de por os pés no meu gabinete! Eu devia, escuta. Devia, bom! Por tua causa, o chefe me chamou!

AMADO - Cunha, deixa eu falar!

CUNHA - O chefe me disse o que não se diz a um cachorro! Na mesa dele, na mesa, estava a tua reportagem. O recoste da tua reportagem!

AMADO - Cunha, tenho uma bomba!

CUNHA - De mais a mais, você sabe Amado. O Aruba também sabe. Aquilo que você escreveu é mentira!

AMADO - Ô Cunha, sossega! O que é que há?

CUNHA - Mentira, sim, senhor! Mentira! Eu não dei um chute na barriga da mulher! Mentira sua! Mentira! Dei um tapa! Um tabefe! Assim. O Aruba viu. Não foi um tapa?

ARUBA - Um tapa!

CUNHA - Um tapa. Ela abortou, não sei porque. Azar. Agora o que eu não admito. Não admito, fica sabendo. Que eu seja esculacha do, que receba um esculacho por causa de um muleque, um patife come você! Patife!



AMADO - Eu não me ofendo!

CUNHA - Pois se ofenda!

AMADO - Acabou?

CUNHA - Amado Ribeiro, escuta eu tenho uma filha. Noiva. Uma filha noiva. Agradeça a minha filha, eu não te dar um tiro na cara.

AMADO - Deixa de ser burro, Cunha!

CUNHA - Suma!

AMADO - Quem vai sair é o Aruba!

ARUBA - Você é besta!

CUNHA - Não admito...

AMADO - Manda ele cair fora! Vai, vai! Desinfeta!

ARUBA - Quem é você, seu!

CUNHA - Desinfeta!

ARUBA - Mas doutor!

CUNHA - Fira, daquele!

AMADO - Vamos nós.

CUNHA - Não quero conversa.

AMADO - Senta.... Cunha, escuta. Vi um caso agora. Ali, na Praça da Bandeira. Um caso que. Cunha, ouve. Esse caso pode ser a tua salvação!

CUNHA - Estou mais sujo do que pau de galinheiro!

AMADO - Porque você é uma besta, cunha. Você é o delegado mais burro do Rio de Janeiro.

CUNHA - Não pense que. Você não se ofende, mas eu me ofendo.

AMADO - Senta!

CUNHA - Te dou um tiro!

AMADO - Você não é de nada. Então, dá. Dá! Quedê?

CUNHA - Qual é o caso?

AMADO - Olha. Agorinha, na Praça da Bandeira. Um rapaz foi atropelado. Estava juntinho de mim. Nessa distância. O fato é que caiu. Vinha um lotação raspando. Rente ao meio-fio. Apanha o cara. Em cheio. Joga longe. Há aquele bafafá. Corre pré cá, prá lá. O sujeito estava lá, estendido, morrendo.

CUNHA - E daí?

AMADO - De repente, um outro cara aparece, ajoelha-se no asfalto, ajoelha-se. Apanha a cabeça do atropelado e dá-lhe um beijo na boca.

CUNHA - Que mais?

AMADO - Só.

CUNHA - Quer dizer que. Um sujeito beija outro na boca e. Não houve mais nada. Só isso?

AMADO - Só isso!



CUNHA - Não entendo.

AMADO - Sujeito burro! Escuta, escuta! Você não quer se limpar?
Hein? Não quer se limpar?

CUNHA - Quer!

AMADO - Pois esse caso.

CUNHA - Mas...

AMADO - Não interrompe! Ou você não percebe? Escuta, rapaz! Esse caso pode ser a tua reabilitação e olha: Eu vou vender jornal prá burro!

CUNHA - Mas como reabilitação?

AMADO - Manja. Quando eu vi o rapaz dar o beijo. Homem beijando homem. No asfalto. Praça da Bandeira. Gente assim. Me deu um troço, uma idéia genial. De repente. Cunha, vamos sacudir essa cidade! Eu e você, nós dois! Cunha.

CUNHA - Nós dois?

AMADO - Nós dois! Olha: -O rapaz do beijo, sim o que beijou, está lá embaixo, pretando declarações! Embaixo!

Casa de Selminha no Grajaú. Presentes o pai de Selminha, "seu" Aprígio, e a própria moça.

APRÍGIO - Vim só te dar um recado do seu marido.

SELMINHA - Mas entra, papai, entra.

APRÍGIO - Selminha, escuta. Minha filha, o táxi está esperando.

SELMINHA - Despede o ~~chofer~~ chofer.

APRÍGIO - Escuta!

SELMINHA - Dália! Dália! Eu fico zangada! Dália!

APRÍGIO - Outro dia...Prometo. Outro dia. S

SELMINHA - Não senhor.

APRÍGIO - Teu marido. Escuta. Estive com o teu marido na caixa econômica. Teu marido mandou avisar.

DÁLIA - Papai.

APRÍGIO - Coração!

SELMINHA - Pensei que Arandir viesse com o senhor!

APRÍGIO - Pálida, minha filha?

DÁLIA - Lavei o rosto!

SELMINHA - Dália quase não come. Belisca.

APRÍGIO - Mas tinha um apetite tão bom!

DÁLIA - Estômago, sei lá!

APRÍGIO - Não abuse, minha filha, não abuse. Olha que a saúde!
E não te esqueças -O que resolve é a "Flora Medicinal"

DÁLIA - Não tem perigo!

APRÍGIO - Bem, mas. O que é mesmo que eu estava dizendo? Ah, sim!
- Teu marido.

SELMINHA - Mas o senhor janta com a gente.

DÁLIA - Janta sim!

APRÍGIO - Selminha, ó minha filha! Não faz confusão. Teu marido mandou avisar que vem mais tarde, hoje. Mais tarde. Teve que ir ao distrito.

SELMINHA - Distrito?

APRÍGIO - Calma!

DÁLIA - Por quê?

APRÍGIO - Pelo seguinte. Nada demais. Teu marido assistiu um desastre. Quer dizer, assistimos. Eu também. Um desastre horrível, na Praça da Bandeira. Vimos um lotação passar por cima de um sujeito.

SELMINHA - Morreu?

APRÍGIO - O cara?

DÁLIA - Que coisa chata!

APRÍGIO - Na hora. Morreu. Pau prá burro. Mas enfim! É por isso que eu...

DÁLIA - Uns criminosos esses lotações. Andam que!

APRÍGIO - Teu marido foi servir de testemunha.

SELMINHA - Mas papai, olha. Hoje eu fiz. Escuta. Fiz aquele en-sopadinho de abóbora. Deixa eu falar. A crida está de folga e eu fui para a cozinha, papai!

APRÍGIO - Hoje, eu não estou me sentindo bem. Sério. Escuta. vamos fazer o seguinte. Selminha

SELMINHA - O senhor é amigo da onça.

APRÍGIO - Um cafezinho, aceito. Café topo.

SELMINHA - Dália, faz um fresquinho.

APRÍGIO - Mas depressa que o táxi está esperando.

SELMINHA - Depressa!

DÁLIA - Não demoro. Um instantinho.

APRÍGIO - Sabe que teu marido ficou tão. E teve um choque! ⁺In-teressante. Ele correu na frente de...

SELMINHA - Uma coisa, papai, O senhor sabe que desde o mau namoro, o senhor nunca chamou o Arandir pelo nome? Sério! Duvido! Papai! O senhor dizia "seu namorado". Depois: - "seu noivo". Agora é "seu marido" ou, então, "meu genro". Escuta, papai!

APRÍGIO - Ora, minha filha ora!

SELMINHA - Tenho observado!

APRÍGIO - Você acha então o que. Nunca, minha filha! E por quê?

SELMINHA - Quer fazer uma aposta? Uma aposta? Quero ver o senhor dizer "Arandir". Diz: - "Arandir". Diz, papai!

APRÍGIO = Não tem cabimento e olha: deixa eu contar. Perdi o fio. Ah! Teu marido correu na frente de todo o mundo. Chegou antes dos outros. Chegou, ajoelhou-se e fez uma coisa que até agora me impressiona prá burro.

SELMINHA - Mas o que foi que ele fez?

APRÍGIO - Beijou. Beijou o rapaz que estava agonizante. E morreu logo, o rapaz.

SELMINHA - O senhor viu?

APRÍGIO - Você nao acha? Não acha que. Eu, por exemplo. Eu não faria isso. Não faria. Nem creio que outro qualquer. Ninguém faria isso. Rezar, está bem, está certo. Mas o que me impressiona realmente me impressiona. É o beijo.

SELMINHA - Mas eu até acho bonito!

DÁLIA - Olha!

SELMINHA - O quê?

DÁLIA - Acabou o café. O pó.

SELMINHA - Mas tinha!

APRÍGIO - Não precisa!

DÁLIA - Eu me esqueci de.

SELMINHA - Pede na vizinha.

APRÍGIO - Escuta.

DÁLIA - Chamei pelo muro, mas não tinha ninguém.

SELMINHA - Dá um pulo.

APRÍGIO - Ouve Selminha. Até é bom. Não estou bem e o café.

SELMINHA - Mas tinha pó, papai. - Vê lá o fogo. O bolo que eu ia fazer para o senhor.

APRÍGIO - Você acha bonito.

SELMINHA - Ah, o senhor não conhece Arandir.

APRÍGIO - Evocê conhece? Diga: - conhece seu marido?

SELMINHA - Oh, papai!

APRÍGIO - Conhece?

SELMINHA - Ou o senhor acha que.

APRÍGIO - Responda.

SELMINHA - Evidente.

APRÍGIO - Vem cá. Você tem de casada um ano. Um ano?

SELMINHA - Mas conheço Arandir, desde garotinho!

APRÍGIO - Quero saber como marido! De casada, tem um ano, nem isso. Menos. Pois é. Minha filha é pouco. Isso não é nada. Para um casal, minha filha. Pouquíssimo, um ano ou menos. Mas vamos lá. Você tem mesmo certeza que conhece seu marido?

SELMINHA - Mas absoluta! Eu conheço tanto o Arandir, tanto que. Nem ele me esconde nada. Papai, olha. Confio mais em Arandir que em mim mesma. No duro! E o senhor fala. Engraçado! Fala como se duvidasse, como se.

APRÍGIO - Não é bem assim.

SELMINHA - Papai, eu amo Arandir.

APRÍGIO - Sei. Acredito. Mas digamos que seu marido. Uma hipótese. Que seu mariod não fosse, sim, exatamente, como você pensa. Você gosta de seu marido a ponto de aceitá-lo mesmo que - Numa palavra: - Você é feliz?

SELMINHA - Ou o senhor duvida? um momento. Quem vai responder.

-Dália! Eu sou suspeita! Mas dália.

DÁLIA - Está quase bom.

SELMINHA - Diminuiu o fogo?

DÁLIA - Diminui.

SELMINHA - Papai, hoje! Responde. Eu sou feliz?

DÁLIA - Por quê?

SELMINHA - Fala! E olha! Dália veio para cá logo depois da lua de mel. Vive com a gente. Não sai daqui. Fala sou feliz?

DÁLIA - Parece.

SELMINHA - Parece ou sou?

APRÍGIO - Tenho que ir.

SELMINHA - Papai, um momento.

APRÍGIO - Olha o táxi.

SELMINHA - Papai, faça questão. Escuta. Você respondeu como se...

DÁLIA - Feliz. Felicíssima. Pronto.

SELMINHA - Vem cá. Diz aquilo. Aquilo que você me disse. Naquele dia. Repete.

DÁLIA - Não aborrece!

SELMINHA - Aquilo, diz!

DÁLIA - Você é pau!

SELMINHA - Papai, a Dália disse que, se eu morresse. Não foi? Você disse.

DÁLIA - Mentira!

SELMINHA - Disse que se eu morresse, ela se casaria com o Arandir!

APRÍGIO - Dália, escuta.

DÁLIA - Foi brincadeira minha! Eu estava brincando! Papai, olha!

APRÍGIO - Você escuta. Você é criança. Nem deve dizer isso. Certas coisas. Sabe como é o mundo.

DÁLIA - Papai, é mentira de Selminha!

APRÍGIO - E nem chore!

DÁLIA - Você me paga! - Papai, o que eu disse foi que eu não me casaria nunca porque. - Não quero, nem me interessa.

APRÍGIO - E teu namorado?

DÁLIA - Brigamos.

SELMINHA - Essa bobona agora chora por qualquer coisinha!

APRÍGIO - Ih, já é tarde!

SELMINHA - Papai, eu sou a mulher mais feliz do mundo!

Distrito policial. Arandir acaba de ser interrogado.

ARANDIR - Posso ir?

COMISSÁRIO BARROS - Pode.

ARANDIR - Então, boa tarde, boa tarde!

CUNHA - Um minutinho.

ARANDIR - Comigo?

CUNHA - Um momento.

BARROS - Já prestou declarações.

CUNHA - Sei. Agora vai conversar comigo.

ARUBA - O delegado.

AMADO - Senta.

ARANDIR - Mas é que eu estou com um pouquinho de pressa.

CUNHA - Rapaz, a polícia não tem pressa.

AMADO - Mas senta.

ARANDIR - Obrigado.

BARROS - Ele é apenas testemunha.

CUNHA - Não te mete.

ARANDIR - Posso telefonar?

CUNHA - Mais tarde.

AMADO - Bate agora!

ARANDIR - Retrato?

AMADO - Nervoso, rapaz?

ARANDIR - Absolutamente!

CUNHA - Você é casado, rapaz?

ARANDIR - Não ouvi.

CUNHA - Tira a cêra dos ouvidos!

AMADO - Casado ou solteiro?

ARANDIR - Casado.

CUNHA - Casado. Muito bem. - O homem é casado. Casado.

BARROS - Eu sabia.

ARANDIR - O senhor deixa dar um telefonema rápido para minha mulher?

CUNHA - Gosta de sua mulher, rapaz?

ARANDIR - Naturalmente!

CUNHA - E não usa nada no dedo, por quê?

ARANDIR - Um dia, no banheiro, caiu. Caiu a aliança. No ralo do banheiro.

AMADO - O que é que você estava fazendo na Praça da Bandeira?

ARANDIR - Bem, fui lá e...

CUNHA - Não gagueja, rapaz!

ARANDIR - Fui levar uma jóia.

CUNHA - Jóia!

ARANDIR - Jóia. Aliás, empenhar uma jóia na caixa econômica.

AMADO - Casado há quanto tempo?

ARANDIR - Eu?

CUNHA - Gosta de mulher, rapaz?

ARANDIR - Quase um ano!

CUNHA - Gosta de mulher?

ARANDIR - Casado há um ano.

CUNHA - Escuta. O que significa prá ti. Sim, o que significa para "você" uma mulher?

ARANDIR - Mas eu estou preso?

CUNHA - Rapaz, escuta! Uma hipótese. Se aparecesse, aqui, agora, uma mulher, uma "boa". Nua. Completamente nua. Qual seria. É uma curiosidade. Seria a tua reação?

AMADO - Com medo, rapaz?

CUNHA - Fala!

AMADO - Não fala?

CUNHA - Conta prá mim. Conta. Conta o que você fez na Praça da Bandeira.

ARANDIR - O lotação foi o culpado.

CUNHA - Um momento!

ARANDIR - Mas doutor! Já estava aberto o sinal amarelo quando o lotação.

CUNHA - Ô rapaz! O lotação nao interessa. Compreendeu. Não interessa. O que interessa é você.

BARROS - Quer ver o depoimento do rapaz?

CUNHA - Não dá palpite! - O que me põe besta 'é como você um sujeito casado. Casado. Tem mulher em casa. Bonitirha talvez.

AMADO - Há quanto tempo você conhecia o cara?

ARANDIR - Que cara?

AMADO - O morto.

ARANDIR - Não conhecia.

CUNHA - Que piada é essa?

AMADO - Cunha, um momento. Um instante. Ô rapaz! Olha prá mim! no local, eu lhe perguntei se você era parente da vítima.

ARANDIR - Não sou.

AMADO - Vamos por partes. Não é parente. Amigo?

ARANDIR - Nada.

AMADO - Mas se conheciam de vista?

ARANDIR - Nem de vista.

CUNHA - Nem de vista?

AMADO - Você nunca, Presta atenção. Nunca, em sua vida, você viu o morto?

ARANDIR - Juro! Quer que eu jure? Dou-lhe a minha palavra!

AMADO - Vem cá.

ARANDIR - Doutor, eu preciso telefonar prá minha mulher!

CUNHA - Por essas e por outra é que a polícia baixa o pau. E tem que baixar!

AMADO - Cunha, espera! Se você não era nada do cara.

ARANDIR - Nunca vi.

AMADO - Então explica. Como é que você casado há um ano. Um ano?

ARANDIR - Quase.

AMADO - Praticamente, em lua de mel. Em lua de mel! Você larga a sua mulher. E vem beijar outro homem na boca, rapaz!

ARANDIR - O senhor está pensando que...

AMADO - E você olha. Fazer isso em público! Tinha gente prá burro, lá. Cinco horas da tarde. Praça da Bandeira. Assim de povo. E você dá um show! Uma cidade inteira viu!

CUNHA - Você nao perdeu. Você jogou fora a aliança!

AMADO - Escuta! Se um de nós, aqui, fosse atropelado. Se o lote não passasse por cima de um de nós. Um de nós. O delegado. Diz prá mim? Você faria o mesmo? Você beijaria um de nós, rapaz?

ARANDIR - Era alguém! Alguém! Que morreu! Que eu vi morrer!

Luz na casa de Selminha

SELMINHA - Você entende papai?

DÁLIA - Papai mudou.

SELMINHA - É outra pessoa!

DÁLIA - Com a morte de mamãe, desde que mamãe morreu, mudou tanto!

SELMINHA - Mudou com o meu casamento. Foi o meu casamento. Foi, sim Dália. Com o meu casamento.

DÁLIA - Sei lá.

SELMINHA - Te digo mais. As vezes, eu penso. Penso que papai sentiu mais o meu casamento que a morte de mamãe. Ele não vem aqui nem telefona. Sou eu que telefona. Ou então. Evita Arandir.

DÁLIA - Não gosta de Arandir.

SELMINHA - Como são as coisas! Veja você. Arandir me disse hoje: "Vou aproveitar o negócio da caixa econômica e passo no teu pai. Ele conhece lá um cara. Vamos na caixa e eu convido teu pai para jantar". Não adiantou. Adiantou? Pois é. Papai não dá pelota pro Arandir. Nem bola!

DÁLIA - Papai me assusta.

SELMINHA - Não gosta de Arandir - Por quê?

DÁLIA - Ciúmes.

SELMINHA - De mim?

DÁLIA - De ti.

SELMINHA - Ciúmes de mim?

DÁLIA - Ou você é cega?

SELMINHA - Que bobagem, ciúmes de mim! - Você acha?

DÁLIA - Acho! Acho!

SELMINHA - Ciúmes de mim.

DÁLIA - De ti. No teu casamento eu pensei tanto na morte da mamãe. Mas no teu casamento quem morria era papai. Na igreja, de braço contigo, papai ia morrendo. Tive a sensação, te juro! de que...

SELMINHA - Não fala assim!

DÁLIA - E outra vez! Aquele dia!

SELMINHA - Quando?

DÁLIA - No dia que vim prá cá. Vocês tinham chegado da lua de mel.

Eu me lembro. Papai me trouxe e até você estava com aquele quimono, aquele, como é?

SELMINHA - O azul?

DÁLIA - Não. Aquele que a vovó te deu. Papai me trouxe. Não queria vir. Insisti. Veio. E chegou aqui, você sentou-se no colo de Arandir. Se você visse a cara de papai! A cara!

SELMINHA - Não me lembro.

DÁLIA - Cara de ódio! Saiu imediatamente e...

SELMINHA - Você está imaginando! Isso é imaginação! Mas eu ainda tenho você e.

DÁLIA - Selminha, amanhã vou-me embora!

SELMINHA - Você?

DÁLIA - Não fico mais aqui.

SELMINHA - Mas escuta! Por quê?

DÁLIA - Olha Arandir!

SELMINHA - Demorou, meu bem!

ARANDIR - A polícia, sabe como é.

SELMINHA - Pálido!

ARANDIR - Morto de sede!

SELMINHA - Água!

ARANDIR - Polícia é uma gente que. Dália, meu anjo, água sim.

SELMINHA - Gelada.

ARANDIR - Gelada.

DÁLIA - Está suado.

SELMINHA - Mistura do filtro e gelada. - Tira o paletó.

ARANDIR - calor

SELMINHA - Gravata.

ARANDIR - Duas horas lá.

DÁLIA - Fresquinha.

ARANDIR - Água linda! Você é um anjo!

DÁLIA - Outro?

SELMINHA - Não chama Dália de anjo, que ela vai embora.

ARANDIR - Daqui?

DÁLIA - Amanhã.

ARANDIR - E vai como? de vez?

SELMINHA - Diz que vai morar com vovó e que. Uma chata!

ARANDIR - Dália, você tem coragem?

SELMINHA - Um momento. Meu bem, você vai comer alguma coisa.

ARANDIR - Sem fome.

SELMINHA - Uma boquinha você faz?

ARANDIR - Nada. Mais tarde. Depois. Depois eu como. Mas isso é verdade?

DÁLIA - Batata!

ARANDIR - Dália, chega aqui. Por quê? De repente e sem motivo? Parece incrível que eu chegue da polícia e a primeira notícia que me dão. É que você vai embora? Escuta. Lá no distrito.

SELMINHA - Meu filho, você está cansado.

ARANDIR - Na polícia, ainda agora. Eu me senti, de repente tão só. Foi uma sensação tremenda. Naquele momento, eu tive assim uma vontade de gritar: - Selminha! Dália! Quase grito, e! - Cheguei aqui e sei que você vai...

DÁLIA - Você não precisa de mim!

ARANDIR - Quem sabe?

DÁLIA - Precisa de Selminha.

ARANDIR - Responde. Haja o que houver. Você nunca me deixará? Nunca? Não me abandone nunca.

SELMINHA - Meu bem. Mas claro. Nunca. Ou você.

DÁLIA - Você viu o rapaz morrer?

ARANDIR - Quem?

DÁLIA - Era rapaz?

ARANDIR - Meu anjinho, esse assunto Não interessa. - Falemos de outra coisa. Você vai amanhã? É amanhã? Ótimo! Magnífico! Eu ajudo a fazer as malas! - Só não quero que toquem nesse desastre!

DÁLIA - Eu mesma arrumo as malas.

ARANDIR - Escuta. Vi o rapaz morrer, sim. Da minha idade, mais ou menos. Selminha, ele estava encima do meio-fio. Esperando que o sinal abrisse. - Em cima do meio-fio. De repente não sei como foi: ele perdeu o equilíbrio. Caiu para a frente e... Vinha um loteação a toda velocidade. Bateu no rapaz, atirou numa distância como daqui ali.

DÁLIA - Gritou?

ARANDIR - O rapaz?

SELMINHA - Meu bem...

ARANDIR - O atropelado não grita. Ou grita? Esse não gritou.

DÁLIA - Era bonito?

ARANDIR - O loteação passou por cima. Mas morreu logo. Ainda viveu um minuto, talvez. Ou menos. Um minuto.

SELMINHA - E você que não pode ver sangue.

ARANDIR - Eu corri. Cheguei primeiro que os outros. Me abaixei, peguei a cabeça do rapaz. Gente assim. Peguei a cabeça do rapaz e...

SELMINHA - Beijou.

ARANDIR - Você também sabe? - Todo o mundo sabe!

SELMINHA - Papai contou.

ARANDIR - Teu pai. É mesmo! Estava comigo e viu. - Teu pai disse que eu... Antes de morrer. O rapaz ainda estava vivo. O interessante é que lá na polícia lá só me falaram nisso!

SELMINHA - Meu bem, agora chega. Descansa um pouco.

SELMINHA - Meu bem, agora chega. Descansa um pouco.

ARANDIR - Dália, a polícia pensa. Ainda está pensando. E não se convence, Dália. Pensa que eu conhecia o rapaz. Tomaram meu nome, endereço. Fui interrogado duas vezes. E vão me chamar outra vez.

DÁLIA - Você conhecia?

ARANDIR - Oh Dália!

DÁLIA - Nem de vista?

ARANDIR - Era assim que a polícia perguntava. Nem de vista, nem de nome? Martelavam. Mas olha! O que foi. O rapaz estava morrendo. Morrendo junto ao meio-fio. Mas ainda teve voz para pedir um beijo. Na polícia, o repórter disse que era hora de muito movimento. Toda a cidade estava ali, espiando. E viu quando eu...

2º ATO

Casa de Selminha.

DÁLIA - Estou pronta.

SELMINHA - Já vai?

DÁLIA - Diz o número do táxi.

SELMINHA - Escuta, Dália!

DÁLIA - 28-31...Come é, Selminha? 43?

SELMINHA - Deixa de ser espírito de porco!

DÁLIA - Meu Deus, como é o número?

SELMINHA - Vem cá. Arandir me pediu. Escuta, Dália.

DÁLIA - Ah bem!

SELMINHA - Antes de sair me pediu e eu prometi.

DÁLIA - Que coisa chata.

SELMINHA - O .e. Arandir me pediu pra te falar. Dália, escuta. E mandou dizer. Se ele chegar, logo mais, você não estiver aqui, ouve: ele corta relações contigo.

DÁLIA - Chama...

SELMINHA - Escuta, Dália. Escuta. Troca de mal contigo.

DÁLIA - Chama o táxi.

SELMINHA - Você é teimosa!

DÁLIA - Quer chamar o táxi? Selminha eu disse que ia, vovó está me esperando!

SELMINHA - Então que se dane e...

D. MATILDE - Licença?

SELMINHA - Ah, entra dona Matilde.

D. MATILDE - Bom dia! Bom dia!

DÁLIA - Estou de saída!



D. MATILDE - Já leu?

SELMINHA - O resultado das misses?

D. MATILDE - Não leu?

SELMINHA - Não vi o jornal!

D. MATILDE - O retrato do seu marido, dona Selminha!

SELMINHA - Onde?

DÁLIA - Onde?

D. MATILDE - Primeira página!

SELMINHA - É mesmo!

DÁLIA - "Última hora"!

D. MATILDE - O título!

SELMINHA - O beijo no asfalto! O retrato do atropelado! E aqui o Arandir na delegacia!

D. MATILDE - Aí diz uns troços que!

DÁLIA - Deixa eu ler!

SELMINHA - Dália, não amola!

DÁLIA - Então lê alto!

D. MATILDE - Olha, escuta. Tem um repórter na rua.

DÁLIA - Repórter?

D. MATILDE - Com fotógrafo! Entrevistando! Ouviu, dona Selminha?

SELMINHA - Um momento!

D. MATILDE - E o repórter está querendo saber se D. Selminha vive bem com o "seu" Arandir. Eu disse: "vive"!

SELMINHA - Nunca! Nunca!

DÁLIA - Mas que é que diz aí?

SELMINHA - Diz que. Olha que ele diz. Onde é que está? Aqui, mentira! Tudo mentira!

DÁLIA - Dá aqui!

SELMINHA - Ainda não acabei! Estou que. Tinindo, dona Matilde, Tinindo! Como é que um jornal! Diz que o Arandir beijou o rapaz na boca!

D. MATILDE - Esse jornal é m o escandaloso!

SELMINHA - Toma! Toma! Não quero ler mais nada! Estou até com vôjo! Vôjo!

D. MATILDE - Como sério!

SELMINHA - Se meu marido, d. Matilde! E na boca! Meu marido nem conhecia! Era um desconhecido, d. Matilde!

D. MATILDE - Desconhecido?

SELMINHA - Desconhecido!

D. MATILDE - Tem certeza?

SELMINHA - Mas d. Matilde.

D. MATILDE - Claro que! Evidente! Acredito na senhora, nem se discute. Mas interessante, d. Selminha. Sabe que pela fotografia do jornal, a fisionomia do rapaz não me parece estranha. - O morto não é um que veio aqui, uma vez?

SELMINHA - Na minha casa?

D. MATILDE - Na sua casa. Aqui!

SELMINHA - Asenhora está me chamando de mentirosa, D. Matilde?

D. MATILDE - Deus me livre! A senhora não entendeu. Eu não ponho em dúvida. Absolutamente. Em absoluto! Não ponho. Mas há uma parte no jornal. A senhora leu tudo?

SELMINHA - Tudo!

D. MATILDE - Leu aquele pedaço no final...

SELMINHA - Tudo!

D. MATILDE - Essa parte acho que a senhora não leu.

SELMINHA - Quer me fazer um favor?

D. MATILDE - Eu vou ler para a senhora. Eu leio!

SELMINHA - Por obséquio, D. Matilde.

D. MATILDE - Leio.

DÁLIA - Mas eu estou lendo!

D. MATILDE - Dá licença.

DÁLIA - Ora, D. Matilde.

D. MATILDE - Um minutinho!

SELMINHA - Era um desconhecido! Um desconhecido!

D. MATILDE - É essa parte. Aqui. Acho que a senhora não leu!

DÁLIA - Arandir vai lá na redação e quebra a cara do repórter!

SELMINHA - Não leia nada! Não quero! Não quero, D. Matilde. Não quero ouvir nada.

D. MATILDE - O jornal diz: "Não foi o primeiro beijo! Nem foi a primeira vez"!

SELMINHA - Não foi o primeiro beijo! Nem foi a primeira vez?

Na firma, onde Arandir trabalha.

WERNECK - Mas então, seu Arandir! O senhor!

PIMENTEL - Você não diz nada prá gente?

ARANDIR - O que é que há?

WERNECK - Você fica viúvo e não avisa, não participa?

ARANDIR - Isola!

PIMENTEL - Nem me convidou!

ARANDIR - Que piada é essa?

WERNECK - Piada, uma ova! Batata! Meus parachoques!

ARANDIR - Mas qual é a graça? E isso não é brincadeira! = Não faz assim que eu não gosto! Werneck, pára sim? Essas brincadeiras comigo!

WERNECK - rapaz! A tua viuvez está aqui! Em manchete! Em manchete rapaz!

ARANDIR - Você pára ou não pára?

WERNECK - Lê! Lê! Beijo no asfalto! Está aqui! Traz no jornal! O título é: "Beijo no Asfalto"!

ARANDIR - Que jornal?

WERNECK - Aqui.

ARANDIR - Beijo no asfalto!

WERNECK - Teu retrato! Teu e o do cara!

PIMENTEL - Fala baixo.

WERNECK - Viuvez; sim! Perfeitamente, viuvez. Não chateia, pimene tel!

ARANDIR - Mentira! Mentira!

WERNECK - Viúvo de atropelado! Ou viúva! Beijou o sujeito na boca. O sujeito morreu. É a viuvez. Batata!

ARANDIR - Não! Não!

WERNECK - E o morto vinha aqui! Veio aqui!

ARANDIR - Quem vinha aqui?

WERNECK - O morto! O atropelado!

ARANDIR - Vinha aqui?

WERNECK - Falar contigo.

ARANDIR - Nunca! Eu não conhecia o cara.

WERNECK - Não conhecia, seu vigarista! Quer ver? D.Judith! D. Judith! Eu provo.

ARANDIR - Era um desconhecido! Desconhecido! Eu, nunca.

WERNECK - Eu não minto! Eu não minto!

ARANDIR - Desconhecido!

WERNECK - Quando digo uma coisa é batata! Ah, D. Judith!

D. JUDITH - Me chamou!

WERNECK - Chega aqui, d. Judith. Vem cá!

ARANDIR - D. Judith é verdade.

WERNECK - Um momento! A senhora vai tirar aqui uma dúvida!

ARANDIR - D. Judith...

PIMENTEL - Fala um de cada vez!

WERNECK - D. Judith o que foi que a senhora disse. Um momento! Quando a senhora viu o jornal, a senhora não disse. Não disse que. Disse que tinha visto o morto aqui. Fala, D. Judith, pode falar!

D. JUDITH - O que eu disse foi...

PIMENTEL - Não tenha medo!

D. JUDITH - Realmente pela fotografia, parece.

WERNECK - Continua, D.Judith. Parece ou?

D. JUDITH - Parece um moço que esteve aqui na semana passada. Um moço.

WERNECK - Procurando por quem. D.Judith procurando por quem?

D. JUDITH - Seu Arandir!

ARANDIR - Procurando por mim? Por mim?

D. JUDITH - O senhor não estava!

ARANDIR - Mas é mentira! Mentira! Simplesmente, eu nunca vi esse rapaz! Nunca na minha vida! Juro! Escuta, D. Judith!

D. JUDITH - Com licença!

WERNECK - Viúvo!

ARANDIR - Eu não admito. Sou casado e não admito!

WERNECK - Há testemunhas! viram o rapaz aqui! Viram!

ARANDIR - Cala a boca!

WERNECK - Quem é você? Você prá me mandar calar a boca?

PIMENTEL - Vamos parar com isso!

ARANDIR - Ou você para ou eu...

WERNECK - Tira a mão! O que é que você faz?

ARANDIR - Te parto a cara!

WERNECK - Então parte! - Não te mete! Parte a minha cara!

ARANDIR - Não quero!

WERNECK - Ou tu parte a minha ou eu parto a tua!

Casa de Selminha

SELMINHA - Papai, um minutinho.

APRÍGIO - Eu espero!

SELMINHA - Estou falando com Arandir. Foram chamar.

APRÍGIO - Fala, minha filha.

SELMINHA - Estão passando trotes para cá! - Alô! Alô! Arandir? Sou eu. O telefone está ruim! Ah, sim! Você leu? Hem? Leu! Meu filho, olha: fala mais devagar. Não ouço nada. Vem prá cá? Vem, sim, vem. Papai chegou agora. Toma um táxi Um beijinho!

APRÍGIO - Escuta, Selminha.

SELMINHA - Papai, oh, meu Deus! Tenho que deixar o telefone desligado.

APRÍGIO - T ote?

SELMINHA - Trote. Nunca ouvi tanto palavrão na minha vida. Sujeito telefonar, papai. E até mulher! Telefonar prá dize nome feio. Deve ser, aposto. Aposto, papai. Gente da vizinhança! É gente da vizinhança! Tenho certeza!

APRÍGIO - Não liga!

SELMINHA - Comprou o jornal?

APRÍGIO - Comprei.

SELMINHA - Leu?

APRÍGIO - Li.

SELMINHA - Papai, olha.

APRÍGIO - Chorando, por quê?

SELMINHA - Tenho que chorar! Estou chorando de raiva! Eu e Dália! Dália nao vai mais papai! Não vai mais!

APRÍGIO - Por quê?

SELMINHA - Fica! Leu esse pasquim! Leu e resolveu ficar.

APRÍGIO - Onde está ela?

SELMINHA - Como é que um jornal, papai! O senhor que defendia tan-

to o Samuel Wainer! E como é que um jornal publica tanta mentira!

APRÍGIO - Não é mentira!

SELMINHA - Esse título "Beijo no Asfalto"! O que foi que o senhor disse? Não é mentira?

APRÍGIO - Nem tudo!

SELMINHA - Não é mentira?

APRÍGIO - Selminha, escuta, escuta, minha filha! Você está nervosa!

SELMINHA - O senhor quer dizer que isso, isso que o jornal publicou. Esta nojeira! O senhor quer dizer que é verdade?

APRÍGIO - Um momento!

SELMINHA - O senhor admite que.

APRÍGIO - Selminha, olha! O repórter, essa Amado Ribeiro. Escuta, Selminha. - O repórter estava lá! Viu tudo!

SELMINHA - Viu o que?

APRÍGIO - O que se passou.

SELMINHA - Entao, o senhor vai me dizer. O senhor vai me dizer o que foi que se passou. Quero saber! Quero!

APRÍGIO - Meu anjo, ontem eu não te contei?

SELMINHA - O senhor não me contou nada.

APRÍGIO - Conte.

SELMINHA - Papai, pelo amor de Deus, escuta!

APRÍGIO - Selminha...

SELMINHA - Tenho mais confiança em Arandir que em mim mesma. Se tivesse acontecido o que o jornal diz. Um momento, papai. - Arandir me contaria. Arandir não me esconde nada. Arandir me conta tudo!

APRÍGIO - Nem tudo.

SELMINHA - Tudo!

APRÍGIO - Ontem, eu perguntei se você c nhecia o seu marido.

SELMINHA - Mas claro! Ou o senhor se esquece que eu sou sua mulher. Que eu. Papai, Arandir, não pode nem me trair. Porque viria me contar tudo, tudinho. Outro dia. A fechadura do banheiro estava quebrada. Arandir empurra a porta e vê Dália nua. Sem querer, naturalmente, e nem ele podia imaginar que. Mas compreendeu? Pelada completamente! Tinha acabado de tomar banho. Pois Arandir veio, imediatamente, no mesmo minuto. No mesmo minuto, papai. Dizer : olha acaba de acontecer isso, assim, assim... Eu nem disse nada a Dália, porque ela ia ficar sem jeito. Mas a sinceridade de Arandir! O senhor sabe que eu adorei! Adorei!

APRÍGIO - Posso falar?

SELMINHA - E o jornal põe que o meu marido beijou outro homem na boca!

APRÍGIO - É verdade!

SELMINHA - Arandir me diria...

APRÍGIO - Beijo.

SELMINHA - O senhor não pode dizer isso! Não tem esse direito!

APRÍGIO - Eu sou pai!

SELMINHA - Não. Não.

APRÍGIO - Eu vi e sou pai. Pai. Vi meu genro. O lotação arrastou o sujeito.

SELMINHA - Foi o rapaz que. Antes de morrer. O rapaz pedia um beijo.

APRÍGIO - O sujeito caiu de bruços, rente ao meio-fio. De bruços.

Teu marido foi lá e virou o rapaz. E deu o beijo. Na boca.

SELMINHA - Meu marido diria. Ele não esconde nada.

APRÍGIO - Vem cá. Responde! Você viu o retrato do atropelado? Diz! Você o reconheceu? Preciso saber. Olha! Entre as amizades do teu marido. - Entre as relações masculinas do teu marido, tinha alguém parecido? Alguém parecido com esse retrato? olha bem!

SELMINHA - O senhor está insinuando que...

APRÍGIO - O morto nunca veio aqui?

SELMINHA - Mas eles não se conheciam? Meu marido, nunca, nunca!

APRÍGIO - Escuta! Deixa eu falar, menina! Ontem, eu vim aqui, pessoalmente. Podia ter dado o recado por telefone. Mas vim prá te perguntar se, Selminha, eles se conheciam?

SELMINHA - Mentira!

APRÍGIO - Não foi o primeiro beijo! Não foi a primeira vez!

SELMINHA - Dália, tem razão!

APRÍGIO - Por quê Dália?

SELMINHA - O senhor tem ciúmes de mim.

APRÍGIO - Eu?

SELMINHA - Odeia Arandir!

APRÍGIO - Juro!

SELMINHA - O senhor foi contra o meu casamento. Contra!

APRÍGIO - Eu sou pai. Pai. Preciso saber se eram amigos e que espécie de amizade!

SELMINHA - O senhor não gosta de ninguém!

APRÍGIO - Sou um velho!

SELMINHA - Nem de mim. O senhor não sabe amar. Escuta, papai!

APRÍGIO - Você não me entende.

SELMINHA - Papai, escuta, papai! - Deixa eu falar! O senhor já amou algum dia? Amou alguém?

APRÍGIO - Amei!

SELMINHA - Mamãe morreu a tanto tempo e o senhor continua só. Ninguém pode viver sem ninguém. Papai, uma pergunta,

APRÍGIO - Adeus.

SELMINHA - Vem cá, papai!

APRÍGIO - Adeus.

SELMINHA -

SELMINHA - Não, senhor! O senhor já me ofendeu e tem que me escutar. É só uma pergunta. Eu preciso saber. Está ouvindo? Preciso saber se meu pai é capaz de gostar. - Neste momento o senhor gosta de alguém? Ama alguém, papai?

APRÍGIO - Quer mesmo saber?

SELMINHA - Quero!

APRÍGIO - Querida, neste momento, eu... eu amo alguém.

Velório do atropelado. Amado Ribeiro, Aruba e a viúva.

VIÚVA - Quer falar comigo?

AMADO - A senhor é que é a viúva?

VIÚVA - O senhor é da polícia?

AMADO - Somos da polícia. Mandei chamar a senhora porque é o seguinte.

VIÚVA - Mas o enterro já vai sair.

AMADO - Um minutinho!

VIÚVA - Vão fechar o caixão!

AMADO - Não afoba! O Aruba vai lá! - Aruba, vai lá! E diz prá aguentar a mão.

VIÚVA - Avisa. Seu, como é mesmo?

ARUBA - Aruba.

VIÚVA - Seu Aruba, avisa que eu não demoro. Mas prá não deixar sair o enterro.

AMADO - Chispa!

VIÚVA - Um momento! Seu Aruba, o senhor fala com um senhor alto, de espinhas. Um que tem espinhas. Alto. Diz que. É o meu cunhado. Diz prá não deixar fechar o caixão. Só com a minha presença. Pronto.

AMADO - Minha senhora. Não vamos perder tempo. Tomei informações a seu respeito. Sei, de fonte limpa. Um momento. Sei de fonte limpa que a senhora tem um amante!

VIÚVA - Eu?

AMADO - Tem um amante! Cheio da gaita! Não faça comentários! Nenhum!

VIÚVA - O senhor está me ofendendo!

AMADO - Ofendendo, os colarinhos!

VIÚVA - Mas eu sou uma senhora!

AMADO - Cala a boca! Cala a boca! - Escuta. Você tem um amante e com toda razão. Com toda a razão. Conheço a sua vida, de fio e pavio. A senhora arranjou, cala a boca. Arranjou um cara quando percebeu, entende? Ao perceber que seu marido mantinha relações anormais com outro homem, a senhora. Não é fato?

VIÚVA - O senhor está falando alto!

AMADO - Você leu o jornal?

VIÚVA - O jornal? Li.

AMADO - Muito bem. Presta atenção. - Olha bem esse retrato. É o sujeito que beijou o seu marido. A senhora, naturalmente, já viu esse camarada, claro!

VIÚVA - Não!

AMADO - Madame. Nunca viu?

VIÚVA - Nunca!

ARUBA - Já falei lá.

AMADO - Viu, sim! viu!

VIÚVA - Juro!

AMADO - Você está mentindo! Mentindo!

ARUBA - Amado. olha. O cadáver.

AMADO - Não ouvi.

ARUBA - O cadáver.

AMADO - Fala alto!

ARUBA - Devida ao calor, o cadáver. Já tem mau cheiro.

AMADO - Que se dane. - Olha aqui. Ou a senhora diz a verdade. A polícia não tem esse negocio de mulher não. Mulher apanha também! - Sua burra! Põe na tua cabeça o seguinte. Você tem um amante. E por que, por que tem um amante? Porque seu marido, escuta, escuta! Seu marido mantinha relações anormais. Relações anormais com um cara. Entendeu? - Seu marido tinha um amigo chamado Arandir; Amigo esse que a senhora está reconhecendo pela fotografia.

VIÚVA - O senhor fala mais baixo!

VIZINHO - Com licença.

ARUBA - Fala meu chapa!

VIZINHO - É que.

AMADO - Desembucha.

VIZINHO - Pode fechar o caixão?

AMADO - Mas oh nossa amizade! Aguenta a mão!

VIZINHO - Doutor, o corpo está exalando! Exalando!

AMADO - Vamos fazer o seguinte. Olha aqui, nossa amizade! Manda fechar o caixão! Manda fechar! Ordem da polícia! Fecha e toca o bonde! Por minha conta!

ARUBA - Acaba com isso! Acaba com isso!

VIÚVA - Mas é um morto!

AMADO - Morto e te traía não com uma mulher, mas com um cara! Na hora de morrer, ainda levou um chupão!

ARUBA - Legal!

Luz no quarto de Arandir e Selminha.

SELMINHA - Até que enfim!

ARANDIR - Ah, querida.

SELMINHA - Por onde você andou?

ARANDIR - Mãos frias!

SELMINHA - Febre!

ARANDIR - Demorei, porque. Há uma hora que eu rondo a casa. Passei três vezes pelo portão e não entrei, porque - Tinha um ca-



ra na esquina.

SELMINHA - Que cara?

ARANDIR - Olhando prá cá.

SELMINHA - Você fala como se estivesse fugindo meu bem!

ARANDIR - Fugindo, eu? A troco de que? Eu não fiz nada. Não sou nenhum criminoso. Eu apenas... - Telefonei prá cá, sempre ocupado!

SELMINHA - O telefone, meu bem. Tive de desligar, claro! Ligavam prá cá e diziam horrores! Ouvi palavões que eu não conhecia!

ARANDIR - Escuta, Selminha, olha. Se me procurarem. Avisa à Dália e dá ordem à criada. Eu não estou prá ninguém. Prá ninguém. Prá ninguém.

SELMINHA - Você leu?

ARANDIR - Não. Selminha, não! Eu não estou em estado, compreende? Eu não estou em estado de.

SELMINHA - Arandir, olha prá mim, olha.

ARANDIR - Fala!

SELMINHA - O que o jornal diz. É só isso que eu quero saber. Só isso, meu bem. O que o jornal diz é verdade?

ARANDIR - Saí do emprego.

SELMINHA - Te despediram?

ARANDIR - Eu me despedi. Hoje, cheguei no emprego. Logo que cheguei, começaram com piadinhas. piadinhas. - Parou um automóvel na porta! Não parou um automóvel na porta? Não esta ouvindo?

SELMINHA - Não é aqui!

ARANDIR - Não é aqui?

SELMINHA - No vizinho. Mas que piadinhas?

ARANDIR - Eles me chamaram de viúvo.

SELMINHA - De quê?

ARANDIR - Viúvo! Do rapaz que morreu! Entende? você acha que depois disso?

SELMINHA - E você?

ARANDIR - Eu?

SELMINHA - Você reagiu?

ARANDIR - Eu não podia! Eu não!

SELMINHA - Você devia-lhe ter quebrado a cara!

ARANDIR - Até o chefe. Falou comigo, e olhava para mim. Estava espantado. Espantado. Eu tive a impressão. É um bom sujeito. Um homem de bem. Não sei, mas tive a impressão de que tinha nojo de mim, como se eu!

SELMINHA - Arandir!

ARANDIR - Querida!

SELMINHA - Como tua mulher, eu te peço. Você vai lá amanhã e quebra. Quebra mesmo! A cara do sujeito!

ARANDIR - Eu acho, entende? Acho que, nunca mais, em emprego nenhum. Acho que em todos os empregos, os caras vão me olhar como se. As mesmas piadinhas, em toda parte.

SELMINHA - Ao menos, responde!

ARANDIR - Senta comigo.

SELMINHA - É verdade que?

ARANDIR - Um beijo.

SELMINHA - Primeiro, responde. Preciso saber. O jornal botou que você beijou.

ARANDIR - Pensa em nós.

SELMINHA - Com outra mulher. Eu sou tua mulher. Você beijou na...

ARANDIR - Eu te contei. Propriamente, eu não. Escuta, Quando eu me abaixei. O rapaz me pediu um beijo. Um beijo. Quase sem voz. E passou a mão por trás da minha cabeça, assim. E puxou. E, na agonia, ele me beijou.

SELMINHA - Na boca?

ARANDIR - Já respondi.

SELMINHA - E porque é que você, ontem!

ARANDIR - Selminha.

SELMINHA - Não foi assim que você me contou. Discuti com meu pai! Jurei que você não me escondia nada!

ARANDIR - Era alguém! Escuta! Alguém que estava morrendo. Selminha. Querida, olha! - Um beijo.

SELMINHA - Não!

ARANDIR - Você me nega um beijo?

SELMINHA - Na boca, não!

ARANDIR - Coração, olha. No emprego e aqui na rua. Eu sei que aqui na rua. Ninguém acredita em mim. E, hoje, quando eu sai do emprego. Meu bem, escuta. Fiquei andando pela cidade. Tive a impressão de que todo mundo me olhava. No lotação, em todo lugar, eu acho que me reconheciam pelo retrato. Eu saltava de um lotação e apanhava outro. A mesma coisa. Eu então pensei: -"Bem, mas eu tenho Selminha"! Escuta, Selminha escuta! Eu quero sentir, saber entente! Saber que você está comigo, a meu lado! Você é tudo que eu tenho!

SELMINHA - Oh, cala a boca!

ARANDIR - Barulho. Está ouvindo?

SELMINHA - Nada.

ARANDIR - Abriram o portão. Alguém entrou.

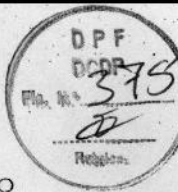
SELMINHA - Não é ninguém.

ARANDIR - Oh, Dália.

DÁLIA - Chorando por quê?

ARANDIR - Nervosa.

DÁLIA - Eu não vou mais Arandir. - Sua bôba! Parece até, nem sei! Faz como eu. Olha! Agora mesmo, eu disse a D. Matilde. Ouviu, Arandir? Quando eu vinha voltando da igreja, encontrei a D. Ma



tilde, essa de. Disse a ela o que não se dia a um cachorro.

Quase que. Disse: - Olha! Limpe a boca. E fique sabendo que meu cunhado é muito mais, mas muito mais homem queu seu marido (Toca a campainha).

ARANDIR - Agora estão batendo!

SELMINHA - Dália, vai atender, vai. Arandir não esta.

DÁLIA - Não está?

ARANDIR - Ninguém, prá ninguém!

SELMINHA - Anda.

ARANDIR Diz que me ama!

SELMINHA - Você sabe.

ARANDIR - Mas eu queria que você repetisse. Me ama? Você não é capaz de repetir que me ama?

DÁLIA - Policia!...

TREVAS

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

O delegado Cunha e Amado Ribeiro estão na casa de um amigo, em Boca do Mato.

CUNHA - Tenha a bondade, minha senhora! Tenha a Bondade!

SELMINHA - O senhor que é o Comissário?

CUNHA - Delegado!

ARUBA - O doutor!

SELMINHA - Eu fui ameaçada! Ameaçada!

CUNHA - Mas minha senhora!

SELMINHA - Esse moço me ameaçou!

ARUBA - Ela quis botar banca! Não queria vir! Resistiu, já sabe!

SELMINHA - Mentira. Doutor, eu apenas, olha. Apenas perguntei: - "Pra onde o senhor me leva"?

CUNHA - Aruba! Você maltratou essa senhora, hem, Aruba?

ARUBA - Não!

SELMINHA - Disse que. Disse! Que se eu gritasse, que eu apanhava na boca! E me torceu o braço. Torceu!

AMADO - Minha senhora, isso é um cavalo! Uma besta!

ARUBA - Besta é você!

AMADO - O cara não dá uma dentro!

CUNHA - Cala a boca! Infelizmente, minha senhora, a polícia tem elementos, que. Retire-se! Peço-lhe, creia que. Saia!

ARUBA - Mas doutor!

CUNHA - E olha! Vou lhe meter uma suspensão!

ARUBA - Cumpri ordens!

CUNHA - Eu não admito, entende? Não admito! Cai fora!

SELMINHA - Eu reclamei porque. Isso aqui não é distrito!

AMADO - Calma, D. Selminha!

SELMINHA - Isso é uma casa!

CUNHA - Exato, exato. Casa. Não nego. Escuta, minha senhora.

SELMINHA - Mas doutor!

AMADO - Um momento!

CUNHA - Pra evitar escândalo. Escuta. Pra evitar escândalo eu preferi aqui.

SELMINHA - Aqui onde?

CUNHA - Aqui, D. Selminha, aqui! Na Delegacia, propriamente, não se pode trabalhar. Está assim de repórter, fotógrafos! Não há mistério, D. Selminha. Estamos em São João de Meriti. Essa casa é de um amigo do Amado Ribeiro. Amado Ribeiro, da "Última Hora"!

AMADO - Prazer.

SELMINHA - O senhor que é Samuel Wainer?

AMADO - Amado Ribeiro.

SELMINHA - Mas o Samuel Wainer não Trabalha na "Última Hora"?

AMADO - Exato.

SELMINHA - Ah, é. E o Carlos Lacerda na "Tribuna da Imprensa".

CUNHA - D. Selminha onde está seu marido?

SELMINHA - Meu marido?

CUNHA - Não responda já! Amado, escuta. Temos um barzinho, ali. A senhora não toma nada? Por exemplo: -não quer tomar um.

SELMINHA - Nada.

AMADO - Nem aguinha?

CUNHA - Apanha lá, Amado.

SELMINHA - Não, não! Muito obrigada.

CUNHA - Não precisa, Amado. Mais calma?

SELMINHA - Sim.

CUNHA - Ou tem medo?

SELMINHA - Um pouco.

CUNHA - Medo de mim? Tem medo de mim, Amado! Demim!

AMADO - D. Selminha, com licença!

SELMINHA - Não é isso! O senhor não me entendeu. Nervosa

CUNHA - Diz pra ela, Amado. Conta! Medo de mim, qual!

AMADO - D. Selminha, aqui o Cunha. Ouviu D. Selminha? Está ouvindo? O Cunha não é como os outros!

CUNHA - Fala, Amado, fala!

AMADO - Posso falar porque. Tenho metido o pau na polícia. Mas o Cunha é um dos raros. Um dos raros, entende? Humano!

CUNHA - Menina, escuta. Pra mim você é uma menina. Mas escuta.

SELMINHA - Em absoluto, eu!

CUNHA - E, de mais a mais, eu sou pai. Antes de tudo, sou pai. O Amado sabe. Eu tenho uma filha. Única.

AMADO - Noiva.

CUNHA - Noiva. Vai-se casar. E quando eu olho pra você, penso na minha filha. Nunca se sabe o dia de amanhã. Vamos que o meu genro. Essas coisas, sabe como é. Casamento é loteria, mas eu, quero 'que você, entende? Você não acha, Amado? Quero que você me veja como um pai. Agora responda: - ainda tem medo de mim?

SELMINHA - Não.

AMADO - Natural.

CUNHA - Podemos conversar?

SELMINHA - Podemos.

AMADO - Pode confiar no Cunha.

CUNHA - É uma pergunta. Uma perguntenha só. O seguinte.

SELMINHA - Pois não.

CUNHA - Onde está seu marido?

SELMINHA - Já

SELMINHA - Não sei.

AMADO - Sabe, D. Selminha.

CUNHA - Ai o meu cacite! Menina, eu lhe falo como um pai! Como um pai!
E se você!

SELMINHA - juro!

CUNHA - Oh porque é que eu tenho uma filha! É minha filha que me impe
de de! Menina, pense bem antes de responder!

SELMINHA - Eu não sei onde está meu marido!

CUNHA - Você está diante da polícia. E olha! Vai dizer a verdade. A ver
dade! Não se engana a polícia!

SELMINHA - Escuta, doutor! Meu marido saiu de casa...

CUNHA - Seu marido fugiu!

SELMINHA - Fugiu como?

CUNHA - Fugiu, entende? Está fuginhdo! Fugindo da Polícia!

AMADO - Não lhe parece que a fuga é. D. Selminha, escuta. A fuga é a
condissão. Confissão!

SELMINHA - O senhor está enganado.

CUNHA - Fugiu!

AMADO - Cunha, calma! Calma!

SELMINHA - Fugir porque se ele não fez nada? Nem conhecia o morto!

CUNHA - Tem certeza? Note bem: certeza? Tem?

SELMINHA - Tenho!

CUNHA - Amado, manda entrar a moça! Vou lhe mostrar que. Ri melhor quem
ri por último.

AMADO - Pode vir! Vem, vem!

CUNHA - Tinha a bondade, minha senhora. Aqui é a viúva do rapaz, o atro
pêlado. A viúva. O tal que seu marido beijou: O tal!

AMADO - A senhora vai repetir aqui. A senhora conhece o Arandir?

VIÚVA - Conheço.

AMADO - Conhece! E conhece de onde?

VIÚVA - Deminha casa.

AMADO - Frequentava sua casa. Muito bem. Ia lá! Agora conta aquilo. A-
quilo que a senhora me contou. Aquilo, sem!

CUNHA - Presta atenção.

VIÚVA - De fato. Uma vez, ele foi lá em casa. Foi lá em casa e os dois.

AMADO - Os dois. Continue!

VIÚVA - Os dois tomaram banho juntos.

SELMINHA - Meu marido?

AMADO - Madame, muito obrigado. Pode ir.

SELMINHA - Mas escuta. Vem cá!

CUNHA - Não, senhora. Quem interroga aqui somos nós! A senhora não se
mete!

AMADO - D. Selminha, o banho é um detalhe mas que basta! Pra mim basta!
O resto a senhora pode deduzir.

SELMINHA - O senhor quer dizer que meu marido!...

AMADO - Exatamente!

CUNHA - Seu marido, dim! Seu marido ! Batata!

AMADO - Ou a senhora prefere que eu fale português calro?

SELMINHA - Prefiro. Fale, sim! Fale português claro!

AMADO - Bem. É o seguinte.

CUNHA - Escracha! Escracha que eu já estou de saco cheio!

AMADO - A Polícia sabe que ha via. Havia entre seu marido e a vitima ' uma relação íntima.

SELMINHA - Relação íntima?

AMADO - Uma intimidade, compreendeu? Um tipo de intimidade que não po de existir entre homens. Um instante, Cunha. A viúva já descon fiava. O negócio do banheiro, entede? E quando leu o beijo no ' asfalto, viu que era batata. Basta dizer o seguinte: -- ela, sim a viúva! Não foi ao cemitério!

CUNHA - Menina, olha. Está na cara que seu marido não é homem.

SELMINHA - Eu estou grávida!

AMADO - Quem?

SELMINHA - Eu! É homem! Eu estou grávida! E outra coisa. Agora vocês ' vão me ouvir. Vão me ouvir. O meu marido foi a Caixa Econô mica. Um momento! Foi lá por uma jóia no prego!

CUNHA - Escuta.

AMADO - Deixa ela falar!

SELMINHA - E falo, sim! Foi pôr a jóia, sabe pra quê? Porque ele me pe diu pra tirar. Tirar o filho. Meu marido acha que a gravidez estraga a lua de mel! pregudica! E como eu. Eu nunca tive ' barriga. Seria uma pena que a gravidez. Ele então preferia ' que mais tarde e já não. Foi na Caixa Econômica apanhar o dinheiro do aborto.

AMADO - Mas e daí?

SELMINHA - Ou senhor não entende que? Eu conheço muitas que é uma vez ' por semana, duas e, até, 15 em 15 dias. Mas meu marido todo o dia! Todo dia! Todo dia! Meu marido é homem! Homem!

CUNHA - Você nunca ouviu falar em gilete? Em barca de cantareira?

SELMINHA - O quê?

CUNHA - Gilete! Barca da cantareira!

SELMINHA - Seus indescuentes! Indecentes! E você! Você é pai! Sua filha é noiva e olha! Tomara que o noivo de sea filha seja tão ' homem como o meu marido!

CUNHA - Ó sua! Lhe quebro os cornos!

AMADO - Espera! Calma! Tira a roupa! Fica nua. Tira tudo!

Casa de Selminha.

DÁLIA - Oh, papai!

APRÍGIO - Onde está tua irmã?

DÁLIA - Presa!

APRÍGIO - Quem?

DÁLIA - Presa!

APRÍGIO - Prenderam? Não chora! Fala!

DÁLIA - A polícia esteve.

APRÍGIO - Não chora! A polícia?

DÁLIA - Esteve e perguntou, primeiro. Primeiro perguntou por Arandir. Eu disse que Arandir não estava. Então, levaram a Selminha!

APRÍGIO - Pra onde?

DÁLIA - Sei lá! Papai! Sei lá!

APRÍGIO - Menina chata! Pára de chorar! E meu genro? Onde é que está o meu genro?

DÁLIA - Papai, quando a polícia chegou! Ouviu, papai?

APRÍGIO - O cúmulo!

DÁLIA - Arandir escondeu-se no meu quarto!

APRÍGIO - Escondeu-se?

DÁLIA - Escuta, aqui, Ficou lá até que. Ou o senhor queria que Arandir fosse preso?

APRÍGIO - Meu genro não pode ser preso, minha filha, pode!

DÁLIA - Papai, não isso!

APRÍGIO - Mas olha! Olha!

DÁLIA - Papai, escuta!

APRÍGIO - Onde está o canalha do meu genro?

DÁLIA - O que?

APRÍGIO - O canalha do meu genro*

DÁLIA - Arandir não é canalha.

APRÍGIO - Você ainda!

DÁLIA - O senhor não! Não pode chamar!

APRÍGIO - Chamo! Posso chamar! Perfeitamente! Um canalha que. Se esconde e larga a mulher! Dá o fora, a mulher que se dane! E tudo por que? Porque esse pulha!

DÁLIA - Não, papai, não!

APRÍGIO - Esse pulha. Na minha frente. Nem respeitou a minha presença. Na minha frente, sim! Na frente de toda a cidade. Toda a cidade estava lá, vendo, espiando! E ele beijou na boca um homem! Por isso, Selminha. Selminha foi presa!

DÁLIA - Papai, o senhor não entende!

APRÍGIO - Um genro que!

DÁLIA - Ouve, papai. Arandir explicou!

APRÍGIO - Mentira!

DÁLIA - Conheço, papai! E Arandir, olha. Se fez isso. Papai escuta. Fez isso porque. Teve pena! Foi a caridade. Arandir tem um coração, papai!

APRÍGIO - Humilhou minha filha!

DÁLIA - E o rapaz antes de morrer. Ele não podia recusar. Antes de morrer, o rapaz pediu o beijo. Antes de morrer.

APRÍGIO - Antes de morrer?

DÁLIA - Pediu.

APRÍGIO -

APRIGIO - Agora você vai me ouvir!

DALIA - Papai, eu!

APRIGIO - Cala a boca! Eu estava junto de meu genro. Quando ele se abaixou, eu estava do lado. E vi e ouvi tudo. Olha! Ninguém pediu nada! O rapaz já estava morto!

DALIA - Morto?

APRIGIO - Morto. Meu genro te contou que. Mentira! O rapaz não disse uma palavra. Estava morto. De olhos abertos e morto.

DALIA - Não acredito.

APRIGIO - Meu genro mentiu pra você e pra Selminha.

DALIA - Arandir não mente!

APRIGIO - Beijou porque quis e não era um desconhecido. Eram amantes!

DALIA - Não! Não!

APRIGIO - Amantes!

DALIA - Papai, descobri o seu segredo.

APRIGIO - Que segredo!?

DALIA - Descobri!

APRIGIO - Não tenho segredo nenhum! Nem admito. Ouviu? Nem admito!

DALIA - Quer que eu diga?

APRIGIO - Cala essa boca! Ou, então, diz. Pode dizer. Se você sabe, diz, Qual é o meu segredo?

DALIA - O senhor não gosta de Selminha como pai.

APRIGIO - Como o quê?

DALIA - Gosta como. É amor. Amor de homem por mulher.

APRIGIO - Amor de homem por mulher? E é esse o segredo? Meu segredo é esse?

DALIA - Por isso o senhor odeia Arandir!

APRIGIO - Pensei que. Mas quem sabe? Talvez você tenha ... Realmente, quando uma filha se casa, o pai é um pouco traído. Não deixa de ser traído. O sujeito cria a filha para que um miserável venha e. Em certo sentido. Selminha cometeu um adultério contra mim! Boa! Boa!

Quarto de Amado Ribeiro.

AMADO - Quem? Quem? Falar comigo? Olha! Manda subir. Sobe, sobe!

AMADO - O senhor é?

APRIGIO - O sogro de.

AMADO - O sogro, exatamente. Eu estava reconhecendo. Graças a Deus, sou bom fisionomista.

APRIGIO - Boa noite.

AMADO - Desculpe o esculhambação. O quarto está uma bagunça.

APRIGIO - Absolutamente.

AMADO - Estou safado da vida. Imagine que, a arrumadeira, uma preta gor

da. Emprenhou. Ela faz aborto em si mesma. Com talo de mamona. Não deixa de ser uma solução. Mas parece que, desta vez, houve perfuração. Perfuração. Está morre, não morre. Vai morrer. Mas olha cá: - eu não tenho nada com o peixe. O filho não é meu! ' Vamos nós. Qual é o drama?

APRIGIO - Seu Amado, eu desejava, aliás.

AMADO - É sobre o beijo do asfalto?

APRIGIO - Propriamente.

AMADO - Meu amigo, com licença. Um momento. O senhor veio me cantar?

APRIGIO - Mas cavalheiro.

AMADO - Veio me cantar. Um momento. Claro. Veio me Cantar. E eu não quero. Em absoluto. Meu amigo, eu sou batata, entende? E não me vendo!

APRIGIO - O senhor não me entendeu.

AMADO - Sou macaco velho!

APRIGIO - Queria apenas, entende? Ter uma conversa. Uma coversa, a propósito de...

AMADO - Escuta, nossa amizade, escuta! Fala um de cada vez. Essa conversa. É velha pra chuchu! A única coisa que me compra é mulher! E magra!

APRIGIO - Seu Amado.

AMADO - As magras! As magras. Sem alusão à sua filha. Magrinha, sua filha. Vou lhe contar uma passagem. Eu tive uma dona, uma cara, nem sei que fim levou. O corpo de sua filha, direitinho. Sem Barriga nenhuma. Na cama, era bárbara! Subia pelas paredes assim como uma lagartixa profissional! Magrinha, ossuda!

APRIGIO - O senhor quer me ouvir?

AMADO - Como é mesmo sua graça?

APRIGIO - Aprigio.

AMADO - Aprigio, agora é tarde! Tarde!

APRIGIO - Mas eu ainda não disse nada! Eu queria, justamente.

AMADO - O senhor vai dizer que é mentira. Que é uma mistificação colossal. Não sei o que lá. Não adianta. O jornal está rodando. Rodando. Tem uma manchete do tamanho de um bonde. Assim: - "O Beijo no Asfalto foi crime! Crime!"

APRIGIO - Crime?

AMADO - Crime! E eu provo! Quer dizer, dei lá, com todas as letras :
- CRIME!

APRIGIO - Mas eu não entendo!

AMADO - Aprigio, você não me compra. Pode me cantar. Me canta! Canta? Eu não me vendo! Eu botei que. Presta atenção. O negócio é bem bom pra chuchu! Botei que teu genro esbarrou no rapaz. Mas não esbarrou! Aí é que está. Não esbarrou. Teu genro empurrou o rapaz; o amante debaixo do loteação. Assassinato. Ou não é? Aprigio, a pederastia faz vender jornal pra burro! Tiramos hoje, es

tá rodando, trezentos mil exemplares! Crime, batata!

APRIGIO - Tem certeza?

AMADO - São outros quinhentos! Sei lá! Certeza, propriamente. A única coise que sei é que estou vendendo jornal como água. Pra chuchu.

APRIGIO - Já vou.

AMADO - Vem cá. Escuta aqui. Sabe que. Sinceramente. Se eu fosse você. Um pai. Se tivesse uma filha e minha filha casasse com um cara assim como o. Entende? Palavra de honra! Dava-lhe um tiro na cara!

APRIGIO - Você quer vender mais jornal?

AMADO - Fora de brincadeira. Não é piada. Sério. E olha. A absorvição seria a maior barbada. Nenhum juiz te condenaria, nenhum! Escuta Aprigio. O Arandir não é homem pra. Não é homem pra tua filha. Ela é magra e tão sem. Sem barriga. Um certo histerismo na mulher. E D. Selminha. Esse cara não aguenta o repuxo com ta filha.

APRIGIO - Bêbado imundo!

AMADO - Vem cá, seu! Vem cá! Filho da... Seu bêbado. Bêbado e pau de rara.

AMADO - Mas parei a cidade! Só se fala do "Beijo no Asfalto"! Eles têm que me respeitar! Tem que respeitar! Eu não dou bola! Não dou pelota!

Casa de Selminha.

SELMINHA - Quem era?

DALIA - Arandir!

SELMINHA - E só telefona agora?

DALIA - Selminha você está nervosa.

SELMINHA - Passa uma noite e um dea sem telefonar!

DALIA - O telefone aqui está desligado!

SELMINHA - Fala!

DALIA - Arandir telefonou.

SELMINHA - Arandir.

DALIA - Escuta. Está num hotel.

SELMINHA - Hotel?

DALIA - Mandou dizer que.

SELMINHA - Mas que hotel?

DALIA - E te espera lá. Disse que.

SELMINHA - Onde?

DALIA - O endereço. Eu tomei nota. É no.

SELMINHA - E quer que eu vá lá!

DALIA - Arandir pediu. Olha, Selminha, pediu que você fosse imediatamente. Agora. Fosse agora. O endereço. Está escondido num hotel. A rua é.

SELMINHA - Dalia, escuta. É claro que eu. Mas todo o mundo! Todo o mun

do acha, tem certeza. Certeza! Que os dois eram amantes!

DALIA - É uma gente que nem sei!

SELMINHA - Amantes!

DALIA - Mas. O Arandir mandou dizer que o hotel. O hotel é pertinho do Largo de São Francisco. Olha. Escolheu, de propósito, está ou vindo. Selminha? Selminha, ouve, escolheu um hotel ordinário, porque dá menos na vista. Agora vai, Selminha, vai.

SELMINHA - Vou.

DALIA - Apanha um táxi.

SELMINHA - E se a polícia me seguir?

DALIA - Arandir está esperando!

SELMINHA - E daí?

DALIA - Você é a mulher!

SELMINHA - Mas se eu for presa. Você quer que eu seja presa. E que façam outra vez aquilo comigo, outra vez?

DALIA - Selminha!

SELMINHA - Nunca pensei que. Me puseram nua! Fiquei nua pra dois sujeitos!

DALIA - Mas não vá contar isso pra o Arandir!

SELMINHA - E o miserável, o cachorro ainda me disse que me queimava o seio com o cigarro! Nua! Nua!

DALIA - Você vai?

SELMINHA - Vou. Claro que vou. Eu disse que ia e vou. Mas olha. E se ele quiser me beijar?

DALIA - Ora, Selminha!

SELMINHA - Vai me beijar é eu! Quando a viúva disse. Cara a cara comigo Que tinham tomado banho juntos.

DALIA - Nem se conheciam!

SELMINHA - Uma coisa que me dá vontade de morrer. Como é que um homem pode desejar outro homem. Dalia, você entende? Entende eu? Sei que agora quando um homem olhar para o meu marido, vou desconfiar de qualquer um Dalia! Aliás, Arandir tem certas coisas. Certas delicadezas! E outra que eu nunca disse a ninguém. Não disse por vergonha. Mas você sabe que a primeira mulher que Arandir conheceu fui eu. Acho isso tão! Casou-se Tão virgem como eu, Dalia!

DALIA - Arandir só tem você!

SELMINHA - Se eu for, já sei. Ele vai querer beijar. Na certa. Eu não quero um beijo sabendo que... O beijo do meu marido ainda a saliva do outro homem!

Quarto do Hotel onde Arandir se encontra.

ARANDIR - Selminha não veio?

DALIA - Arandir, olha.

ARANDIR - Não vem?

DALIA - Eu acho que.

ARANDIR - Minha mulher não vem? Não quer vir? Fala! Olha pra mim.
não vem? Diz pra mim? Não vem?

DALIA - Espera.

ARANDIR - Dalia, eu preciso de minha mulher. Preciso. O jornal me chama de assassino. Assassino, Dalia! Você acha que eu sou assassino?

DALIA - Arandir eu só acredito em você.

ARANDIR - Mas eu preciso de Selminha! Vai Dalia e diz à Selminha. Pede. Traz Selminha. Não tenho ninguém, Estou só.

DALIA - E eu?

ARANDIR - Ninguém! Olha o que o jornal diz. Está aqui.

DALIA - Joga fora esse jornal!

ARANDIR - Diz lá que eu empurrei o rapaz. Como se eu. E não estendo a 'viúva. Será que esbarrei no rapaz? Sem querer, claro. Mas nem isso. Tenho certeza, Dalia. Não toquei no rapaz. Uma senhora vinha em sentido contrário. O rapaz estava em cima do meio-fio. Aqui. Eu me desviei da senhora. Mas não cheguei a tocar no rapaz. Dalia, vai chamar Selminha! É minha mulher! Quero Selminha aqui!

DALIA - Não vem.

ARANDIR - Quem?

DALIA - Selminha.

ARANDIR - Não vem.

DALIA - Arandir, Selminha mandou dizer. Não vem.

ARANDIR - Nunca mais?

DALIA - Arandir, olha.

ARANDIR - Responde! Nunca mais?

DALIA - Nunca mais.

ARANDIR - Nunca mais. Quer dizer que. Me chamam de assassino e. Eu sei o que "eles" querem, esses cretinos! Querem que eu duvide de mim mesmo! Querem que eu duvide de um beijo que. Eu não dormi Dalia, não dormi. Passei a noite em claro! Vi amanhecer. Só pensando no beijo do asfalto! Perguntei a mim mesmo, a mim, mil vezes: - se estrasse aqui, agora, um homem. Um homem. E. Não! Nunca! Eu não beijaria na boca um homem que.

ARANDIR - Eu não beijaria um homem que não estivesse morrendo! Morrendo aos meus pés! Beije porque! Alguém morria! "Eles" não percebem que alguém morria?

DALIA - Selminha te odeia!

ARANDIR - Odeia. Por isso é que recusou. Recusou o meu beijo. Eu quis beijar e ela negou. Negou a boca. Não quis o meu beijo.

DALIA - Eu quero!

ARANDIR - Você?

DALIA - Selminha não te beija, mas eu.

ARANDIR - Dalia.

DALIA - Te beije.



ARANDIR - Menina!

DALIA - Agora me beija, você. Beija.

ARANDIR - Eu amo Selminha!

DALIA - Eu me ofereço e Selminha não veio e eu vim.

ARANDIR - Dalia, eu mato tua irmã. Amo tanto que. Eu ia pedir à sua irmã para morrer comigo.

DALIA - Morrer?

ARANDIR - Eu e Selminha! Mas ela não veio!

DALIA - Eu morreria.

ARANDIR - Comigo?

DALIA - Contigo! Nós dois! Contigo! Eu te ama!

ARANDIR - Morrer.

DALIA - Eu não te julgaria nunca. Eu te perdoaria sempre! Acredito em ti. Só acredito em ti.

ARANDIR - Oh, graças! Graças!

DALIA - Diz pra mim. Eu não te julgo. Não te condeno. Responde : - você o amava?

ARANDIR - O que?

DALIA - Amava o rapaz? Pode dizer. Escuta. Você era amante do rapaz? Do atropelado?

ARANDIR - Amante?

DALIA - Querido! Pode dizer a mim. A mim, pode dizer. Confessar. Escuta escuta! Meu bem, eu não sou como Selminha. Selminha não compreende, nem aceita. Eu aceito. Tudo! Fala. Eu não mudo. Serei a mesma! Fala!

ARANDIR - Você é como os outros. Igual aos outros. Não acredita em mim. Pensa que eu. Saia daqui. Saia.

APRIGIO - Saia, Dalia! Vim aqui para.

ARANDIR - Está satisfeito?

APRIGIO - Vim aqui.

ARANDIR - Está satisfeito? O senhor é um dos responsáveis. Eu acho que é o senhor. O senhor que está por trás...

APRIGIO - Quem sabe?

ARANDIR - Por trás desse repórter. O senhor teve a coragem, a coragem de. Ou pensa que eu não sei? Selminha me contou. Contou tudo! O senhor fez insinuações! Insinuações! A meu respeito!

APRIGIO - Você quer me.

ARANDIR - O senhor fez tudo! Tudo pra me separar de Selminha!

APRIGIO - Posso falar?

ARANDIR - O senhor não queria o nosso casamento !

APRIGIO - Escuta! Vim aqui saber! Escuta! Você conhecia esse rapaz?

ARANDIR - Nunca vi.

APRIGIO - Era um desconhecido?

ARANDIR - Juro! Por tudo que há de mais! Que nunca, nunca!

APRIGIO - Mentira.

ARANDIR - Vi pela primeira vez!

APRIGIO - Cínico! Escuta! Você conhecia o rapaz. Conhecia! Eram amantes
E você matou. Empurrou o rapaz!

ARANDIR - Deus sabe!

APRIGIO - Eu não acredito em você. Ninguém acredita. Os jornais, as rá-
dios! Não há uma pessoa, uma única, em toda a cidade. Ninguém!

ARANDIR - Ninguém acredita, mas eu! Eu acredito. Acredito em mim!

APRIGIO - Você. Olha!

ARANDIR - Selminha há de acreditar!

APRIGIO - Cala a boca! Eu te perdoaria tudo! Eu perdoaria o casamento .
Escuta! Ainda agora, eu estava na porta ouvindo. Ouvi tudo .
Você tentando seduzir a minha filha menor!

ARANDIR - Nunca!

APRIGIO - Mas eu perdoaria, ainda. Eu perdoaria que você fosse espiar o
banho da cunhada. Você quis ver a cunhada nua.

ARANDIR - Mentira!

APRIGIO - Eu perdoaria tudo. Só não perdôo o beijo no asfalto. Só não
perdôo o beijo que você deu na boca de um homem!

ARANDIR - Selminha!

APRIGIO - Pela última vez, diz! Eu preciso saber! Quero a verdade! A
verdade! Vocês eram amantes? Mas não responda. Eu não acredi-
to. Nunca, Nunca, eu acreditei. Ninguém acredita!

ARANDIR - Vou buscar minha mulher.

APRIGIO - Não se mexa! Fique onde está!

ARANDIR - O senhor vai.

APRIGIO - Você era o único homem que não podia casar com minha filha !
O único!

ARANDIR - O senhor me odeia porque. Deseja a própria filha. É paixão .
Carne. Tem ciúmes de Selminha.

APRIGIO - De você! Não de minha filha. Ciúmes de você. Tenho! Sempre .
Desde o teu namoro, que eu não digo o teu nome. Jurei a mim
mesmo que só diria teu nome a teu cadáver. Quero que você mor-
ra sabendo. O meu ódio é amor. Porque beijaste um homem na bo-
ca? Mas eu direi o teu nome. Direi a teu cadáver.

APRIGIO - Arandir! Arandir! Arandir!

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 435

PARECER Nº 033 / 87

TÍTULO: " O BEIJO NO ASFALTO "

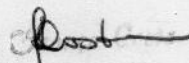
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS.

AUTOR: NÉLSON RODRIGUES.

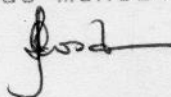
Ao proceder ao confronto do presente texto da referida peça teatral com aquele constante as fls. 276, constatamos que, muito embora a ausência de marcação e de parte de um diálogo, o trecho não apresenta nenhuma mudança substancial.

Isto posto, sugerimos seja mantida a impropriedade atribuída no Certificado de Censura nº 1.210 /84, condicionada ao exame do ensaio geral.

Brasília, 26 de maio de 1987.


J. Soares
CF - M12.416.930

Obs: Violência sugerida e temática complexa - justificativa de impropriedade constante do mencionado certificado.



TEATRO



TÍTULO * O BEIJO NO ASFALTO *

AUTOR DA PEÇA: ** NELSON RODRIGUES *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 18 ANOS *

Praça * SCDB/SR/DF *

Obs.:

DF. 18 / MAIO / DE / 1987

*Adilson ****
Resp. pela elaboração do Processo
Adilson ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Ào SC,
Vossa solicitação de cumprimento da peça teatral em causa (fls 350).
É efetuada o que se postula não se constatarem alterações, tudo em ordem (fls 388):

Assim sendo, pode o processo certificado ser emitido consoante o mesmo documento juntado às fls 348.
Brasília-DF 26 de maio de 1987

José Dauriny Cardoso
SF - Matr. 2093417

Chefe da CTC/SC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

De acordo. A consideração superior.
Em: 27 de 05 de 1987

Vilma Helena Sanan Domingos
Vilma Helena Sanan Domingos
Chefe do SC - DCDP
Substituto

Em ____ de ____ de 1.9__

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma de parecer

nº 033/87

Em 29/5/1987

Raymundo Custódio de Mesquita
Raymundo Custódio de Mesquita
Diretor da DCDP/DPF
em exercício



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº 1.210	EMIÇÃO 29 MAIO 1987	VALIDADE 30 AGOSTO 1989
--------------------------------	-------------------------------	-----------------------------------

TÍTULO O BEIJO NO ASFALTO

AUTOR (ES) NELSON RODRIGUES

CLASSIFICAÇÃO 18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE VIOLÊNCIA SUGERIDA E TEMÁ TICA COMPLEXA.
--

[Assinatura]
 RAYMUNDO EUSTÁQUIO DE MESQUITA
 Diretor da DCDP - em exercício
 ASSINATURA

TÍTULO: **O BEIJO NO ASFALTO**

ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

CERTIFICADO Nº **1.210**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: **ANTONIO FÁBIO DE SOUZA OLIVEIRA** ***BRASÍLIA/DF***

DECISÃO: **IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONA
DA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ
VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE
CARIMBADO PELA DCDP.**

[Assinatura]
 VILMA HELENA SANAN DOMINGOS
 Chefe do SC/DCDP-Subst.

ASSINATURA

Brasília, 29 DE MAIO

DE 1987.

GRC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 438

452/87-SE/DCIP

29/05

87

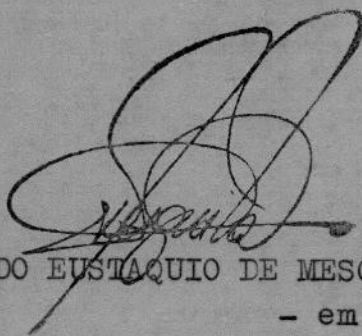
Senhor Chefe do SCDP/SR/DF

O BEIJO NO ASFALTO

Nelson Rodrigues

Chefe:

em Brasília - DF



RAYMUNDO EUSTAQUIO DE MESQUITA

- em exercício

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 438

25226

1 JUN 11 44 005584

DUP

DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

DE SAO PAULO SP 10266 35 040687 1025P

DCDP BSA

NR. 10266/SCDP/SR/DPF/SP-040687 VG SOL INFO CLASS ET PRAZO VAL
CERT PEÇAS TEATRAIS BIPT "O GENRO QUE ERA NORA" DE AURIMAR RO-
CHA VG "A ILHA" DE ATHOL FUGAR VG "BEIJO NO ASFALTO" DE NEL-
SON RODRIGUES VG "O LIVRO ENCANTADO" DE SERGIO CARDOSO PT

CH SCDP/SR/DPF/SP

ARQUIVO/DCDP

nada consta ref. as peças:

A ILHA
O LIVRO ENCANTADO

NNNN
TR/GL 04-11393
DITEL BSA

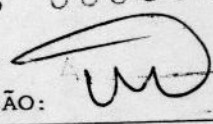
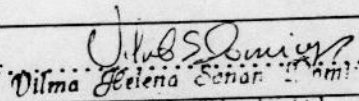
- 96 -

[Signature]

Chefe - Gabinete de Trabalho - DCDP

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL			PARA USO DA ESTAÇÃO	
PREÂMBULO	Espécie: OFICIAL	Número.....	Data: 5 JUN 17 23	Nº 005584
	Origem.....	Palavras.....	Hora:.....	
ENDEREÇO	SCDP/SR/SPO/SP			POSIÇÃO: 
				QUITACÃO HRS: OPR:
TEXTO A TRANSMITIR	Nº 329/DCDP de 05 06 27 RERA NR 10266/SCDP/SP 040687 VG INFO PEÇAS "O GENRO QUE ERA NORA" LIB DEZESSEIS ANOS CERT VAL 280989 J.I. CONFLITOS FAMILIARES/HOMOSSEXUALISMO PTVG "O BEIJO NO ASFALTO" LIB DEZOITO ANOS CERT VAL 300889 J.I. VIOLENCIA SUGERIDA ET TEMATICA COMPLEXA PT NADA CONSTA "A ILHA" ET "O LIVRO ENCANTADO" PT DCDP			
Assinatura ou rubrica do expedidor:  Dilma Rousseff Chefe do SC - L.D. Substituto				

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190 p.441



SERTEL/SR/SPG
DITEL BSA

SAO PAULO 16685 030 141615

DCDP/DPF/BSA

NR 16685 DE 14-09-87 - SCDP/DPF/SR/SP PT SOL INFO CLASS ET
PRAZO DE VAL CERT PEÇAS TEATRAIS BIPT " SONHO DE VANSANIE DE
IVAN AUGUSTO PEREIRA VG " ROMARIA ^{nie} DE MIORE SILVEIRA ET
RUTH GUIMARAES VG " UM GATO DE BOTAS ^{nie} DE GILDA VANDENBRANDE
VG " BEIJO NO ASFALTO " DE NELSON RODRIGUES VG " TURMA DO
ARCO IRIS ^{nie} DE ALFREDO RIBEIRO E MARIO FARCI PTF

SCDP/DPF/SR/SP

NNNN

T/AC1417006

DITEL BSASURP FNOB/SR/SP

ARQUIVO/DCDP

Conta registro da peça: Buro no asfalto.
Nada consta quanto às demais.

ashe
Márcia Montenegro L. Macedo
Mat. 6190667
Chefe - Subst. do ARQUIVO/DCDP

Recebido às 17:30

em 16/09/87 (guia 1297)

mat. 6190636 @

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PRÉAMBULO

Espécie: OFICIAL

Número.....

Data: 170987

Hora: 13:20

Origem.....

Palavras.....

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS:

OPR:

ENDEREÇO

SCDP/SR/SPO/SP

NOME E CARGO DO EXPEDIDOR FECHANDO O TEXTO. ESCREVER SEPARANDO AS LINHAS COM 2 ESPAÇOS
TEXTO A TRANSMITIR

Nº 540/DCDP de 17 - 09 - 87 — RERA NR 16685/SCDP/SP DE 140987 VG IN-
FO PEÇA "O BEIJO NO ASFALTO" LIB DEZOITO ANOS CERT VAL 300889 J.I.
VIOLENCIA SUGERIDA ET TEMATICA COMPLEXA PT DEMAIS PEÇAS NADA CONSTA
PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor

Wilma

Alexandra Sanches Domingos

Chefe do SC - DCDP

Substituto

S
E
R
P
R
O

NUMERO DE IDENTIFICAÇÃO

--- SENAPRO ---

08202.002915/88-55

16 MAI 10 30 0000000

DCDP / BSB
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ofício nº 1.061 /88-SCDP/SR/DPF/DF

Brasília-DF., 10 de maio de 1.988.

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/SR/DPF/DF

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas/DPF

Assunto: Encaminhamento

Senhor Diretor:

Encaminho a V. Sa., para efeito de arquivamento nessa Divisão, os processados, abaixo relacionados, referentes às peças teatrais examinadas e liberadas por este Serviço:

- "TRÊS VEZES VINTE E UM DE ABRIL - AUTO DOS PREDESTINADOS", de autoria de Poty Z. Peregrino.
- "MAGAZINE 52", de autoria de Gustavo Pacheco.
- "PEDRO E JULIANA", de autoria de Nielson Menão.
- "MARÍLIA, A LOUCA DA CORTE", de autoria de Numa Ahmad Yousef.
- "DUPLOS", de Fernando Rocha, Fernando Villar, Francisco Rocha, Robson Graia e Ulisses Pasmadjian.
- "QUEM NÃO TEM COLÍRIO", de autoria coletiva Grupo Urbano Vive.
- "FLOR DO CAMPO", de autoria de Altimar Pimentel.
- "ARMANDINE", de autoria de Marcel Aimé.
- "EU MATEI DULCINA", de autoria de Alexandre Ribondi.
- "FALA BAIXO, SENÃO EU GRITO", de autoria de Leilah Assunção.
- "DU VENT DANS LES BRANCHES DE SASSAFRAS", de autoria de René de Obaldia.
- "BARRELA", de autoria de Plínio Marcos (complementação de documentos).
- "A VIAGEM DE UM BARQUINHO", de Sylvia Ortoff (complementação de documentos).
- "O BEIJO NO ASFALTO", De Nelson Rodrigues (complementação de documentos).

Cordialmente,

Sergio Roldan de Oliveira
Chefe do SCDP/SR/DPF/DF

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/SR/DF

O abaixo assinado, ANTONIO FABIO DE SOUZA OLIVEIRA
C. Identidade nº 1647.790 SSP/BA, telefone 225.5878
representante da produção do espetáculo "O REIJO NO ASFALTO"
..... de autoria de Nelson Rodrigues
....., cujo texto obteve liberação Censória, vem
respeitosamente requerer a V. Sa. o exame do ensaio geral da apre-
sentação citada, se possível, no dia 18/06/87, às 20 horas,
na sala Teatro da Praça/Ent., endereço Tagus-
tinga-Centro, para o que se com-
promete a expor texto, marcação, encenação, cenário, vestuário, i-
luminação, etc., iguais aos que serão exibidos ao público.

Nestes termos

pede deferimento

Brasília, 10 de junho de 87

Antonio Fabio de Souza Oliveira
(assinatura)

PRIMEIRO ATO

Distrito policial correspondente à Praça da Bandeira. Sala do Delegado Cunha.

ARUBA - O Amado Ribeiro está lá embaixo!

CUNHA - Lá embaixo?

ARUBA - Com o comissário. Disse que.

CUNHA - Arubinha, olha. Você vai dizer a esse muleque!

ARUBA - Está com fotografia e tudo!

CUNHA - Diz a ele, ouviu? que se ele. Porque ele não me conhece esse cáchorro!

AMADO - O famoso cunha!

CUNHA - Você?

AMADO - Eu.

CUNHA - Retire se!

AMADO - Cunha, um momento! Esduta!

CUNHA - Saia!

AMADO - Tenha uma bomba prá ti! Uma bomba!

ARUBA - Vem, Amado!

AMADO - Tira a mão!

CUNHA - Escuta aqui. Ou será que. Então você me espinafra!

AMADO - Ouve, Cunha!

CUNHA - Me espinafra pelo jornal. E ainda tem a coragem!

AMADO - Com licença!

CUNHA - Não dou licença nenhuma! Estou besta, besta! Com o teu caradurismo! Tem a coragem de por os pés no meu gabinete! Eu devia, escuta. Devia, bom! Por tua causa, o chefe me chamou!

AMADO - Cunha, deixa eu falar!

CUNHA - O chefe me disse o que não se diz a um cachorro! Na mesa dele, na mesa, estava a tua reportagem. O recoste da tua reportagem!

AMADO - Cunha, tenho uma bomba!

CUNHA - De mais a mais, você sabe Amado. O Aruba também sabe. Aquilo que você escreveu é mentira!

AMADO - Ô Cunha, sossega! O que é que há?

CUNHA - Mentira, sim, senhor! Mentira! Eu não dei um chute na barriga da mulher! Mentira sua! Mentira! Dei um tapa! Um tabefe! Assim. O Aruba viu. Não foi um tapa?

ARUBA - Um tapa!

CUNHA - Um tapa. Ela abortou, não sei porque. Azar. Agora o que eu não admito. Não admito, fica sabendo. Que eu seja esculacha do, que receba um esculacho por causa de um muleque, um patife come você! Patife!



AMADO - Eu não me ofendo!

CUNHA - Pois se ofenda!

AMADO - Acabou?

CUNHA - Amado Ribeiro, escuta eu tenho uma filha. Noiva. Uma filha noiva. Agradeça a minha filha, eu não te dar um tiro na cara.

AMADO = Deixa de ser burro, Cunha!

CUNHA - Suma!

AMADO - Quem vai sair é o Aruba!

ARUBA - Você é besta!

CUNHA - Não admito...

AMADO - Manda ele cair fora! Vai, vai! Desinfeta!

ARUBA - Quem é você, seu!

CUNHA = Desinfeta!

ARUBA - Mas doutor!

CUNHA - Fira, daquele!

AMADO - Vamos nós.

CUNHA - Não quero conversa.

AMADO - Senta.... Cunha, escuta. Vi um caso agora. Ali, na Praça da Bandeira. Um caso que. Cunha, ouve. Esse caso pode ser a tua salvação!

CUNHA - Estou mais sujo do que pau de galinheiro!

AMADO - Porque você é uma besta, cunha. Você é o delegado mais burro do Rio de Janeiro.

CUNHA - Não pense que. Você não se ofende, mas eu me ofendo.

AMADO - Senta!

CUNHA - Te dou um tiro!

AMADO - Você não é de nada. Então, dá. Dá! Quêê?

CUNHA - Qual é o caso?

AMADO - Olha. Agorinha, na Praça da Bandeira. Um rapaz foi atropelado. Estava juntinho de mim. Nessa distância. O fato é que caiu. Vinha um loteação raspando. Rente ao meio-fio. Apanha o cara. Em cheio. Joga longe. Há aquele bafafá. Corre pré cá, prá lá. O sujeito estava lá, estendido, morrendo.

CUNHA - E daí?

AMADO - De repente, um outro cara aparece, ajoelha-se no asfalto, ajoelha-se. Apanha a cabeça do atropelado e dá-lhe um beijo na boca.

CUNHA - Que mais?

AMADO - Só.

CUNHA - Quer dizer que. Um sujeito beija outro na boca e. Não houve mais nada. Só isso?

AMADO - Só isso!



CUNHA - Não entendo.

AMADO - Sujeito burro! Escuta, escuta! Você não quer se limpar?
Hein? Não quer se limpar?

CUNHA - Quer!

AMADO - Pois esse caso.

CUNHA - Mas...

AMADO - Não interrompe! Ou você não percebe? Escuta, rapaz! Esse caso pode ser a tua reabilitação e olha: Eu vou vender jornal prá burro!

CUNHA - Mas como reabilitação?

AMADO - Manja. Quando eu vi o rapaz dar o beijo. Homem beijando homem. No asfalto. Praça da Bandeira. Gente assim. Me deu um troço, uma idéia genial. De repente. Cunha, vamos sacudir essa cidade! Eu e você, nós dois! Cunha.

CUNHA - Nós dois?

AMADO - Nós dois! Olha: -O rapaz do beijo, sim o que beijou, está lá embaixo, pretando declarações! Embaixo!

Casa de Selminha no Grajaú. Presentes o pai de Selminha, "seu" Aprígio, e a própria moça.

APRÍGIO - Vin só te dar um recado do seu marido.

SELMINHA - Mas entra, papai, entra.

APRÍGIO - Selminha, escuta. Minha filha, o táxi está esperando.

SELMINHA - Despede o chofer.

APRÍGIO - Escuta!

SELMINHA - Dália! Dália! Eu fico zangada! Dália!

APRÍGIO - Outro dia...Prometo. Outro dia. S

SELMINHA - Não senhor.

APRÍGIO - Teu marido. Escuta. Estive com o teu marido na caixa econômica. Teu marido mandou avisar.

DÁLIA - Papai.

APRÍGIO - Coração!

SELMINHA - Pensei que Arandir viesse com o senhor!

APRÍGIO - Pálida, minha filha?

DÁLIA - Lavei o rosto!

SELMINHA - Dália quase não come. Belisca.

APRÍGIO - Mas tinha um apetite tão bom!

DÁLIA - Estômago, sei lá!

APRÍGIO - Não abuse, minha filha, não abuse. Olha que a saúde!
E não te esqueças -O que resolve é a "Flora Medicinal"

DÁLIA - Não tem perigo!

APRÍGIO - Bem, mas. O que é mesmo que eu estava dizendo? Ah, sim!
Teu marido.

SELMINHA - Mas o senhor janta com a gente.



DÁLIA - Janta sim!

APRÍGIO - Selminha, ó minha filha! Não faz confusão. Teu marido mandou avisar que vem mais tarde, hoje. Mais tarde. Teve que ir ao distrito.

SELMINHA - Distrito?

APRÍGIO - Calma!

DÁLIA - Por quê?

APRÍGIO - Pelo seguinte. Nada demais. Teu marido assistiu um desastre. Quer dizer, assistimos. Eu também. Um desastre horrível, na Praça da Bandeira. Vimos um lotação passar por cima de um sujeito.

SELMINHA - Morreu?

APRÍGIO - O cara?

DÁLIA - Que coisa chata!

APRÍGIO - Na hora. Morreu. Pau prá burro. Mas enfim! É por isso que eu...

DÁLIA - Uns criminosos esses lotações. Andam que!

APRÍGIO - Teu marido foi servir de testemunha.

SELMINHA - Mas papai, olha. Hoje eu fiz. Escuta. Fiz aquele ensopadinho de abóbora. Deixa eu falar. A crida está de folga e eu fui para a cozinha, papai!

APRÍGIO-- Hoje, eu não estou me sentindo bem. Sério. Escuta. vamos fazer o seguinte. Selminha

SELMINHA - O senhor é amigo da onça.

APRÍGIO - Um cafezinho, aceito. Café topo.

SELMINHA - Dália, faz um fresquinho.

APRÍGIO - Mas depressa que o táxi está esperando.

SELMINHA - Depressa!

DÁLIA - Não demoro. Um instantinho.

APRÍGIO - Sabe que teu marido ficou tão. E teve um choque! Interessante. Ele correu na frente de...

SELMINHA - Uma coisa, papai, O senhor sabe que desde o mau namoro, o senhor nunca chamou o Arandir pelo nome? Sério! Duvido! Papai! O senhor dizia "seu namorado". Depois: - "seu noivo". Agora é "seu marido" ou, então, "meu genro". Escuta, papai!

APRÍGIO - Ora, minha filha ora!

SELMINHA - Tenho observado!

APRÍGIO - Você acha então o que. Nunca, minha filha! E por quê?

SELMINHA - Quer fazer uma aposta? Uma aposta? Quero ver o senhor dizer "Arandir". Diz: - "Arandir". Diz, papai!

APRÍGIO = Não tem cabimento e olha: deixa eu contar. Perdi o fio. Ah! Teu marido correu na frente de todo o mundo. Chegou antes dos outros. Chegou, ajoelhou-se e fez uma coisa que até agora me impressiona prá burro.



SELMINHA - Mas o que foi que ele fez?

APRÍGIO - Beijou. Beijou o rapaz que estava agonizante. E morreu logo, o rapaz.

SELMINHA - O senhor viu?

APRÍGIO - Você nao acha? Não acha que. Eu, por exemplo. Eu não faria isso. Não faria. Nem creio que outro qualquer. Ninguém faria isso. Rezar, está bem, está certo. Mas o que me impressiona realmente me impressiona. É o beijo.

SELMINHA - Mas eu até acho bonito!

DÁLIA - Olha!

SELMINHA - O quê?

DÁLIA - Acabou o café. O pó.

SELMINHA - Mas tinha!

APRÍGIO - Não precisa!

DÁLIA - Eu me esqueci de.

SELMINHA - Pede na vizinha.

APRÍGIO - Escuta.

DÁLIA - Chamei pelo muro, mas não tinha ninguém.

SELMINHA - Dá um pulo.

APRÍGIO - Ouve Selminha. Até é bom. Não estou bem e o café.

SELMINHA - Mas tinha pó, papai. - Vê lá o fogo. O bolo que eu ia fazer para o senhor.

APRÍGIO - Você acha bonito.

SELMINHA - Ah, o senhor não conhece Arandir.

APRÍGIO - Evocê conhece? Diga: - conhece seu marido?

SELMINHA - Oh, papai!

APRÍGIO - Conhece?

SELMINHA - Ou o senhor acha que.

APRÍGIO - Responda.

SELMINHA - Evidente.

APRÍGIO - Vem cá. Você tem de casada um ano. Um ano?

SELMINHA - Mas conheço Arandir, desde garotinho!

APRÍGIO - Quero saber como marido! De casada, tem um ano, nem isso. Menos. Pois é. Minha filha é pouco. Isso não é nada. Para um casal, minha filha. Pouquíssimo, um ano ou menos. Mas vamos lá. Você tem mesmo certeza que conhece seu marido?

SELMINHA - Mas absoluta! Eu conheço tanto o Arandir, tanto que. Nem ele me esconde nada. Papai, olha. Confio mais em Arandir que em mim mesma. No duro! E o senhor fala. Engraçado! Fala como se duvidasse, como se.

APRÍGIO - Não é bem assim.

SELMINHA - Papai, eu amo Arandir.

APRÍGIO - Sei. Acredito. Mas digamos que seu marido. Uma hipótese. Que seu mariod não fosse, sim, exatamente, como você pensa. Você gosta de seu marido a ponto de aceitá-lo mesmo que - Numa palavra: - Você é feliz?



SELMINHA - Ou o senhor duvida? um momento. Quem vai responder.

-Dália! Eu sou suspeita! Mas dália.

DÁLIA - Está quase bom.

SELMINHA - Diminuiu o fogo?

DÁLIA - Diminui.

SELMINHA - Papai, hoje! Responde. Eu sou feliz?

DÁLIA - Por quê?

SELMINHA - Fala! E olha! Dália veio para cá logo depois da lua de mel. Vive com a gente. Não sai daqui. Fala sou feliz?

DÁLIA - Parece.

SELMINHA - Parece ou sou?

APRÍGIO - Tenho que ir.

SELMINHA - Papai, um momento.

APRÍGIO - Olha o táxi.

SELMINHA - Papai, faço questão. Escuta. Você respondeu como se...

DÁLIA - Feliz. Felicíssima. Pronto.

SELMINHA - Vem cá. Diz aquilo. Aquilo que você me disse. Naquele dia. Repete.

DÁLIA - Não aborreço!

SELMINHA - Aquilo, diz!

DÁLIA - Você é pau!

SELMINHA - Papai, a Dália disse que, se eu morresse. Não foi? Você disse.

DÁLIA - Mentira!

SELMINHA - Disse que se eu morresse, ela se casaria com o Arandir!

APRÍGIO - Dália, escuta.

DÁLIA - Foi brincadeira minha! Eu estava brincando! Papai, olha!

APRÍGIO - Você escuta. Você é criança. Nem deve dizer isso. Certas coisas. Sabe como é o mundo.

DÁLIA - Papai, é mentira de Selminha!

APRÍGIO - E nem chore!

DÁLIA - Você me paga! - Papai, o que eu disse foi que eu não me casaria nunca porque. - Não quero, nem me interessa.

APRÍGIO - E teu namorado?

DÁLIA - Brigamos.

SELMINHA - Essa bobona agora chora por qualquer coisinha!

APRÍGIO - Ih, já é tarde!

SELMINHA - Papai, eu sou a mulher mais feliz do mundo!

Distrito policial. Arandir acaba de ser interrogado.

ARANDIR - Posso ir?

COMISSÁRIO BARROS - Pode.

ARANDIR - Então, boa tarde, boa tarde!

CUNHA - Um minutinho.



ARANDIR - Comigo?

CUNHA - Um momento.

BARROS - Já prestou declarações.

CUNHA - Sei. Agora vai conversar comigo.

ARUBA - O delegado.

AMADO - Senta.

ARANDIR - Mas é que eu estou com um pouquinho de pressa.

CUNHA - Rapaz, a polícia não tem pressa.

AMADO - Mas senta.

ARANDIR - Obrigado.

BARROS - Ele é apenas testemunha.

CUNHA - Não te mete.

ARANDIR - Posso telefonar?

CUNHA - Mais tarde.

AMADO - Bate agora!

ARANDIR - Retrato?

AMADO - Nervoso, rapaz?

ARANDIR - Absolutamente!

CUNHA - Você é casado, rapaz?

ARANDIR - Não ouvi.

CUNHA - Tira a cêra dos ouvidos!

AMADO - Casado ou solteiro?

ARANDIR - Casado.

CUNHA - Casado. Muito bem. - O homem é casado. Casado.

BARROS - Eu sabia.

ARANDIR - O senhor deixa dar um telefonema rápido para minha mulher?

CUNHA - Gosta de sua mulher, rapaz?

ARANDIR - Naturalmente!

CUNHA - E não usa nada no dedo, por quê?

ARANDIR - Um dia, no banheiro, caiu. Caiu a aliança. No ralo do banheiro.

AMADO - O que é que você estava fazendo na Praça da Bandeira?

ARANDIR - Bem, fui lá e...

CUNHA - Não gagueja, rapaz!

ARANDIR - Fui levar uma jóia.

CUNHA - Jóia!

ARANDIR - Jóia. Aliás, empenhar uma jóia na caixa econômica.

AMADO - Casado há quanto tempo?

ARANDIR - Eu?

CUNHA - Gosta de mulher, rapaz?

ARANDIR - Quase um ano!

CUNHA - Gosta de mulher?

ARANDIR - Casado há um ano.



CUNHA - Escuta. O que significa prá ti. Sim, o que significa para "você" uma mulher?

ARANDIR - Mas eu estou preso?

CUNHA - Rapaz, escuta! Uma hipótese. Se aparecesse, aqui, agora, uma mulher, uma "boa". Nua. Completamente nua. Qual seria. É uma curiosidade. Seria a tua reação?

AMADO - Com medo, rapaz?

CUNHA - Fala!

AMADO - Não fala?

CUNHA - Conta prá mim. Conta. Conta o que você fez na Praça da Bandeira.

ARANDIR - O lotação foi o culpado.

CUNHA - Um momento!

ARANDIR - Mas doutor! Já estava aberto o sinal amarelo quando o lotação.

CUNHA - Ô rapaz! O lotação nao interessa. Compreendeu, Não interessa. O que interessa é você.

BARROS - Quer ver o depoimento do rapaz?

CUNHA - Não dá palpite! - O que me põe besta 'é como você um sujeito casado. Casado. Tem mulher em casa. Bonitinha talvez.

AMADO - Há quanto tempo você conhecia o cara?

ARANDIR - Que cara?

AMADO - O morto.

ARANDIR - Não conhecia.

CUNHA - Que piada é essa?

AMADO - Cunha, um momento. Um instante. Ô rapaz! Olha prá mim! no local, eu lhe perguntei se você era parente da vítima.

ARANDIR - Não sou.

AMADO - Vamos por partes. Não é parente. Amigo?

ARANDIR - Nada.

AMADO - Mas se conheciam de vista?

ARANDIR - Nem de vista.

CUNHA - Nem de vista?

AMADO - Você nunca. Presta atenção. Nunca, em sua vida, você viu o morto?

ARANDIR - Juro! Quer que eu jure? Dou-lhe a minha palavra!

AMADO - Vem cá.

ARANDIR - Doutor, eu preciso telefonar prá minha mulher!

CUNHA - Por essas e por outra é que a polícia baixa o pau. E tem que baixar!

AMADO - Cunha, espera! Se você não era nada do cara.

ARANDIR - Nunca vi.

AMADO - Então explica. Como é que você casado há um ano. Um ano?



ARANDIR - Quase.

AMADO - Praticamente, em lua de mel. Em lua de mel! Você larga a sua mulher. E vem beijar outro homem na boca, rapaz!

ARANDIR - O senhor está pensando que...

AMADO - E você olha. Fazer isso em público! Tinha gente prá burro, lá. Cinco horas da tarde. Praça da Bandeira. Assim de povo. E você dá um show! Uma cidade inteira viu!

CUNHA - Você nao perdeu. Você jogou fora a aliança!

AMADO - Escuta! Se um de nós, aqui, fosse atropelado. Se o lotação passasse por cima de um de nós. Um de nós. O delegado. Diz prá mim? Você faria o mesmo? Você beijaria um de nós, rapaz?

ARANDIR - Era alguém! Alguém! Que morreu! Que eu vi morrer!

Luz na casa de Selminha

SELMINHA - Você entende papai?

DÁLIA - Papai mudou.

SELMINHA - É outra pessoa!

DÁLIA - Com a morte de mamãe, desque mamãe morreu, mudou tanto!

SELMINHA - Mudou com o meu casamento. Foi o meu casamento. Foi, sim Dália. Com o meu casamento.

DÁLIA - Sei lá.

SELMINHA - Te digo mais. As vêzes, eu penso. Penso que papai sentiu mais o meu casamento que a morte de mamãe. Ele não vem aqui nem telefona. Sou eu que telefona. Ou então. Evita Arandir.

DÁLIA - Não gosta de Arandir.

SELMINHA - Como são as coisas! Veja você. Arandir me disse hoje: "Vou aproveitar o negócio da caixa econômica e passo no teu pai. Ele conhece lá um cara. Vamos na caixa e eu convido teu pai para jantar". Não adiantou. Adiantou? Pois é. Papai não dá pelota pro Arandir. Nem bola!

DÁLIA - Papai me assusta.

SELMINHA - Não gosta de Arandir - Por quê?

DÁLIA - Ciúmes.

SELMINHA - De mim?

DÁLIA - De ti.

SELMINHA - Ciúmes de mim?

DÁLIA - Ou você é cega?

SELMINHA - Que bobagem, ciúmes de mim! - Você acha?

DÁLIA - Acho! Acho!

SELMINHA - Ciúmes de mim.

DÁLIA - De ti. No teu casamento eu pensei tanto na morte da mamãe. Mas no teu casamento quem morria era papai. Na igreja, de braço contigo, papai ia morrendo. Tive a sensação, te juro! de que...



SELMINHA - Não fala assim!

DÁLIA - E outra vez! Aquele dia!

SELMINHA - Quando?

DÁLIA - No dia que vim prá cá. Vocês tinham chegado da lua de mel.

Eu me lembro. Papai me trouxe e até você estava com aquele quimono, aquele, como é?

SELMINHA - O azul?

DÁLIA - Não. Aquele que a vovó te deu. Papai me trouxe. Não queria vir. Insisti. Veio. E chegou aqui, você sentou-se no colo de Arandir. Se você visse a cara de papai! A cara!

SELMINHA - Não me lembro.

DÁLIA - Cara de ódio! Saiu imediatamente e...

SELMINHA - Você está imaginando! Isso é imaginação! Mas eu ainda tenho você e.

DÁLIA - Selminha, amanhã vou-me embora!

SELMINHA - Você?

DÁLIA - Não fico mais aqui.

SELMINHA - Mas escuta! Por quê?

DÁLIA - Olha Arandir!

SELMINHA - Demorou, meu bem!

ARANDIR - A polícia, sabe como é.

SELMINHA - Pálido!

ARANDIR - Morto de sede!

SELMINHA - Água!

ARANDIR - Polícia é uma gente que. Dália, meu anjo, água sim.

SELMINHA - Gelada.

ARANDIR - Gelada.

DÁLIA - Está suado.

SELMINHA - Mistura do filtro e gelada. - Tira o paletó.

ARANDIR = calor

SELMINHA - Gravata.

ARANDIR - Duas horas lá.

DÁLIA - Fresquinha.

ARANDIR - Água linda! Você é um anjo!

DÁLIA - Outro?

SELMINHA - Não chama Dália de anjo, que ela vai embora.

ARANDIR - Daqui?

DÁLIA - Amanhã.

ARANDIR - E vai como? de vez?

SELMINHA - Diz que vai morar com vovó e que. Uma chata!

ARANDIR - Dália, você tem coragem?

SELMINHA - Um momento. Meu bem, você vai comer alguma coisa.

ARANDIR - Sem fome.

SELMINHA - Uma boquinha você faz?

ARANDIR - Nada. Mais tarde. Depois. Depois eu como. Mas isso é verdade?



DÁLIA - Batata!

ARANDIR - Dália, chega aqui. Por quê? De repente e sem motivo? Parece incrível que eu chegue da polícia e a primeira notícia que me dão. É que você vai embora? Escuta. Lá no distrito.

SELMINHA - Meu filho, você está cansado.

ARANDIR - Na polícia, ainda agora. Eu me senti, de repente tão só. Foi uma sensação tremenda. Naquele momento, eu tive assim uma vontade de gritar: - Selminha! Dália! Quase grito, e! - Cheguei aqui e sei que você vai,...

DÁLIA - Você não precisa de mim!

ARANDIR - Quem sabe?

DÁLIA - Precisa de Selminha.

ARANDIR - Responde. Haja o que houver. Você nunca me deixará? Nunca? Não me abandone nunca.

SELMINHA - Meu bem. Mas claro. Nunca. Ou você.

DÁLIA - Você viu o rapaz morrer?

ARANDIR - Quem?

DÁLIA - Era rapaz?

ARANDIR - Meu anjinho, esse assunto. Não interessa. - Falemos de outra coisa. Você vai amanhã? É amanhã? Ótimo! Magnífico! Eu ajudo a fazer as malas! - Só não quero que toquem nesse desastre!

DÁLIA - Eu mesma arrumo as malas.

ARANDIR - Escuta. Vi o rapaz morrer, sim. Da minha idade, mais ou menos. Selminha, ele estava encima do meio-fio. Esperando que o sinal abrisse. - Em cima do meio-fio. De repente não sei como foi: ele perdeu o equilíbrio. Caiu para a frente e... Vinha um loteação a toda velocidade. Bateu no rapaz, atirou numa distância como daqui ali.

DÁLIA - Gritou?

ARANDIR - O rapaz?

SELMINHA - Meu bem...

ARANDIR - O atropelado não grita. Ou grita? Esse não gritou.

DÁLIA - Era bonito?

ARANDIR - O loteação passou por cima. Mas morreu logo. Ainda viveu um minuto, talvez. Ou menos. Um minuto.

SELMINHA - E você que não pode ver sangue.

ARANDIR - Eu corri. Cheguei primeiro que os outros. Me abaixei, peguei a cabeça do rapaz. Gente assim. Peguei a cabeça do rapaz e...

SELMINHA - Beijou.

ARANDIR - Você também sabe? - Todo o mundo sabe!

SELMINHA - Papai contou.

ARANDIR - Teu pai. É mesmo! Estava comigo e viu. - Teu pai disse que eu... Antes de morrer. O rapaz ainda estava vivo. O interessante é que lá na polícia lá só me falaram nisso!



SELMINHA - Meu bem, agora chega. Descansa um pouco.

ARANDIR - Dália, a polícia pensa. Ainda está pensando. E não se convence, Dália. Pensa que eu conhecia o rapaz. Tomaram meu nome, endereço. Foi interrogado duas vezes. E vão me chamar outra vez.

DÁLIA - Você conhecia?

ARANDIR - Oh Dália!

DÁLIA - Nem de vista?

ARANDIR - Era assim que a polícia perguntava. Nem de vista, nem de nome? Martelavam. Mas olha! O que foi. O rapaz estava morrendo. Morrendo junto ao meio-fio. Mas ainda teve voz para pedir um beijo. Na polícia, o repórter disse que era hora de muito movimento. Toda a cidade estava ali, espiando. E viu quando eu...

2º ATO

Casa de Selminha.

DÁLIA - Estou pronta.

SELMINHA - Já vai?

DÁLIA - Diz o número do táxi.

SELMINHA - Escuta, Dália!

DÁLIA - 28-31...Come é, Selminha? 43?

SELMINHA - Deixa de ser espírito de porco!

DÁLIA - Meu Deus, como é o número?

SELMINHA - Vem cá. Arandir me pediu. Escuta, Dália.

DÁLIA - Ah bem!

SELMINHA - Antes de sair me pediu e eu prometi.

DÁLIA - Que coisa chata.

SELMINHA - O .e. Arandir me pediu pra te falar. Dália, escuta. E mandou dizer. Se ele chegar, logo mais, você não estiver aqui, ouve: ele corta relações contigo.

DÁLIA - Chama...

SELMINHA - Escuta, Dália. Escuta. Troca de mal contigo..

DÁLIA - Chama o táxi.

SELMINHA - Você é teimosa!

DÁLIA - Quer chamar o táxi? Selminha eu disse que ia, vovó está me esperando!

SELMINHA - Então que se dane e...

D. MATILDE - Licença?

SELMINHA - Ah, entra dona Matilde.

D. MATILDE - Bom dia! Bom dia!

DÁLIA - Estou de saída!



D. MATILDE - Já leu?

SELMINHA - O resultado das misses?

D. MATILDE - Não leu?

SELMINHA - Não vi o jornal!

D. MATILDE - O retrato do seu marido, dona Selminha!

SELMINHA - Onde?

DÁLIA - Onde?

D. MATILDE - Primeira página!

SELMINHA - É mesmo!

DÁLIA - "Última hora"!

D. MATILDE - O título!

SELMINHA - O beijo no asfalto! O retrato do atropelado! E aqui o Arandir na delegacia!

D. MATILDE - Aí diz uns troços que!

DÁLIA - Deixa eu ler!

SELMINHA - Dália, não amola!

DÁLIA - Então lê alto!

D. MATILDE - Olha, escuta. Tem um repórter na rua.

DÁLIA - Repórter?

D. MATILDE - Com fotógrafo! Entrevistando! Ouviu, dona Selminha?

SELMINHA - Um momento!

D. MATILDE - E o repórter está querendo saber se D. Selminha vive bem com o "seu" Arandir. Eu disse: "vive"!

SELMINHA - Nunca! Nunca!

DÁLIA - Mas que é que diz aí?

SELMINHA - Diz que. Olha que ele diz. Onde é que está? Aqui, mentira! Tudo mentira!

DÁLIA - Dá aqui!

SELMINHA - Ainda não acabei! Estou que. Tinindo, dona Matilde, Tinindo! Como é que um jornal! Diz que o Arandir beijou o rapaz na boca!

D. MATILDE - Esse jornal é m o escandaloso!

SELMINHA - Toma! Toma! Não quero ler mais nada! Estou até com vôjo! Vôjo!

D. MATILDE - Como sério!

SELMINHA - Se meu marido, d. Matilde! E na boca! Meu marido nem conhecia! Era um desconhecido, d. Matilde!

D. MATILDE - Desconhecido?

SELMINHA - Desconhecido!

D. MATILDE - Tem certeza?

SELMINHA - Mas d. Matilde.

D. MATILDE - Claro que! Evidente! Acredito na senhora, nem se discute. Mas interessante, d. Selminha. Sabe que pela fotografia do jornal, a fisionomia do rapaz não me parece estranha. - O morto não é um que veio aqui, uma vez?



SELMINHA - Na minha casa?

D. MATILDE - Na sua casa. Aqui!

SELMINHA - Asenhora está me chamando de mentirosa, D. Matilde?

D. MATILDE - Deus me livre! A senhora não entendeu. Eu não ponho em dúvida. Absolutamente. Em absoluto! Não ponho. Mas há uma parte no jornal. A senhora leu tudo?

SELMINHA - Tudo!

D. MATILDE - Leu aquele pedaço no final...

SELMINHA - Tudo!

D. MATILDE - Essa parte acho que a senhora não leu.

SELMINHA - Quer me fazer um favor?

D. MATILDE - Eu vou ler para a senhora. Eu leio!

SELMINHA - Por obséquio, D. Matilde.

D. MATILDE - Leio.

DÁLIA - Mas eu estou lendo!

D. MATILDE - Dá licença.

DÁLIA - Ora, D. Matilde.

D. MATILDE - Um minutinho!

SELMINHA - Era um desconhecido! Um desconhecido!

D. MATILDE - É essa parte. Aqui. Acho que a senhora não leu!

DÁLIA - Arandir vai lá na redação e quebra a cara do repórter!

SELMINHA - Não leia nada! Não quero! Não quero, D. Matilde. Não quero ouvir nada.

D. MATILDE - O jornal diz: "Não foi o primeiro beijo! Nem foi a primeira vez"!

SELMINHA - Não foi o primeiro beijo! Nem foi a primeira vez?

Na firma, onde Arandir trabalha.

WERNECK - Mas então, seu Arandir! O senhor!

PIMENTEL - Você não diz nada prá gente?

ARANDIR - O que é que há?

WERNECK - Você fica viúvo e não avisa, não participa?

ARANDIR - Isola!

PIMENTEL - Nem me convidou!

ARANDIR - Que piada é essa?

WERNECK - Piada, uma ova! Batata! Meus parachoques!

ARANDIR - Mas qual é a graça? E isso não é brincadeira! = Não faz assim que eu não gosto! Werneck, pára sim? Essas brincadeiras comigo!

WERNECK - rapaz! A tua viuvez esta aqui ! Em manchete! Em manchete rapaz!

ARANDIR - Você pára ou não pára?

WERNECK - Lê! Lê! Beijo no asfalto! Está aqui! Traz no jornal! O título é: "Beijo no Asfalto"!

ARANDIR - Que jornal?

WERNECK - Aqui.



ARANDIR - Beijo no asfalto!

WERNECK - Teu retrato! Teu e o do cara!

PIMENTEL - Fala baixo.

WERNECK - Viuvez; sim! Perfeitamente, viuvez. Não chateia, pimene tel!

ARANDIR - Mentira! Mentira!

WERNECK - Viúvo de atropelado! Ou viúva! Beijou o sujeito na boca. O sujeito morreu. É a viuvez. Batata!

ARANDIR - Não! Não!

WERNECK - E o morto vinha aqui! Veio aqui!

ARANDIR - Quem vinha aqui?

WERNECK - O morto! O atropelado!

ARANDIR - Vinha aqui?

WERNECK - Falar contigo.

ARANDIR - Nunca! Eu não conhecia o cara.

WERNECK - Não conhecia, seu vigarista! Quer ver? D.Judith! D. Judith! Eu provo.

ARANDIR - Era um desconhecido! Desconhecido! Eu, nunca.

WERNECK - Eu não minto! Eu não minto!

ARANDIR - Desconhecido!

WERNECK - Quando digo uma coisa é batata! Ah, D. Judith!

D. JUDITH - Me chamou!

WERNECK - Chega aqui, d. Judith. Vem cá!

ARANDIR - D. Judith é verdade.

WERNECK - Um momento! A senhora vai tirar aqui uma dúvida!

ARANDIR - D. Judith...

PIMENTEL - Fala um de cada vez!

WERNECK - D. Judith o que foi que a senhora disse. Um momento! Quando a senhora viu o jornal, a senhora não disse. Não disse que. Disse que tinha visto o morto aqui. Fala, D. Judith, pode falar!

D. JUDITH - O que eu disse foi...

PIMENTEL - Não tenha medo!

D. JUDITH - Realmente pela fotografia, parece.

WERNECK - Continua, D.Judith. Parece ou?

D. JUDITH - Parece um moço que esteve aqui na semana passada. Um moço.

WERNECK - Procurando por quem. D.Judith procurando por quem?

D. JUDITH - Seu Arandir!

ARANDIR - Procurando por mim? Por mim?

D. JUDITH - O senhor não estava!

ARANDIR - Mas é mentira! Mentira! Simplesmente, eu nunca vi esse rapaz! Nunca na minha vida! Juro! Escuta, D. Judith!

D. JUDITH - Com licença!



WERNECK - Viúvo!

ARANDIR - Eu não admito. Sou casado e não admito!

WERNECK - Há testemunhas! viram o rapaz aqui! Viram!

ARANDIR - Cala a boca!

WERNECK - Quem é você? Você prá me mandar calar a boca?

PIMENTEL - Vamos parar com isso!

ARANDIR - Ou você para ou eu...

WERNECK - Tira a mão! O que é que você faz?

ARANDIR - Te parto a cara!

WERNECK - Então parte! - Não te mete! Parte a minha cara!

ARANDIR - Não quero!

WERNECK - Ou tu parte a minha ou eu parto a tua!

Casa de Selminha

SELMINHA - Papai, um minutinho.

APRÍGIO - Eu espero!

SELMINHA - Estou falando com Arandir. Foram chamar.

APRÍGIO - Fala, minha filha.

SELMINHA - Estão passando trotes para cá! - Alô! Alô! Arandir? Sou eu. O telefone está ruim! Ah, sim! Você leu? Hem? Leu! Meu filho, olha: fala mais devagar. Não ouço nada. Vem prá cá? Vem, sim, vem. Papai chegou agora. Toma um táxi Um beijinho!

APRÍGIO - Escuta, Selminha.

SELMINHA - Papai, oh, meu Deus! Tenho que deixar o telefone desligado.

APRÍGIO - T ote?

SELMINHA - Trote. Nunca ouvi tanto palavrão na minha vida. Sujeito telefonar, papai. E até mulher! Telefonar prá dize nome feio. Deve ser, apostô. Aposto, papai. Gente da vizinhança! É gente da vizinhança! Tenho certeza!

APRÍGIO - Não liga!

SELMINHA - Comprou o jornal?

APRÍGIO - Comprei.

SELMINHA - Leu?

APRÍGIO - Li.

SELMINHA - Papai, olha.

APRÍGIO - Chorando, por quê?

SELMINHA - Tenho que chorar! Estou chorando de raiva! Eu e Dália! Dália nao vai mais papai! Não vai mais!

APRÍGIO - Por quê?

SELMINHA - Fica! Leu esse pasquim! Leu e resolveu ficar.

APRÍGIO - Onde está ela?

SELMINHA - Como é que um jornal, papai! O senhor que defendia tan-



to o Samuel Wainer! E como é que um jornal publica tanta mentira!

APRÍGIO - Não é mentira!

SELMINHA - Esse título "Beijo no Asfalto"! O que foi que o senhor disse? Não é mentira?

APRÍGIO - Nem tudo!

SELMINHA - Não é mentira?

APRÍGIO - Selminha, escuta, escuta, minha filha! Você está nervosa!

SELMINHA - O senhor quer dizer que isso, isso que o jornal publicou. Esta nojeira! O senhor quer dizer que é verdade?

APRÍGIO - Um momento!

SELMINHA - O senhor admite que.

APRÍGIO - Selminha, olha! O repórter, essa Amado Ribeiro. Escuta, Selminha. - O repórter estava lá! Viu tudo!

SELMINHA - Viu o que?

APRÍGIO - O que se passou.

SELMINHA - Então, o senhor vai me dizer. O senhor vai me dizer o que foi que se passou. Quero saber! Quero!

APRÍGIO - Meu anjo, ontem eu não te contei?

SELMINHA - O senhor não me contou nada.

APRÍGIO - Conte.

SELMINHA - Papai, pelo amor de Deus, escuta!

APRÍGIO - Selminha...

SELMINHA - Tenho mais confiança em Arandir que em mim mesma. Se tivesse acontecido o que o jornal diz. Um momento, papai. - Arandir me contaria. Arandir não me esconde nada. Arandir me conta tudo!

APRÍGIO - Nem tudo.

SELMINHA - Tudo!

APRÍGIO - Ontem, eu perguntei se você c nhecia o seu marido.

SELMINHA - Mas claro! Ou o senhor se esquece que eu sou sua mulher. Que eu. Papai, Arandir, não pode nem me trair. Porque viria me contar tudo, tudinho. Outro dia. A fechadura do banheiro estava quebrada. Arandir empurra a porta e vê Dália nua. Sem querer, naturalmente, e nem ele podia imaginar que. Mas compreendeu? Pelada completamente! Tinha acabado de tomar banho. Pois Arandir veio, imediatamente, no mesmo minuto. No mesmo minuto, papai. Dizer: olha acaba de acontecer isso, assim, assim... Eu nem disse nada a Dália, porque ela ia ficar sem jeito. Mas a sinceridade de Arandir! O senhor sabe que eu adorei! Adorei!

APRÍGIO - Posso falar?

SELMINHA - E o jornal põe que o meu marido beijou outro homem na boca!

APRÍGIO - É verdade!



SELMINHA - Arandir me diria...

APRÍGIO - Beijo.

SELMINHA - O senhor não pode dizer isso! Não tem esse direito!

APRÍGIO - Eu sou pai!

SELMINHA - Não. Não.

APRÍGIO - Eu vi e sou pai. Pai. Vi meu genro. O loteação arrastou o sujeito.

SELMINHA - Foi o rapaz que. Antes de morrer. O rapaz pedia um beijo.

APRÍGIO - O sujeito caiu de bruços, rente ao meio-fio. De bruços.

Teu marido foi lá e virou o rapaz. E deu o beijo. Na boca.

SELMINHA - Meu marido diria. Ele não esconde nada.

APRÍGIO - Vem cá. Responde! Você viu o retrato do atropelado? Diz! Você o reconheceu? Preciso saber. Olha! Entre as amizades do teu marido. - Entre as relações masculinas do teu marido, tinha alguém parecido? Alguém parecido com esse retrato? olha bem!

SELMINHA - O senhor está insinuando que...

APRÍGIO - O morto nunca veio aqui?

SELMINHA - Mas eles não se conheciam? Meu marido, nunca, nunca!

APRÍGIO - Escuta! Deixa eu falar, menina! Ontem, eu vim aqui, pessoalmente. Podia ter dado o recado por telefone. Mas vim prá te perguntar se, Selminha, eles se conheciam?

SELMINHA - Mentira!

APRÍGIO - Não foi o primeiro beijo! Não foi a primeira vez!

SELMINHA - Dália, tem razão!

APRÍGIO - Por quê Dália?

SELMINHA - O senhor tem ciúmes de mim.

APRÍGIO - Eu?

SELMINHA - Odeia Arandir!

APRÍGIO - Juro!

SELMINHA - O senhor foi contra o meu casamento. Contra!

APRÍGIO - Eu sou pai. Pai. Preciso saber se eram amigos e que espécie de amizade!

SELMINHA - O senhor não gosta de ninguém!

APRÍGIO - Sou um velho!

SELMINHA - Nem de mim. O senhor não sabe amar. Escuta, papai!

APRÍGIO - Você não me entende.

SELMINHA - Papai, escuta, papai! - Deixa eu falar! O senhor já amou algum dia? Amou alguém?

APRÍGIO - Amei!

SELMINHA - Mamãe morreu a tanto tempo e o senhor continua só. Ninguém pode viver sem ninguém. Papai, uma pergunta,

APRÍGIO - Adeus.

SELMINHA - Vem cá, papai!

APRÍGIO - Adeus.

SELMINHA -



SELMINHA - Não, senhor! O senhor já me ofendeu e tem que me escutar. É só uma pergunta. Eu preciso saber. Está ouvindo? Preciso saber se meu pai é capaz de gostar. - Neste momento o senhor gosta de alguém? Ama alguém, papai?

APRÍGIO - Quer mesmo saber?

SELMINHA - Quero!

APRÍGIO - Querida, neste momento, eu... eu amo alguém.

Velório do atropelado. Amado Ribeiro, Aruba e a viúva.

VIÚVA - Quer falar comigo?

AMADO - A senhor é que é a viúva?

VIÚVA - O senhor é da polícia?

AMADO - Somos da polícia. Mandeí chamar a senhora porque é o seguinte.

VIÚVA - Mas o enterro já vai sair.

AMADO - Um minutinho!

VIÚVA - Vão fechar o caixão!

AMADO - Não afoba! O Aruba vai lá! - Aruba, vai lá! E diz prá aguentar a mão.

VIÚVA - Avisa. Seu, como é mesmo?

ARUBA - Aruba.

VIÚVA - Seu Aruba, avisa que eu não demoro. Mas prá não deixar sair o enterro.

AMADO - Chispa!

VIÚVA - Um momento! Seu Aruba, o senhor fala com um senhor alto, de espinhas. Um que tem espinhas. Alto. Diz que. É o meu cunhado. Diz prá não deixar fechar o caixão. Só com a minha presença. Pronto.

AMADO - Minha senhora. Não vamos perder tempo. Tomei informações a seu respeito. Sei, de fonte limpa. Um momento. Sei de fonte limpa que a senhora tem um amante!

VIÚVA - Eu?

AMADO - Tem um amante! Cheio da gaita! Não faça comentários! Nenhum!

VIÚVA - O senhor está me ofendendo!

AMADO - Ofendendo, os colarinhos!

VIÚVA - Mas eu sou uma senhora!

AMADO - Cala a boca! Cala a boca! - Escuta. Você tem um amante e com toda razão. Com toda a razão. Conheço a sua vida, de fio e pavio. A senhora arranjou, cala a boca. Arranjou um cara quando percebeu, entende? Ao perceber que seu marido mantinha relações anormais com outro homem, a senhora. Não é fato?

VIÚVA - O senhor está falando alto!

AMADO - Você leu o jornal?

VIÚVA - O jornal? Li.

AMADO - Muito bem. Presta atenção. - Olha bem esse retrato. É o sujeito que beijou o seu marido. A senhora, naturalmente, já viu esse camarada, claro!



VIÚVA - Não!

AMADO - Madame. Nunca viu?

VIÚVA - Nunca!

ARUBA - Já falei lá.

AMADO - Viu, sim! viu!

VIÚVA - Juro!

AMADO - Você está mentindo! Mentindo!

ARUBA - Amado. olha. O cadáver.

AMADO - Não ouvi.

ARUBA - O cadáver.

AMADO - Fala alto!

ARUBA - Devida ao calor, o cadáver. Já tem mau cheiro.

AMADO - Que se dane. - Olha aqui. Ou a senhora diz a verdade. A polícia não tem esse negocio de mulher não. Mulher apanha também! - Sua burra! Põe na tua cabeça o seguinte. Você tem um amante. E por que, por que tem um amante? Porque seu marido, escuta, escuta! Seu marido mantinha relações anormais. Relações anormais com um cara. Entendeu? - Seu marido tinha um amigo chamado Arandir; Amigo esse que a senhora está reconhecendo pela fotografia.

VIÚVA - O senhor fala mais baixo!

VIZINHO - Com licença.

ARUBA - Fala meu chapa!

VIZINHO - É que.

AMADO - Desembucha.

VIZINHO - Pode fechar o caixão?

AMADO - Mas oh nossa amizade! Aguenta a mão!

VIZINHO - Doutor, o corpo está exalando! Exalando!

AMADO - Vamos fazer o seguinte. Olha aqui, nossa amizade! Manda fechar o caixão! Manda fechar! Ordem da polícia! Fecha e toca o bonde! Por minha conta!

ARUBA - Acaba com isso! Acaba com isso!

VIÚVA - Mas é um morto!

AMADO - Morto e te traía não com uma mulher, mas com um cara! Na hora de morrer, ainda levou um chupão!

ARUBA - Legal!

Luz no quarto de Arandir e Selminha.

SELMINHA - Até que enfim!

ARANDIR - Ah, querida.

SELMINHA - Por onde você andou?

ARANDIR - Mãos frias!

SELMINHA - Febre!

ARANDIR - Demorei, porque. Há uma hora que eu rondo a casa. Passei três vezes pelo portão e não entrei, porque - Tinha um ca-





ra na esquina.

SELMINHA - Que cara?

ARANDIR - Olhando prá cá.

SELMINHA - Você fala como se estivesse fugindo meu bem!

ARANDIR - Fugindo, eu? A troco de que? Eu não fiz nada. Não sou nenhum criminoso. Eu apenas... - Telefonei prá cá, sempre ocupado!

SELMINHA - O telefone, meu bem. Tive de desligar, claro! Ligavam prá cá e diziam horrores! Ouvi palavrões que eu não conhecia!

ARANDIR - Escuta, Selminha, olha. Se me procurarem. Avisa à Dália e dá ordem à criada. Eu não estou ~~prá~~ ninguém. ~~Prá~~ ninguém. ~~Prá~~ ninguém. Prá ninguém. Prá ninguém.

SELMINHA - Você leu?

ARANDIR - Não. Selminha, não! Eu não estou em estado, compreende? Eu não estou em estado de.

SELMINHA - Arandir, olha prá mim, olha.

ARANDIR - Fala!

SELMINHA - O que o jornal diz. É só isso que eu quero saber. Só isso, meu bem. O que o jornal diz é verdade?

ARANDIR - Saí do emprego.

SELMINHA - Te despediram?

ARANDIR - Eu me despedi. Hoje, cheguei no emprego. Logo que cheguei, começaram com piadinhas. piadinhas. - Parou um automóvel na porta! Não parou um automóvel na porta? Não esta ouvindo?

SELMINHA - Não é aqui!

ARANDIR - Não é aqui?

SELMINHA - No vizinho. Mas que piadinhas?

ARANDIR - Eles me chamaram de viúvo.

SELMINHA - De quê?

ARANDIR - Viúvo! Do rapaz que morreu! Entende? você acha que depois disso?

SELMINHA - E você?

ARANDIR - Eu?

SELMINHA - Você reagiu?

ARANDIR - Eu não podia! Eu não!

SELMINHA - Você devia-lhe ter quebrado a cara!

ARANDIR - Até o chefe. Falou comigo, e olhava para mim. Estava espantado. Espantado. Eu tive a impressão. É um bom sujeito. Um homem de bem. Não sei, mas tive a impressão de que tinha nojo de mim, como se eu!

SELMINHA - Arandir!

ARANDIR - Querida!

SELMINHA - Como tua mulher, eu te peço. Você vai lá amanhã e quebra. Quebra mesmo! A cara do sujeito!



ARANDIR - Eu acho, entende? Acho que, nunca mais, em emprego nenhum. Acho que em todos os empregos, os caras vão me olhar como se. As mesmas piadinhas, em toda parte.

SELMINHA - Ao menos, responde!

ARANDIR - Senta comigo.

SELMINHA - É verdade que?

ARANDIR - Um beijo.

SELMINHA - Primeiro, responde. Preciso saber. O jornal botou que você beijou.

ARANDIR - Pensa em nós.

SELMINHA - Com outra mulher. Eu sou tua mulher. Você beijou na...

ARANDIR - Eu te contei. Propriamente, eu não. Escuta, Quando eu me abaixei. O rapaz me pediu um beijo. Um beijo. Quase sem voz. E passou a mão por trás da minha cabeça, assim. E puxou. E, na agonia, ele me beijou.

SELMINHA - Na boca?

ARANDIR - Já respondi.

SELMINHA - E porque é que você, ontem!

ARANDIR - Selminha.

SELMINHA - Não foi assim que você me contou. Discuti com meu pai! Jurei que você não me escondia nada!

ARANDIR - Era alguém! Escuta! Alguém que estava morrendo. Selminha. Querida, olha! - Um beijo.

SELMINHA - Não!

ARANDIR - Você me nega um beijo?

SELMINHA - Na boca, não!

ARANDIR - Coração, olha. No emprego e aqui na rua. Eu sei que aqui na rua. Ninguém acredita em mim. E, hoje, quando eu sai do emprego. Meu bem, escuta. Fiquei andando pela cidade. Tive a impressão de que todo mundo me olhava. No lotação, em todo lugar, eu acho que me reconheciam pelo retrato. Eu saltava de um lotação e apanhava outro. A mesma coisa. Eu então pensei: -"Bem, mas eu tenho Selminha"! Escuta, Selminha escuta! Eu quero sentir, saber entente! Saber que você está comigo, a meu lado! Você é tudo que eu tanho!

SELMINHA - Oh, cala a boca!

ARANDIR - Barulho. Está ouvindo?

SELMINHA - Nada.

ARANDIR - Abriram o portão. Alguém entrou.

SELMINHA - Não é ninguém.

ARANDIR - Oh, Dália.

DÁLIA - Chorando por quê?

ARANDIR - Nervosa.

DÁLIA - Eu não vou mais Arandir. - Sua bôba! Parece até, nem sei! Faz como eu. Olha! Agora mesmo, eu disse a D. Matilde. Ouviu, Arandir? Quando eu vinha voltando da igreja, encontrei a D. Ma



tilde, essa de. Disse a ela o que não se dia a um cachorro.

Quase que. Disse: - Olha! Limpe a bôca. E fique sabendo que meu cunhado é muito mais, mas muito mais homem queu seu marido (Toca a campainha).

ARANDIR - Agora estão batendo!

SELMINHA - Dália, vai atender, vai. Arandir não esta.

DÁLIA - Não está?

ARANDIR - Ninguém, prá ninguém!

SELMINHA - Anda.

ARANDIR Diz que me ama!

SELMINHA - Você sabe.

ARANDIR - Mas eu queria que você repetisse. Me ama? Você não é capaz de repetir que me ama?

DÁLIA - Policia!...

TREVAS

FIM DO SEGUNDO ATO



TERCEIRO ATO

O delegado Cunha e Amado Ribeiro estão na casa de um amigo, em Boca do Mato.

CUNHA - Tenha a bondade, minha senhora! Tenha a Bondade!

SELMINHA - O senhor que é o Comissário?

CUNHA - Delegado!

ARUBA - O doutor!

SELMINHA - Eu fui ameaçada! Ameaçada!

CUNHA - Mas minha senhora!

SELMINHA - Esse moço me ameaçou!

ARUBA - Ela quis botar banca! Não queria vir! Resistiu, já sabe!

SELMINHA - Mentira. Doutor, eu apenas, olha. Apenas perguntei: - "Pra onde o senhor me leva"?

CUNHA - Aruba! Você maltratou essa senhora, hem, Aruba?

ARUBA - Não!

SELMINHA - Disse que. Disse! Que se eu gritasse, que eu apanhava na boca! E me torceu o braço. Torceu!

AMADO - Minha senhora, isso é um cavalo! Uma besta!

ARUBA - Besta é você!

AMADO - O cara não dá uma dentro!

CUNHA - Cala a boca! Infelizmente, minha senhora, a polícia tem elementos, que. Retire-se! Peço-lhe, creia que. Saia!

ARUBA - Mas doutor!

CUNHA - E olha! Vou lhe meter uma suspensão!

ARUBA - Cumpri ordens!

CUNHA - Eu não admito, entende? Não admito! Cai fora!

SELMINHA - Eu reclamei porque. Isso aqui não é distrito!

AMADO - Calma, D. Selminha!

SELMINHA - Isso é uma casa!

CUNHA - Exato, exato. Casa. Não nego. Escuta, minha senhora.

SELMINHA - Mas doutor!

AMADO - Um momento!

CUNHA - Pra evitar escândalo. Escuta. Pra evitar escândalo eu preferi aqui.

SELMINHA - Aqui onde?

CUNHA - Aqui, D. Selminha, aqui! Na Delegacia, propriamente, não se pode trabalhar. Está assim de repórter, fotógrafos! Não há mistério, D. Selminha. Estamos em São João de Meriti. Essa casa é de um amigo do Amado Ribeiro. Amado Ribeiro, da "Última Hora"!

AMADO - Prazer.



SELMINHA - O senhor que é Samuel Wainer?

AMADO - Amado Ribeiro.

SELMINHA - Mas o Samuel Wainer não Trabalha na "Última Hora"?

AMADO - Exato.

SELMINHA - Ah, é. E o Carlos Lacerda na "Tribuna da Imprensa".

CUNHA - D. Selminha onde está seu marido?

SELMINHA - Meu marido?

CUNHA - Não responda já! Amado, escuta. Temos um barzinho, ali. A senhora não toma nada? Por exemplo: -não quer tomar um.

SELMINHA - Nada.

AMADO - Nem aguinha?

CUNHA - Apanha lá, Amado.

SELMINHA - Não, não! Muito obrigada.

CUNHA - Não precisa, Amado. Mais calma?

SELMINHA - Sim.

CUNHA - Ou tem medo?

SELMINHA - Um pouco.

CUNHA - Medo de mim? Tem medo de mim, Amado! Demim!

AMADO - D. Selminha, com licença!

SELMINHA - Não é isso! O senhor não me entendeu. Nervosa

CUNHA - Diz pra ela, Amado. Conta! Medo de mim, qual!

AMADO - D. Selminha, aqui o Cunha. Ouviu D. Selminha? Está ouvindo? O Cunha não é como os outros!

CUNHA - Fala, Amado, fala!

AMADO - Posso falar porque. Tenho metido o pau na polícia. Mas o Cunha é um dos raros. Um dos raros, entende? Humano!

CUNHA - Menina, escuta. Pra mim você é uma menina. Mas escuta.

SELMINHA - Em absoluto, eu!

CUNHA - E, de mais a mais, eu sou pai. Antes de tudo, sou pai. O Amado sabe. Eu tenho uma filha. Única.

AMADO - Noiva.

CUNHA - Noiva. Vai-se casar. E quando eu olho pra você, penso na minha filha. Nunca se sabe o dia de amanhã. Vamos que o meu genro. Essas coisas, sabe como é. Casamento é loteria, mas eu, quero 'que você, entende? Você não acha, Amado? Quero que você me veja como um pai. Agora responda: - ainda tem medo de mim?

SELMINHA - Não.

AMADO - Natural.

CUNHA - Podemos conversar?

SELMINHA - Podemos.

AMADO - Pode confiar no Cunha.

CUNHA - É uma pergunta. Uma perguntinha só. O seguinte.

SELMINHA - Pois não.

CUNHA - Onde está seu marido?

SELMINHA - Já



SELMINHA - Não sei.

AMADO - Sabe, D. Selminha.

CUNHA - Ai o meu cacite! Menina, eu lhe falo como um pai! Como um pai!
E se você!

SELMINHA - juro!

CUNHA - Oh porque é que eu tenho uma filha! É minha filha que me impe
de de! Menina, pense bem antes de responder!

SELMINHA - Eu não sei onde está meu marido!

CUNHA - Você está diante da polícia. E olha! Vai dizer a verdade. A ver
dade! Não se engana a polícia!

SELMINHA - Escuta, doutor! Meu marido saiu de casa...

CUNHA - Seu marido fugiu!

SELMINHA - Fugiu como?

CUNHA - Fugiu, entende? Está fuginhdo! Fugindo da Polícia!

AMADO - Não lhe parece que a fuga é. D. Selminha, escuta. A fuga é a
condissão. Confissão!

SELMINHA - O senhor está enganado.

CUNHA - Fugiu!

AMADO - Cunha, calma! Calma!

SELMINHA - Fugir porque se ele não fez nada? Nem conhecia o morto!

CUNHA - Tem certeza? Note bem: certeza? Tem?

SELMINHA - Tenho !

CUNHA - Amado, manda entrar a moça! Vou lhe mostrar que. Ri melhor quem
ri por último.

AMADO - Pode vir! Vem, vem!

CUNHA - Tinha a bondade, minha senhora. Aqui é a viúva do rapaz, o atro
pêlado. A viúva. O tal que seu marido beijou: O tal!

AMADO - A senhora vai repetir aqui. A senhora conhece o Arandir?

VIÚVA - Conheço.

AMADO - Conhece! E conhece de onde?

VIÚVA - Deminha casa.

AMADO - Frequentava sua casa. Muito bem. Ia lá! Agora conta aquilo. A-
quilo que a senhora me contou. Aquilo, sem!

CUNHA - Presta atenção.

VIÚVA - De fato. Uma vez, ele foi lá em casa. Foi lá em casa e os dois.

AMADO - Os dois. Continue!

VIÚVA - Os dois tomaram banho juntos.

SELMINHA - Meu marido?

AMADO - Madame, muito obrigado. Pode ir.

SELMINHA - Mas escuta. Vem cá!

CUNHA - Não, senhora. Quem interroga aqui somos nós! A senhora não se
mete!

AMADO - D. Selminha, o banhl é um detalhe mas que basta! Pra mim basta!
O resto a senhora pode deduzir.

SELMINHA - O senhor quer dizer que meu marido!...

AMADO - Exatamente!





CUNHA - Seu marido, dim! Seu marido ! Batata!

AMADO - Ou a senhora prefere que eu fale português calro?

SELMINHA - Prefiro. Fale, sim! Fale português claro!

AMADO - Bem. É o seguinte.

CUNHA - Escracha! Escracha que eu já estou de saco cheio!

AMADO - A Polícia sabe que ha via. Havia entre seu marido e a vitima ' uma relação íntima.

SELMINHA - Relação íntima?

AMADO - Uma intimidade, compreendeu? Um tipo de intimidade que não po de existir entre homens. Um instante, Cunha. A viúva já descon fiava. O negócio do banheiro, entede? E quando leu o beijo no ' asfalto, viu que era batata. Basta dizer o seguinte: - ela, sim a viúva! Não foi ao cemitério!

CUNHA - Menina, olha. Está na cara que seu marido não é homem.

SELMINHA - Eu estou grávida!

AMADO - Quem?

SELMINHA - Eu! É homem! Eu estou grávida! E outra coisa. Agora vocês ' vão me ouvir. Vão me ouvir. O meu marido foi a Caixa Econô mica. Um momento! Foi lá por uma jóia no prego!

CUNHA - Escuta.

AMADO - Deixa ela falar!

SELMINHA - E falo, sim! Foi pôr a jóia, sabe pra quê? Porque ele me pe diu pra tirar. Tirar o filho. Meu marido acha que a gravidez estraga a lua de mel! pregiudica! E como eu. Eu nunca tive ' barriga. Seria uma pena que a gravidez. Ele então preferia ' que mais tarde e já não. Foi na Caixa Econômica apanhar o dinheiro do aborto.

AMADO - Mas e daí?

SELMINHA - Ou senhor não entende que? Eu conheço muitas que é uma vez ' por semana, duas e, até, 15 em 15 dias. Mas meu marido todo o dia! Todo dia! Todo dia! Meu marido é homem! Homem!

CUNHA - Você nunca ouviu falar em gilete? Em barca de cantareira?

SELMINHA - O quê?

CUNHA - Gilete! Barca da cantareira!

SELMINHA - Seus indescuentes! Indecentes! E você! Você é pai! Sua filha é noiva e olha! Tomara que o noivo de sea filha seja tão ' homem como o meu marido!

CUNHA - Ó sua! Lhe quebro os cornos!

AMADO - Espera! Calma! Tira a roupa! Fica nua. Tira tudo!

Casa de Selminha.

DÁLIA - Oh, papai!

APRÍGIO - Onde está tua irmã?

DÁLIA - Presa!

APRÍGIO - Quem?

DÁLIA - Presa!

APRÍGIO - Prenderam? Não chora! Fala!

DÁLIA - A polícia esteve.

APRÍGIO - Não chora! A polícia?

DÁLIA - Esteve e perguntou, primeiro. Primeiro perguntou por Arandir.
Eu disse que Arandir não estava. Então, levaram a Selminha!

APRÍGIO - Pra onde?

DÁLIA - Sei lá! Papai! Sei lá!

APRÍGIO - Menina chata! Pára de chorar! E meu genro? Onde é que está o meu genro?

DÁLIA - Papai, quando a polícia chegou! Ouviu, papai?

APRÍGIO - O cúmulo!

DÁLIA - Arandir escondeu-se no meu quarto!

APRÍGIO - Escondeu-se?

DÁLIA - Escuta, aqui, Ficou lá até que. Ou o senhor queria que Arandir fosse preso?

APRÍGIO - Meu genro não pode ser preso, minha filha, pode!

DÁLIA - Papai, não isso!

APRÍGIO - Mas olha! Olha!

DÁLIA - Papai, escuta!

APRÍGIO - Onde está o canalha do meu genro?

DÁLIA - O que?

APRÍGIO - O canalha do meu genro*

DÁLIA - Arandir não é canalha.

APRÍGIO - Você ainda!

DÁLIA - O senhor não! Não pode chamar!

APRÍGIO - Chamo! Posso chamar! Perfeitamente! Um canalha que. Se esconde e larga a mulher! Dá o fora, a mulher que se dane! E tudo por que? Porque esse pulha!

DÁLIA - Não, papai, não!

APRÍGIO - Esse pulha. Na minha frente. Nem respeitou a minha presença. Na minha frente, sim! Na frente de toda a cidade. Toda a cidade estava lá, vendo, espiando! E ele beijou na boca um homem! Por isso, Selminha. Selminha foi presa!

DÁLIA - Papai, o senhor não entende!

APRÍGIO - Um genro que!

DÁLIA - Ouve, papai. Arandir explicou!

APRÍGIO - Mentira!

DÁLIA - Conheço, papai! E Arandir, olha. Se fez isso. Papai escuta. Fez isso porque. Teve pena! Foi a caridade. Arandir tem um coração, papai!

APRÍGIO - Humilhou minha filha!

DÁLIA - E o rapaz antes de morrer. Ele não podia recusar. Antes de morrer, o rapaz pediu o beijo. Antes de morrer.

APRÍGIO - Antes de morrer?

DÁLIA - Pediu.

APRÍGIO -



APRIGIO - Agora você vai me ouvir!

DALIA - Papai, eu!

APRIGIO - Cala a boca! Eu estava junto de meu genro. Quando ele se abaixou, eu estava do lado. E vi e ouvi tudo. Olha! Ninguém pediu nada! O rapaz já estava morto!

DALIA - Morto?

APRIGIO - Morto. Meu genro te contou que. Mentira! O rapaz não disse uma palavra. Estava morto. De olhos abertos e morto.

DALIA - Não acredito.

APRIGIO - Meu genro mentiu pra você e pra Selminha.

DALIA - Arandir não mente!

APRIGIO - Beijou porque quis e não era um desconhecido. Eram amantes!

DALIA - Não! Não!

APRIGIO - Amantes!

DALIA - Papai, descobri o seu segredo.

APRIGIO - Que segredo!?

DALIA - Descobri!

APRIGIO - Não tenho segredo nenhum! Nem admito. Ouviu? Nem admito!

DALIA - Quer que eu diga?

APRIGIO - Cala essa boca! Ou, então, diz. Pode dizer. Se você sabe, diz, Qual é o meu segredo?

DALIA - O senhor não gosta de Selminha como pai.

APRIGIO - Como o quê?

DALIA - Gosta como. É amor. Amor de homem por mulher.

APRIGIO - Amor de homem por mulher? E é esse o segredo? Meu segredo é esse?

DALIA - Por isso o senhor odeia Arandir!

APRIGIO - Pensei que. Mas quem sabe? Talvez você tenha ... Realmente, quando uma filha se casa, o pai é um pouco traído. Não deixa de ser traído. O sujeito cria a filha para que um miserável venha e. Em certo sentido. Selminha cometeu um adultério contra mim! Boa! Boa!

Quarto de Amado Ribeiro.

AMADO - Quem? Quem? Falar comigo? Olha! Manda subir. Sobe, sobe!

AMADO - O senhor é?

APRIGIO - O sogro de.

AMADO - O sogro, exatamente. Eu estava reconhecendo. Graças a Deus, sou bom fisionomista.

APRIGIO - Boa noite.

AMADO - Desculpe o esculhambação. O quarto está uma bagunça.

APRIGIO - Absolutamente.

AMADO - Estou safado da vida. Imagine que, a arrumadeira, uma preta gor



dá. Emprenhou. Ela faz aborto em si mesma. Com talo de mamona. Não deixa de ser uma solução. Mas parece que, desta vez, houve perfuração. Perfuração. Está morre, não morre. Vai morrer. Mas olha cá: - eu não tenho nada com o peixe. O filho não é meu! ' Vamos nós. Qual é o drama?

APRIGIO - Seu Amado, eu desejava, aliás.

AMADO - É sobre o beijo do asfalto?

APRIGIO - Propriamente.

AMADO - Meu amigo, com licença. Um momento. O senhor veio me cantar?

APRIGIO - Mas cavalheiro.

AMADO - Veio me cantar. Um momento. Claro. Veio me Cantar. E eu não quero. Em absoluto. Meu amigo, eu sou batata, entende? E não me vendo!

APRIGIO - O senhor não me entendeu.

AMADO - Sou macaco velho!

APRIGIO - Queria apenas, entende? Ter uma conversa. Uma coversa, a propósito de...

AMADO - Escuta, nossa amizade, escuta! Fala um de cada vez. Essa conversa. É velha pra chuchu! A única coisa que me compra é mulher! E magra!

APRIGIO - Seu Amado.

AMADO - As magras! As magras. Sem alusão à sua filha. Magrinha, sua filha. Vou lhe contar uma passagem. Eu tive uma dona, uma cara, 'nem sei que fim levou. O corpo de sua filha, direitinho. Sem Barriga nenhuma. Na cama, era bárbara! Subia pelas paredes assim como uma lagartixa profissional! Magrinha, ossuda!

APRIGIO - O senhor quer me ouvir?

AMADO - Como é mesmo sua graça?

APRIGIO - Aprigio.

AMADO - Aprigio, agora é tarde! Tarde!

APRIGIO - Mas eu ainda não disse nada! Eu queria, justamente.

AMADO - O senhor vai dizer que é mentira. Que é uma mistificação colossal. Não sei o que lá. Não adianta. O jornal está rodando. Rodando. Tem uma manchete do tamanho de um bonde. Assim: -"O Beijo no Asfalto foi crime! Crime!"

APRIGIO - Crime?

AMADO - Crime! E eu provo! Quer dizer, dei lá, com todas as letras :
- CRIME!

APRIGIO - Mas eu não entendo!

AMADO - Aprigio, você não me compra. Pode me cantar. Me canta! Cante! Eu não me vendo! Eu botei que. Presta atenção. O negócio é bem bo lado pra chuchu! Botei que teu genro esbarrou no rapaz. Mas não esbarrou! Aí é que está. Não esbarrou. Teu genro empurrou o rapaz; o amante debaixo do lotação. Assassinato. Ou não é? Aprigio, a pederastia faz vender jornal pra burro! Tiramos hoje, es



tá rodando, trezentos mil exemplares! Crime, batata!

APRIGIO - Tem certeza?

AMADO - São outros quinhentos! Sei lá! Certeza, propriamente. A única coise que sei é que estou vendendo jornal como água. Pra chuchu.

APRIGIO - Já vou.

AMADO - Vem cá. Escuta aqui. Sabe que. Sinceramente. Se eu fosse você. Um pai. Se tivesse uma filha e minha filha casasse com um cara assim como o. Entende? Palavra de honra! Dava-lhe um tiro na ca ra!

APRIGIO - Você quer vender mais jornal?

AMADO - Fora de brincadeira. Não é piada. Sério. E olha. A absorvição seria a maior barbada. Nenhum juiz te condenaria, nenhum! Escuta Aprigio. O Arandir não é homem pra. Não é homem pra tua fi lha. Ela é magra e tão sem. Sem barriga. Um certo histerismo na mulher. E D. Selminha. Esse cara não aguenta o repuxo com ta fi lha.

APRIGIO - Bêbado imundo!

AMADO - Vem cá, seu! Vem cá! Filho da... Seu bêbado. Bêbado e pau de a rara.

AMADO - Mas parei a cidade! Só se fala do "Beijo no Asfalto"! Eles têm que me respeitar! Tem que respeitar! Eu não dou bola! Não dou pelota!

Casa de Selminha.

SELMINHA - Quem era?

DALIA - Arandir!

SELMINHA - E só telefona agora?

DALIA - Selminha você está nervosa.

SELMINHA - Passa uma noite e um dea sem telefonar!

DALIA - O telefone aqui está desligado!

SELMINHA - Fala!

DALIA - Arandir telefonou.

SELMINHA - Arandir.

DALIA - Escuta. Está num hotel.

SELMINHA - Hotel?

DALIA - Mandou dizer que.

SELMINHA - Mas que hotel?

DALIA - E te espera lá. Disse que.

SELMINHA - Onde?

DALIA - O endereço. Eu tomei nota. É no.

SELMINHA - E quer que eu vá lá!

DALIA - Arandir pediu. Olha, Selminha, pediu que você fosse imediatamente. Agora. Fosse agora. O endereço. Está escondido num hotel. A rua é.

SELMINHA - Dalia, escuta. É claro que eu. Mas todo o mundo! Todo o mun do



do acha, tem certeza. Certeza! Que os dois eram amantes!

DALIA - É uma gente que nem sei!

SELMINHA - Amantes!

DALIA - Mas. O Arandir mandou dizer que o hotel. O hotel é pertinho do Largo de São Francisco. Olha. Escolheu, de propósito, está ou vindo. Selminha? Selminha, ouve, escolheu um hotel ordinário, porque dá menos na vista. Agora vai, Selminha, vai.

SELMINHA - Vou.

DALIA - Apanha um táxi.

SELMINHA - E se a polícia me seguir?

DALIA - Arandir está esperando!

SELMINHA - E daí?

DALIA - Você é a mulher!

SELMINHA - Mas se eu for presa. Você quer que eu seja presa. E que façam outra vez aquilo comigo, outra vez?

DALIA - Selminha!

SELMINHA - Nunca pensei que. Me puseram nua! Fiquei nua pra dois sujeitos!

DALIA - Mas não vá contar isso pra o Arandir!

SELMINHA - E o miserável, o cachorro ainda me disse que me queimava o seio com o cigarro! Nua! Nua!

DALIA - Você vai?

SELMINHA - Vou. Claro que vou. Eu disse que ia e vou. Mas olha. E se ele quiser me beijar?

DALIA - Ora, Selminha!

SELMINHA - Vai me beijar e eu! Quando a viúva disse. Cara a cara comigo Que tinham tomado banho juntos.

DALIA - Nem se conheciam!

SELMINHA - Uma coisa que me dá vontade de morrer. Como é que um homem pode desejar outro homem. Dalia, você entende? Entende eu? Sei que agora quando um homem olhar para o meu marido, vou desconfiar de qualquer um Dalia! Aliás, Arandir tem certas coisas. Certas delicadezas! E outra que eu nunca disse a ninguém. Não disse por vergonha. Mas você sabe que a primeira mulher que Arandir conheceu fui eu. Acho isso tão! Casou-se Tão virgem como eu, Dalia!

DALIA - Arandir só tem você!

SELMINHA - Se eu for, já sei. Ele vai querer beijar. Na certa. Eu não quero um beijo sabendo que... O beijo do meu marido ainda a saliva do outro homem!

Quarto do Hotel onde Arandir se encontra.

ARANDIR - Selminha não veio?

DALIA - Arandir, olha.

ARANDIR - Não vem?

DALIA - Eu acho que.



ARANDIR - Minha mulher não vem? Não quer vir? Fala! Olha pra mim. Ela não vem? Diz pra mim? Não vem?

DALIA - Espera.

ARANDIR - Dalia, eu preciso de minha mulher. Preciso. O jornal me chama de assassino. Assassino, Dalia! Você acha que eu sou assassino?

DALIA - Arandir eu só acredito em você.

ARANDIR - Mas eu preciso de Selminha! Vai Dalia e diz à Selminha. Pede. Traz Selminha. Não tenho ninguém, Estou só.

DALIA - E eu?

ARANDIR - Ninguém! Olha o que o jornal diz. Está aqui.

DALIA - Joga fora esse jornal!

ARANDIR - Diz lá que eu empurrei o rapaz. Como se eu. E não estendo a 'viúva. Será que esbarrei no rapaz? Sem querer, claro. Mas nem isso. Tenho certeza, Dalia. Não toquei no rapaz. Uma senhora vinha em sentido contrário. O rapaz estava em cima do meio-fio. Aqui. Eu me desviei da senhora. Mas não cheguei a tocar no rapaz. Dalia, vai chamar Selminha! É minha mulher! Quero Selminha aqui!

DALIA - Não vem.

ARANDIR - Quem?

DALIA - Selminha.

ARANDIR - Não vem.

DALIA - Arandir, Selminha mandou dizer. Não vem.

ARANDIR - Nunca mais?

DALIA - Arandir, olha.

ARANDIR - Responde! Nunca mais?

DALIA - Nunca mais.

ARANDIR - Nunca mais. Quer dizer que. Me chamam de assassino e. Eu sei o que "eles" querem, esses cretinos! Querem que eu duvide de mim mesmo! Querem que eu duvide de um beijo que. Eu não dormi Dalia, não dormi. Passei a noite em claro! Vi amanhecer. Só pensando no beijo do asfalto! Perguntei a mim mesmo, a mim , mil vezes: - se estrasse aqui, agora, um homem. Um homem. E. Não! Nunca! Eu não beijaria na boca um homem que.

ARANDIR - Eu não beijaria um homem que não estivesse morrendo! Morrendo aos meus pés! Beije porque! Alguém morria! "Eles" não percebem que alguém morria?

DALIA - Selminha te odeia!

ARANDIR - Odeia. Por isso é que recusou. Recusou o meu beijo. Eu quis beijar e ela negou. Negou a boca. Não quis o meu beijo.

DALIA - Eu quero!

ARANDIR - Você?

DALIA - Selminha não te beija, mas eu.

ARANDIR - Dalia.

DALIA - Te beije.



ARANDIR - Menina!

DALIA - Agora me beija, você. Beija.

ARANDIR - Eu amo Selminha!

DALIA - Eu me ofereço e Selminha não veio e eu vim.

ARANDIR - Dalia, eu mato tua irmã. Amo tanto que. Eu ia pedir à sua irmã para morrer comigo.

DALIA - Morrer?

ARANDIR - Eu e Selminha! Mas ela não veio!

DALIA - Eu morreria.

ARANDIR - Comigo?

DALIA - Contigo! Nós dois! Contigo! Eu te amo!

ARANDIR - Morrer.

DALIA - Eu não te julgaria nunca. Eu te perdoaria sempre! Acredito em ti. Só acredito em ti.

ARANDIR - Oh, graças! Graças!

DALIA - Diz pra mim. Eu não te julgo. Não te condeno. Responde : - você o amava?

ARANDIR - O que?

DALIA - Amava o rapaz? Pode dizer. Escuta. Você era amante do rapaz? Do atropelado?

ARANDIR - Amante?

DALIA - Querido! Pode dizer a mim. A mim, pode dizer. Confessar. Escuta escuta! Meu bem, eu não sou como Selminha. Selminha não compreende, nem aceita. Eu aceito. Tudo! Fala. Eu não mudo. Serei a mesma! Fala!

ARANDIR - Você é como os outros. Igual aos outros. Não acredita em mim. Pensa que eu. Saia daqui. Saia.

APRIGIO - Saia, Dalia! Vim aqui para.

ARANDIR - Está satisfeito?

APRIGIO - Vim aqui.

ARANDIR - Está satisfeito? O senhor é um dos responsáveis. Eu acho que é o senhor. O senhor que está por trás...

APRIGIO - Quem sabe?

ARANDIR - Por trás desse repórter. O senhor teve a coragem, a coragem de. Ou pensa que eu não sei? Selminha me contou. Contou tudo! O senhor fez insinuações! Insinuações! A meu respeito!

APRIGIO - Você quer me.

ARANDIR - O senhor fez tudo! Tudo pra me separar de Selminha!

APRIGIO - Posso falar?

ARANDIR - O senhor não queria o nosso casamento !

APRIGIO - Escuta! Vim aqui saber! Escuta! Você conhecia esse rapaz?

ARANDIR - Nunca vi.

APRIGIO - Era um desconhecido?

ARANDIR - Juro! Por tudo que há de mais! Que nunca, nunca!

APRIGIO - Mentira.

ARANDIR - Vi pela primeira vez!



- APRIGIO - Cínico! Escuta! Você conhecia o rapaz. Conhecia! Eram amantes
E você matou. Empurrou o rapaz!
- ARANDIR - Deus sabe!
- APRIGIO - Eu não acredito em você. Ninguém acredita. Os jornais, as rá-
dios! Não há uma pessoa, uma única, em toda a cidade. Ninguém!
- ARANDIR - Ninguém acredita, mas eu! Eu acredito. Acredito em mim!
- APRIGIO - Você. Olha!
- ARANDIR - Selminha há de acreditar!
- APRIGIO - Cala a boca! Eu te perdoaria tudo! Eu perdoaria o casamento .
Escuta! Ainda agora, eu estava na porta ouvindo. Ouvi tudo .
Você tentando seduzir a minha filha menor!
- ARANDIR - Nunca!
- APRIGIO - Mas eu perdoaria, ainda. Eu perdoaria que você fosse espiar o
banho da cunhada. Você quis ver a cunhada nua.
- ARANDIR - Mentira!
- APRIGIO - Eu perdoaria tudo. Só não perdôo o beijo no asfalto. Só não
perdôo o beijo que você deu na boca de um homem!
- ARANDIR - Selminha!
- APRIGIO - Pela última vez, diz! Eu preciso saber! Quero a verdade! A
verdade! Vocês eram amantes? Mas não responda. Eu não acredi-
to. Nunca, Nunca, eu acreditei. Ninguém acredita!
- ARANDIR - Vou buscar minha mulher.
- APRIGIO - Não se mexa! Fique onde está!
- ARANDIR - O senhor vai.
- APRIGIO - Você era o único homem que não podia casar com minha filha !
O único!
- ARANDIR - O senhor me odeia porque. Deseja a própria filha. É paixão .
Carne. Tem ciúmes de Selminha.
- APRIGIO - De você! Não de minha filha. Ciúmes de você. Tenho! Sempre .
Desde o teu namoro, que eu não digo o teu nome. Jurei a mim
mesmo que só diria teu nome a teu cadáver. Quero que você mor-
ra sabendo. O meu ódio é amor. Porque beijaste um homem na bo-
ca? Mas eu direi o teu nome. Direi a teu cadáver.
- APRIGIO - Arandir! Arandir! Arandir!

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO



Serviço de Censura da Divisão de Publicações/SR/DPF/DF.

Ofício nº 1.266 / 87 -SCDP/SR/DPF/DF.

Brasília-DF, 03/ 06/ 87.

Do Chefe do Serviço de Censura/SR/DPF/DF.

Ao Sr. ANTONIO FÁBIO DE SOUZA OLIVEIRA

Assunto: Comunicação (faz)

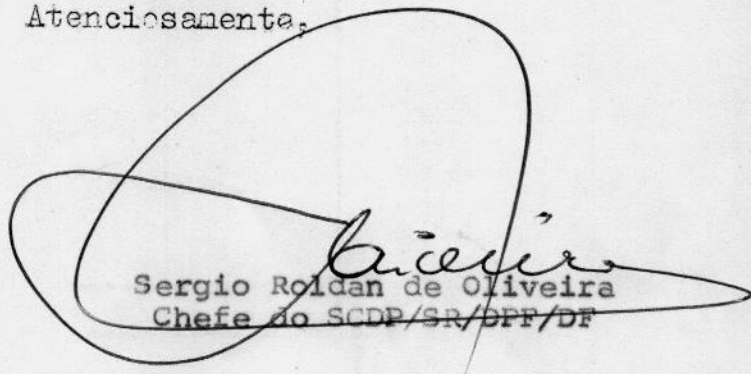
Senhor Requerente:

Informamos que a peça teatral intitulada "O BELJO NO ASPALTO" de NELSON RODRIGUES, cuja análise nos foi requerida por V. Sa., com vistas à encenação, recebeu a seguinte classificação: DEZOITO ANOS.

Lembramos que a expedição do CERTIFICADO DE CENSURA, dar-se-á após a consumação da segunda fase do exame prévio, ou seja, do exame do ensaio geral, quando se confirmará ou não a classificação etária ora atribuída.

O ensaio geral deverá ser realizado de acordo com as determinações legais, sobretudo quanto ao cenário, iluminação e indumentária do elenco, que deverá estar em consonância com as posteriores apresentações do espetáculo ao público. Na ocasião em que estiver habilitado a fazer a exibição, prevista aos censores, V. Sa. deverá requerer a este órgão, que afixará o dia e a hora do exame.

Atenciosamente,


Sergio Roldan de Oliveira
Chefe do SCDP/SR/DPF/DF

RECEBI

Brasília - DF

10 de Junho de 87

Antonio Fábio de Souza Oliveira



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0190, p. 482
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARECER Nº 058 / 87

TÍTULO: "O BEIJO NO ASFALTO" - ensaio geral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZESSEIS ANOS

AUT. NELSON RODRIGUES

Procedido o exame cênico do espetáculo acima, ficou constatada a identidade com o texto aprovado, bem como verificou-se, nesta montagem, que as passagens que abordam assuntos como aborto e paixão homossexual, não possuem o destaque ou profundidade que justifiquem a classificação máxima. Estão pois, atenuadas de forma a possibilitar a redução da impropriedade para 16 (dezesseis) anos.

Brasília, 19 de junho de 1987

Maria Arlete G. Cidade

CNF 2 405 370



CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 012/87-SCDP/SR/DPF/DF

PEÇA "O BEIJO NO ASFALTO"

ORIGINAL DE Nelson Rodrigues

Justificativa de Impropriedade: TEMÁTICA COMPLEXA

VÁLIDO ATÉ 19 de Junho de 19 92

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

Brasília/DF, 19 de Junho de 19 87

Sergio Roldan de Oliveira
Assessor do SCDP/SR/DPF/DF

RECEBI O ORIGINAL

BRÁSILIA-DF, 19 DE 06 19 87

Wagner da Costa

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O BEIJO NO ASFALTO" ENSAIO GERAL

ENSAIO GERAL

Brasília, 17/06/87

Original de Nelson Rodrigues

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de _____

Requerida por Antonio Fabio de Souza Oliveira

Tendo sido censurada em 18 de junho de 19 87 e recebido a seguinte classificação: 16 (DEZESSEIS) anos.

Este Certificado só terá validade quando acompanhado do seu "script" original, devidamente carimbado pelo SCDP/SR/DPF/DF ou pela DCDP/DFP.

Válido em Todo Território Nacional.

[illegible][illegible]

BSB/DF !, 19 de junho de 19 87

P. Amse
p/ Chefe do Serviço de Censura



ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº

1.210

EMIÇÃO

29 MAIO 1987

VALIDADE

30 AGOSTO 1989

TÍTULO

O BEIJO NO ASFALTO

AUTOR (ES)

NELSON RODRIGUES

CLASSIFICAÇÃO

18

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE

VIOLENÇA SUGERIDA E TEMÁ
TICA COMPLEXA.

RAYMUNDO EUSTAQUIO DE MESQUITA
Diretor da DCDP - em exercício

ASSINATURA

TÍTULO:

O BEIJO NO ASFALTO

ESPÉCIE:

PEÇA TEATRAL

CERTIFICADO Nº

1.210

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: ANTONIO FÁBIO DE SOUZA OLIVEIRA

BRASÍLIA/DF

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONA
DA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ
VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE
CARIMBADO PELA DCDP.

VILMA HELENA SANAN DOMINGOS
Chefe do SC/DCDP-Subst.

ASSINATURA

Brasília, 29 DE MAIO

DE 1987.

GRC

TEATRO

TÍTULO * O BEIJO NO ASFALTO *

AUTOR DA PEÇA: * NELSON RODRIGUES *

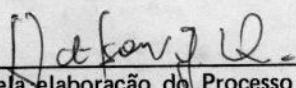
1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 18 ANOS *

Praça * D.C.D.P *

Obs.:

DF. 23 / MAIO / DE / 1988


Resp. pela elaboração do Processo
Adilson ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em ____ de ____ de 1.9 ____

3) CHEFE DA S.C.T.C.

1. O SCDP/SR/DF emiteu novo Certificado de Censura, nº 012/87, de 19/06/87, alterando a validade de 30/08/89 para 19/06/92, informando o Certificado nº 9.210/DCDP, emitido em 29/05/87.

2. ARQUIVE-SE!

Brasília-DF 27 de 05 de 1.9 88


Luiz Pedro de Souza
CE-Mat. 2.407.803
Chefe do S.C.T.C./DCDP

5) DIRETOR DA D.C.D.P.